

FERNANDO MACHADO BRUM

**LITERATURA E RELIGIÃO**

*Estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*

PORTO ALEGRE

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA  
ESPECIALIDADE: LITERATURA BRASILEIRA  
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, IMAGINÁRIO E HISTÓRIA

## **LITERATURA E RELIGIÃO**

*Estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*

FERNANDO MACHADO BRUM

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÔNIO MARCOS VIEIRA SANSEVERINO

Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do sul.

PORTO ALEGRE  
2009

*Dedico,  
como fiel vassalo  
do nosso diminuto reino,  
este trabalho  
à rainha Míriam  
e à princesa tirana Ana Lídia  
por terem me dado  
minha mais significativa experiência:  
ser pai!*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é ato de fé. Fé porque muitos acreditaram numa ideia e numa possibilidade. Alguns acreditaram porque lhes parecia uma boa ideia, que poderia ser explorada academicamente, que poderia render uma boa discussão, ou, enfim, uma dissertação de mestrado. Outros acreditaram porque, por alguma razão misteriosa, acreditavam na pessoa que se dispunha a desenvolver a ideia, talvez sequer entendessem a ideia, talvez sequer se importassem com ela, mas pelas mais diversas razões estavam sempre no lugar certo, no momento propício para apoiar, com uma palavra, um incentivo, um sorriso, uma lágrima, um choro. Assim, agradecer a tantos que me apoiaram nesses anos todos em que persigo essas ideias nada mais é do que devolver em ato de gratidão o ato de fé que comigo tiveram.

Não poderia ser diferente.

Agradeço a Deus, pelos Seus silêncios, provações e respostas. Por me fazer entender, talvez da pior maneira possível, aos meus olhos, a frase de São Paulo *“Eis por que sinto alegria nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, no profundo desgosto sofrido por amor de Cristo. Porque quando me sinto fraco, então é que sou forte.”* (2Cor 12,10). Senhor, muitas vezes achei que estavas longe de mim, mas sempre me surpreendia com a tua presença através de um Teu mensageiro.

Agradeço a minha amada esposa Míriam, que aprendeu a me ensinar o que eu tinha de bom a dar. Agradeço pelo suporte incansável e amoroso tornando nosso lar uma verdadeira “bolha de amor”. Como poder retribuir tanto amor recebido nesses últimos e tão intensos anos de convívio? Não haveria páginas suficientes para colocar todas as coisas pelas quais devo te agradecer. Tu me ensinaste que amor não se paga, se recebe.

Agradeço a minha filha Ana Lídia, em primeiro lugar por ser a prova viva do milagre do amor de Deus. Quanto tempo te esperei para te olhar no olho, te carregar no colo, te acarinhar e proteger, para te amar e ensinar a amar. Tu és um bem preciso, mais que um presente, uma missão e uma escola de amor e amadurecimento. A tua simples existência, contrariando todas

as estatísticas e expectativas, é sinal vitorioso da crença de que tudo posso naquele que me fortalece.

Agradeço a minha família, pelo apoio, incentivo e por ter me dado, na sua humildade, os princípios e valores necessários para ser uma pessoa de bem. Sem eles, e os seus desafios diários e naturais de qualquer família, não haveria me feito como sou. A meu pai Moacir e minha mãe Ieda por todo o esforço que tiveram para me ensinarem e me darem as condições de crescer. Com vocês aprendi a ser também um melhor filho, pai, esposo. Aos meus avós Antônio e Ivone, Marcial e Catarina pelo carinho constante, pelas histórias contadas, que colaboram com a formação da minha identidade, e por serem a base da família. Aos meus padrinhos Dalva e Sidnei pela presença nos primeiros anos da minha vida, já que agora vivemos tão longe uns dos outros.

Agradeço à família Neis, por ter me acolhido no seu seio, e na sua árvore genealógica, como próprio filho. Ao meu sogro Ruben, pelos “santos colóquios”, pelas provocações, críticas e admiração mútua. A minha sogra Ana, pelo carinho maternal e o cuidado extremado, sendo verdadeira medianeira. Aos meus cunhados e concunhados pelo convívio, como uma grande família.

Agradeço aos meus irmãos na fé, da minha Comunidade Nos Passos do Mestre, pois eles são os que mais proximamente me sustentam com a sua oração e carinho. Querida Comunidade, onde aprendi a ser pai, filho e irmão, formador e formando, onde cada dia é uma nova chance de experimentar o evangelho encarnado na vida como missão dada pelo próprio Mestre Jesus, peço perdão pelas ausências e agradeço a compreensão de que tudo concorre para o bem daqueles que amam o Senhor.

Agradeço ao meu amigo e padrinho, é ainda existem padrinhos, Cássio Selaimen Dalpiaz que acreditou em mim e me ajudou com as primeiras respostas sobre a fé. Cássio, tu já sabias aquilo que eu demorei a descobrir, obrigado pelas longas partilhas, exortações, reprimendas, questionamentos, enfim, por cumprir o papel que Deus te deu na minha vida.

Agradeço ao amigo e colega Vanderlei Vicente, por tantos e tão bons anos de convívio. Por ser o colega mais confiável que alguém pode ter, por estabelecer uma relação fraterna tão consistente que já não posso o mais diferenciar dos meus próprios irmãos, de sangue ou de fé.

Agradeço pelo constante incentivo e diálogo, mostrando que os “chinelos” também têm lugar na academia.

Agradeço a família Kikushi Tamajusuku, apesar do nome, pelo apoio em inglês e francês. Elisa, pela longa amizade, desde os tempos de Seminário de Ensino de Literatura Brasileira, Jorge e Yumi pelo carinho dado e recebido e Say pela excelência acadêmica e competência no que faz, pela fraternidade, pela coerência, pelo estímulo, pelo compadrio e por fazer parte das minhas famílias.

Agradeço aos colegas e direção do Colégio Israelita, por me acolherem a tanto tempo e pelo diálogo inter-religioso, pois pude aprender muito sobre as origens da minha fé nas tantas atividades sobre judaísmo que tenho tido a oportunidade de vivenciar. À superintendente Mônica Timm, agradeço a confiança, por deixar um “guri” coordenar a literatura desse colégio reconhecido pela valorização da leitura. Também agradeço aos inúmeros colegas pelo alegre convívio especialmente ao professor Jânio pelas indicações bibliográficas e conversas filosóficas e ao professor Ilton Gitz pelo aprendizado constante sobre judaísmo e pelo diálogo inter-religioso.

Agradeço especialmente à Clarice, pela leitura, incansável e atenta e pela correção do texto. Pelas perguntas feitas (não tem muita Igreja aqui?), pelas conversas sobre todos os assuntos, desde a educação à previsão do tempo, desde a preparação para o ENEM à Eucaristia. Obrigado pelo coleguismo.

Agradeço aos colegas e direção do Colégio Anchieta, por me permitirem participar de uma estrutura educacional modelo e por me ensinarem o significado da *Magis* inaciana. Isabel Tremarin, pela preocupação e cuidado zeloso; MIX, pela espirtuosidade; Celso, pelas reflexões lógicas, lógico; Rejane, pelas longas conversas históricas. Por fim, agradeço a toda comunidade anchietana e jesuíta nas figuras do padre Guido Kunn e do carismático irmão Celso.

Agradeço aos colegas e direção do Curso Anglo por entenderem a importância desse momento da minha vida e por me apoiarem sempre que possível, naquilo que era possível. Em especial, agradeço ao Marco, por ser um matemático letrado e por ter trilhado, com competência, esse caminho antes dando-me o incentivo necessário.

Agradeço, com saudades, ao amigo Prego Fischer, pelas conversas sempre recheadas de refinado bom humor, profundo conhecimento e abismal sentimento humano. Partilhamos bons anos de vida, viagens, Lusíadas, Pessoa, Machado. Prego, sei que poderias fazer muito melhor, mas esse texto também é para ti, como saudosa lembrança.

Agradeço ao professor Luis Augusto Fischer, por ser um dos tantos que desde muito tempo tem acreditado em mim, me motivado, me ensinado o significado da profissão que escolhi com conselhos e testemunhos. Pelas provocações e por ensinar-me a tratar a literatura com seriedade e paixão, e também pela minha primeira bolsa de pesquisa, pela orientação no trabalho de conclusão de curso, semente desse outro trabalho, vai minha gratidão e reconhecimento.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós Graduação do Instituto de Letras da UFRGS pela seriedade e competência do trabalho feito em formar os novos intelectuais do país. Em especial, vai meu particular obrigado à professora Jane Tutikian, com quem partilho a paixão pessoal, ao Paulo Seben, à Maria da Glória Bordini e, à recém aposentada, Ana Mello, por terem enriquecido o meu trabalho com suas aulas que, direta ou indiretamente, estão aqui.

Agradeço ao professor Paulo Coimbra Guedes, que desde muito tempo descobri que também era um dos professores que eu queria ser quando crescer. Paulo, obrigado pelas aulas, por todo maracujá e melancolia que me ensinaste a discernir.

Agradeço também ao professor Sérgio Gonzaga, pelas oportunidades acadêmica e profissional, por ter-me perguntado como ia a minha literatura e confiado na minha capacidade de ensinar. Agradeço a todos os “professores obrigatórios”, pelos anos de convívio.

Agradeço à Faculdade de Teologia da PUCRS, por ter dado a base, através de seus cursos e seus professores, no programa de extensão de Teologia para leigos, para que esse trabalho existisse, lá pude aprender um pouco mais sobre a minha fé e também questioná-la, o que é um exercício saudável para a reflexão acadêmica. Em especial, agradeço ao padre Eduardo

Santos, ao padre Érico Hammes e ao padre Eduardo Moesch, que além de tudo se dispôs a ler esse trabalho.

Agradeço também àqueles sacerdotes que com a sua coerência de vida têm me apoiado grandemente na minha caminhada. Ao padre José Maria Ramirez, LC, meu primeiro diretor espiritual sem o qual a minha fé seria apenas uma curiosidade, obrigado pelas respostas, mas principalmente pelas perguntas. Ao padre Luis Francisco Ledur, pelo esforço de ser o pastor do rebanho. Ao padre Sérgio Mariucci, SJ, por ser a prova viva e realizada do espírito jesuíta no nosso meio.

Por fim, agradeço muito especialmente ao meu orientador, professor Antônio Marcos Vieira Sanseverino, com quem aprendi muito neste tempo de convívio. Cada encontro foi certamente enriquecedor, não somente pela capacidade intelectual, mas principalmente pela capacidade humana de quem ensina não somente literatura, mas o que está por trás dela. Antônio, obrigado pela confiança, apoio, diálogo, e por não ter desistido quando eu mesmo já estava para.

## RESUMO

Este trabalho tem a intenção de analisar em que medida o conjunto referencial de elementos relacionados à religião (em especial à Católica, por ser a prática religiosa mais difundida no país quando da formação da obra em destaque) está presente nos textos do mais importante escritor brasileiro. Sem negar as possibilidades críticas existentes, mas dialogando com elas, é relevante podermos abrir uma nova chave de leitura que possa ser associada a tantas outras e formar uma tessitura crítica. Machado de Assis é reconhecido como um autor que soube gerenciar as diversas facetas da sociedade e com elas criar a sua obra de tal forma que fosse livre de marcas nacionalistas e, ao mesmo tempo, profundamente nacional. Sendo um excepcional crítico e ainda melhor ficcionista é possível perceber que o que ele colocou nos seus textos não está ali gratuitamente, por isso, medir uma determinada referência é desenvolver uma nova forma de análise para a obra. Muito se tem estudado Machado de Assis ao longo do tempo, porém pouco, relativo a qual o uso que ele fez da religião disponível no seu tempo e ao seu alcance de compreensão. Estabelecer qual era a relação da Igreja Católica Apostólica Romana com o poder estatal ao longo da história para depois perceber em que escala essa relação conflituosa também estava presente na Igreja do Brasil é a base para entender uma das facetas da formação intelectual de Machado de Assis. Ele acompanhou toda a crise religiosa do Segundo Reinado e sobre ela se manifestou e a ficcionalizou. A análise quantitativa desses referenciais religiosos, que prova a extensão do uso pelo autor, dá lugar a uma análise qualitativa, quando se demonstra que essa temática, com tudo o que ela envolve, esteve no campo de visão e de criação das mais relevantes obras do autor. Enriquecer o arcabouço crítico sobre Machado de Assis é o intuito último de propor uma análise daquilo que foi por ele utilizado para a concepção da sua obra.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Religião; História, Igreja Católica

## ABSTRACT

The present work aims to analyze how the referential data related to religion (particularly, the Catholic Church, once it was the most widespread religious practice in the country at time of author's writings) is present in the texts of the most important Brazilian writer. Without denying the already explored critics, but talking with them, is relevant open a new concept about this theme that could be included to others in order to construct a critic conjecture. Machado de Assis is recognized as an author who knew how manage the various facets of society and with them create his work in a style free of nationalist marks and, in the same time, deeply nationalist. Being an exceptional critic and an even better novelist, it is possible realize that he wrote many things with intentional meanings that could be considered to develop a new form of analysis for his work. Along the time, many studies have investigated Machado de Assis, however, there is little information about how he used the available religion and what comprehension he had of it. To establish the relationship between Roman Catholic Church with government power throughout history and then realize that this conflicting relationship was present also in the Church in Brazil, is the basis for understand one of Machado de Assis' intellectual formation facet. It is visible that he accompanied all religious crisis of the Second Reign and manifested and wrote about it. The quantitative analysis of these religious data, that mark its intense use by the author, gives rise to a qualitative analysis, when it is showed that this theme was present in his life and in creation of the most relevant works of author. To enrich the critical framework on Machado de Assis is the ultimate aim to propose an analysis of what was used by him for the design of his work.

**Key words:** Machado de Assis; Religion; History; Catholic Church

## RÉSUMÉ

Ce travail a l'intention d'analyser dans quelle mesure l'ensemble référentiel d'éléments rapportés à la religion (notamment la Catholique, cette pratique religieuse la plus diffusée dans le pays, au moment de la formation de l'oeuvre en étude) est présent dans les textes du plus important écrivain brésilien. Loin de nier les possibilités critiques existantes, mais en dialogue avec elles, c'est important d'ouvrir une nouvelle clé de lecture qui puisse être associée à tant d'autres et former une texture critique. Machado de Assis est connu comme l'auteur qui a su administrer les plusieurs aspects de la société et avec eux créer son oeuvre de telle façon qu'elle fût libre des signes nationalistes et, au même temps, profondément nationale. Ayant été un critique exceptionnel et plus encore un excellent romancier, c'est possible d'apercevoir que ce qu'il a mis dans ses textes n'y est pas gratuitement, donc, évaluer une référence donnée est développer une nouvelle forme d'analyse pour son oeuvre. On a beaucoup étudié Machado de Assis au long des années, mais peu par rapport à l'utilisation qu'il a faite de la religion disponible à son temps et à la portée de sa compréhension. Établir quel est le rapport de l'Église Catholique Apostolique et Romaine avec le pouvoir de l'État au long de l'histoire pour apercevoir enfin qu'en échelle, ce rapport conflictueux était aussi présent dans l'église du Brésil, c'est le fondement pour comprendre l'un des aspects de la formation intellectuelle de Machado de Assis, puisqu'il a accompagné toute la crise religieuse du Second Royaume, et sur laquelle il s'est manifesté en la mettant en fiction. À l'analyse quantitative des ces référentiels religieux qui témoignent l'extension de l'emploi par l'auteur, donne lieu à une analyse qualitative, au moment où se prouve que cette thématique, avec tout ce qui l'entoure, a été dans le champ de vision et de la création des plus célèbres romans de l'auteur. Enrichir la charpente critique sur Machado de Assis est le but ultime de proposer une analyse de ce qui a été employé par lui pour la conception de son oeuvre.

**Mots-clés** : Machado de Assis ; Religion, Histoire, Église Catholique

*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,*

(O infante – Fernando Pessoa)

*O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esp'rança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —  
Os beijos merecidos da Verdade.*

(Horizonte – Fernando Pessoa)

*E Deus disse: “Sai e fica na montanha diante de Iahweh”. E eis que Iahweh passou. Um grande e impetuoso furacão fendia as montanhas e quebrava os rochedos diante de Iahweh, mas Iahweh não estava no furacão; depois do furacão houve um terremoto, mas Iahweh não estava no terremoto; e depois do terremoto veio um fogo, mas Iahweh não estava no fogo; e depois do fogo o murmúrio de uma brisa suave. Quando Elias o ouviu, cobriu o rosto com o manto, saiu e pôs-se à entrada da gruta. Então veio uma voz, que disse: “Que fazes aqui, Elias?” Ele respondeu: “Eu me consumo de ardente zelo por Iahweh dos exércitos”*

1Rs 19,11-14a

## SUMÁRIO

LITERATURA E RELIGIÃO .....	13
<b>PARTE I</b>	
1. BREVE PAINEL HISTÓRIA DA IGREJA E SUA RELAÇÃO COM O PODER ESTATAL.....	25
2. DESENVOLVIMENTO DA IGREJA NO BRASIL: PADROADO, ULTRAMONTANISMO E A <i>QUESTÃO RELIGIOSA</i> . .....	34
3. ESBOÇO DE PERFIL FORMATIVO INTELECTUAL DE MACHADO DE ASSIS .....	50
<b>PARTE II</b>	
1. ANÁLISE QUANTITATIVA DOS ELEMENTOS RELIGIOSOS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS.....	74
1.1 POESIA .....	75
1.2 PROSA DE FICÇÃO .....	89
1.3 TEATRO .....	92
1.4 CRÔNICAS .....	93
ATANDO ALGUMAS PONTAS.....	98
2. ANÁLISES QUALITATIVAS DOS ELEMENTOS RELIGIOSOS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS.....	99
2.1 CLERO.....	107
2.1.1 <i>Frei Simão</i> .....	111
2.1.2 <i>Padre Lopes</i> .....	113
2.1.3 <i>Padre Teófilo</i> .....	117
2.2 BÍBLIA .....	122
2.2.1 <i>O pai</i> .....	125
2.2.2 <i>Na arca</i> .....	129
2.2.3 <i>Adão e Eva</i> .....	134
3. UM CONTO NADA A VER.....	141
CONHECER É SEMPRE IMPORTANTE: COMENTÁRIO À GUIA DE CONCLUSÃO .....	145
REFERÊNCIAS .....	156
ANEXOS.....	168
CASO 1: <i>UM CONTO DE TEMÁTICA RELIGIOSA</i> .....	169
CASO 2: <i>UM CONTO SEM TEMÁTICA RELIGIOSA</i> .....	176

## Literatura e Religião

*O Deus de que falo, não é só essa sublime necessidade do espírito, que apenas contenta alguns filósofos; falo-te do Deus criador e remunerador, do Deus que lê no fundo de nossas consciências, que nos deu a vida, que nos há de dar a morte e, além da morte, o prêmio ou o castigo. (Machado de Assis)*

A obra de Machado de Assis vem suscitando, nos últimos cento e cinquenta anos, um sem número de estudos. Sempre que chegamos a uma data fechada, como foi o recente centenário da morte do autor, um novo *boom* de pesquisas surge e novas nuances da obra são reveladas. Evidentemente que apenas uma obra que possua o nível técnico e de representação social do porte que apresenta Machado permite esse tipo de constante descoberta.

Confesso que Machado de Assis não me chamou a atenção desde sempre, desde as primeiras leituras. Na época do colégio li-o sem grandes entusiasmos e não passando do tradicional *traiu-não-traiu* de Capitu. Tive de conviver muito com a obra machadiana para ir-me encantado pouco a pouco e assim, descobrindo mais, fui querendo entender cada uma das coisas que se falava sobre o autor. Por que ele era o maior escritor do país se sequer falava das coisas daqui? Não era como Alencar, do qual li com gosto as aventuras de Peri, ou Simões Lopes, que me entusiasmava com sua linguagem e lugares que eu conhecia por ser do interior. É que nesse momento eu ainda não havia entendido que uma obra deveria ter um certo *instinto de nacionalidade*<sup>1</sup>.

Na época da faculdade comecei a me interessar pela metafísica, e, uma coisa levou a outra, pela teologia. Como era de uma família, como as maiorias das famílias, católica não praticante, havia uma enorme falha de conhecimento dos elementos da fé na qual era batizado e que havia professado na longínqua primeira comunhão. Não era crismado e achei que era o momento, por isso tive uma preparação alternativa, com um diretor espiritual que assumiu a minha formação religiosa. Desta forma, fui aprendendo, em paralelo, os vários temas que compõem o arcabouço da teologia: a liturgia, a doutrina social, a revelação, a espiritualidade e os grandes místicos, a história da Igreja, as vidas dos santos, os documentos do magistério, a fenomenologia de Karol Wojtila, a teologia dogmática, etc.. Todos estes temas foram fazendo

---

<sup>1</sup> O texto e expressão cunhada por Machado de Assis, que será trabalhado mais adiante, ainda nesta introdução.

parte da minha formação. Não cheguei a pensar em ir para o seminário, por várias razões, mas em especial por compreender o papel do leigo na vida Igreja, segundo o Concílio Vaticano II.

Foi meio paralelo, portanto, a descoberta e o aprofundamento da obra de Machado de Assis e suas possibilidades interpretativas e a descoberta da teologia e todas as suas variáveis. Talvez por isso tenha desejado incorporar um tema no outro, encontrar um mundo imerso no outro, ainda mais porque a maior parte dos textos críticos que tinha lido ignorava o tema ou, quando tratava dele, era de maneira, no mínimo, restritiva e equivocada.

Colocar esses conhecimentos em confronto é a ousadia desse trabalho. Expor uma realidade latente na obra de Machado de Assis é o desejo de todo o professor, e foi isso que me tornei, durante a faculdade de letras, alguém que busca no desafio do magistério a motivação para transformar um texto *ultrapassado*, e, para alguns, *morto*, em diálogo, compreensão de mundo e, porque não, na possibilidade de possuir uma melhor qualidade de vida, por entendê-la mais profundamente, experimentar os sentimentos de outras pessoas e ver como elas trataram seus dilemas. Sem desprezar nenhuma abordagem crítica feita anteriormente ao longo do tempo, quero trazer mais uma chave de leitura para a ficção machadiana: a religião.

Machado de Assis no seu talvez mais importante escrito crítico (*Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade*, que foi encomendado pelo periódico *O Novo Mundo* de New York e naquele periódico foi publicado no dia 24-4-1873, segundo a *Bibliografia de Machado de Assis*, de J. Galante de Souza) dá a chave que ele mesmo, coerentemente, irá utilizar na sua obra. Ao fazer a análise da geração literária anterior a sua e a da que se avizinhava, o crítico Machado de Assis percebe algumas manias literárias, como a do indianismo, isto é, daqueles autores que pensavam ser brasileiros e realizar obras nacionais quando, e somente quando, colocavam em ação muitos Peris, Jaguarês, Aracis e Iracemas. Machado havia percebido que o que torna uma obra nacional não é propriamente o tema, mas aquele instinto de nacionalidade, que ele enuncia no título. Ainda que a expressão seja absolutamente subjetiva, e Machado não faz a mínima questão de objetivá-la, ela define muito bem o que é necessário para uma literatura jovem, como é a do Brasil, se desenvolver sobre si mesma criando um sistema<sup>2</sup>, isto é, um conjunto de leituras dos antecessores, com uma visão

---

<sup>2</sup> Resumindo as palavras de Antonio Candido no clássico *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos* (de 1959), um sistema literário se estabelece na literatura de uma cultura quando um grupo de autores escreve sobre temas locais (o que não significa regionais) e por eles motivados para um público também local que é capaz de se reconhecer nessa literatura e com ela dialogar criticamente, confirmando-a e negando-a, ao ponto de, nessa interação dinâmica, formar uma nova geração literária. Candido diz que no Brasil isso vai acontecer pela primeira vez na passagem entre o Arcadismo (no século XVIII) e o Romantismo (no século XIX), quando teremos uma geração que leu os seus precursores e dialogou com eles para formar a sua obra. Mais, o crítico paulista perceberá que o sistema, que estava em formação, em Machado de Assis se tornará completo, sendo, então, o autor fluminense o ponto de maturidade da literatura nacional.

crítica, avaliando os pontos fortes e fracos, reforçando uns e redimensionando outros, para que essa literatura seja representativa de uma nação. Machado fora acusado de ser um escritor estrangeiro no seu país, justamente por não tomar os temas mais clássicos da literatura tupiniquim. Ironia está no fato de ele receber a mesma acusação que havia recebido Alencar, apesar do nosso grande prosador Romântico ter feito exatamente aquilo que Machado diz não ser necessário. Machado de Assis diria, então no artigo em questão que:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região, mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (V. 3, p. 1205)<sup>3</sup>

Homem do seu tempo e de seu país foi Machado de Assis. Mais do que qualquer outro de sua época, ele soube perceber as nuances sociais e estabelecê-las como paradigmas para a sua obra. Nada mais fascinante do que ler uma página de *Brás Cubas* ou *Esau e Jacó* e enxergar ali a crise do homem livre brasileiro pendendo entre posições antagônicas, gerando uma volubilidade narrativa ou mesmo o sincretismo religioso da cena da Cabocla do castelo. São modos de ser brasileiros que elevam Machado de Assis a um autor de nítida percepção de que a literatura tem um profundo papel de revelar a nós, leitores desatentos do mundo, algo que o escritor, observador mais acurado, percebeu e agora traz ao conhecimento do público por meio da impressão de um livro.

O mundo de Machado de Assis estava repleto de contradições na sua cena política, econômica, social e religiosa. Poderíamos ampliar mais a lista, mas deixe-se assim. O Brasil era um país liberal, mas com escravidão. Era um país livre, mas com pendências econômicas. E, evidentemente, o que é mais relevante para esse estudo, era um país católico, com o compromisso constitucional de manter a fidelidade à Igreja de Roma, mas sincrético e que havia tornado a Igreja parte de um sistema estatal no melhor modelo de galicanismo que podia existir. Machado de Assis, por sua vez, era um homem de seu tempo e de seu país, por isso estava atento a todas essas idiossincrasias e as foi representando na sua obra, ficcional ou não.

Na realidade, a minha busca está mais ligada a mapear as referências que Machado coloca nos seus textos e, a partir desse mapa, perceber as motivações que o levaram a se

---

<sup>3</sup> Todas as citações da obra de Machado de Assis serão feitas a partir da *Obra Completa de Machado de Assis em quatro volumes* da Editora Nova Aguilar de 2008, devidamente colocada nas referências deste trabalho. Citarei, portanto, apenas o volume e a página referenciada. A única exceção se dará com o conto *O pai* que não está presente nessa edição, para o qual recorrerei a obra *Contos completos de Machado de Assis* da UFJF.

utilizar de um conjunto referencial que, segundo muitos autores, ele desprezava, e, desta forma, ser capaz de interpretar melhor os textos que ele produziu. Entender estes referenciais ajudaria a entender a própria obra de um autor que os utilizou magistralmente. Machado deu provas de conhecer a fundo cada um dos mecanismos presentes na religião – em especial a católica – e fazê-los falar na sua obra. Seus contos e romances estão repletos de padres e ritos, mas, mais que isso, estão cheios, direta ou indiretamente, também de passagens bíblicas, imagens da tradição católica e personagens dessa tradição e, ainda, símbolos que se identificam com o pensamento cristão. Machado era bastante ilustrado nestes assuntos, ao contrário do que fazem supor algumas definições críticas sobre sua obra, e saber interpretá-los corretamente passa por conhecer as suas origens e significados dentro do contexto em foram forjados. Parto de uma ideia de Northrop Frye quando diz que:

Logo compreendi que um estudioso da literatura inglesa que não conheça a Bíblia não conseguirá entender o que se passa. Mesmo o mais consciencioso passará ao largo das implicações e do significado. Então decidi oferecer um curso sobre a versão inglesa da Bíblia como um guia para o estudo da literatura inglesa: este também foi o melhor caminho para o meu próprio aprendizado. (FRYE, 2004, p. 10)

Segundo Frye é necessário superar a precariedade de conhecimentos especialmente quando esses conhecimentos são integrantes de uma obra. Ainda que o mundo tenha caminhado para uma constante secularização dos costumes, somada a um racionalismo exacerbado e certo preconceito contra tudo aquilo que tem fundo religioso, não podemos esquecer que esse ambiente profundamente cristão foi o berço de não uma ou duas, mas de centenas ou milhares de obras relevantes para a humanidade. Desprezar o ambiente de criação de uma obra é perder uma parte do seu significado original. Claro que ela pode falar por outras vias, mas, sempre que possível, é preciso ir às fontes, entender o contexto, buscar o sentido primeiro de uma expressão. Posso ler todo o conto *Último capítulo*, de Machado de Assis, para ficar num exemplo próximo, para entender os sentimentos da personagem, porém com um pouco de ilustração religiosa, percebo antes aquilo que Machado colocou ali para ser percebido, isto é, vou interpretando situações que se apresentam na obra para serem interpretadas. Por exemplo, diz o personagem do conto sobre o filho que descobre estar esperando

Preparei-lhe um recebimento régio; comprei-lhe um rico berço, que me custou bastante; era de ébano e marfim, obra acabada; depois, pouco a

pouco, fui comprando o enxoval; mandei-lhe coser as mais finas cambraias, as mais quentes flanelas, uma linda touca de renda, comprei-lhe um carrinho, e esperei, esperei, **pronto a bailar diante dele, como Davi diante da arca...** Ai, caipora! **a arca entrou vazia em Jerusalém** [Grifos meus] [...] (V. 2, p. 362)

Um pouco de conhecimento bíblico, aqui nessa passagem, dará ao leitor uma mais exata percepção do que está passando o personagem, primeiro por querer, como Davi, bailar diante da arca, na qual, segundo a tradição judaica estavam as tábuas da Lei do Sinai e, portanto, a sacralidade e o ponto máximo da relação de Deus com seu povo; o filho era o que de mais sagrado a personagem poderia receber de presente. Porém, destino cruel, a arca entrava vazia em Jerusalém, isto é, a mãe abortou o bebê. E aqui entra a outra parte da tradição, não mais a do primeiro testamento, mas a da comunidade dos cristãos que tinha Maria de Nazaré como a nova arca da aliança, por trazer dentro de si aquele que era a nova Lei, como é rezada na ladainha em honra à Virgem Maria. Logo, arca vazia corresponde à mulher sem mais o bebê no útero, e, comparando as cenas, imagina-se a tristeza do personagem que se equivale à do mundo sem a possibilidade de ter conhecido a salvação na forma de Jesus de Nazaré. Aqui coloco um tímido exemplo apenas para demonstrar aquilo que Frye está dizendo no fragmento, aplicando a uma obra próxima e de meu interesse.

Tenho eu, então, a mesma impressão do crítico canadense em relação à obra de Machado de Assis. Impressão de que muito mais poderia ser descoberto e interpretado se no instrumental crítico estivesse, também, como ferramenta, o conjunto de informações sobre o universo religioso predominante na época em que escreveu o autor. Frye se centra na pesquisa de ordem exclusivamente bíblica como base arquetípica para a interpretação da poesia ocidental, o que aplicado a Machado de Assis, já daria um grande (em tamanho e profundidade) trabalho, pois ele também usou e abusou da cultura bíblica. Mas talvez seja possível, no caso do escritor fluminense, ampliar ainda um pouco mais o foco, pois sua obra não somente traz as ditas passagens bíblicas, mas, além dessas, todo o contexto de religiosidade que podia ser observado na sua época e que permanece, em vários sentidos, presentes na sociedade atual, ou, no mínimo, possíveis de serem interpretados. Possivelmente muitos dos elementos que Machado colocou na obra para serem descobertos, ficam como que soterrados em explicações que os ignoram completamente, ou os simplificam e banalizam, deixando lacunas na leitura de obras relevantes do autor. Compreender estes símbolos e referências ajudará a compreender melhor Machado de Assis.

Não pretendo aqui provar que Machado de Assis foi um fiel frequentador de missas, ainda que se tenham muitos registros biográficos dele cometendo esse ato de fé pública ao longo da vida, e não só na longínqua infância, como querem alguns biógrafos. O homem Joaquim Maria interessa apenas na medida em que viveu num contexto e fez opções textuais deixando marcas que levam a caminhos interessantes do ponto de vista da representação que inclui a religião. O que desejo é demonstrar o conhecimento e o uso de um código que, sob certo ponto de vista ideológico, estava mais ligado a manter o “poder de uma instituição” do que alçar um jovem pobre na carreira literária. Traduzindo o dilema, seria como perguntar qual a vantagem de se expressar num conjunto de referenciais que, ao contrário de apresentar seu autor como alguém *moderno* e capaz de uma visão de mundo despojada, crítica e atual, o agrilhoava na longínqua mentalidade medieval católica. Muitos autores se notabilizaram, nesta mesma época, justamente por criticar as estruturas sociais vinculadas à religião e, em especial, à Igreja Católica. O que percebo é que Machado de Assis não era defensor de uma religião na sua obra, não podemos chamar seus livros de *literatura católica* (ou qualquer outra denominação religiosa) e mesmo em vários momentos a expressão cética dominou a sua escrita, entretanto é verdade que sua obra contém tantos referenciais do universo católico que isso não pode passar despercebido por um leitor minimamente informado nesse sentido.

Também a representação social chama a atenção visto que em momento algum encontraremos um padre Amaro<sup>4</sup>, um Cônego Diogo<sup>5</sup> ou um padre Balda<sup>6</sup>, na obra machadiana. Isto é, na representação do clero nacional, Machado de Assis foi sempre coerente com a sua postura de realizar uma crítica mais ao homem do que ao cargo que esse homem ocupava. Não foi, portanto, *anticlerical impenitente*, para utilizar uma expressão de D. Hugo Bressane de Araújo no seu precursor, e por isso mesmo cheio de hiatos, *Machado de Assis e a religião* de 1939.

O que fica claro é que a formação intelectual de Machado de Assis contemplou um tanto de religiosidade que ele utilizou para representar a sociedade em que vivia. E como nesta sociedade havia uma grande nuance de tipos sociais, e essa representação é um dos pontos altos da obra de Machado de Assis, segundo alguns de seus críticos, também havia na sociedade retratada uma grande nuance de relações com a religiosidade. Cresceu Machado cercado por situações de ordem religiosa. Vivia em um país que tinha como base organizacional a paróquia, que era célula administrativa do império em muitas circunstâncias. Um país que tinha como base para realização de festividades as irmandades, que muitas vezes

<sup>4</sup> Cf. *O crime do padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós.

<sup>5</sup> Cf. *O mulato* (1881), de Aluísio de Azevedo.

<sup>6</sup> Cf. *O Uraguai* (1769), de Basílio da Gama.

entravam em conflito com a própria origem da sua agremiação, já que deixavam o “santo” de lado para manifestar interesses outros, como a política. Extrapolando as fronteiras problemáticas de um país no qual a religião era propriedade do imperador, o que causou uma série de crises internas, Machado conviveu com uma época na qual se estabelecem, ou se re-estabelecem, alguns conceitos a partir de Roma como a autonomia da Igreja em relação a qualquer Estado e a infalibilidade papal, definida como dogma de fé, por Pio IX, em 1870. Isso amplia a série de crises internas do país, no qual se podem notar, na segunda metade do século XIX, posições extremamente complexas como a da Igreja abaixo do Estado, culminando com a *Questão religiosa* liderada pelo ultramontano D. Vital.

É neste contexto que Machado vai constituir a sua obra e trazer para dentro dela estas realidades, de forma direta ou indireta, valendo-se algumas vezes de metáforas e outras fazendo com que a religião seja a metáfora para outras coisas, como a política ou a economia. Tudo isso, e mais inúmeras situações, posições, crises, comentários, personalidades, ajudaram a formar a cabeça de Machado de Assis. E não somente por que formou a sua expressão intelectual, mas também porque acabou formando o contexto representado nos seus livros é que o fenômeno religioso ganha importância.

Estudar o fenômeno religioso de um determinado momento e local é de fundamental valia para compreender a forma de vida social que ali se desenvolveu. Durkheim afirma que:

Sabemos, desde há muito tempo, que os primeiros sistemas de representação que o homem produziu são de origem religiosa. Não há religião que não seja, ao mesmo tempo, a cosmologia e especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião é porque a própria religião, no princípio, fazia as vezes de ciência e de filosofia. (DURKHEIM, 2008, p. 37)

Muito se questionou e temeu a religião nos últimos anos, numa espécie de temor obscurantista, pois quando se falava em Deus, e mais, em nome de Deus, acabava-se esquecendo que o discurso do próprio Cristo, tomando-se o cristianismo como exemplo, era um discurso de paz e conagração dos povos, bem como é o discurso talmúdico e o islâmico. É modelar a pregação de Jesus no evangelho de Lucas<sup>7</sup> sobre a missão daqueles que

<sup>7</sup> Cf. Lc 9,54-55 (Obs.: Não julguei necessário colocar no trabalho uma tabela com as abreviaturas de livros bíblicos por estar utilizando a notação clássica, mas vale a pena lembrar os livros utilizados aqui: Gn para Gênesis, Ex para Êxodo, Nm para Números, Lv para Levítico, Dt para Deuteronômio, Is para Isaías, Jr para Jeremias, 1Rs para 1º Livro de Reis, Lc para Lucas, Mt para Mateus, Mc para Marcos, Jo para João, At para Atos dos Apóstolos, Rm para Carta aos Romanos, 1Cor para 1ª Carta aos Coríntios, 1Jo para 1ª Carta de João, 1Pe para 1ª Carta de Pedro e Ap para Apocalipse. Além disso utilizarei a notação de versículos e capítulos, seguindo o paradigma católico **Capítulo, Versículo inicial-Versículo final**, segundo a Bíblia de Jerusalém ou a tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo, por ser a que se encontra no *Domínio religioso* da biblioteca de Machado de Assis, segundo Jean-Michel Massa)

o seguem, quando os discípulos queriam enviar fogo do céu para consumir os samaritanos que não os acolheram. Se é fato que as confusões entre poder temporal e espiritual geraram conflitos das mais diversas ordens, não podemos esquecer que o homem sempre esteve envolto em crises, guerras e discórdias, mesmo antes do cristianismo. E mesmo agora, num momento em que a razão domina o mundo, que o papa não mais é o centralizador da vida e da fé e que sua opinião não é mais tão, ou nada, importante para a maioria das pessoas, mesmo assim os conflitos se agravam e vidas continuam sendo perdidas, o que mostra que talvez o fato religioso não fosse a única motivação para tantos e tão sem sentido conflitos. Mais que um sentimento antirreligioso, cada um deve estar aberto a conhecer todos os elementos que estão incrustados no amálgama humano, e entre eles está a religião, pois o mesmo Durkheim diz que

[...] **a religião é coisa eminentemente social** [grifo meu]. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destina, a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de ordem religiosa, devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas seriam coisas sociais, produtos do pensamento coletivo. No mínimo – pois no estado atual dos nossos conhecimentos nessas matérias, devemos guardar-nos de qualquer tese radical e exclusiva – é legítimo supor que elas sejam ricas em elemento sociais. (DURKHEIM, 2008, p. 38)

Machado incorporou esse aspecto na sua obra, consciente ou inconscientemente. Expressou estados de alma, figurou situações religiosas, entrou nas credences populares, criticou algumas práticas espirituais, mas, acima de tudo, representou o ser humano na sua profundidade e nas suas mais diversas nuances. É tarefa da crítica não deixar esse manancial de informação bruta, de possibilidade interpretativa, desperdiçado por conta de um desinteresse ou desconhecimento na matéria religiosa. Vivemos o mundo da informação e da superespecialização, portanto sempre haverá alguém para desbravar os signos deste ou daquele ambiente na obra de um autor que, como poucos no mundo, escreveu uma verdadeira colcha de retalhos, onde os diversos públicos podem se encontrar representados.

A pretensão desse trabalho não é biográfica, ainda que para compreender o perfil intelectual e as posições de um determinado texto seja importante que respaldemos a crítica com fatos, muitas vezes da vida do autor. A única pretensão é a de abrir um novo campo de leitura da obra de Machado de Assis através de um viés que – praticamente – nunca foi visto, já que as críticas sobre esse tema são carentes de objetividade, distanciamento entre a vida e a

obra e, ou, conhecimento religioso, não somente do fenômeno espiritual, mas da prática em que estava o autor imerso, fosse por opção ou por falta dela. Sendo, então, esse o tema da primeira parte do trabalho aqui desenvolvido e sem a pretensão de esgotar cada um dos assuntos abordados, mas de dar subsídios para compreender a imersão do autor no mundo em que sua formação se deu.

Assim, espero poder demonstrar a importância de conhecer estes referenciais de origem religiosa tanto para os textos de Machado de Assis que se referem diretamente sobre o tema da religiosidade, quanto para os que, aparentemente, nada têm do assunto. Para isso, precisamos ler a ficção do autor, mas não podemos deixar de lado suas crônicas, críticas e correspondências. Esses textos podem dar uma noção mais exata das suas intenções sobre um determinado assunto, de como ele estava vendo uma questão que depois forjará em tintas ficcionais. O cuidado necessário para realizar essa leitura é, evidentemente, não misturar o tipo de material, assim como não podemos misturar o homem com o autor, isto é, não se pode concluir uma posição pessoal a partir de um comentário de personagem, ainda que um seja o criador do outro. Esse equívoco foi muitas vezes cometido ao longo da história crítica. Esse é outro quesito importante para a reflexão, o fato de que não só Machado de Assis foi evoluindo ao longo da sua vida até chegar a um ponto de excelência literária, como também a crítica sobre o autor foi sendo aprimorada ao longo dos últimos anos.

É erro, talvez grave, tentar reduzir a obra de um autor como Machado de Assis a um único sistema interpretativo. Se for verdade que o fato de ter sido formado dentro de uma época e de um determinado modo de pensar e ver o mundo o leva a ser como é, também é verdade que muitas vezes Machado subverteu todos os sistemas sociais, ironizando-os. Portanto, como estabelecer uma visão única sobre obra tão diversa?

Machado sobrevive ao tempo porque sobrevive à crítica. Sua obra foi lida das mais diversas maneiras, ao longo das gerações, por diversos tipos de leitores. Ele teve desde leitores simples, *as leitoras suas contemporâneas*, que o policiavam e inclusive reclamavam quando algo parecia ir além dos limites, como na polêmica com o *Caturra* e outros leitores sobre o conto *Confissões de uma viúva moça*<sup>8</sup>, até leitores refinados que puderam dialogar

---

<sup>8</sup> Durante a publicação do referido conto, ocorrida entre abril e junho de 1865, e pelo fato de ele ser em partes, houve um leitor que se manifestou contra a moralidade da narrativa, visto a protagonista receber uma carta de um homem e ficar feliz com o fato mesmo sendo casada. Como era publicado no *Jornal das Famílias*, órgão de imprensa de Garnier dedicado à formação moral e religiosa das moças de família com colunas inclusive de catequese, o dito leitor, sem esperar o fim do conto, fez quatro intervenções criticando a obra, o autor e o editor. Para esse tema e a relação de Machado de Assis com o *Jornal das Famílias* pode-se ler a dissertação de Daniela Magalhães da Silveira: *Contos de Machado De Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias* orientada por Sidney Chalhoub.

com o autor na sua própria época<sup>9</sup>. Tivemos uma era de críticas que associavam a visão biográfica com a naturalista e tentavam encontrar a vida na obra e vice-versa, como se uma fosse apenas reflexo exato da outra. Aí se destaca Sílvio Romero<sup>10</sup>, desafeto do autor, e sua famosa crítica sobre a pontuação em Machado de Assis baseada na sua pretensa gagueira. Com o passar do tempo houve críticos que conseguiram aprofundar a análise textual, como o texto sobre o *humour* de Alcides Maia e sobre o *homem do subterrâneo* de Augusto Meyer. Muitos são os textos críticos significativos sobre Machado de Assis, mas alguns ganharam destaque entre os estudiosos da obra machadiana, como os dos ingleses Helen Caldwell<sup>11</sup> e de John Gledson<sup>12</sup> sobre *Dom Casmurro*. Outro estrangeiro que se dedicou a pesquisar a obra do escritor fluminense foi o francês Jean-Michel Massa<sup>13</sup>, analisando a formação intelectual e a biblioteca de Machado de Assis. Talvez o maior impacto que tenha havido sobre a obra de Machado, especialmente sobre seus romances, tenha sido a publicação dos estudos de Roberto Schwarz<sup>14</sup> que nos mostra, na esteira de Antonio Candido<sup>15</sup>, que a estrutura da obra machadiana mimetizava a estrutura social do Brasil, baseada nas incertezas das relações entre homens livres e agregados.

A ideia aqui não é comentar cada um dos textos críticos sobre Machado de Assis, nem tampouco listá-los, pois talvez fosse trabalho interminável, porém apresentar de forma breve uma realidade crítica. Cada geração de críticos trouxe uma nova possibilidade de leitura muito mais baseada na sua própria experiência do que nas modificações do texto original, isto é, Machado de Assis continua o mesmo, mas nós o lemos de maneira diferente, o que é absolutamente natural e positivo, visto a leitura ser fruto da interação do texto com seu contexto, e do leitor com todas as suas possibilidades de leitura. Parece que, hoje, quanto mais se analisa a obra de Machado, mais madura ela se apresenta e mais coisas tem a dizer. E provavelmente seja verdade, visto termos utilizado criticamente ferramentas que antes não

<sup>9</sup> Um panorâmico estudo sobre a repercussão dos romances de Machado de Assis na sua época de publicação foi feito por Hélio de Seixas Guimarães e publicado sob o título de *Os leitores de Machado de Assis*.

<sup>10</sup> No livro *Machado de Assis*.

<sup>11</sup> O livro *O Otelo brasileiro de Machado de Assis* foi escrito em 1960 e analisava Dom Casmurro sobre a ótica da argumentação do narrador, pondo por terra a famosa pergunta: Capitu traiu ou não traiu?.

<sup>12</sup> John Gledson se debruçou sobre a obra de Machado de Assis nos dando excelentes estudos sobre ela, em especial a sua interpretação sobre Dom Casmurro *Machado de Assis: impostura e realismo*, mas também as anotações históricas sobre as crônicas do autor e mais recentemente o conjunto de ensaios *Por um novo Machado de Assis*.

<sup>13</sup> Destacam-se, nos estudos de Massa, a sua descrição da *Biblioteca de Machado de Assis*, como também o detalhado estudo sobre *A juventude de Machado de Assis*, no qual ele realiza mediações entre os acontecimentos relevantes dos anos de formação do escritor e a obra produzida.

<sup>14</sup> Tanto em *Ao vencedor as batatas* quanto no *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis Schwarz analisa como se dão as relações entre a estrutura da sociedade e a estrutura da narrativa machadiana apresentando o conceito do narrador volúvel como sintoma e representação da dialética vivida pela sociedade brasileira do século XIX.

<sup>15</sup> Ainda que tenha escrito muito pouco, proporcionalmente a sua própria obra, sobre Machado de Assis, Candido dá uma linha de pensamento nova e muito importante para encontrar o lugar do autor na história da literatura nacional. Diz Candido, na *Formação da literatura brasileira*, que Machado de Assis é o ponto de chegada do sistema literário nacional, logo a obra de maturidade do Brasil. Em outro texto, *Dialética da malandragem*, sobre a obra *Memórias de um sargento de milícias*, Candido explorará a relação existente entre estrutura social e estrutura narrativa.

existiam para analisar essa obra. O fato é que se Machado permite-se ser analisado por todo um manancial de estudos, é porque lá atrás, na concepção da obra, ele criou algo profundo e que dá margem a esses estudos de hoje. A crítica passa, se renova, se recria, mas o objeto continua falando através dos tempos. É como se Machado escrevesse cada vez melhor, para plagiar uma expressão sobre Carlos Gardel.

Gostaria de filiar-me ao conjunto de críticos que, por diferentes caminhos, se dedicaram ao estudo de Machado de Assis. Gostaria de apresentar, também eu, algumas possibilidades que vejo não exploradas na obra e colaborar para propiciar uma leitura mais completa, já que cada texto ajuda nesse sentido. Sem negar as possibilidades críticas existentes, mas dialogando com elas, é relevante podermos abrir uma nova perspectiva de leitura que possa ser associada a tantas outras e formar uma tessitura crítica. Talvez para autores tão complexos como Machado de Assis seja necessário associar métodos interpretativos, pois cada um deles dá conta de uma parte da obra. Sendo esse o enfoque dado na segunda parte do trabalho, partindo de uma análise mais quantitativa para uma mais qualitativa e tentando perceber o quanto o conhecimento dos referenciais religiosos podem colaborar e lançar luzes sobre os textos de Machado de Assis.

Esta é a pretensão deste estudo: considerar os aspectos de formação religiosa do autor e da sua época e perceber se eles integram, e de que forma o fazem, o processo de criação literária de Machado de Assis. Neste momento a análise dos textos ficcionais serve apenas de exemplificação para as ideias aqui apresentadas, como uma espécie de matriz de possibilidades. Posteriormente desejo debruçar-me mais profundamente sobre essas possibilidades e dar a elas o encaminhamento crítico para transformá-las em chave de leitura e interpretação para a obra.

## **PARTE I**

## 1. BREVE PAINEL HISTÓRIA DA IGREJA E SUA RELAÇÃO COM O PODER ESTATAL.

*As teorias passam, mas as verdades necessárias devem subsistir. (Machado de Assis)*

Para bem entender o tamanho da importância do tema da religião católica na obra de Machado de Assis existe uma premissa conceitual. É necessário considerar, como fato, que o cristianismo tem a sua história, e essa história dialoga com aquela outra história, chamada secular. Também se deve levar em conta que a história da Igreja<sup>16</sup> se construiu, ainda que político-ideologicamente, sobre a base da crença (chamada de fé). Não se pretende aqui discutir o que leva um grupo de pessoas a acreditar em algo sobrenatural, apenas perceber que o conjunto de conhecimentos relacionados a esse tipo de crença possui um *corpus* bem definido como propôs Durkheim (2008). Além da fé, a Igreja se forma sobre as bases da Tradição<sup>17</sup>, da qual faz parte um texto considerado sagrado e de grande influência no mundo, a Bíblia<sup>18</sup>. Pode-se questionar se a Igreja influenciou o mundo por ter por base a Bíblia, ou, se ao contrário, a Bíblia influenciou o mundo por ser o texto da Igreja, questão preñe de questões. Porém um dado cultural é interessante, mesmo as edições da Bíblia judaica e da protestante mantêm os nomes e a divisão (capítulos e versículos) da versão católica da Bíblia, a *Vulgata*, mostrando uma certa influência dessa versão sobre aquelas.

---

<sup>16</sup> Será utilizada nessa dissertação a clássica notação de Igreja como instituição e igreja como local de culto (templo).

<sup>17</sup> A Tradição é o conjunto da revelação de Deus feita ao homem através do tempo. Tem, dentro do cristianismo católico, uma parte oral e outra, oriunda da primeira, escrita. Portanto, pode-se, com certa segurança, afirmar que a Bíblia é um texto constituído dentro de uma comunidade de fé e que sem essa comunidade ela perde grande parte do seu contexto interpretativo original. O documento que define dogmaticamente os temas referentes à Tradição e, por consequência, à Bíblia chama-se *Constituição dogmática Dei Verbum*, sendo a única constituição dogmática, isto é, que definiu um dogma de fé, do Concílio Vaticano II. Para o tema bíblico serão devidamente comentados aqueles aspectos necessários para esse estudo.

<sup>18</sup> Evidente é o fato de que existem Bíblias diferentes e que de certa forma influenciaram de modos diferentes a cultura ocidental. A Bíblia judaica Bíblia é composta por três partes: Lei (Torá), Profetas (Nebiím) e Escritos (Ketubím), dando os 36 livros que a formam e que correspondem a maior parte da Antigo Testamento Católico. Essa Bíblia possui os seus próprios critérios de canonicidade, mas um fato a ser considerado é que esses critérios foram definidos no Sínodo de Jâmnia por volta do ano 100 da era cristã e como reação a formação do cânone cristão que se formava nesse momento e que tinha por influência os textos da versão de Alexandria da Bíblia judaica, razão pela qual ex-site uma diferença entre essa e o Antigo Testamento Católico da ordem de sete livros e fragmentos de livros que foram retirados da Bíblia judaica após o sínodo. Por sua vez, as Bíblias ditas protestantes, tendo como precursor e primeiro tradutor Lutero, mantiveram os livros deuterocanônicos, isto é, aqueles que pertencem a *outro cânone*, que não mais eram aceitos mais pelos judeus. Somente no século XIX é que a *Sociedade bíblica* protestante determinou retirar das suas edições os sete livros que não foram originalmente escritos em hebraico, um dos critérios de canonicidade do sínodo de Jâmnia, tornando assim as Bíblias católica e protestante efetivamente diferentes. Em momento propício serão comentadas as tradições da formação dos documentos bíblicos, assim como a relação do catolicismo com a livre leitura da Bíblia.

Assim, a Igreja foi influenciada pelos eventos sociais, culturais e econômicos da formação do ocidente, mas também, numa relação tautológica com a sociedade *civil*, – em especial a Igreja Católica Apostólica Romana – exerceu grande influência e foi determinante de vários destinos do ocidente, para o bem e para o mal. Poderíamos afirmar, inclusive com certa segurança, que o próprio ocidente tem como um dos seus pilares culturais o cristianismo.

Nesse intuito, de compreender minimamente um dos objetos desse trabalho passamos a olhar os fatos da história de Igreja relevantes no aspecto da relação dela como instituição com a sociedade e com o poder estatal. Foi nesse contexto que Machado de Assis a conheceu, já que no Brasil havia uma situação, se não única, muito peculiar nas relações entre Estado e Igreja conhecida como Padroado Régio. Como veremos, a relação da Igreja de Roma com a Igreja do Brasil apresentava-se em uma tensão interessante o que leva a ser representada também de uma maneira *sui generis* por Machado de Assis, que estava atento ao seu tempo e ao seu mundo.

Há várias maneiras para definir o que é a Igreja e quando ela começou. De forma piedosa, de forma mágica, de forma ideológica ou de tantas outras formas podemos ver que cada uma delas demonstra mais a própria relação de quem escreve com a Igreja do que propriamente a Igreja em si. Assim é fato que quem mais conhece essa estrutura é quem mais convive com ela e quem mais sabe a sua história são aqueles que, ao longo dos séculos se propuseram a entendê-la. Evidentemente que essa escolha também demonstra a posição do autor sobre o tema, mas não pretende ser uma maneira de cercear a crítica, ao contrário, deseja ser uma forma de avaliar o que aqui vai como comentário.

A Igreja surge como instituição, no século I com a sucessão apostólica – pessoal – do bispo de Roma, cidade que se torna, desde os primórdios, o centro da fé. Existe sobre o tema uma série de controvérsias da ordem mais ideológica do que arqueológica ou religiosa, mas fontes muito antigas corroboram com a noção de que a comunidade cristã de Roma além de já estar fortemente assentada na capital do império ainda antes da virada do século I, usufruía da presença de um Bispo com o *múnus da unidade*<sup>19</sup>. A Carta de Clemente romano ao Coríntios, datada unanimemente pelos arqueólogos como sendo do ano de 95, dá notícia das causas do martírio de Pedro:

---

<sup>19</sup> Talvez esse seja um dos conceitos mais importantes para se entender o significado do papel do Papa, o Bispo da cidade de Roma. Ele deve garantir a unidade do rebanho de Deus como seu verdadeiro pastor.

Todavia, deixando os exemplos antigos, examinemos os atletas que viveram mais próximos de nós. Tomemos os nobres exemplos da nossa geração. Foi por causa do ciúme e da inveja que as colunas mais altas e justas foram perseguidas e lutaram até a morte. Consideremos os bons apóstolos. Pedro, pela inveja injusta, suportou, não uma ou duas, mas muitas fadigas e, depois de ter prestado testemunho, foi para o lugar glorioso que lhe era devido. (CLEMENTE DE ROMA, Carta aos Coríntios 5<sup>20</sup> in PADRES APOSTÓLICOS, 1995, p. 27)

O testemunho de Clemente Romano nos leva a dois dados vitais para a compreensão da instituição Igreja: a existência de uma cabeça viva e respeitada por seus contemporâneos já no primeiro século, no caso o que a carta chama de *alta coluna*, Pedro, e o indício de haver perseguições realizadas pelo fato de o grupo dos cristãos estarem testemunhando um estilo de vida divergente daquele praticado na capital do Império. O que se pode perceber é que desde o início a Igreja destoou do estilo de poder que era praticado e entrou em conflito com esse poder. Sobre o assunto padre Geraldo Hackmann diz:

Nenhum sistema terreno pode ser aplicado diretamente à Igreja, pois esses só servem para sistemas apenas humanos, que não é o caso da Igreja, a qual é humano-divina e vive o regime recebido de seu fundador. Daí que não se adapta à Igreja as denominações dos regimes políticos vigentes, hoje, como democracia, socialismo, totalitarismo e outros. A Igreja tem um regime próprio, derivado do poder de Jesus Cristo e transmitido até nós, hoje, por meio dos apóstolos. Com efeito, carece totalmente de sentido o desejo ou a atitude de alguém querer abolir a hierarquia da Igreja, porquanto, como já foi afirmado, ela é instituição divina. É verdade que o assunto pode ser tratado no sentido de questionar a atuação da autoridade na Igreja, exercido dentro de um determinado moledo de Igreja.

Diante disso, é possível afirmar que (a) a Igreja não é, em seu conjunto, uma realidade soberana, como o Estado, porque vive do que recebeu de Deus em Jesus Cristo, além do que a (b) sua tarefa primeira e exclusiva é estar a serviço da salvação das pessoas como filhos de Deus e conduzi-las até Deus, porque (c) ela recebeu os princípios de seu serviço e de sua autoridade de Cristo e da revelação de Deus, que leva a contradizer, muitas vezes, o coração humano corrompido pelo pecado, apesar de responder à realidade mais íntima do coração humano, e porque (d) a Igreja nunca pode ser meta em si mesma, pois ela é o Corpo de Cristo e, por isso, constituída numa realidade própria por vontade de Cristo como espaço de salvação no mundo. (HACKMANN, 2003, pp. 216-217)

O teólogo apresenta uma conceituação importante para esse estudo, visto a Igreja se compreender a si mesma como uma realidade distinta das sociedades meramente humanas.

---

<sup>20</sup> Os textos cristãos, seguindo antiga tradição, costumam ser escritos de *parágrafos numerados*, o que facilita a citação, pois independentemente da edição consultada a Carta de Clemente romano aos coríntios, no parágrafo 5 sempre conterà o mesmo texto.

Ela se relaciona com o poder Estatal, porém não pode ser comparada, diretamente e sem mediações claras, com ele. Tampouco os sistemas de administração de Estado podem ser aplicados para a compreensão do sistema administrativo da hierarquia da Igreja. Sendo assim, e partindo da sua autocompreensão, a Igreja possui uma autonomia ao mesmo tempo que participa das relações intraestatais, o que leva a uma série de conflitos pois gera-se sempre a dúvida sobre a quem se deve obedecer: Igreja ou Estado. Isso levará a uma série de perseguições à Igreja, ao longo dos tempos, das mais diversas modalidades.

Ainda que perseguida, a Igreja se estabelece dentro dos limites do Império Romano, e cresce ao ponto de ultrapassar esses limites utilizando para isso duas coisas: a própria estrutura do Império, seu comércio, suas rotas, suas estradas, suas caravanas, e o fato de ser uma religião muito simples de ser praticada, pois não valia-se nesse momento de templos ou roupas especiais, seus ritos eram feitos por pessoas ‘comuns’ e com coisas comuns como pão e vinho, numa mesa, pois seu principal ato é uma refeição ritual<sup>21</sup>. As perseguições aos fiéis católicos foram esparsas, mas sempre que ocorreram foram muito violentas, constituindo uma espécie de sociedade do contraste, já que para sobreviver os cristãos tinham de viver à margem da sociedade de então, não no sentido político e econômico, pois continuavam no *mundo*<sup>22</sup>, mas no sentido cultural, já que se afastavam daquilo que ia contra as suas motivações e preceitos de fé, sendo-lhes inclusive vetadas algumas profissões por serem incompatíveis com as suas crenças, como a de soldado. Segundo Hipólito Romano: “*O soldado subalterno não matará ninguém. Se receber ordem para fazê-lo, não a executará, e não prestará juramento.*” (apud COMBY, 2001a, p. 41). E diz mais sobre o assunto: “*Aquele que detém o poder de gládio ou o magistrado de uma cidade, portador da púrpura, deixarão de sê-lo ou serão expulsos*” (apud COMBY, 2001a, p. 41). Evidentemente que fazer com que o *mundo* entendesse essas motivações e preceitos facilitaria a convivência e eliminaria a perseguição, daí se compreende a busca de respaldo junto aos que detinham o poder e a tentativa de os influenciar. Os cristãos eram diferentes dos seus contemporâneos *pagãos* e isso causava, muitas vezes, estranhamento, como a ironia de Luciano de Samósata, autor do famoso *Diálogo dos mortos*, obra que influenciará Machado de Assis, no texto *A morte do peregrino*, quando diz:

<sup>21</sup> Para as consultas de ordem litúrgica utilizei fundamentalmente o livro *Liturgia* de Matias Augé, que nos seus primeiros capítulos realiza uma descrição histórica da liturgia católica desde as suas origens até os dias de hoje, além de alguns relatos muito interessantes como os de Hipólito Romano, *A peregrinação de Etéria*, *As catequeses mistagógicas* de São Cirilo de Jerusalém, a *Didaché*, devidamente citados das referências.

<sup>22</sup> A palavra *mundo* foi utilizada, desde os evangelhos, de João em especial, como contrapondo ao que era batizado e buscava viver os preceitos cristãos, como, por exemplo, em Jo 15,19.

Esses infelizes estão, antes de tudo, convencidos de que são imortais e de que viverão eternamente. Por conseguinte, desprezam a morte, que muitos chegam a enfrentar voluntariamente. Seu primeiro legislador os persuadiu de que todos eram irmãos. A partir do momento em que abjuraram os deuses da Grécia, eles adoram seu sofista crucificado e amoldam sua vida a seus preceitos. Eles também desprezam todos os bens e os mantêm para o uso comum [...] Se entre eles surgir um impostor hábil, que saiba beneficiar-se da situação, poderá enriquecer rapidamente, manejando essas pessoas que não percebem nada. (LUCIANO, apud COMBY 2001a, p. 34)

Luciano mostra a ingenuidade dos cristãos como um ponto negativo da vida em comunidade daquele grupo, mas para esse trabalho o que fica é o fato de que essa ingenuidade é oriunda da fé que se cria e do vínculo de confiança que se estabelecia dentro da comunidade primitiva, o que a distinguiu do resto da sociedade. Ou seja, ser ingênuo num mundo de espertos era uma característica que tornava os cristãos diferentes daqueles que, não sendo cristãos, os cercavam como ‘vizinhos’. As perseguições podiam ser, então, das mais brandas, voltadas para a ironia, até as mais cruéis com a morte de pessoas inocentes para o divertimento da população na arena. Apesar de esse momento conter, na História da Igreja, uma série de conflitos doutrinários internos, várias formas de celebrar a liturgia e vários níveis de perseguições externas, é período fértil para a construção daquilo que seria a base para a teologia dogmática, a interpretação bíblica e a liturgia posteriores.

Com Constantino, em 313, a Igreja recebe uma espécie de anistia e compensação pelas perseguições – de Nero, Décio, Valeriano, Galieno e em especial a de Dioclesiano, a mais letal até então – com os membros da Hierarquia ganhando as roupas e os salários de membros do Estado Romano e a comunidade católica recebendo prédios para celebrarem o seu culto, que aí passará a ter um local público e conhecido. É um passo importante para a constituição de uma independência da Igreja como instituição, não só autônoma, mas livre de restrições. O Papa passa a ser uma espécie de administrador de luxo do Imperador, para as questões de Roma. Vários Bispos de Roma tiveram importante papel na organização civil da cidade símbolo do Império, como o papa Leão (440-461), que consegue proteger Roma dos Hunos: Átila (452) e dos Vândalos: Genserico (455). Também é época dos grandes Concílios da antiguidade, todos eles realizados na parte oriental do Império romano (Nicéia, 325; Constantinopla, 381; Éfeso, 431; Calcedônia, 451<sup>23</sup>)

---

<sup>23</sup> Um concílio é a reunião dos Bispos para se entrar em unidade quando algo, interno ou externo ataca ou questiona os dogmas da fé católica, é sempre um processo reativo a uma situação da época. O argumento de que algo surgiu na Igreja porque foi dito ou definido no concílio demonstra apenas desconhecimento da prática da Igreja, já que a definição é apenas a unificação de algo que já é crença, como por exemplo, o Concílio Vaticano II que afirma que a Bíblia é fruto da revelação de Deus para o homem. O primeiro grande concílio foi o de Nicéia I, ocorrido de 20 de Maio a 25 de Julho de 325, que tinha por

A passagem da Igreja de subjugada ao imperador e sua auxiliar à condição de orientadora de caminhos civis começa a se dar quando Clóvis, rei de todos os Francos, se deixa batizar, aos 30 anos de idade em 496, atendendo assim a um apelo popular e ao mesmo tempo unificando os vários povos bárbaros da região. A Igreja não era mais somente a religião oficial do decadente (e decaído) Império Romano, mas é também uma nova possibilidade de unificação, religiosa, para a Europa.

Com Gregório I (590 – 604) têm-se as famosas reformas gregorianas no costume do clero, que passa a viver segundo a ordem e estudo dos monges e se torna o melhor quadro intelectual daquele momento no ocidente. Esse fato deu à Igreja uma organização nunca antes alcançada. Neste momento percebe-se um movimento usual na vida da Igreja e que será uma constante nos tempos posteriores: grandes crises internas são acompanhadas de grandes transformações lideradas pelas vanguardas da Igreja, vanguarda que pode ser os mártires dos primeiros séculos, os monges e monastérios medievais, as ordens mendicantes mais adiante, ou mesmo a instrução escolar, filosófica e acadêmica ainda mais na frente. Mas é com Carlos Magno (na sucessão de Carlos Martel e Pepino, o Breve) que há o estreitamento da relação entre Estado e Igreja, já que ele aproveita a formação intelectual dos padres para transformá-los em seus prefeitos e homens de Estado, dando início às investidas leigas. Atitude que será reduplicada no Brasil, durante todo o processo de colonização, mas em especial durante o segundo reinado, como se verá adiante. Neste momento da história, Carlos Magno devolve para Roma as terras que haviam sido tomadas pelos Lombardos, dando início aos Estados Pontifícios e sendo a origem da *Questão Romana* do século XIX.

Foi com Gregório VII, 1073-1085 (o nome do papa era já um programa de governo, pois evocava outro Gregório que havia realizado profundas mudanças no catolicismo<sup>24</sup>) que a Igreja se impregnou de uma elevada concepção de que o papado era superior ao poder temporal. Isso gera uma crise com Henrique IV, Sacro Imperador Romano Germano, e em 1075 o papa edita a *Dictatus Papae* (primeiro de uma série de documentos sobre o poder

---

tema central a discussão da doutrina proposta por Ário que questionava a divindade de Jesus Cristo. É nele que será redigido o Símbolo de fé. Em Constantinopla, de Maio a Julho de 381 entra em discussão a divindade do Espírito Santo, aqui se completará o credo que receberá o nome de Niceno-constantinopolitano e que é o mesmo texto desde então. Em Éfeso, de 22 de Junho a 17 de Julho de 431, é discutida a posição de Nestório sobre a filiação de Jesus e, por essa razão se define o dogma da Teotokos (Maria como mãe de Deus), pois se Maria não for mãe da divindade de Jesus ele não será efetivamente Deus. Por fim, na Calcedônia, de 8 de Outubro a 1 de Novembro de 451, se condena o monofisismo e se define que a existência de Jesus Cristo se dá em duas naturezas completas e perfeitas na unidade da pessoa, que é divina. São alguns exemplos de discussões que foram feitas pela Igreja primitiva nos seus conflitos internos e externos.

<sup>24</sup> Quando eleito, um Papa anuncia o seu nome de pontificado, que geralmente está ligado a algum tema ou necessidade da Igreja de então. João Paulo II, na continuação do projeto de João Paulo I e este na unificação dos projetos de João XXIII e Paulo VI na aplicação do Concílio Vaticano II. Bento XVI evoca o projeto de Bento XV de re-estabelecer o cristianismo na Europa como aquele outro Bento havia feito e assim sucessivamente.

papal), com 27 proposições eclesiológicas que tratavam sobre a autoridade, competência e poderes do papa sobre o domínio temporal e espiritual, das quais são destacadas:

- II. «Quod solus Romanus pontifex iure dicatur universalis». (Que só o Pontífice Romano seja dito legitimamente universal).
- III. «Quod ille solus possit deponere episcopos vel reconciliare». (Que só ele possa depor ou repor bispos).
- VIII. «Quod solus possit uti imperialibus insigniis». (Que só ele possa levar as insígnias imperiais).
- IX. «Quod solius pape pedes omnes principes deosculentur». (Que todos os príncipes devem beijar os pés do Papa).
- XII. «Quod illi liceat imperatores deponere». (Que lhe seja lícito depor os imperadores).<sup>25</sup>

É relevante lembrar que nesse momento a Igreja possuía os “Estados Vaticanos”, portanto uma declaração de ordem espiritual podia ser, e muitas vezes era, confundida com uma imposição estatal. Mais um elemento é o fato de estarmos exatamente antes, e portanto preparando o movimento, das cruzadas. Tudo isso dava às declarações de Gregório VII uma força nunca antes vista pelo mundo. E, por outro lado, tinha a intenção de acabar com as investidas leigas e dar ao papa e aos bispos uma maior autonomia administrativa.

Desta época até o século XIX, várias foram as situações que colocaram a instituição Igreja frente a conflitos e problemas de ordem civil. Mesmo a *Reforma*, promovida por Lutero, pode ser compreendida muito mais profundamente quando percebida pela ótica social de uma crise dentro do Sacro Império Romano Germano e como mecanismo para realizar a independência daquela região do que quando percebida como manifestação de profunda alteração da concepção de Igreja mesma, do ponto de vista teológico. As bases da fé são mantidas no espírito reformador (Deus, Cristo, Salvação, pecado, comunidade, intermediação na relação Deus-Homem), o que muda está muito mais na esfera administrativa do significado dos sacramentos e do reconhecimento da unidade, que gerava submissão decisória, do que qualquer outra coisa.

Mas cruzadas, inquisições e reformas à parte – que foram as consequências de uma relação entre instituições humanas, com todas as limitações geradas por isso – a Igreja entra no século XIX numa disputa de territórios (literalmente) com os Estados que a circundam. No pontificado de Pio IX (1846-1878) é que eclodirão os principais acontecimentos presenciados por Machado de Assis. O papa começara seu pontificado, o segundo mais longo de toda a história da Igreja, como um simpatizante do liberalismo, porém, passados dois anos, se torna

<sup>25</sup> Disponível em < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dictatus\\_Papae](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dictatus_Papae) > acesso em 04/10/2009

adverso ao espírito liberal (pois este levava a guerra até Roma). Ele teve de conviver com as reformas de Vitor Emanuel II e precisou contar com a ajuda da França de Napoleão III para manter o controle de Roma. Entretanto, com a guerra franco-alemã de 1870 a ajuda francesa cessou e a Itália invade Roma, fazendo o pontífice se entrincheirar no Vaticano. O ápice do desentendimento entre a Igreja e o liberalismo se dá com a publicação da encíclica *Quanta Cura*, que continha o *Syllabus errorum* (lista de 80 erros do liberalismo que o papa havia lançando em vários documentos e que foram unificados num *catálogo de erros* – significado de *syllabus errorum*) em 1864. De toda a lista destaca-se o seguinte número como exemplo do nível do documento: “54° Os Reis e os Príncipes não só estão isentos da jurisdição da Igreja, mas também em resolver as questões de jurisdição são superiores à Igreja.” (DH 2954)

Aqui vemos um problema apontado como erro pelo papa Pio IX que era normal dentro das relações do Estado brasileiro do Segundo Império e da Igreja. O fato de o regalismo dispor o clero nacional ao Imperador, sendo esse o chefe supremo da Igreja nacional criava um dilema para aqueles que pretendiam ser fiéis ao sumo pontífice, como acontecerá na *Questão Religiosa*. É preciso colocar esse dado dentro do seu contexto específico. Daniel-Rops, na sua longa história da Igreja, diz que:

Nem a *Quanta cura* nem o *Syllabus* traziam qualquer novidade. Pio IX não fazia mais do que retomar, conforme ele próprio dizia, o ensino tradicional dos seus predecessores. Mas fazia-o de modo mais completo, mais sistemático que qualquer um deles. Os termos que utilizava eram de um vigor e até de uma violência não usuais [...] No momento em que se discutia, mesmo entre os católicos, sobre os direitos do homem à liberdade, em que a *Vida de Jesus* e Renan se espalhava como uma epidemia, em que se debatia a Questão Romana em todas as Chancelarias e em inúmeras consciências, compreende-se que o *Syllabus* tenha tido o efeito de uma bomba. Entre os adversários da Igreja, foi um rugido de furor: o papa declarava guerra à sua época! (DANIEL-ROPS, 2003, V 8, p. 446)

O conflito entre Igreja e Estado estava definitivamente entrando na sua última era e o *Syllabus*, de certa maneira, preparara e demonstrara a necessidade de um novo Concílio, que estabelecesse definitivamente os limites do poder do romano pontífice. O último (Concílio de Trento, 1545-1563) já havia ocorrido, naquele momento, há mais de três séculos e seu foco tinha sido a unificação da formação presbiteral e da liturgia, além de discutir os elementos da justificação, a doutrina da salvação.

O Concílio Vaticano I (1869-1870) tem, talvez, como maior destaque nos livros de história, o fato de ter sido interrompido e nunca ter chegado ao seu termo da maneira que fora

pensado. Entretanto, essa interrupção não chegou sem antes o Concílio declarar a infalibilidade papal para assuntos de fé e de moral e de ampliar uma divisão dentro da própria Igreja sobre o assunto, pois muitos dos bispos conciliares não aceitaram a forma como foi escrito o documento que tratava desse tema, a *Constituição Dogmática Pastor Aeternus*, e preferiam uma espécie de fórum de decisões do estilo colegiado. A Constituição foi promulgada na quarta sessão do concílio, em 18 de julho de 1870, pelo Papa Pio IX. A parte dispositiva do documento tem o seguinte teor:

O Romano Pontífice, quando fala "ex cathedra", isto é, quando no exercício de seu ofício de pastor e mestre de todos os cristãos, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, define uma doutrina de fé ou costumes que deve ser sustentada por toda a Igreja, possui, pela assistência divina que lhe foi prometida no bem-aventurado Pedro, aquela infalibilidade da qual o divino Redentor quis que gozasse a sua Igreja na definição da doutrina de fé e costumes. Por isto, ditas definições do Romano Pontífice são em si mesmas, e não pelo consentimento da Igreja, irreformáveis. (DH 3074 )

Novamente estava em jogo uma dupla consequência. Por um lado o documento era da ordem exclusivamente da fé e da moral, mas poderia ser moral a invasão das propriedades da Igreja? Acentuava-se aí o dilema e a disputa da Questão Romana, sobre a administração dos Estados Pontifícios e a unificação italiana sob Victor Emanuel.

A *Questão Romana* só se resolveria com o Tratado de Latrão, em 1929, assinado entre Benito Mussolini e Pio XI, com alguma vantagem financeira a título de indenização para o Estado do Vaticano. Dinheiro esse que seria utilizado para a criação da Rádio Vaticano, mas aí já se está fora do período que interessa ao estudo, pois esse fato não influenciou a obra de Machado de Assis.

## 2. DESENVOLVIMENTO DA IGREJA NO BRASIL: PADROADO, ULTRAMONTANISMO E A *QUESTÃO RELIGIOSA*.

*Os nossos ofícios e mais festividades estão longe de oferecer a majestade e a gravidade imponente do culto cristão. São festas de folga, enfeitadas e confeitadas, falando muito aos olhos e nada ao coração. (Machado de Assis)*

O desenvolvimento da Igreja na América está intimamente ligado ao próprio conceito de descobrimento e de processo civilizatório. Num primeiro momento foi realizada uma Evangelização por sujeição, e o próprio papa Bórgia disse: “*submetam-se as nações bárbaras*” (Alexandre VI). Realizaram-se também sistemas de Catequese em troca de trabalho, mas foram as *Reduções* (aldeamento de índios sob a administração de missionários) as mais importantes experiências civilizatórias na América, das quais se destacam as Reduções jesuíticas do Paraguai.

Houve quem defendesse uma *guerra contra a barbárie* e quem defendesse a humanidade dos índios. Estabelece-se o sistema de padroado que consolida a cristandade colonial e que consistia na quase total dependência da ação da Igreja na América ao poder civil instituído. Evidentemente que esses dois setores da sociedade nem sempre estavam de comum acordo com as necessidades existentes e por isso a disputa política era uma realidade constante. Temas como a escravidão negra, por exemplo, eram tratados de formas diversas por setores eclesiásticos diferentes, desde aqueles que a consideravam uma conquista em relação à escravidão dos índios até os que defendiam a sua incompatibilidade com um Estado Católico. A vida de Frei Bartolomeu de las Casas<sup>26</sup> ou os ensinamentos do papa Paulo III<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Frei Bartolomeu de las Casas (Sevilha, 1474 — Madrid, 17 de julho de 1566) foi um frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas (México) e grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Possui vasta obra dentro da qual se destacam: *Historia de las Índias* e *De unico vocationis modo* (ou *Del único modo de atraer a todos los pueblos a la verdadera religión*).

<sup>27</sup> O Papa Paulo III na Bula *Veritas Ipsa*, de 1537, diz que: “*Nós outros, pois, que ainda que indignos, temos as vezes de Deus na terra, e procuramos com todas as forças achar suas ovelhas, que andam perdidas fora de seu rebanho, pera reduzi-las a ele, pois este é nosso ofício; conhecendo que aqueles mesmos Índios, como verdadeiros homens, não somente são capazes da Fé de Cristo, senão que acodem a ela, correndo com grandíssima prontidão, segundo nos consta: e querendo prover nestas cousas de remédio conveniente, com autoridade Apostólica, pelo teor das presentes letras, determinamos, e declaramos, que os ditos Índios, e todas as mais gentes que daqui em diante vierem à notícia dos Cristãos, ainda que estejam fóra da Fé de Cristo, não estão privados, nem devem sê-lo, de sua liberdade, nem do domínio de seus bens, e que não devem ser reduzidos a servidão. Declarando que os ditos índios, e as demais gentes hão de ser atraídas, e convidadas à dita Fé de Cristo, com a pregação da palavra divina, e com o exemplo de boa vida* [grifo meu].” Disponível em

comprovam que havia, dentro dos mais altos quadros da Igreja, o desejo de uma catequese evangélica nos moldes propostos pela Sagrada Escritura e se mais não foi feito, também foi por culpa das circunstâncias em que se deram as colonizações.

Especificamente no Brasil, a Igreja sempre se colocou sob a proteção do Estado, o que foi chamado de regalismo ou padroado régio. Primeiro, porque essa era a relação da Igreja com Portugal. Depois, porque foi assim que o Brasil fora catequizado, com padres e missionários associados ao Estado, que tinha por missão o salvacionismo católico, isto é, a consciência de que todos os povos pagãos precisam escutar a anúncio da boa nova da salvação em Jesus Cristo, como fala a carta de Pero Vaz de Caminha<sup>28</sup>. A primeira grande missão de todas as campanhas expansionistas deveria ser a divulgação da mensagem cristã seguindo o preceito de Mc 16,15 (e seus paralelos): *“Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura”*.

Todo o período colonial brasileiro foi vivido pela Igreja com um misto de absoluta liberdade em relação à Europa, pela distância e pela dificuldade de comunicação, excetuando-se talvez aí as missões jesuíticas, especialmente com os índios do sul, e total cerceamento, pois os padres tinham um papel muito específico a cumprir: a educação e a orientação religiosa da colônia. É bem verdade que alguns expoentes, como o padre José de Anchieta, se destacaram no seu serviço apostólico. Outros tantos, como o padre Antônio Vieira participaram da vida cultural do país em formação, fosse pela literatura fosse pelos movimentos políticos, o que demonstra que no Brasil o clero sempre teve uma função e uma auto-consciência distintas.

No período que precede a independência nacional, a relação entre Brasil e Roma deve ser entendida na medida das profundas modificações que ocorrem de lado a lado. Roma saíra do domínio francês de Napoleão no início do século XIX e uma das suas maiores preocupações era o estabelecimento da autonomia estatal, desta forma desconfiava de qualquer novidade de ordem social, condenando peremptoriamente movimentos republicanos,

---

<[http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=decretos&artigo=veritas\\_ipsa&lang=bra](http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=decretos&artigo=veritas_ipsa&lang=bra)> Acesso em 04/10/2009 às 11:34h

<sup>28</sup> Diz Caminha ao Rei D. Manuel, na carta: *“Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. E portanto, se os degredados que aqui hão-de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão-de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cumho que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim. [...] E, segundo que a mim, e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos vian fazer, como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar, porque já então terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dois degredados, que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungaram ambos.”* (apud CASTRO, 1996, pp. 94 e 96)

reivindicações sociais e o liberalismo. Já no Brasil, o movimento se dava em sentido contrário, visto os livros iluministas estarem entre os mais lidos da parca elite cultural nacional, mesmo entre os membros da hierarquia. Havia uma grande autonomia do clero brasileiro em relação ao poder papal e mesmo os bispos se colocavam em pé de igualdade com o bispo de Roma, como sucessores dos apóstolos. Tudo isso ocorria antes do movimento de romanização do clero e do pontificado de Pio IX, evidentemente. Mesmo livros que eram proibidos pelo Vaticano foram admitidos abertamente no ensino dos seminários nacionais.

No momento da independência brasileira ocorre uma crise entre o Brasil e Roma, visto essa colocar condições para reconhecer D. Pedro I como chefe supremo da Igreja no Brasil. Isso demonstrava uma diferença clara da concepção em relação ao padroado régio entre a Sé de Roma e a Sé do Império brasileiro. D. Pedro via sua função de chefe da Igreja no Brasil como inerente ao papel do poder absoluto do rei, já Roma o entendia como uma concessão, um privilégio em vistas da função da evangelização dos territórios conquistados. É fato que:

Pedro I achava mais fácil o Brasil separar-se de Roma do que o imperador deixar de exercer sua autoridade soberana em assuntos religiosos. A ideia era compartilhada também pela maioria do clero, que parece nem ter percebido o alcance do plano reformista de Feijó, mesmo que a consequência fosse o estabelecimento de uma Igreja nacional. Na resistência da minoria, encabeçada pelo bispo da Bahia, percebe-se a expressão de uma nova mentalidade, que vai tomar corpo aos poucos, a chamada romanização do catolicismo brasileiro. (FRAGOSO, 1992, p. 78)

Na prática, havia uma Igreja muito peculiar no Brasil, que foi se autogestando e autoalimentando dentro de um ambiente com características próprias. Algumas atitudes praticadas pelo clero nacional são somente compreendidas dentro desse espírito regalista e autônomo da Igreja nacional. A relação com o celibato, por exemplo, ainda que fosse um dispositivo de prática pastoral da Igreja desde o século IV<sup>29</sup>, com muita liberalidade era tolerado de forma aberta pela sociedade, por mais esforços que se realizassem nesse sentido, como por exemplo as regras das reformas gregorianas. Diz Hugo Fragoso sobre o assunto que:

Quanto ao problema do celibato, de cujas violações continuamente se fala, é de notar primeiramente que não se tratava de ‘ter um filho no anonimato dos bastardos. Era construir família enormes, criá-las dentro de casa, a mulher

<sup>29</sup> No Sínodo de Elvira, em 303, já era definido a proibição, nem sempre cumprida, para bispos, presbíteros e diáconos de que: “*se abstenham das suas esposas e não gerem filhos; quem porém, o fizer deve ser afastado do estado clerical*” (DH 119)

aparecendo na sala de visitas, os meninos chamando de padrinho'. Estes padres davam seu nome aos filhos, pois não eram eles simples 'bastardos', que só tivessem o sobrenome da mãe. Deviam ser criados em igualdade de condições com as melhores famílias do lugar. E estes mesmo padres, apesar das suas fraquezas no que se refere ao celibato, foram ao mesmo tempo 'professores, filantropos, juizes de paz entre os pobres, compadres generosos de meio mundo, com uma feição de pai perante as massas'. E era voz corrente o seu zelo apostólico e sua bondade pastoral. (FRAGOSO, 1992, p. 193)

O que vem ao caso não é simplesmente se os padres brasileiros deveriam ou não manter o celibato sacerdotal ou o sinal profético<sup>30</sup> que ele tem o dever de representar perante o povo de Deus, mas a não vivência desse aspecto tão essencial do catolicismo, de forma tão ampla, generalizada e aceita pela sociedade de então, demonstra um distanciamento da ação da Igreja no Brasil em relação às orientações de Roma. Não poucos foram os padres que se tornaram célebres e que tiveram filhos, caso do Padre José Martiniano de Alencar, pai do escritor José de Alencar<sup>31</sup>. O que provava que a sociedade patriarcal, no Brasil do século XIX tinha realmente muita força, visto ser sempre o pai, ou quem estivesse nesse lugar da família, quem escolhia os destinos dos filhos, nem sempre respeitando as vontades de cada um. O regente Feijó, que era padre, chegou a propor uma Igreja católica nacional na qual o celibato sacerdotal na fosse elemento vital.

Outro aspecto que chama atenção sobre a constituição da Igreja no Brasil, no século XIX é o seu convívio com a escravidão. Se era fato que padres e até mesmo dioceses mantinham escravos, é notável o combate público, em textos, sermões, cartas, etc., contra essa abominável prática que sustentava a economia do país. O clero não se revoltava unanimemente contra a prática escravagista, já que o chefe supremo da Igreja no país era o Imperador, primeiro interessado em manter a ordem econômica da nação. Porém muitas vezes se levantaram contra essa chaga social e anti-cristã, como a de D. Viçoso, Bispo de Mariana que disse em circular a seus párocos: “[...] *quem é amigo da paz e do verdadeiro bem da nação deve estar firme nestes sentimentos [antiescravagistas] que a razão e o cristianismo nos ensinam*” (CHRONICA RELIGIOSA, Ano II, n 51, apud BEOZZO, 1992, p 163) . Assim como o importante bispo de Mariana, outros tantos se levantaram contra a escravidão nas suas dioceses, exortando os fiéis a alforriarem seus escravos.

<sup>30</sup> Isto é, aquilo que sobrenaturalmente pode ser visto na vocação sacerdotal através do estado de vida do celibatário que imita o gesto de Jesus Cristo casto, que tem como único amor o Pai. Do ponto de vista da doutrina dos sacramentos, o celibato, mais do que uma atitude pastoral, que o é também, é um sinal profético, pois apresenta na terra a forma de vida que será experimentada na eternidade, visto que lá *nem eles se casam, nem elas se dão em casamento* (Cf. Lc 20,28-36).

<sup>31</sup> Machado de Assis não se furtou a representar esse tipo de relação social na qual o sacerdote possui filhos. Talvez o caso mais famoso seja o que se encontra no conto *Um homem célebre*, no qual o narrador diz que Pestana, personagem principal da narrativa, era, segundo alguns, filho do padre o criara e que havia lhe deixado uma herança e o gosto pela música.

Por conta da visita de Joaquim Nabuco, abolicionista ilustre e amigo de Machado de Assis, ao papa Leão XIII no início de 1888, o sumo pontífice escreveria uma encíclica dirigida aos bispos do Brasil a favor da abolição, *In plurimis* de 05 de maio de 1888. Mais uma vez a relação entre Estado e Igreja no Brasil atrapalhou a plena manifestação das intenções do vigário de Cristo, pois, sendo um documento de um chefe de Estado, a carta precisaria ser autorizada para ser recebida no Brasil. Nabuco, por sua vez, entusiasmado com a audiência e a intenção de Leão XIII de escrever a favor da abolição, mandou uma correspondência para o jornal *O país*, na qual afirmava que essa era a intenção do papa. O gabinete conservador conseguiu atrasar a publicação da carta, que acabou chegando após o dia 13 de maio, quando já estava abolida a escravatura. Nela o papa dizia, entre outras coisas, que:

Entre tantas misérias, devemos vivamente deplorar a escravidão à qual, há muitos séculos, está sujeita uma parte considerável da família humana, esmagada na mais sórdida abjeção, contrariamente a tudo o que Deus e a natureza, desde o início, estabeleceram e instituíram. O Autor supremo do universo conferiu ao homem, como rei da criação, o domínio sobre os seres animados e inanimados. De modo algum, porém, o autorizou a exercer qualquer dominação sobre seus semelhantes. Deus permita que os que detêm a autoridade e poder, os que desejam salvaguardar o direito das gentes e da humanidade, se empenhem, com o maior ardor, em reprimir, impedir e abolir o tráfico de escravos e a sua infame e inimaginável ignomínia. (LEÃO XIII, *In plurimis*: Carta aos Bispos do Brasil, 5 de maio de 1.888, n3<sup>32</sup>)

Após a assinatura da Lei Áurea, Leão XIII enviaria uma rosa de outro para a princesa Isabel, como gesto de reconhecimento da atitude humanista que ela tinha tomado. Polêmicas a parte, talvez o grande assunto que colabora com a consciência da relação entre Estado e Igreja no Brasil seja justamente a vida das irmandades. Segundo o *Dicionário do Brasil Imperial*, uma irmandade era:

Exemplo do catolicismo herdado do período colonial, as confrarias eram associações corporativas organizadas por leigos e sediadas nas igrejas. [...] Podiam reunir membros de diferentes origens sociais, estabelecendo solidariedades verticais, mas também servir como associações de classe, profissão, grupo étnico ou cor. (DICIONÁRIO do Brasil imperial, p. 390)

<sup>32</sup> Assim como muitos textos da tradição católica, as encíclicas papais são citadas pelo seu nome original, geralmente em latim e o respectivo parágrafo onde se encontra a passagem referida. Esta citação está disponível em: <[http://www.iphs.org.br/arquivos/arquivoinf\\_2008-09-181221768042.pdf](http://www.iphs.org.br/arquivos/arquivoinf_2008-09-181221768042.pdf)> e a carta na íntegra em inglês ou italiano se encontra disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/leo\\_xiii/encyclicals/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/index_po.htm)> acesso em 10 out 2009.

As irmandades tinham foro misto, pois eram associações civis e religiosas, o que gerava um problema no aspecto de quem as regularia. Essas pequenas – ou nem tão pequenas – comunidades de fiéis se reuniam em torno de um objetivo comum, como celebrar a festa do santo padroeiro, de Jesus ou da Virgem, e para tanto se organizavam, angariavam fundos e se tornavam propagadoras de alguns pensamentos. Quanto mais bonita e requintada era a procissão ou festa, mais prestígio obtinha aquela irmandade e seus membros. Muitas vezes, as irmandades se multiplicavam, ainda que tivessem uma religiosidade supersticiosa e anticlerical, caindo em paganismos públicos e tendo entre alguns de seus principais representantes líderes maçônicos (condenados por Pio IX em 1865). Estavam à parte da Igreja Católica – como poder centralizador e regulador de atividades – e eram, muitas vezes, heréticas, pagãs ou, simplesmente, associações com intenções políticas sob o título ou estandarte de algum santo. Evidentemente que havia várias irmandades que mantinham o objetivo primeiro do evangelho e se colocavam à disposição e com total obediência à Igreja. Eram verdadeiras auxiliaadoras no trabalho de caridade, saúde, educação, etc. O governo brasileiro tinha uma política de controle dos seminários, inclusive vetando a entrada de novos seminaristas por muitos anos ao mesmo tempo em que motivava a vinda de congregações religiosas que pudessem auxiliar no atendimento que deveria ser prestado pelo Estado, este é o caso do Lazaristas que foram trazidos para o país. De qualquer modo, compreende-se o interesse do Estado no funcionamento das irmandades pois

Algumas irmandades e ordens terceiras muito poderosas atuavam como importantes casas de caridade para a população pobre através de seus hospitais, esmolas, alimentos, atendimento às crianças necessitadas, suprimindo a ausência do Estado imperial nessa função. (DICIONÁRIO do Brasil imperial, 2002, p. 390)

Assim, como em vários outros pontos da relação de padroado régio no Brasil, a existência das irmandades substituíam a necessidade da ação direta do Estado, que não despenderia recursos para uma determinada demanda. Era cômodo para a administração pública, não interessando se essas associações eram ou não fiéis aos princípios do evangelho, à doutrina da Igreja, ou sequer se acreditavam em Deus. O sincretismo religioso era outro problema para manter uma irmandade, que em última análise era uma face da Igreja católica, fiel à doutrina e testemunho para as pessoas. Sob as cores de um determinado santo, por

exemplo, os negros acomodavam as suas próprias crenças e práticas, como descreve o *Dicionário do Brasil Imperial*:

[...] as irmandades negras expressavam a dinâmica da recriação das identidades étnicas trazidas da África, pois se muitas vezes as diferenças entre irmãos que se identificavam como angolas, nagos, jejes e crioulos podiam ensejar conflitos, estimulavam também a construção de alianças interétnicas [...] (p. 391)

Sendo importantes centros de difusão da cultura e da identidade negra no Brasil, as irmandades tangenciavam o seu papel original para cumprir outro, justamente porque não podiam ser reguladas apenas pela Igreja de Roma.

Neste ponto se torna interessante fazer uma breve descrição das atividades religiosas do país e suas manifestações. Visto que Machado de Assis criticará justamente a forma como, no Rio de Janeiro, são vividas as festas religiosas. A religiosidade popular no Brasil do século XIX é herdeira direta da época colonial. O fato de se estar afastado do centro de irradiação da fé tornava cada manifestação menos uma experiência de unidade com Roma e mais um ato quase folclórico e nacional. Tinha, fundamentalmente, origem nas crenças medievais trazidas pelos colonizadores que aqui foram se miscigenando com a cultura negra e a indígena. Era uma religiosidade que se passava mais em família do que através dos membros do clero, muitas vezes ausente em determinado lugar. Por isso era uma religiosidade toda voltada para o sensível através de fitas, medalhas, rosários, bentos, patuás e imagens que eram objetos que podiam fazer lembrar a presença de Deus naquele lugar. Sobre a função do clero nesse momento, João Fagundes Hauck diz que:

O papel do padre era relativamente pouco importante nesta religiosidade assentada sobre instituições e lideranças leigas; rezadores, benzedores, imagens milagrosas e objetos protetores tinha poder suficiente para resolver quase todas as situações.

Não são unânimes nem bastante definidos os conceitos de religiosidade e do catolicismo popular. Riolando Azzi procura caracterizar o catolicismo brasileiro: luso-brasileiro, medieval, leigo, social, familiar. (HAUCK, 1992, p. 112)

Numa sociedade onde o clero não era valorizado, entende-se a pouca preocupação da hierarquia local na formação de seus quadros. Situação que mudará a partir da ação de bispos como D. Viçoso, D. Vital, D. Antônio Macedo, etc.. A substituição dos sacramentos pelas devoções se dava pela facilidade de vivência da devoção, que tinha pouca exigência e servia

mais prontamente às necessidades das pessoas. Confissão e comunhão eram sacramentos raros fora da época da páscoa e o batismo era visto muito mais uma inserção social do que uma entrada no corpo místico de Cristo. Por essas razões e outras tantas, diz Hauck que:

Catolicismo popular seria aquele em que as constelações devocional e/ou protetora superam as constelações sacramental e evangélica; as relações homem-sagrado tornam-se diretas; é o que se poderia chamar de catolicismo privatizado. (HAUCK, 1992, p. 113)

Por isso a missa não era o centro da fé dos católicos brasileiros, sendo um evento muito mais social do que espiritual. Colaborava para isso a forma da celebração, com o padre de frente para o altar, celebrada em latim, etc., mas não era somente isso o que fazia o povo se distanciar do sacramento da eucaristia. Mais importante que a missa, pode-se dizer, eram as orações feitas em família, ou entre os escravos antes e depois do trabalho, que além de tudo serviam de marcação de presença do escravo, ou mesmo em alguns nichos reservados a santos nas ruas. O ponto alto eram as procissões, que mais pareciam folguedos de festa do que manifestações religiosas. Era uma grande mistura de cores e estandartes ricamente vestidos e ornados. Cada grupo era rigorosamente separado por classes sociais, cores, etc.<sup>33</sup>. Tudo era motivo para procissão, mesmo a passagem do viático sendo levado para algum doente gerava nas pessoas comoção suficiente para arrastá-las atrás de si ou carregando uma das varas do pálido, o que dava certo *status* social, como podemos ver no capítulo XXX de *Dom Casmurro*, que comentaremos a seguir. Malhação do Judas em sábado de aleluia, fogueira de São João Batista, procissão do Divino, mesmo fora da festa de pentecostes, mais toda uma gama de festas vinculando Nossa Senhora e o Bom Jesus a algum lugar geográfico eram comuns e dependiam menos do clero e mais das irmandades de leigos. Não se pode negar também a existência de práticas impostas pelo Estado para sacralizar acontecimentos civis e dar a autoridade caráter sacral. As festas, e as irmandades por extensão, traziam ainda um caráter de dar autoridade para alguns grupos e pessoas que por alguma razão as merecessem, fosse como presidente da irmandade por ser o mais rico da região, ou o rei da festa escondendo a origem

<sup>33</sup> É exemplar disso o capítulo II do romance *Lucíola* de José de Alencar, quando Paulo e Sá encontram Lúcia na Festa da Glória. Diz Paulo, que é o narrador: “Para um provinciano recém-chegado à corte, que melhor festa do que ver passar-lhe pelos olhos, à doce luz da tarde, uma parte da população desta grande cidade, com os seus vários matizes e infinitas gradações?

*Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilarão em face de mim, roçando a seda e a casimira pela baeta ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras exalações, o fumo aromático do havana as acres baforadas do cigarro de palha.*

— *É uma festa filosófica essa festa da Glória! Aprendi mais naquela meia hora de observação do que nos cinco anos que acabava de desperdiçar em Olinda com uma prodigalidade verdadeiramente brasileira.*” (2009, pp. 13-14)

real de algum negro ou índio que ali representava o seu próprio papel de direito e que fora destituído pelos brancos. Portanto, inúmeras vezes as festas religiosas não passavam de pretexto para manifestações que nada tinha de católicas, ou sequer de religiosas, mas eram simplesmente sociais.

Para todas as circunstâncias havia uma determinada bênção, que mais lembrava ritos mágicos do que religiosos e que eram amplamente aceitos inclusive pelos padres. Também as promessas para se conseguir alguma coisa era um expediente muito utilizado. A promessa que podia ser desde um conjunto de orações ou romaria a um determinado lugar até construção de uma capela, essa feita por pessoas mais abastadas, nas suas próprias casas.<sup>34</sup> Sobre esses costumes e a sua modificação diz Hauck que:

Espontâneas e sinceras manifestavam-se as expressões familiares e individuais de religião, mundo ciosamente defendido, pouco acessível e que nem mesmo o trabalho dos missionários vai conseguir modificar completamente.

Como presença dos europeus tornava-se cada vez mais frequente, as autoridades religiosas muitas vezes se acanhavam diante das críticas e tomavam medidas de “saneamento” da religião do povo; assim foi proibida em Olinda, em 1816, a dança de São Gonçalo de Amarante, santo casamenteiro; dançava-se a noite inteira na igreja do santo e muitos passaram a considerar a dança indigna do templo de Deus.

As festas eram a alegria do povo, sua quase única diversão; mas a mistura singela do sagrado e do profano, às vezes com danças que os europeus consideravam obscenas e indecentes, foi sendo criticada e combatidas por brasileiros [...] (HAUCK, 1992, p. 118)

Se havia a mistura do sagrado e do profano nas manifestações religiosas populares do país, também havia a mistura de duas atitudes: a festa e a penitência. A festa como marca de alegria e de possibilidade de exaltação dessa alegria, que no mais das vezes sequer estava vinculada a alguma crença, mas era o único espaço possível para se realizar e a penitência numa visão de culpa e de justiça divina. O Deus dos brasileiros não perdoava, castigava e todas as coisas ruins que aconteciam eram automaticamente associadas a esses castigos. Uma inundação, uma seca, uma peste, uma guerra era sempre seguida de novenas e procissões

---

<sup>34</sup> Aqui posso dar um testemunho pessoal, pois em 1998 estando em missão católica pelo interior do Estado me encontrava em Dom Feliciano, município de economia fumageira e colonização polonesa. Lá havia uma capela próxima a uma residência de um casal de idosos, ambos com mais de oitenta anos, era a Capela Santa Cecília, quando fomos questionar os moradores da região sobre o nome da capela, e, portanto, a origem da devoção à santa padroeira dos músicos, recebemos como resposta que o terreno fora doado pelo dito casal e que a esposa do dono da terra se chamava Cecília, motivo simples para dar nome ao lugar. Alguns anos mais tarde o mesmo casal doou outro pedaço de terras para a comunidade evangélica da região construir o seu templo, porque essa teria livrado o filho do vício do álcool, ficando a capela e templo lado a lado. A pequena história prova que em vários lugares ainda se possuem relações com a religiosidade da mesma forma que há muito tempo atrás e, mais, dá para se ter uma noção dessas manifestações religiosas olhando para as cidades do interior que ainda as mantém no cerne de sua vida social.

penitenciais para aplacar a ira divina. Muitas vezes se realizava uma curiosa forma de devoção: se trocavam os santos nas igrejas da cidade para *obrigá-los* a realizar o pedido coletivo (chuva, por exemplo) e enquanto não acontecia o necessitado eles ficam *fora de casa*. Após atenderem ao pedido, os santos eram levados em procissão a suas respectivas moradias.

Muitas devoções foram introduzidas no Brasil do segundo império com o intuito de aproximar a fé do povo aos sacramentos e dogmas da Igreja de Roma, num processo claro de romanização. A devoção a Maria, especialmente após a proclamação do dogma da Imaculada Conceição<sup>35</sup>, servia, entre outras coisas, para manter os brasileiros longe da influência dos migrantes alemães protestantes. A devoção das primeiras sextas-feiras do mês, introduzidas pelo Apostolado da Oração, na década de 1870, tinha a função de aproximar o povo do sacramento da eucaristia que era praticamente vivido apenas na época pascal.

Quando da Independência a constituição de 1824, no seu artigo 5º, fala de um *Estado Católico*, ainda que tolerante a outras formas de culto privado, e no artigo 95º fala sobre a necessidade de ser católico professo para se candidatar a cargos públicos. O padroado continuava, já passado o século das luzes e o Brasil tendo uma constituição *liberal*, sendo o sistema de relação entre a Igreja Católica e o Império brasileiro e dava ao Estado, à revelia da função centralizadora do Vaticano, direitos sobre a Igreja presente no país:

Considerando todos os quadros eclesiásticos como funcionários públicos; nomeando párocos; negando à Sé de Roma a possibilidade de receber recursos financeiros provenientes dos fiéis; limitando as funções episcopais [nomeação de párocos]; inibindo a criação de novas dioceses; possibilitando recurso de apelação aos magistrados seculares sobre decisões dos tribunais eclesiásticos; proibindo ordens religiosas de receberem noviços (1855); regulamentando seminários (1863); utilizando a paróquia como célula da vida civil e política; legislando sobre divisões eclesiásticas, conventos e associações religiosas, como as irmandades e interferindo em construções de igrejas e capelas, devoções e festas religiosas, o Estado imperial controlava totalmente os assuntos religiosos e eclesiásticos. (DICIONÁRIO do Brasil imperial, 2002, p. 348)

Houve uma reação do clero sobre esse tipo de postura da Igreja regalista, isto é, que se colocava sob a tutela do Estado, recebendo dele dividendos e, ao mesmo tempo sendo obrigados a colaborar (também financeiramente, com os *dízimos*, que eram pagos para o Estado e não iam para a Igreja Local ou a de Roma) com a instauração do poder civil. As paróquias, por exemplo, assim como as irmandades, passam a servir como pequenos núcleos administrativos do Império e é nesse contexto que se entenderão as ações de ordem política de

<sup>35</sup> Realizado em ato solene dirigido por Pio IX e através da *Carta apostólica Innefabilis Deus* do dia 8 de dezembro de 1854.

Antônio Conselheiro e Padre Cícero, visto haver uma identificação entre Igreja e Estado muito profunda e ao mesmo tempo confusa. Dessa forma, a Igreja do Brasil se afastava do seu motivo primeiro que era a geração de fiéis evangelizados. Surge aí a necessidade de se explorar um conceito surgido no século XIX: o Ultramontanismo.

Ultramontano (*ultramontanus*, em latim) era o nome dado a um papa eleito que tinha origem não italiana, portanto que vinha “além dos montes”. No contexto do Galicanismo, isto é, da ingerência do Estado francês na sede da Igreja, com o papado de Avignon, havia uma corrente que defendia a autonomia do papa em relação ao poder da França, portanto uma autonomia da sé que estava após os montes, em Roma. No século XIX esse termo passa a denominar aqueles que defendem o poder absoluto do papa, que deveria ficar em Roma, logo “além dos montes”. Assim foi que, no princípio do século XIX, houve uma série de conflitos entre a Igreja e o Estado em toda a Europa e América Latina. Nesses conflitos, aqueles que tomaram o partido da Igreja em relação a sua independência frente ao Estado, qualquer que fosse esse Estado, foram chamados de ultramontanos. Desde os documentos de Gregório XVI, mas principalmente com Pio IX, a Igreja de Roma foi centralizando sua consciência de necessidade de separação da Igreja do Estado e da autonomia que a primeira deveria exercer em relação ao segundo.

Essa postura era encontrada mais naqueles sacerdotes que tinham uma formação romanizada ou porque foram enviados para os seminários especialmente criados para atender jovens latino-americanos ou porque seus bispos os motivavam e os fomentavam a uma maior vinculação com o romano pontífice. O limite extremo do ultramontanismo foi a declaração, durante o Concílio Vaticano I, em 1870, da infalibilidade papal, como já foi referido no capítulo anterior.

Evidentemente que surgem problemas entre os padres formados pela “tradição” católica nacional e os formados dentro da mentalidade ultramontana. Os primeiros haviam aprendido a ser sacerdotes dentro de uma ideia completamente única: o padroado régio. Por essa razão, não viam os problemas que podiam existir em relação às irmandades repletas de cultos afro e maçons declarados, ou ainda em relação com o celibato sacerdotal ou liturgia realizada de forma muito diferente das rubricas tridentinas. Eram mais administradores paroquiais – e o conceito de paróquia aqui pode ser expandido bastante, não somente como espaço habitado pelos fiéis, mas também região de confluência social que precisa ser administrada – do que efetivamente pastores de almas. Por outro lado, os sacerdotes ultramontanos estavam atentos para a romanização da Igreja do Brasil, já que pela sua situação sequer as determinações do concílio de Trento haviam sido devidamente implantadas

na formação dos sacerdotes nacionais. Romanizar significava modernizar, dentro daquilo que era considerado modernização pela Igreja de Roma, porém gerava toda uma ordem de conflitos internos no país. Segundo o Dicionário do Brasil Imperial:

A aproximação da liderança eclesiástica no Brasil com a Igreja romana implicava a observância dos princípios defendidos pela cúria pontifícia então envolvida numa campanha política e ideológica contra o liberalismo, o racionalismo, o protestantismo e a Maçonaria. Esta perspectiva de pensamento católico conservador – também conhecido como ultramontanismo –, defendida por cada vez mais representantes da elite eclesiástica no Brasil, iria provocar uma série de crises entre o poder religioso e as autoridades liberais e os líderes leigos das irmandades, expressando os impasses em torno da definição e dos sentidos do catolicismo no Brasil no século XIX. (DICIONÁRIO do Brasil imperial, 2002, p. 660)

Cada vez mais se distanciavam as duas posturas e fica mais e mais claro que era necessário dividir as funções entre Estado e Igreja. Era necessário que o clero fosse, como outrora, a vanguarda intelectual e não simplesmente administradores, especialmente para zonas distantes e rurais, de arraiais e lugarejos. Ganha força a visão que pensava que ser preciso separar as coisas. Só que um problema religioso sempre foi um problema social, assim mostrava a história, já que todos os grandes concílios da antiguidade foram realizados dentro de contextos de conflitos sociais, brigas e combates públicos. É impossível simplesmente separar Estado e Igreja, já que os homens de Estado possuem – ou não – uma religião e os homens de Igreja estão, necessariamente dentro do Estado. Portanto, na segunda metade do XIX, momento de maior atuação de Machado de Assis, podemos perceber que existe uma dupla vivência clerical no Brasil, já que o clero precisa obedecer ao Papa, que defende uma autonomia da Igreja em relação aos Estados, mas não pode desobedecer ao Imperador que tem a autoridade máxima da Igreja no Brasil e acha que a Igreja precisa estar subordinada ao Estado. E mais uma vez se percebe que o Império brasileiro era feito de um sentimento de dialética em vários setores e não somente no econômico. Trabalho e escravidão talvez seja a dimensão mais relevante da vida social do país, e certamente acaba por ser a mais atraente, já que foi profundamente estudada<sup>36</sup>, mas padroado e ultramontanismo é também uma dupla importante para entender a dinâmica social nacional.

Por outro lado, fora da Igreja – nos setores civis – também se queria a divisão do Estado e da Igreja, o que acontecerá somente após a Proclamação da República em 1890,

<sup>36</sup> Para esse tema, conferir Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas e Um mestre na periferia do capitalismo*; Machado de Assis, e Paulo Arantes, *Sentimento da dialética*.

numa lei de Rui Barbosa. O império via na Igreja uma forma de manter o povo unido ao Estado e por isso não atendia nem a uma postura nem a outra que queriam a divisão, por motivos diversos.

A república, ademais de uma revolução civil, foi um forte golpe na Igreja. Hugo Fragoso diz que:

[...] aos olhos dos eclesiásticos de então a monarquia era sinônimo de ordem e autoridade, enquanto que os ideais republicanos eram vistos como uma espécie de subversão, tendo como promotora sobretudo a maçonaria. (FRAGOSO, 1992, p. 152)

Ou seja, no Brasil, para o clero, ruim com a monarquia, pior sem ela. Era uma verdadeira corda-bamba política para se equilibrar e permanecer realizando a missão evangélica. É nesse contexto que ocorre a *Questão Religiosa* no Brasil, oriunda de um processo de romanização, que desejava vincular o clero nacional mais fortemente à Sé de Roma.

A partir de um problema com a Maçonaria (e a suspensão do padre que escrevera um discurso para elogiar o grão-mestre visconde do Rio Branco) é trocado o Bispo de Olinda, assumindo Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, formado na França e ultramontano, que fora sagrado bispo aos 26 anos de idade. O novo bispo começa, em artigos no jornal *A união*, a criticar os maçons e os protestantes e termina por proibir a participação de padres em cerimônias maçônicas. Os problemas se acentuam de parte a parte até que o bispo, recusando levantar o interdito sobre as irmandades que abrigavam maçons, baseado em um documento do papa e desconsiderando o fato de as irmandades terem foro misto, não podendo ser dissolvidas *apenas* pela Igreja e sem o beneplácito do imperador, é acusado de subversão civil e ataque frontal ao poder do Estado e à soberania nacional. O bispo acabará por ser preso e julgado culpado, juntamente com D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará. D. Vital não se defendeu de nenhuma das acusações feitas contra si por não reconhecer o foro civil como legítimo para julgar um caso interno da Igreja. A condenação a quatro anos de trabalhos forçados vai gerar uma comoção nacional (que junta mais de 100 000 assinaturas) além de algumas revoltas como a *Quebra-quilos*. Aqui se percebe a fragilidade das relações entre Estado e Igreja no Brasil como apresenta Fragoso:

Mas a *Questão Religiosa* é sobretudo o conflito do Estado com a Igreja do Estado. O governo imperial pelo padroado régio transformara a religião

católica numa espécie de Departamento do Estado. Por outra parte, os liberais afirmavam que a religião católica tinha transformado o Brasil num 'estado da Igreja'. (FRAGOSO, 1992, p. 153)

Em 1875 o imperador concedeu anistia aos bispos, mas a *Questão Religiosa* deixou marcas profundas: acirrou a relação da hierarquia da Igreja com o Estado (numa atitude ambígua do clero nacional, cindido entre si em duas facções, a que queria independência e liberdade e a que não queria perder os privilégios que dispunha). Para os anticlericais ficou evidente a necessidade de separação da Igreja e do Estado. Para o povo, a condenação de dois bispos foi um ato de grande impiedade. Para todos ficou clara a fraqueza do imperador D. Pedro II, o que, entre outros fatores, levaria ao declínio do império poucos anos mais tarde.

A imprensa católica também merece destaque, visto ter sido com parte dela que Machado de Assis discutiu publicamente numa situação bastante pontual, mas que acaba sendo tomada pela crítica como exemplo de anticlericalismo machadiano. Pode-se perceber três momentos da imprensa católica no século XIX, no Brasil. Um primeiro que, estando ligado à formação da identidade nacional, acaba por mesclar ao pensamento católico ideias políticas e liberais. Gradualmente é que essa imprensa vai se especializando na defesa da doutrina católica e realizando a sua apologia. No princípio do segundo reinado, até fins da guerra do Paraguai, percebe-se um segundo momento. Nele se destaca a *adesão à verdadeira Igreja de Cristo* nos dizeres da época. É uma imprensa para fazer pastoral e doutrinar o povo. É desta época a *questão Kelly*, o caso do protestante vendedor de Bíblias que, cumprindo sua missão evangélica, quase foi linchado por populares e recorreu à política e à constituição que garantia o direito à liberdade de culto. Parte da imprensa católica foi absolutamente favorável ao povo que estava defendendo a verdadeira fé cristã, ameaçando o protestante de linchamento, como o ultraconservador jornal *A cruz*. O terceiro momento da imprensa católica no Brasil se dá a partir de 1870 com a defesa pública dos dogmas católicos – como o da infalibilidade pontifícia, visto nesse momento já ter se encerrado o Concílio Vaticano I – e o combate contra as ideias da maçonaria. O jornal *A União* definiria assim a situação da imprensa católica em 1872:

Só a religião não tem podido até hoje ser competentemente representada na imprensa em nosso país. Alguns jornais que se consagraram aos interesses religiosos, porque são poucos e efêmeros, não podem produzir todo o bem desejável. (CHRONICA RELIGIOSA, Ano IV, n. 38. apud BOEZZO, 1992, p. 215)

Com a proclamação da república houve, logo em seguida, o estabelecimento de leis que gerissem de forma mais sóbria e isenta a relação entre Estado e Igreja, ainda que, por conta da história do país, a Igreja tenha recebido, neste momento, alguns privilégios, talvez como compensação, mas que na verdade a deixavam sempre em situação embaraçosa. Deodoro da Fonseca promulga a o *Decreto n° 119-a, de 7 de janeiro de 1890*, que trazia em seus artigos, colocado aqui em texto original, entre outras coisas, os seguinte artigos:

Prohíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias.[...]

Art. 4º Fica extinto o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerogativas. [...]

Art. 6º O Governo Federal continúa a prover á congrua, sustentação dos actuaes serventuarios do culto catholico e subvencionará por anno as cadeiras dos seminarios; ficando livre a cada Estado o arbitrio de manter os futuros ministros desse ou de outro culto, sem contravenção do disposto nos artigos antecedentes.

Chama atenção o fato de, mesmo extinto o padroado, o governo federal ainda manter o pagamento das despesas (côngrua) do clero, ainda que esta não fosse a única religião do país, mas de certa forma a religião oficial. Nesse momento percebe-se uma modificação na formação do clero brasileiro, que passa a valorizar e demonstrar um grande empenho intelectual. É como se a reação à perda de poder institucional fosse um fator desacomodador para a Igreja, que precisava, agora sim, provar que era importante, útil e ativa pela sua própria constituição e missão e não porque servia ao Estado. Paradoxalmente, o Brasil, que da sua descoberta até 1890, tinha criado tão somente 13 dioceses, entre a proclamação da república e 1930 criará mais 56, o que mostra que houve um forte desenvolvimentismo eclesiástico no Brasil, pois para cada diocese surgida era necessário um bispo capaz de administrá-la. Sérgio Miceli, no seu estudo sobre *A elite eclesiástica brasileira* na república velha, diz que:

O perfil social do episcopado brasileiro ao longo da República Velha traduz, de um lado, o empenho na consolidação da máquina organizacional através da imposição de linhas hierárquicas de comando e autoridade, e, de outro lado, viabiliza tais metas organizacionais por meio de sólidas alianças com setores oligárquicos. O intento de atrair ao corpo episcopal filhos de famílias ilustres da classe dirigente e a consagração de uma cota mínima de padres de origem humilde educados às custas do patrocínio eclesiástico, ou melhor, social e politicamente desamparados fora da organização, constituíram os princípios de composição dos altos escalões eclesiásticos que melhor pareciam se ajustar às pretensões de influência da Igreja nas circunstâncias

da época. Entre esses dois grupos, situam-se os descendentes de linhagens tradicionais cujas famílias se encontravam em estágio acentuado de declínio social e material, e aqueles poucos prelados recrutados nas ordens religiosas cuja ascensão à condição episcopal derivou dos interesses próprios dessas linhas frente a serviço das políticas pontifícias de romanização. (MICELI, 2009, p. 76-77)

Esse é o contexto da Igreja no Brasil na formação intelectual de Machado de Assis. Após isso houve, de fato, um apartamento da Igreja em relação ao poder do Estado e uma mudança nas posturas do Sumo Pontífice, em especial com o pontificado de Leão XIII (1878-1903) por ser o primeiro a escrever sobre as massas de operários no famoso documento de 1891, *Rerum novarum*.

### 3. ESBOÇO DE PERFIL FORMATIVO INTELECTUAL DE MACHADO DE ASSIS

*A descrença é explicação fácil e nem sempre sincera.  
(Machado de Assis)*

*Além desta vida há uma vida melhor. (Machado de Assis)*

O que sabemos da biografia de Machado de Assis é repleto de lacunas históricas, permeado por mitos dos mais variados teores por diversas razões, como a falta de documentação, a impossibilidade de comprovação de acontecimentos, a confusão feita entre o homem e a obra, etc.. Temos como exemplo disso a relação de Machado de Assis com Manuel Antônio de Almeida, descrita por Luís Viana Filho da seguinte forma:

Quando Machado conheceu Maneco Almeida era tipógrafo da Imprensa Nacional, mau tipógrafo [...] Conta-se aliás, que, dada a ineficiência do aprendiz, que além do mais, interrompia o trabalho para ler pelos cantos, o chefe da oficina se queixou ao diretor, a cuja presença Joaquim Maria foi levado. Maneco Almeida conhecera terríveis dificuldades financeiras, tivera de lutar com os credores ao tempo que sonhava com trabalhos literários, e tudo isso o fazia compreensivo e tolerante para com o torturado adolescente. De fato, bastou descobrir que o aprendiz ‘trazia inchados os bolsos do paletó’, tal o número de livros que carregava, para se tornarem amigos. O mau tipógrafo poderia ser bom poeta. E Maneco Almeida punha as letras muito acima da severidade de diretor. (VIANA FILHO, 2007, pp. 11-12)

Essa história recolhida de cartas e suposições da época, confirmada por Alfredo Pujol e Marques Rebelo, exemplifica o quanto um assunto pode estar soterrado sobre o mais proeminente escritor brasileiro. Uma consulta em documentos da época revelaria que Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida provavelmente não foram contemporâneos na Tipografia Nacional, visto o último ter lá ingressado em 1858 quando Machado de Assis já era um nome literário em circulação e com certa relevância, com mais de trinta trabalhos publicados. Pode ser que se conhecessem desde antes, porém, diz Magalhães Júnior: “Machado já se alteara demais e não tardaria a ser tratado por Maneco de Almeida como um companheiro, em pé de igualdade, na equipe de tradutores de *O Brasil Pitoresco*.” (1981, v. 1, p. 42)

Não seria diferente sobre um assunto tão controverso como o da religiosidade. Existem poucos trabalhos que tratam do tema direta ou indiretamente, tanto da vida do autor nesse aspecto, como a maneira que esse tema integrou a obra do autor. Contar essa história não tem interesse em descobrir o credo de Machado de Assis, mas, sim, visitar os lugares de influência e formação religiosa que forjaram o caráter e o intelecto do escritor fluminense. Também aqui é espaço de re-visitar algumas das biografias mais relevantes sobre o autor e tirar delas informações que possam ajudar a formar esse perfil intelectual-religioso do autor, o que justificaria o uso de um ou outro referencial na sua obra. É preciso lembrar sempre que um perfil é um tênue traço que ajuda a ter uma noção mínima de uma figura maior, mais profunda, mais complexa. A vida de Machado de Assis não pode ser reduzida a certo número de páginas como se essas páginas contivessem a verdade sobre alguém, mas essa história pode ajudar a desmitificar algumas posições consagradas pela crítica e, dessa forma, quantificar o tamanho de uma determinada influência na obra.

O primeiro fato relevante sobre a vida de Machado de Assis é justamente a condição em que se dá o seu nascimento. Pessoas muito pobres, na época em que nasce o futuro escritor, não se casavam, apenas passavam a morar juntos, em concubinato, situação que era amplamente tolerada, mesmo pelo clero da época, segundo Boezzo (1992). Isso pode demonstrar que Francisco José e Maria Leopoldina, pais de Joaquim Maria, não se encontravam na parte mais baixa da sociedade. Ou, se assim os pudermos considerar, deve-se levar em conta que algo os levou a buscar os sacramentos, do matrimônio do casal e do batismo do filho. Apesar de Francisco José ser mulato, e neto de escravos, era pintor decorativo, agregado à família de D. Maria José de Mendonça Barroso, sabia ler e escrever e chegou a assinar o *Almanaque Laemmert* por dois anos, demonstrando algum interesse cultural. Já a mãe de Machado de Assis, Maria Leopoldina, era de origem açoriana, pobre migrante, mas branca. Assim, Machado nasceu no morro do Livramento, propriedade de seus padrinhos e lá foi batizado e passou a primeira infância. A casa de D. Maria possuía, entre outros “cômodos”, uma capela – Capela da Senhora do Livramento –, que apareceria representada no texto *Casa Velha*, possivelmente evocada na memória do autor, pois o morro fora remodelado anos mais tarde e tudo que lá havia destruído. Talvez o fato de serem agregados levasse os pais de Machado de Assis a acolher e acatar a fé da dona das terras, o que não interfere nas conclusões desse estudo, pois, via família, via padrinhos, temos um ambiente religioso na base de formação do autor.

Então, pode-se estimar que Machado de Assis fora criado dentro das tradições religiosas da sua família, mesmo porque, a essa altura do patriarcalismo que era vivido no

país, não era normal nenhum filho ousar, de sua consciência, enfrentar a decisão de um pai ou mãe, sem com isso sofrer consequências, fossem elas terrenas ou espirituais. O fato de a dona das terras onde muitos moravam como agregados, inclusive a família Machado de Assis, ser profundamente devotada às coisas de Deus, levava todos na chácara a terem um certo respeito pelo tema. Valentim Facioli, inclusive, chega a dizer que:

A atmosfera vivida pelo menino foi intensamente religiosa. As igrejas constituíam centros de convergência, e comumente a vida social era marcada pelas festas e cerimônias promovidas pela Igreja católica. É possível que ele tenha mesmo ajudado missa<sup>37</sup>, porém improvável que chegasse a sacristão, pois muitos documentos já pesquisados nas igrejas não fazem qualquer alusão a isso. (FACIOLI, 1982, p. 9-10)

Que o ambiente em que se criou Machado de Assis era profundamente religioso é uma informação da qual não se tem porque questionar. Ainda que morasse na cidade do Rio de Janeiro, o futuro escritor vivia nos arrabaldes, na propriedade de uma senhora devota com capela em casa, e ainda sem o contato com o mundo que poderia fazê-lo questionar a presença de Deus. Já o fato de *ajudar missa* abre toda uma série de discussões, que não chegam a nenhum lugar concreto, porém pode-se refutar a afirmação de Facioli com a de Alfredo Pujol que afirma que:

Saído da escola pública, Joaquim Maria teve por preceptor o padre-mestre Silveira Sarmiento, e andou ocupado algum tempo no suave ofício de sacristão da igreja da Lampadosa. É de crer que sua mãe, alma simples, piedosa e cristã, tivesse influído para que lhe dessem aquele emprego. O espírito juvenil de Joaquim Maria encheu-se logo de uma harmoniosa impressão de religiosidade; exaltou-a, num excelso deslumbramento, o célebre sermão de S. Pedro de Alcântara, que a instâncias do imperador, pregou na Capela Imperial, em 1854, o sábio franciscano Monte Alverne, que a cegueira desde longos anos trazia arredado da tribuna sagrada. (PUJOL, 2007, p. 4)

Voltaremos a essa afirmação em breve, mas antes é preciso lembrar de algo que D. Hugo Bressane diz a respeito de Machado de Assis ter sido sacristão:

Quais de nossas freguesias possuem catálogo completo de seus Párocos, com as datas precisas? Quantas igrejas fornecerão a resenha de todos os seus

---

<sup>37</sup> Ajudar missa é um jargão típico da Igreja católica e significa servir de acólito na celebração eucarística, carregando alguns objetos sagrados, ajudando na purificação, respondendo às rubricas, etc.

Capelães? Se isso se dá a respeito de sacerdotes, que se há de dizer quanto a sacristães?

Uma perquirição nas obras de Machado de Assis descobrirá cabedal copioso para formosa antologia que se pudera com justeza apelar: ‘Florilégio de um sacristão’. (ARAÚJO, 1978, p. 14)

O argumento contra Machado ter sido sacristão é da ordem da ausência de informações que comprovem o fato. D. Hugo, porém, lembra, como bispo, isto é, administrador de diocese, que a ausência de documentos nas paróquias era, e é ainda, muito comum, portanto não servindo como argumento de refutação. Em que estava baseado Pujol? Numa tradição um tanto pitoresca, mas que para esse estudo faz sentido e se torna relevante. No final do seu argumento D. Hugo revelará a sua impressão de que o conhecimento de certos aspectos da vida religioso-litúrgica que aparecem na obra de Machado de Assis somente poderiam existir se ele tivesse ocupado um cargo dentro da Igreja, cargo esse de sacristão. Aqui se pode parar um pouco para uma reflexão. Muitos autores tiveram sua primeira formação em casa, numa época em que era natural se ensinar os dez mandamentos e as orações em família, as devoções à Virgem, o temor de Deus e nem por isso esses autores incorporaram essas realidades nas suas obras. Tantos deles foram, aliás, refratários ao assunto e outros tornaram, por oposição, suas obras verdadeiros libelos anticlericais. Esse não é o caso de Machado de Assis que, sendo conhecido principalmente por seus romances de “segunda fase”, aqueles publicados após 1881, por seus contos irônicos e por seu usual pessimismo, possui uma obra tão vasta que efetivamente não pode ser analisada apenas pelos exemplos acima. E mesmo nestes exemplos a quantidade de referenciais religiosos é assombrosa, cumprindo os mais diversos *serviços literários* e de representatividade social.

Também Lúcia Miguel Pereira, no capítulo III da sua biografia sobre Machado de Assis, tenta desmistificar algumas das histórias sobre a formação religiosa do autor. Teria ou não sido Machado de Assis sacristão na Igreja da Lampadosa<sup>38</sup>? É uma pergunta certamente cheia de meandros que pode ser respondida muito mais pelo viés ideológico do que pelo histórico. Provavelmente foi coroinha (se não sacristão), segundo comentários da própria esposa a amigas, e ajudou missa (em latim, o que significava: tocar o sino, ser turiferário,

<sup>38</sup> Sobre a dita igreja temos que: *A Irmandade da Lampadosa foi fundada antes de 1740 por um grupo de devotos, e ficou sediada na Igreja do Rosário e S. Benedito. A invocação de N.S. da Lampadosa, padroeira dos escravos, provém de uma imagem da Virgem, venerada na Ilha de Lampadosa, no mar Mediterrâneo, entre a Sicília e o norte da África. A devoção tem, sim, origem européia. A Irmandade, primitivamente era composta por escravos. Essa confraria permaneceu no Rosário até o ano de 1748, quando, desejando os irmãos construir sede própria encontraram na boa vontade de Pedro Coelho da Silva e sua mulher Teresa de Jesus de Almeida, o amplo campo à satisfação do seu objetivo. O casal doou o terreno à Irmandade.* Disponível em: <<http://www.centrodacidade.com.br/cultura/Textos/inslampa.htm>> acesso em 15 out 2009

responder às rubricas e para isso conhecer minimamente a estrutura da celebração), por que fazia isso? Talvez pela espórtula<sup>39</sup>!

Magalhães Júnior, no livro *Machado de Assis desconhecido*, no qual consta um artigo denominado: *Machado de Assis e a religião*, trata do assunto de que Machado não se furtou a utilizar a temática religiosa na sua obra e dialoga com D. Hugo Bressane. Chama atenção do leitor que Magalhães Júnior parece ter um posicionamento claro sobre a religiosidade de Machado de Assis (o que este trabalho não se propõe a discutir), pois fica constantemente lembrando a proximidade do primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras com os ritos da Igreja. A justificativa de uma crítica mais cética levaria a se dizer simplesmente que Machado estava cumprindo os ritos sociais de uma civilização perpassada pelo catolicismo. Não se pode crer que Machado fosse simplesmente um membro ativo da Igreja. Ele era um homem que prezava muito intensamente um certo senso de autonomia e muitas das explicações que vinham de dentro da hierarquia da Igreja eram, como não poderiam ser diferentes para certos assuntos, dogmáticos, isto é, de adesão irrestrita e inquestionável. Certamente esse foi um fator complicador para Machado de Assis. Porém, ao mesmo tempo, em se tratando desse escritor em especial, não podemos coadunar com as ideias que simplificam a questão e afirmam a descrença de Machado, que simplesmente ria da figura de padres e carolas e em nada acreditava e que ignorava essa parcela, importante, da vida social. Pode-se pensar que ele era um homem de seu tempo e de sua sociedade e isso tinha um peso significativo nas suas convicções, ainda que, pela sensibilidade crítica que apresentava, ele tivesse um olhar mais refinado sobre os assuntos do papel da religião na vida do Brasil. O que interessa é que independentemente das suas crenças pessoais, Machado de Assis teve a autonomia suficiente para incorporar na sua obra temas e personagens oriundos do mundo religioso sem com isso realizar apenas caricaturas.

Uma forma de perceber a formação de Machado de Assis nesse tema é analisar a influência do assunto na sua obra de juventude, justamente aquela que estava sendo constituída no momento em que o próprio autor estava em formação intelectual. Encantou-se com as situações que o cercavam, certamente, com o mistério da morte (a perda da irmã e a da mãe, mais tarde com a do pai), pois já nas suas primeiras experiências como poeta deixa registrados comentários repletos de sentimento “cristão”. Claro que é preciso relativizar qualquer informação que venha da obra ficcional, mas pode-se depreender que alguém,

---

<sup>39</sup> O *Novo dicionário Aurélio* coloca a palavra como gorjeta, porém dentro do contexto social da Igreja ela seria o pagamento realizado em troca de algum serviço, como por exemplo *ajudar missa*.

escrevendo um poema dedicado à irmã morta, carrega algum grau de expressão dos sentimentos do escritor.

Mas talvez uma das coisas que mais formou o espírito do jovem Machado certamente foi a amizade que travou com o Padre Antônio José da Silveira Sarmiento (cura da capela de São João Batista da Quinta da Boa Vista entre 1858-1859) a quem Machado dedica dois poemas (um deles presente na 1ª edição de *Crisálidas*) e outro saído na Semana Santa de 1858 (n'A *marmota*). Sobre essa relação temos o breve registro do próprio Machado de Assis quando faz uma nota explicativa ao poema *Monte-Alverne* e que Lúcia Miguel Pereira reproduz na sua biografia e que diz:

A dedicatória desta poesia ao padre-mestre Silveira Sarmiento é um justo tributo pago ao talento, e à amizade que sempre me votou este digno sacerdote.

Pareceu-me que não podia fazer nada mais próprio do que falar-lhe de Monte-Alverne, que ele admirava, como eu.

Não há nesta poesia só um tributo de amizade e de admiração: há igualmente a lembrança de um ano de minha vida. O padre-mestre, alguns anos mais velho que eu, fazia-me nesse tempo um modesto preceptor e um agradável companheiro.

Circunstâncias da vida nos separaram até hoje. (V. 3, p. 648)

Esta dedicatória, feita na maturidade e de forma a rememorar a situação na qual foi composto o poema, demonstra que Machado de Assis ainda guardava a lembrança daquele longínquo amigo, interlocutor e, de certa forma, professor. Alguns biógrafos defendem que foi o padre Sarmiento quem teria ensinado latim e francês ao jovem promissor<sup>40</sup>, mas isso não passa de especulação não comprovável. Outro sacerdote que marcou profundamente Machado fora o próprio Monte-Alverne a quem dedicou um longo poema em tom de obituário. Machado ouvira um sermão do franciscano, admirara o sermônista e escreveria, dois anos mais tarde, sobre a importância intelectual do frei cego as seguintes palavras:

Falai-lhe, procurais ouvir-lhe aquela voz eloquente e poderosa, ouvi-lhe aquelas frases, pesai bem a sublimidade de sua linguagem; e se quando penetrardes naquele retiro, levastes o ceticismo no coração, trareis, no sair dele a crença e a fé, porque a eloquência daquele homem sagrado, convence ao cético da existência de Deus e planta a fé na alma do ateu. (MARMOTA FLUMINENSE, Rio, N° 768, 4.9.1856, pp. 1-2 apud MASSA, 1965, p. 34)

<sup>40</sup> “A poesia religiosa está presente, especialmente, num poema ‘A morte no Calvário, dedicado: ‘Ao meu amigo o padre Silveira Sarmiento’, que teria sido, para ele, segundo alguns biógrafos, uma espécie de professor gratuito de latim e outros assuntos” (FACIOLI, 1982, p. 19)

Talvez o que encantasse Machado de Assis fosse a figura do sábio cego, mas o texto deixa perpassar uma admiração intelectual pelo estilo do sermoneiro que utiliza uma linguagem sublime. No fechamento do artigo Machado diria ainda:

Mont'Alverne, o homem eloquente e virtuoso, cuja vida se tem passado na austeridade e solidão do Claustro, é uma prova da solidez dos nossos princípios religiosos! Se o seu horizonte material acaba na parede sombria de uma cela humilde, os seus limites intelectuais chegam até Deus, isto é, perdem-se no infinito! (MARMOTA FLUMINENSE, Rio, Nº 768, 4.9.1856, pp. 1-2 apud MASSA, 1965, p. 35)

Machado e o padre Sarmiento partilhavam da mesma admiração pelo franciscano, que recebera de Gonçalves de Magalhães o título de precursor do romantismo nacional. Isto interessa na medida que demonstra o reconhecimento do escritor fluminense pelas figuras proeminentes do clero nacional, capaz de reconhecer nelas, como neste caso, que *seus limites intelectuais chegam até Deus*.

Outro fato relevante da sua formação é que Machado de Assis era leitor assíduo da Bíblia, ainda que não saibamos exatamente em que época se deu a proximidade com o texto sagrado dos cristãos. Ler a Bíblia não era algo proibido no mundo católico como o senso comum tende a compreender. Portanto não poderia ser considerada uma atitude *protestante*<sup>41</sup> em si, ainda mais para Machado, que prezava grandemente a sua autonomia intelectual. Vale ressaltar que a Bíblia lida por Machado de Assis, e de onde ele retirava as citações para seus textos, era a tradução ao português feita pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo e não a tradicional e, protestante, *Bíblia Almeida* ou a belíssima, e também protestante, versão *King James*.

Verdade é que por essa época sofre Machado de Assis o influxo das ideias de Eugène Pelletan o que produz uma estranha combinação no espírito em formação do jovem dos arrabaldes da cidade. Diz Jean-Michel Massa que:

Sem discernir a fragilidade das teorias expressas por Pelletan, Machado de Assis delas retinha as respostas generosas que ofereciam. Sofreu o fanatismo dos neófitos, a fé dos catecúmenos. Pelletan, suscitando entusiasmo, pregava a existência de um Deus vivo que sucedia ao Deus crucificado do passado. Estabelecia como dogma que a perfeição é contínua e indefinida. Esta lei

<sup>41</sup> Na realidade não houve por parte da hierarquia da Igreja nenhum documento que proibisse a leitura da Bíblia, apenas foram vetadas traduções não autorizadas pelo Bispo local (com o *Nihil Obstat* e o *Imprimatur*), entretanto permitir apenas a leitura da Vulgata Latina ou de uma versão aprovada redundava em diminuir grandemente o número de leitores.

otimista não podia deixar de seduzir o jovem escritor. Ao longo do seu livro *La loi du progrès* (1852), Pelletan revelou a existência de um Deus do Progresso, em harmonia com o século. Essa obra, que se tornou por algum tempo a Bíblia de Machado de Assis, tinha por subtítulo: *Le monde marche*, e trazia como epígrafe, e era de se esperar, *E pur si muove*. (MASSA, 2009, p. 190)

Machado dedicaria um poema, denominado *O progresso*, ao escritor e político francês e em alguns momentos deixou evidente a sua admiração pelas ideias liberais, e ao mesmo tempo ‘religiosas’ de Pelletan. Toda a geração de Machado foi influenciada pelo *Le monde marche* que se tornaria, segundo Joaquim Nabuco, uma espécie de evangelho liberal. Machado, falando da relação existente entre o jornal e o livro e se um acabaria com o outro, diria:

O espírito humano, como o heliotrópio, olha sempre de face um sol que o atrai, e para o qual ele caminha sem cessar: — é a perfectibilidade.

A evidência deste princípio, ou antes deste fato, foi claramente demonstrada num livro de ouro, que tornou-se o Evangelho de uma religião. Serei eu, derradeiro dos levitas da nova arca, que me abalance a falar sobre tão debatido e profundo assunto?

Seria loucura tentá-lo. De resto, eu manifestei a minha profissão de fé nuns versos singelos, mas não frios de entusiasmo, nascidos de uma discussão. Mas então tratava-se do progresso na sua expressão genérica. Desta vez limito-me a traçar algumas ideias sobre uma especialidade, um sintoma do adiantamento moral da humanidade.

Sou dos menos inteligentes adeptos da nova crença, mas tenho consciência que dos de mais profunda convicção. (V. 3, p. 1007)

O livro de ouro citado por Machado era, senão outro, o de Pelletan, mas o que chama atenção é que na sequência de sua vida intelectual o escritor fluminense não mais citaria diretamente o autor francês.

O jovem ia cada vez mais ascendendo dentro da sociedade da corte carioca e encontrando as brechas possíveis para realizar essa ascensão. Começa a se destacar no círculo de intelectuais que se reunia em torno de Paula Brito, importante jornalista da época, e do qual participavam, entre outros o poeta Casimiro de Abreu, na famosa sociedade Petalógica<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> A Sociedade Petalógica foi uma agremiação informal de escritores e intelectuais iniciada nos fins de 1850, contava com, entre outros, Machado de Assis, Casimiro de Abreu e Paula Brito. Segundo Magalhães Júnior a sociedade “*Pretendia satirizar os mentirosos [em latim petas significa mentira] de todos os matizes, inventando mentiras maiores do que as deles, ou contramentiras, como existem muitas, famosas, no folclore de vários países. Uma das mais célebres é a das couves gigantes e do caldeirão descomunal. Um mentiroso dizia ter encontrado, numa de suas viagens, um pé de couve, sob cujas folhas podiam se abrigar doze homens, num dia de chuva, sem qualquer deles ficar molhado. Um dos circunstantes, muito sério, declarou já ter sabido da existência dessas couves, que, aliás, nada tinham de extraordinário. Coisa muito mais assombrosa ele vira numa de suas viagens – na menos que mil ferreiros trabalhando para moldar um caldeirão tão alto e tão amplo como uma catedral. O pregador da peta das couves protestou: “Ora! Isso é um absurdo! Para que alguém precisa*

Um fato que chama atenção na biografia de Machado é a constância com que aparece em locais públicos de culto católico. É bem verdade que as igrejas eram responsáveis por grande parte da vida social daquela época, mas ainda assim é estranho ver um intelectual que tentava se aproximar do mais proeminente grupo de liberais do Brasil ainda em 14/12/1861 mandando rezar missa, juntamente com Saldanha Marinho (que seria um dos maiores anticlericais do Brasil na década de 1870 e chefe de Machado num jornal político da época) pela alma de Manuel Antônio de Almeida, morto no acidente do vapor Hermes.

Continuando a perseguir esse assunto na biografia de Machado, temos acesso a uma crítica que ele faz em 1863 contra as procissões de cinzas. Realizando uma verdadeira apologia da reta fé, diz Machado:

O desgosto que me comunicara o primeiro articulista, aumentando o que eu já tinha, deu nascimento a essas linhas em que eu fazia notar como prejudiciais ao espírito religioso essas grosserias práticas, mais que próprias para produzir o materialismo e a tibieza da fé. Era simplesmente um protesto, sem a pretensão de sucedimento.

Para acreditar possível uma reforma completa que faça do culto uma coisa séria, tirando-lhe o aparato e as empoeiradas usanças, era preciso admitir no clero certa elevação de vistas que infelizmente não lhe coube na partilha da humanidade. Sem exageração, o nosso clero é tacanho e mesquinho; nada enxerga para fora das paredes da sacristia, metade por ignorância, metade por sistema. Notem bem que eu não digo fanatismo ou excesso de fé. (V. 4, p.96)

Machado, nessa crônica saída na revista de seu futuro cunhado Faustino Xavier de Novais, chamada *Futuro*, comenta sobre a supressão das procissões de cinzas, que eram “*nocivas ao verdadeiro culto e filhas genuínas dos cultos pagãos*” (V. 4, p. 96) e que fora preconizada por ele próprio um ano antes. Diz que o grande problema da Igreja no Brasil é, meio a meio, a formação dos sacerdotes e o sistema no qual eles se encontram, opiniões de quem tem intimidade com o tema tratado. Machado, com vinte e quatro anos, ainda se preocupava em protestar contra os maus usos da religião e propunha publicamente soluções para os problemas percebidos, dentre as quais não estavam a dissolução do clero ou o fim da Igreja. Pergunta que poderia ser feita é se a crônica representa o pensamento de Machado de Assis ou se ele estava lendo o desejo de seus leitores e atendendo-lhes. Talvez ainda fosse a manifestação de um sentimento da sua geração, que nascera sob a independência e buscava encontrar não somente um identidade, mas uma identidade mais civilizada, por essa razão se

---

*de tamanho caldeirão?” E o contramentiroso: “Para cozinhar suas couves!” Era esse o espírito inicial dos petalógicos – combater exagerações com exagerações ainda maiores. (1981, v. 1, pp. 56-57)*

poderia pensar em um abandono de práticas religiosas mestiças, de festas que lembravam paganismo típico da colônia, de um clero medíocre. Abandonando-se essas práticas se poderia buscar o ingresso do país a um patamar intelectual mais elevado. Daí, talvez, provenham as posições ultramontanas que Machado de Assis manifestará nas suas crônicas ao tratar do assunto religioso. De um modo ou de outro, o que importa é a opinião formada, que demonstra mais uma vez a intimidade com o tema, a preocupação com a situação e a capacidade argumentativa do autor.

No dia 5 de junho de 1864, na série de crônicas chamada *Ao acaso* ele diz que:

Neste caso, o melhor é deixar passar a ira sagrada, *il sacro fuore*, procurando imitar a paciência do cordeiro de Deus.  
Os tempos não estão para graças. Parecia que a influência do espírito moderno devia ter modificado o espírito do Vaticano, e o Vaticano, ainda no Breve ultimamente publicado, acha-se como no tempo de Galileu. A ciência não podendo marchar sem a fé! (V. 4, p. 120)

Diz isso ao comentar um discurso de Pedro Luis<sup>43</sup>, para argumentar que não tocaria no assunto suscitado pelo deputado, por várias razões; a principal delas era a postura de certos veículos de comunicação católicos que acabavam atacando os meios e não as ideias. Isso apenas mostra que Machado estava atento às tensões políticas da vida da Igreja, sua contemporânea, e as suas repercussões em relação à Igreja no Brasil.

Comentando a polêmica de Monsenhor Pinto de Campos que, consultado, deu parecer contrário ao livro de Renan, intitulado *A vida de Jesus*, e aconselhou inclusive que ele deveria ser retirado das estantes do Gabinete Português de Leitura, que Machado frequentava, diz o cronista, em 8 de novembro de 1864: “*Eu, de mim, digo que li “A vida de Jesus” sem perder a mínima parte das minhas crenças; mas não fui queimá-lo depois da leitura, nem adiro, como o Diário do Pernambuco, às doutrinas de Monsenhor Pinto de Campos.*” (V 4, p. 218)

Estava Machado de Assis sendo irônico ao dizer que não perdera as suas crenças ao ler Renan<sup>44</sup>? Após esse comentário Machado sugere a obra de Pascal<sup>45</sup> para uma cura do

<sup>43</sup> Pedro Luís Pereira de Sousa nasceu no município de Araruama, Província do Rio de Janeiro, a 15 de dezembro de 1839, mesmo ano de Machado de Assis. Era formado em direito pela Faculdade de S. Paulo. Jornalista, poeta, deputado, administrador, ministro e homem da mais fina sociedade fluminense, pertencia à geração que começou por 1860.

<sup>44</sup> Ernest Renan, de quem Machado de Assis possui grande parte da obra na sua biblioteca, segundo J.M. Massa, realizou um trabalho que fora admirado pelo autor fluminense pelo fato de se prender a uma espécie de realismo materialista para contar a vida de Jesus, partindo do pressuposto que a sua, de Renan, época não possuía milagres, então era provável que a de Cristo tampouco os possuísse, logo ele tenta contar a história daquele que é a base do cristianismo por uma ótica racionalista que adentra a heresia pelo fato de tirar de Jesus a autoconsciência da deidade, base para o pensamento teológico católico,

<sup>45</sup> Talvez fosse estilo do autor Machado de Assis colocar lado a lado figuras e pensamentos divergentes. Ao criar, ainda que ironicamente, um antagonismo terapêutico entre Renan e Pascal, Machado estabelece uma comparação entre dois modelos de pensamento que ele mesmo admirava, demonstrando não estar preso a posições radicais de nenhum dos lados, mas ser capaz de exercer com sobriedade a sua autonomia intelectual.

*renanismo*. É importante ressaltar que o livro de Renan fora publicado na França em junho de 1863 e que Machado sugere que o sucesso do livro é proporcional às críticas que recebeu, justamente por causa dessas críticas. A *cura* para esse mal seria simplesmente parar de se dar atenção ao fato. Estes e outros fatos nos mostram Machado inteirado e interessado pelos temas de fundo religioso. Evidentemente que, sendo esses temas de grande apelo popular, Machado os frequentava com certa assiduidade.

Em 1864, Machado de Assis entraria em uma luta bastante grande em defesa da liberdade religiosa, escrevendo especialmente contra um jornal católico chamado *A cruz*, que depois mudaria seu nome para *O cruzeiro*, mas manteria a sua linha editorial, sendo órgão de divulgação da paróquia da Candelária no Rio de Janeiro. É bem verdade que a principal crítica de Machado ao jornal se devia pelo apoio que esse dava à França na crise do México, sendo, então, mais de ordem política do que religiosa, mas um fato, defendido pelo jornal fez o articulista do *Diário do Rio de Janeiro* partir em defesa da liberdade. A “*questão Kelly*” foi um problema enfrentado por um metodista que fora proibido, e quase linchado por populares, de vender suas Bíblias e com isso divulgar um estilo cristão diferente daquele praticado pela Igreja Católica no Brasil. Kelly chegou a apelar à constituição e à liberdade religiosa proclamada nela, porém não conseguiu o legítimo direito constitucional. Machado de Assis levantaria uma bandeira alta em defesa dessa liberdade, não porque Kelly fosse metodista, mas porque acreditava na liberdade de todos. Diria numa crônica de *Ao acaso* do dia 29 de novembro de 1864:

Antes de começar as suas prédicas, numa casa particular de Niterói, o Dr. Kelly examinou naturalmente se o podia fazer. Recorreu à constituição, e a constituição em mais de um artigo respondeu-lhe que sim, — porque ela tolera todos os cultos, contanto que eles sejam praticados em casas sem forma exterior de templo; consente que se difundam ideias religiosas, uma vez que não ataquem os dogmas fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma.

Não direi que estes preceitos satisfaçam amplamente as aspirações da liberdade, nem que respondam à ideia dominante do século, mas esses preceitos davam lugar a que o Dr. Kelly realizasse a sua missão evangélica. O defeito da constituição está em não ter completado a liberdade, tirando os entraves que lhe impõe, e em declarar a religião católica como religião do Estado. (V. 4, p. 231)

Criticava Machado de Assis a constituição por declarar o catolicismo como religião do Estado, não porque fosse anticlerical, mas porque dessa forma não se podia manifestar plenamente a liberdade que homens que ele aprendera a admirar pregavam. Passados onze

anos desse fato, estará Machado trabalhando como censor do Conservatório Dramático Brasileiro quando uma nova polêmica surge. Durante a *Questão Religiosa* no Brasil, foi representada em Portugal uma peça de Antônio Ennes chamada *Os Lazaristas*. Era tida como peça medíocre e violentamente anticlerical. Quando a peça pediu permissão para ser representada, Machado se pronunciou comentando que era um caso difícil. Dizia ele que

Qualquer que seja a decisão do Conservatório a respeito deste drama, podemos ter a certeza de que há de provocar oposição. Concedida a licença, não faltará quem o acuse de contribuir para o desprestígio da religião; negada, podem talvez censurá-lo por oprimir a liberdade de pensamento. (MACHADO DE ASSIS, apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 2, p. 144)

Era uma situação realmente complicada para a equipe de censores do Conservatório, agravada pelo momento político-religioso que se vivia com a prisão dos Bispos que desobedeceram ao Imperador para obedecer ao Papa e o gabinete que administrava o país era presidido pelo Visconde do Rio Branco, maçom. Machado de Assis dá, então, a sua opinião sobre a peça, diz que se deveria “*devolver a peça ao teatro (caso a maioria dos meus distintos colegas não concorde em licenciá-la), com a declaração de que sejam feitas profundas modificações na linguagem*” (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 2, p. 144). Ou seja, opina não opinando, não dizendo nem sim nem não, deixando a decisão para os seus pares. Dois deles votam pela aprovação, porém com os votos de Alfredo Taunay e do presidente do Conservatório, a peça é vetada. Machado poderia ter decidido de outra forma, não se abstendo de votar, e ter mudado o resultado e a história. O que teria levado Machado, um homem de elevado senso de liberdade, fosse religiosa, fosse civil, em deixar uma obra de arte ser censurada? Será que a simples falta de qualidade estética? Será que a tentativa de manter as boas relações sociais? Ou será que o momento histórico, a comoção geral em relação a D. Vital e D. Antônio influíram na sua decisão. Fato é que, se fosse anticlerical impenitente, como se dizia na época, Machado não perderia a chance de promover uma obra que fosse contra a tão famigerada Igreja católica. A questão é que o fato teve uma gigantesca repercussão, pois além das críticas à Machado de Assis, houve uma tentativa de representar-se a peça na Bahia, cujo Conservatório dramático era presidido por Rui Barbosa, homem que provinha de uma posição social diferente da de Machado e que era de uma geração mais nova (havia nascido em 1849), bem como anticlerical declarado nesse momento<sup>46</sup>, que aprovou a

<sup>46</sup> Posteriormente Rui Barbosa voltaria a professar o catolicismo, religião não qual fora batizado, inclusive escrevendo famoso texto chamado *Oração aos moços*.

encenação, entretanto a polícia baiana vetou a apresentação. Foi tentada uma representação privada, ainda na Bahia, mas também foi proibida pela polícia que impediu o acesso ao teatro. Sobre Machado de Assis e seu parecer a revista *Mefistófeles*, ironicamente, escreveria:

Ao tratar-se da votação do drama, perguntou o Sr. João Cardoso ao Sr. Machado de Assis:

- 'Então, como V. vota?'

- 'Eu entendo que o dadrama não é imoral, mas é cacapaz de provocar babarulho e que a polícia de...de...de...'

E aqui engasgou-se o homem de maneira a deixar seu parecer que paparece tutudo memenos paparecer. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 2, p. 148)

Muito se falaria ainda da peça e a questão que se formou em seu redor, ainda que não merecesse tanto destaque. Quase três anos mais tarde, com a alteração da mesa de censores do Conservatório e por razões mais financeiras que ideológicas, foi liberada a peça para que todos pudessem acompanhar, segundo a imprensa da época, a sua mediocridade.

Machado nessa época acompanhava, como todas as pessoas do império, a *Questão Religiosa*. Estranho não haver nos seus textos deste período palavra alguma sobre o caso. Bem verdade é que, segundo a bibliografia levantada por Galante de Souza, não haver nessa época (1872-1875) nenhuma crônica, talvez por estar o escritor envolvido em vários outros projetos, como a publicação de dois romances (*Ressurreição*, seu primeiro romance, e *A mãe e a luva*), a tradução do francês de um texto para se utilizar nas escolas (*Higiene para uso dos mestre-escola*), o famoso texto crítico *Instinto de Nacionalidade*, entre outros. O único comentário direto sobre D. Vital feito por Machado de Assis na sua obra será uma impressão escrita muitos anos após de encerrada a *Questão Religiosa*. Na crônica de *A semana* do dia 24 de janeiro de 1897, diria Machado, a propósito da morte do Arcebispo do Rio de Janeiro, e comparando D. Vital a ele:

Não era a mansidão que conservava o relevo daquele. Nenhum lutador mais impetuoso, mais tenaz e mais capaz que D. Vital, bispo de Olinda, e a impressão que este me deixou foi extraordinária. Vi-o uma só vez, a porta do tribunal, no dia em que ele e o bispo do Pará tiveram de responder no processo de desobediência.

A figura do frade, com aquela barba cerrada e negra, os olhos vastos e plácidos, cara cheia, moça e bela, desceu da sege, não como o velho D. Manuel, mas com um grande ar de desdém e superioridade, alguma coisa que o faria contar como nada tudo o que se ia passar perante os homens. Sabe-se que morreu na Europa, creio que na Itália. Há quem acredite que voluntariamente não tornaria a cadeira de Pernambuco. Ao seu companheiro de então, o bispo do Pará, tive ocasião de vê-lo ainda, numa sala, familiar e

grave, atraente e circunspecto, mas já sem aquele clangor das trombetas de guerra; a campanha acabara, a tolerância recuperara os seus direitos. (V. 4, pp. 1364-1365)

Para encerrar essa rápida biografia formativa podemos ressaltar aqui o que conta Lúcia Miguel Pereira na sua interessante biografia sobre Machado. É importante dizer que a grande virtude da autora é o fato de ela buscar testemunhos de pessoas que conviveram com Machado ou com Carolina, sua esposa, e isso dá ao relato uma grande confiabilidade, ainda que o possa recheiar de lendas pessoais. Lúcia Miguel Pereira conta, então, o seguinte fato:

Homem feito, foi certa vez, durante a Semana Santa, percorrer as igrejas em companhia de um amigo (Artur Carneiro de Mendonça de cujo irmão, Alberto Carneiro de Mendonça, a autora ouvira a anedota). Iam com curiosos, como turistas, sendo ambos ateus. Entraram, observaram o movimento, o vaivém dos fiéis. Quando já iam sair, Machado olhou de soslaio para o outro, julgou-o distraído e, rapidamente, a medo, fez uma genuflexão e esboçou o sinal-da-cruz. O gesto, em homem completamente descrente, não traria o antigo coroinha? (PEREIRA, 1988, p. 48)

O pitoresco da anedota mostra um lado até então desconhecido de Machado de Assis, se a história for tomada por verdadeira (o que pode não ser correto), o lado que o ligaria a uma espiritualidade ainda infantil e traduzida em gestos espontâneos, internalizados e repetidos quase que automaticamente. É como se Machado tivesse aprendido cada uma dessas coisas (ritos e seus usos) e agora, distraidamente os aplicasse, ainda que não mais cresse neles. O que interessa é o fato de ele conhecer e se deixar levar por um gesto ritual. Isso basta para se estabelecer, com alguma precisão, que Machado fora educado, em matéria de fé, de uma forma sólida e que essa educação não somente influencia a sua ação intelectual, nas opiniões que emite nas suas crônicas, por exemplo, como também faz parte do seu olhar ficcional sobre a sociedade que representa.

O que fica do passeio sobre os comentários de Machado a respeito dos assuntos que envolvem religião é que ele em nenhum momento externa qualquer sentimento anticlerical. O respeito às instituições que estavam a sua volta tinha a função de preservá-lo na sua ascensão, mas mais que isso, demonstrava perfeita integração do homem com o meio. E, repetimos aqui, que para a função desse trabalho, basta perceber que Machado conhecia muito bem os elementos de catolicismo presentes na sociedade de seu tempo e que se utilizava deles de maneira consciente para realizar a sua representação literária.

Indo mais adiante na especulação, ao contrário de anticlerical, Machado esboça várias vezes um sentimento de necessidade de reforma dos costumes religiosos. Claro que esses costumes estavam entranhados na sociedade que ele observava e era justamente nesse sentido que ele pregava uma espécie de moralização, porém poderia ter proposto mudanças em outros termos, termo de ceticismo como pregara Brás, ou do *humanitismo* como pregara Quincas.

E é aqui que entra a grande confusão sobre a obra e a vida de Machado de Assis. Como nem tudo foi falado por ele, muitos críticos (e outros tantos biógrafos) tentam aproximar Machado de seus personagens, em especial os mais famosos, o que é uma armadilha histórica. Existe uma distância muito grande entre o autor, seus narradores e seus personagens, fato que Machado conhecia e exortava, pois quando escreve sobre Eça de Queirós diz para o português se afastar da Escola Realista, pois ela fazia a obra ser artificial, logo uma obra não é a vida de seu autor, visto Machado de Assis admirar Eça e criticar suas personagens.

Lúcia Miguel Pereira, que editara o romance *Casa Velha*, diz que essa obra é a mais cheia de detalhes internos que o escritor fez, porque ela era, na verdade, uma série de reminiscências do jovem Machado da época em que morava no morro do Livramento. Nesse romance, escrito provavelmente no hiato entre a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – 1881 – e *Quincas Borba* – 1991, a narração é feita por um cônego da Capela Imperial, a capela da chácara é descrita em seus mínimos detalhes, assim como outras partes internas da casa. Simplesmente exercício de memória, ou recordação de uma parte importante da vida do escritor?

É bem verdade que Machado, muitas vezes, representou um papel de cético nas suas ironias, nos seus personagens, nos seus narradores, porém também é verdade que ele não sustentou esse papel sempre, em especial quando falava como ele mesmo, sem as máscaras que a ficção permite colocar, pelo menos aparentemente, nas suas crônicas. E é um fato do final da sua vida que coloca em xeque seu suposto ceticismo.

Uma frase que, não sendo sua, mas que, poderia facilmente ser imputada a Machado de Assis é: “*A formação se dá enquanto estamos vivos*”. É essa ideia que move esse trabalho, já que Machado não nasceu pronto, refinado, capaz de realizar a obra que, ao final da vida, realizou. Toda a sua criação, bem como a sua formação intelectual, foram um grande processo dialógico, no qual ele se debatia com os temas que lhe eram caros e desse enfrentamento saía

com mais uma experiência. Era uma espécie de Jacob em combate com o anjo do Senhor<sup>47</sup>, para utilizar uma imagem bíblica.

A vida de Machado de Assis foi continuamente marcada por perdas importantes. E para cada uma delas ele precisou elaborar todo um sistema de compreensão que atendesse a sua própria visão de mundo. Parece que até a sua própria quase morte foi tratada e elaborada de forma relativamente tranquila, visto que foi nesse momento que sua obra ficcional deu a importante guinada que colocaria o autor nos mais altos escalões da literatura nacional e internacional. Uma perda, porém, não estava prevista e foi justamente essa perda que leva o agora ancião Machado de Assis a questionar os seus valores de transcendentalidade.

A morte de D. Carolina, após 35 anos de casamento, aparentemente em completa felicidade, trouxe um lado soturno e perdido de Machado de Assis. A sua correspondência, nesse período de 1904, especialmente com Joaquim Nabuco, revela um apego à melancolia e um desejo de *encontro* (?) com a esposa que já não mais habita entre os vivos.

Destacamos aqui uma correspondência do autor, retirada do epistolário presente na *Obra Completa* do autor, com grifos nossos:

#### A JOAQUIM NABUCO

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1904.

Meu caro Nabuco. / Tão longe, em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça e V. expressou logo a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradei é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. **Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo.** Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. **Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela,** o que seria um grande favor; **primeiro, porque não acharia ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum.** Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. **Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.** / Não posso, meu caro amigo, responder agora à sua carta de 8 de outubro; recebi-a dias depois do falecimento de minha mulher, e Você compreende que apenas posso falar deste fundo golpe. / Até outra e breve: então lhe direi o que convém ao assunto daquela carta, que, pelo afeto e sinceridade, chegou à

<sup>47</sup> Na passagem por Fanuel, em Gn 32,23-31, Jacó, indo reatar a relação com Esaú, tem uma experiência mística na qual ele “luta” com Deus e não perde, recebendo, por isso o nome de Israel. Os padres da Igreja, os teólogos católicos dos primeiros séculos, costumam interpretar essa passagem como metáfora do enfrentamento pelo qual constantemente passamos do qual tiramos lições importantes para a vida.

hora dos melhores remédios. Aceite este abraço do triste amigo velho / MACHADO DE ASSIS. (V. 3, pp. 1398-1399)

Machado estava sensivelmente abalado com a morte da esposa e por essa razão o que escreve possui um tom díspar com grande parte da sua obra, porém não tão díspar quanto alguns puderam imaginar. É como se o velho irônico desse lugar ao frágil melancólico. O percebe-se dessa carta que Machado manda em resposta a outras de Joaquim Nabuco, seu amigo e confidente que se encontrava fora do Brasil quando da morte de D. Carolina, entre outras coisas é o fato de ele derramar-se em melancolia e parecer realmente um tanto perdido.

A frase central sobre o assunto poderia ser: “*Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.*”. Ela demonstra claramente que o desejo de Machado de Assis é reencontrar sua amada Carolina, com quem viveu tanto tempo. Embutida nesta afirmação do desejo pode-se encontrar a ideia de que a alma deve subsistir em algum plano espiritual. A vontade de encontrá-la, mais que uma fuga do mundo pela tristeza, aponta para uma das virtudes teológicas – a esperança – e faz com que percebamos uma faceta do Bruxo de Cosme Velho que parecia estar perdida desde há muito. É como se a morte, com todo o seu mistério, fizesse com que Machado remoesse a sua condição espiritual e, não tendo onde depositar a sua melancolia, se refugiasse na expectativa da vida *post-mortem*.

Ao longo dos anos, Machado havia especulado e ironizado tantas possibilidades espirituais e mesmo utilizado um morto para realizar uma crítica à humanidade, porém foi justamente nesse momento de dor que ele recorreu àqueles ritos de despedida que havia narrado em *Esau e Jacó* como um ato meramente social. Segundo Magalhães Júnior, Machado de Assis:

No momento da sua maior angústia, do seu mais fundo pesar, o homem que tantos querem apresentar como um cético se refugiou na igreja, ao mesmo tempo que tateava em torno de si, buscando apoio nos velhos amigos que ainda restavam. Ironizara, em livro, a cena clássica, dos parentes enlutados, a receberem os pêsames num recanto da sacristia. Mas naquela manhã de 27 de outubro, lá esteve, também ele, de olhos úmidos, a apertar mãos e se deixar abraçar como se isso pudesse diminuir a sua grande dor, distribuindo-a um pouco aos outros. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1955, pp. 354-355)

O texto de Magalhães Júnior é muito mais uma especulação do que um levantamento sóbrio de dados, porém reflete um aspecto importante: se é verdade que as exéquias eram (e ainda hoje são), praticamente, as únicas manifestações públicas de homenagem a um morto,

Machado poderia ter feito isso de forma discreta e anônima. Ele não teve *vergonha*, ou medo, daquilo que poderiam falar sobre a incoerência entre a vida e a opinião. E isso prova ao menos uma coisa: Machado não se importava em ser confundido com um católico.

A questão de fundo é, no entanto, o que entende-se por ceticismo. O *Novo dicionário Aurélio eletrônico* traz um conceito simples de que cético é aquele que *duvida de tudo*, que é *descrente*. Tomando crença no seu sentido de transcendentalidade, Machado de Assis não pode ser considerado cético pelo menos no começo da sua vida e no final dela. Poderíamos, inclusive, com um busca mais apurada, encontrar textos e situações que mostrassem a mesma realidade no meio da vida de Machado, mas não é esse o sentido do trabalho. Agora se considerarmos um conceito mais complexo de ceticismo, como de alguém que tem um profundo senso crítico, a ponto de não se poder chegar nunca a uma certeza indubitável em relação à humanidade e às perspectivas que ela apresenta a ponto de colocar na boca de uma personagem sua a famosa frase “*Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria*” (V. 1, p. 758), não podemos negar que Machado foi profundamente pessimista e, portanto, cético. Não sei se poderíamos chegar ao ponto de afirmar que ele se filia a uma tradição cética grega, o pirronismo, como faz José Raimundo Maia Neto no livro *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, pela razão de Machado não ter lido os diretamente os gregos que defendiam essa postura da antilogia e, portanto, o que o crítico percebe de influência pirrônica em Machado de Assis é evidentemente indireta, mas de qualquer forma é um esforço para entender esse tema numa obra que o revela. Talvez a grande influência de Machado de Assis, nesse sentido tenha sido Luciano, especialmente porque o próprio Machado o cita mais de uma vez na sua obra. E nesse sentido podemos ler a última crônica – oficial – que Machado publicaria, na *Gazeta de Notícias* em 28-2-1897, e que traz uma espécie de avaliação da sua carreira de cronista. Entre várias coisas interessantes, diria Machado

Não achareis linha cética nestas minhas conversações dominicais. Se destes com alguma que se possa dizer pessimista, adverte que nada há mais oposto ao ceticismo. Achar que uma coisa é ruim, não é duvidar dela, mas afirmá-la. O verdadeiro cético não crê, como o Dr. Pangloss, que os narizes se fizeram para os óculos, nem, como eu, que os óculos é que se fizeram para os narizes; o cético verdadeiro descrê de uns e de outros. Que economia de vidros e de defluxos, se eu pudesse ter esta opinião! (V. 4, pp. 1375-1376)

Brinca, com sua usual ironia, sobre o ceticismo de que já, na época, era acusado o autor da coluna *A semana*, mas de todo modo expressa um conceito sobre o ceticismo, como a

total descrença de uma ou outra coisa, o que ele não conseguia fazer. O que fica, mais claramente demonstrável, é que Machado de Assis lia constante e atentamente a Bíblia e dela sacava várias citações, ideias, personagens. Dentre todos os livros bíblicos citados por Machado o que possui maior incidência de citações é o livro do Eclesiastes tido e havido como pela crítica o cético da Bíblia. Diz Robert Alter no seu *Guia Literário da Bíblia* que: “*Seja qual for o modo como traduzimos a palavra [qohelet], o orador no livro é o cético par excellence do Antigo Testamento*” (p. 299) e mais adiante reforça que “*o Eclesiastes é uma coleção de ensinamentos [...] O estilo e a perspectiva do autor foram provavelmente influenciados até certo grau de pela cultura helenística do século III a.C.*” (p. 299) que tanto estava familiarizada com o conceito de imortalidade da alma como com a visão cética de mundo.

Assim, mesmo no seu ceticismo, podemos ver a influência do texto religioso e, portanto, do discurso e cultura religiosa na obra de Machado de Assis. Dizendo de outra maneira e até simplificando um pouco as coisas, até quando era cético Machado estava ligado ao universo religioso que se tem comentado aqui.

Uma das tantas obras sobre a visão de mundo de Machado de Assis merece destaque por ser justa e diametralmente oposta ao que se tem escrito aqui. Para Octávio Brandão, Machado de Assis:

Passou por um processo de desenvolvimento ideológico. Começou aceitando o catolicismo tradicional. Homem inteligente, foi compreendendo certas cousas...

Um dia não aguentou mais a igreja (sic) católica, nem a mística feudal da Idade Média. Deu meio passo à frente. Tornou-se livre pensador. Adotou o anticlericalismo da burguesia do século XIX. (BRANDÃO, 1958, p. 110)

Julga o autor, então, duas coisas. A primeira é o fato de Machado ter a sua evolução de católico para não católico, como se esse fato demonstrasse realmente um processo de iluminação intelectual, como se não houvesse a mínima possibilidade de haver vida intelectual e inteligente em meios católicos. Nem se precisa ir ao cerne da literatura que trata exclusivamente do tema para encontrarmos grandes nomes que se ligavam à religião católica de Petrarca a Adélia Prado, de Chateaubriand a Chesterton, de Graham Greene a Tolkien, para ficar em autores identificados com o cristianismo, existiriam ainda aqueles que não se identificando ideologicamente com essa religião buscaram compreender alguns dos dilemas do homem através de religiosidade, como Manuel Bandeira e Guimarães Rosa, para ficar em

dois exemplos próximos. Assim também talvez seja o caso Machado de Assis, que não pode ser considerado um “autor católico” como foram tantos outros, porém *anticlerical burguês* é um termo no mínimo forçado para compreender a sua formação intelectual. O fato de ter trabalhado com Saldanha Marinho ou ter criticado posturas da Igreja católica não provam nada mais do que ser Machado um homem atento aos problemas e assuntos do seu tempo. Se formos tomar o que ele fala sobre o espiritismo poderíamos aí sim perceber uma crítica frontal, porém não se fica lendo que Machado era antiespírita<sup>48</sup>.

Mas o que mais interessa a esse estudo são as opiniões estéticas do autor do livro *O niilista Machado de Assis*, pois ele vai associar essa postura de que Machado não conseguiu se libertar do misticismo a partir das suas personagens, ao ponto de conseguir chegar a conclusões um tanto heterodoxas, mesmo para uma crítica mais cética. Se supera, entretanto, ao dizer que Machado de Assis, especialmente na sua fase de maturidade, por se afastar da inteligência anticlerical, chegou a um ponto de decadência tal que não merece o título de grande escritor. Afirma Brandão, bradando, e são grifados os brados mais absurdos:

Todos esses fatos e argumentos demonstram de um modo inegável que **Machado de Assis foi um escritor decadente**. Refletiu regimes, classes e indivíduos em decomposição já no século XIX – escravagistas e grandes burgueses. **Sua obra tem falhas capitais**. É flor da decadência – flor seca, estéril e venenosa. Não pode servir de guia, modelo, orientação às novas gerações brasileiras.

O Brasil precisa de uma literatura máscula, viril, varonil, literatura de combate e libertação. (BRANDÃO, 1958, pp. 33-34)

Poder-se-ia ficar analisando o livro de Brandão em tantos e tamanhos absurdos e incoerências analíticas sobre Machado de Assis por mais muitas páginas, pois a cada parágrafo comete o autor algum erro crítico, talvez por não ter arcabouço teórico-literário para realizar a crítica, talvez por deixar a emoção ideológica (que ele critica tão veementemente) falar mais alto. Fato concreto é que esse livro serve para mostrar, ao menos em parte, que

<sup>48</sup> Para o assunto algumas crônicas de Machado de Assis são exemplares, especialmente a de 29 de agosto de 1889 que diz: “(...) é que o espiritismo não é menos curanderia que a outra, e é mais grave, porque se o curandeiro deixa os seus clientes estropiados e dispépticos, o espírita deixa-os simplesmente doidos. O espiritismo é uma fábrica de idiotas e alienados, que não pode subsistir. Não há muitos dias deram notícia as nossas folhas de um brasileiro que, fora daqui, em Lisboa, foi recolhido em Rilhafoles, levado pela mão do espiritismo. Mas não é preciso que dêem entrada solene nos hospícios. O simples fato de engolir aqueles rabos de raia, pés de galinha, raiz de mil-homens e outras drogas vira o juízo, embora a pessoa continue a andar na rua, a cumprimentar os conhecidos, a pagar as contas, e até a não pagá-las, que é meio de parecer ajuizado. Substancialmente é homem perdido. Quando eles me vêm contar uns ditos de Samuel e de Jesus Cristo, sublinhados de filosofia de armarinho, para dar na perfeição sucessiva das almas, segundo estas mesmas relatam a quem as quer ouvir, palavra que me dá vontade de chamar a polícia e um carro. Os espíritas que me lerem não de rir-se de mim, porque é balda certa de todo maníaco lastimar a ignorância dos outros. Eu, legislador, mandava fechar todas as igrejas dessa religião, pegava dos religionários e fazia-os purgar espiritualmente de todas as suas doutrinas; depois, dava-lhes uma aposentadoria razoável.” (V. 4, p. 887)

muito se errou na crítica por simples preconceito e que não é mais aceitável mutilar a compreensão mais profunda de um autor tão importante para o mundo ocidental.

Ao contrário do que diz Brandão, podemos perceber que Machado de Assis manteve constante a sua *evolução* literária até o final da vida e se *Memorial de Aires* não é a sua obra mais lida, certamente não o é por falta de qualidade, mas talvez por sobra de requinte narrativo que gera uma exigência maior, atrapalhando o grande público. Neste romance, que de romance tem mesmo muito pouco, pois o leitor acompanha apenas as impressões do aposentado Conselheiro Aires sobre algumas pessoas que estão a sua volta no período de aproximadamente um ano, acaba-se por descobrir a história de amor entre Tristão e Fidélia. Nos seus tantos comentários sobre a vida Aires irá dizer que:

Também, se foi verdadeiramente lágrima, foi tão passageira que, quando dei por ela, já não existia. Tudo é fugaz neste mundo. Se eu não tivesse os olhos adoentados dava-me a compor outro *Eclesiastes*, à moderna, posto nada deva haver moderno depois daquele livro. Já dizia ele que nada era novo debaixo do sol, e se o não era então, não o foi nem será nunca mais. Tudo é assim contraditório e vago também. (V. 1, p. 1274)

Mostra aqui o narrador, em meio ao seu desencanto existencial, uma referência interessante ao querer escrever o *Eclesiastes* à moderna, mas perceber que justamente pelo ensinamento do sábio de Israel, isso é impossível, pois não há nada de novo sob o sol. Aires talvez não seja um exemplo de sacramentalidade, mas interessante é o seu comentário sobre um dos mais questionados sacramentos católicos:

Já então confundíamos as práticas religiosas com as canseiras da vida, e fugíamos delas. Entretanto, o padre que me confessou pela primeira vez era meigo, atento, guiava-me a confissão indicando os pecados que devia dizer, e até que ponto, e punha a absolvição na língua antes que os pecados lhe entrassem pelo ouvido; assim me pareceu. (V. 1, p. 1262)

No final da vida continuava Machado de Assis olhando para ela com um ar crítico, mas agora talvez menos que antes e qual seria a causa disso? Talvez o cansaço, talvez a melancolia, talvez ainda outra causa. Ao olhar para a obra de Machado de Assis, em especial na obra posterior a 1881, é fato que se encontra uma grande carga de ceticismo, porém como avaliar o quanto desse sentimento é oriundo da convicção do autor e quanto é reflexo da sociedade é uma tarefa praticamente impossível de ser realizada e apenas vem confirmar o que se tem, reiteradas vezes, afirmado aqui, que Machado de Assis era capaz de representar a

sociedade se utilizando dos signos religiosos por conhecê-los profundamente. Conhecer as visões religiosas deste autor serve para atualizar os estudos a respeito da sua obra e fazer com que entendamos melhor aquilo que lemos.

Pode-se destacar, por fim, o livro de D. Hugo Bressane de Araújo, *O aspecto religioso na obra de Machado de Assis*, que veio a público por conta do centenário de nascimento do escritor carioca. O argumento essencial do arcebispo de Marília era de que Machado tocava em vários assuntos de ordem religiosa, o que o fazia questionar o título de cético, porém dizia ele que as obras de Machado revelam “*sua deficiente formação religiosa*” (ARAÚJO, 1978, p. 34) e ainda que “*sem o lume da fé, a obra de Machado de Assis, profundamente humana, não é crista*” (p. 38). É possível que o Bispo de Marília fosse um profundo apreciador do talento de Machado, como diz: “*Ao cabo de alguns anos foi-se tornando garridamente perfeito na arte de escrever, até que as letras o colocaram no lugar que de justiça lhe compete*” (p. 34), mas talvez pela sua função eclesiástica, ou a sua capacidade de leitura, ou a falta de chaves para compreender a profundidade do texto machadiano, não tenha conseguido perceber o jogo de cena que ele realizava. Não se pode desconsiderar que escrevia a sua crítica apenas trinta anos após a morte do autor e, logicamente, não tendo acesso aos mais importantes estudos sobre Machado, realizados posteriormente. Elogia o talento e critica o conhecimento religioso, defende o esteta e critica o cristão. Ao contrário do que defende D. Hugo, é possível perceber um uso muito refinado tanto de referências bíblicas, como de usos litúrgicos, história da Igreja, costumes populares, etc. na obra de Machado de Assis e é por esse caminho que segue o trabalho.

Como conclusão desse breve ensaio biográfico, que precisa ainda ser ampliado, gostaria de corrigir tanto Magalhães Jr. quanto D. Hugo Bressane, que veem Machado como um cristão que perdeu o sentimento de crença nos homens, razão pela qual nega a presença de um sacerdote no seu leito de morte em 29/09/1908. Segundo D. Hugo Bressane de Araújo: ele “*via nos sacramentos simples cerimônias vazias de significado e realidade espiritual*” (1978, p. 37).

Magalhães Júnior termina o ensaio sobre a religião e Machado de Assis dizendo que: “*Acreditaria, talvez, ainda em Deus. Não acreditaria, porém, em seus intermediários, nem nas formas exteriores do culto que nos tempos de menino decerto ajudara a officiar...*” (1955, p. 355)

Podemos ter uma certeza, olhando para o contexto histórico e biográfico da formação intelectual de Machado de Assis: apesar de não ter tido educação formal, numa faculdade, ele era profundamente versado sobre em alguns assuntos que dizem respeito ao contexto religioso

da sua época. Por isso se tornou capaz de lançar mão desses referenciais, como tema ou metáfora, e com eles construir uma obra mais complexa do ponto de vista da representação social e humana. Suas posições pessoais, efetivamente, não estão em discussão, apenas servem, quando podem ser auferidas, para comprovar o nível de conhecimento sobre determinado assunto.

## **PARTE II**

## 1. ANÁLISE QUANTITATIVA DOS ELEMENTOS RELIGIOSOS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

*Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta pena vadia. (Machado de Assis)*

*A vida é tão curta, os homens tão maus, os acontecimentos tão incertos, que uma criatura que nos ama é a imagem da misericórdia de Deus. (Machado de Assis)*

*A estatística é a chave dos costumes. (Machado de Assis)*

Machado de Assis foi o maior escritor do Brasil porque uniu dois elementos fundamentais para a criação literária. Soube representar com maestria a sociedade que o rodeava ao mesmo tempo em que explorou as mais diversas formas textuais. Para realizar a primeira, estava atento ao seu tempo e ao seu mundo, tentando entender o que se passava na sociedade na qual vivia. Talvez o fato de ter ascendido socialmente o deixou com certa vantagem, pois soube ver as diferenças de classe e de comportamento, assim como as semelhanças independentemente da posição social das pessoas, isto é, soube relativizar o que era próprio da classe e o que era próprio do ser humano que ele “leu” tão bem. Para realizar a segunda, Machado de Assis dialogou com as várias tradições que estavam disponíveis a si. Leu os autores nacionais, seus precursores, e soube muito bem avaliá-los, como podemos perceber em vários textos críticos. Leu os autores portugueses, com uma tradição mais antiga e por isso relevante, pois já tinham percorridos caminhos que a literatura nacional ainda tateava, e também soube criticá-los quando necessário, como no caso das duas críticas ao romance *Primo Basílio*, de Eça de Queirós. Leu, enfim, tudo aquilo que lhe caiu nas mãos através de várias pessoas, e dessa miscelânea cultural que absorveu através da leitura foi tecendo uma verdadeira rede de influências, todas colocadas no seu legítimo lugar, ou seja, a serviço do autor para que dela ele se servisse.

É dentro desse contexto de compreensão da obra de Machado de Assis que surge a reflexão feita aqui e os questionamentos que ela pretende explorar. Se o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* soube avaliar o mundo ao seu redor e emitir sobre ele opiniões lúcidas e elucidativas, o fez em diversas áreas e utilizou referenciais de diversas áreas. Falou

de política e para isso representou o mundo político que conhecia, falou das nuances psicológicas humanas e para isso recorreu ao vocabulário e às metáforas que provinham do universo dos alienistas. Pode-se dar como exemplo disso, e sem explorar o tema, que as várias doenças descritas n'*O Alienista*, narrativa sobre os limites entre a sanidade a loucura, não foram simplesmente inventadas, senão tiradas de livros sobre o assunto. Assim, podemos perceber Machado de Assis como uma grande esponja, visto ter absorvido tudo o que estava próximo de si para escrever a sua obra.

Podemos supor que a quantidade e a qualidade da utilização de um determinado referencial medem o quão extenso ou o quão profundo foi o conhecimento e a relação de um autor com esse referencial. Nesse sentido, a obra de Machado de Assis possui um número infindável das mais diversas referências religiosas mostrando que o autor, além de conhecer muito bem sobre o tema em questão, se utilizava dele para realizar o seu objetivo literário. Observando a obra de Machado de Assis, podemos perceber tanto na extensão quanto na diversidade dos gêneros a presença de elementos da religiosidade católica. Vamos exemplificar isso com alguns casos, que não esgotam a fonte do autor, mas que talvez sejam suficientes para demonstrar o seu conhecimento sobre o assunto.

## 1.1 Poesia

Machado de Assis frequentou a poesia, deixando peças muito interessantes e, na sua época, algumas delas consideradas acima da média, podendo ser igualadas em qualidade a de seus contemporâneos, como por exemplo Casimiro de Abreu, com quem dividiu a participação na sociedade Petalógica. É justamente na poesia que encontramos as suas primeiras publicações e também várias referências ao tema que perseguimos neste trabalho. Já em 1855, segundo Galante de Souza<sup>49</sup>, Machado de Assis escrevia na *Marmota fluminense* em homenagem a irmã morta o poema *Um anjo*, no qual o poeta, ainda abalado pela perda ocorrida seis anos antes, diria:

---

<sup>49</sup> É interessante perceber que a nova Obra Completa da Editora Nova Aguilar, lançada em 2008 coloque esse poema como publicado em 1856.

UM ANJO

*À memória de minha irmã*

*Se deixou da vida o porto  
Teve outra vida nos céus.  
A. E. ZALUAR*

*Foste a rosa desfolhada  
Na urna da eternidade,  
Pr'a sorrir mais animada,  
Mais bela, mais perfumada  
Lá na etérea imensidade.*

*Rasgaste o manto da vida,  
E anjo subiste ao céu  
Como a flor enlanguescida  
Que o vento pô-la caída  
E pouco a pouco morreu!*

*Tu'alma foi um perfume  
Erguido ao sólio divino;  
Levada ao celeste cume  
C'os Anjos oraste ao Nume  
Nas harmonias dum hino.*

*Alheia ao mundo devasso,  
Passaste a vida sorrindo;  
Derribou-te, ó ave, um braço,  
Mas abrindo asas no espaço  
Ao céu voaste, anjo lindo.*

*Esse invólucro mundano  
Trocaste por outro véu;  
Deste negro pego insano  
Não sofreste o menor dano  
Que tu'alma era do Céu.*

*Foste a rosa desfolhada  
Na urna da eternidade  
Pr'a sorrir mais animada  
Mais bela, mais perfumada  
Lá na etérea imensidade.  
(V. 3, pp. 709-710)*

Machado de Assis usa a imagem do anjo para definir a condição na qual a inocente irmã subira ao céu. Se, por um lado, temos a dor e o sofrimento, por outro aparecem a esperança e, porque não dizer, a fé de que a inocente habita um espaço de harmonia denominado na tradição católica de céu. Sempre ficará uma dúvida: quem fala no poema, Machado de Assis ou uma persona por ele criada? Porém não sobram dúvidas sobre a origem dos conhecimentos do eu-lírico do poema, e é o que basta para esse estudo. Machado se

apropriada de um campo semântico identificado com a religião e usufruindo dele expressa toda uma gama de sentimentos que são de elevação da alma que caminha para o eterno em oposição à flor desfolhada que representa a vida frágil que sucumbiu a uma doença. Não passa despercebido, porém, que esse vocabulário estava, ademais de identificado com a religião, em uso corriqueiro na poesia da época. Para voltarmos a um contemporâneo de Machado de Assis, o poeta Casimiro de Abreu utilizará essa imagem da pureza para mulher amada em poemas como *Amor e Medo*, presente no livro *Primaveras*<sup>50</sup>. Ainda sobre a morte, também na *Marmota Fluminense*, escreve *Minha mãe*, em 1856 em homenagem a sua:

*MINHA MÃE*

*(Imitação de Cowper)*

*Quanto eu, pobre de mim! quanto eu quisera  
Viver feliz com minha mãe também!  
C. A. DE SÁ*

*Quem foi que o berço me embalou da infância  
Entre as doçuras que do empíreo vêm?  
E nos beijos de célica fragrância  
Velou meu puro sono? Minha mãe!  
Se devo ter no peito uma lembrança  
É dela que os meus sonhos de criança  
Dourou: — é minha mãe!*

*Quem foi que no entoar canções mimosas  
Cheia de um terno amor — anjo do bem  
Minha fronte infantil — encheu de rosas  
De mimosos sorrisos? — Minha mãe!  
Se dentro do meu peito macilento  
O fogo da saudade me arde lento  
É dela: minha mãe.*

*Qual anjo que as mãos me uniu outrora  
E as rezas me ensinou que da alma vêm?  
E a imagem me mostrou que o mundo adora,  
E ensinou a adorá-la? — Minha mãe!  
Não devemos nós crer num puro riso  
Desse anjo gentil do paraíso  
Que chama-se uma mãe?*

*Por ela rezarei eternamente  
Que ela reza por mim no céu também;  
Nas santas rezas do meu peito ardente  
Repetirei um nome: — minha mãe!*

<sup>50</sup> Os versos correspondentes a essa imagem dizem: *Diz: — que seria da pureza de anjo, / Das vestes alvas, do candor das asas? / — Tu te queimaras, a pisar descalça, /— Criança louca — sobre um chão de brasas! [...] Vampiro infame, eu sorveria em beijos / Toda a inocência que teu lábio encerra, / E tu serias no lascivo abraço, /Anjo enlodado nos paúis da terra. Ou seja, em plena segunda geração romântica, chamar a irmã de anjo era algo bastante comum e associar a imagem de pureza a esse ser espiritual também, ainda que na origem do termo estivesse vinculado a um determinado tipo de discurso.*

*Se devem louros ter meus cantos d'alma  
Oh! do porvir eu trocaria a palma  
Para ter minha mãe!  
(V. 3, pp. 712-713)*

Temos neste poema uma imagem que seria recorrente na obra poética de Machado de Assis, a do anjo protetor, aqui associado à mãe ausente. Novamente a dúvida sobre a voz que fala no poema deixa entrever, entretanto, o conhecimento do autor sobre os temas da tradição católica, pois é a mãe que ensina o menino a rezar, que intercede por ele de onde está e conta com as preces dele para sua própria salvação.

Claro que estes dois exemplos remetem a uma situação na qual a religião é propícia como amparo da dor, e a esperança surge como alento ao vazio existencial que o cientificismo costuma impregnar a sociedade. Era fácil para o jovem Machado de Assis se deixar influenciar e utilizar um discurso piedoso falando em Deus e almas. Não é o caso, porém, do poema que encontramos na Semana Santa de 1858. Ao escrever *A morte no calvário*, (presente no V. 3, pp. 723-722 da *Obra completa de Machado de Assis em quatro volumes*, que está sendo utilizada como base para esse trabalho) oferecido “ao meu amigo o padre *Silveira Sarmento*”, como já visto, figura importante na formação de sua juventude, Machado dá uma verdadeira lição de teologia. Colocado aqui na íntegra, podemos perceber alguns elementos que aparecem no texto que colaboram com a ideia central desse estudo:

#### *A MORTE NO CALVÁRIO*

*Semana Santa, 1858  
Ao meu amigo o padre Silveira Sarmento  
Consummatum est!*

*I*  
1 *Ei-lo, vai sobre o alto Calvário  
Morrer piedoso e calmo em uma cruz!  
Povos! naquele fúnebre sudário  
Envolto vai um sol de eterna luz!*

Esse poema poderia ser considerado uma verdadeira lição poética de soteriologia<sup>51</sup>, e não seria muito estranho que ele fizesse parte de um livro de orações pascais. Tem como tema a morte no calvário, é publicado durante a semana santa, é oferecido, como já se referiu, ao amigo e mestre padre Sarmento, mas talvez o mais relevantes desses elementos extratextuais seja a epígrafe em latim retirada do evangelho de João, tido como um texto bastante

<sup>51</sup> Soteriologia é a área da teologia que estuda a salvação em Jesus Cristo, como se dá, porque foi da forma que foi e sua ação na vida dos fiéis.

emocional (Cf. Jo 19,30) dando o caráter do poema e o objetivo daquela morte: a consumação da missão do resgate do homem que caíra pelo pecado original e que agora era reabilitado a se aproximar de Deus. Em primeiro plano temos o olhar sobre aquele que está sobre o calvário com uma missão: morrer. O sentido da morte sacrificial, sobre uma montanha é comum na Bíblia. Na tradição judaica temos a história do sacrifício de Isaac por Abraão, seu pai. Deus pede como prova da confiança de Abraão o sacrifício do filho único sobre o qual recai a promessa de descendência e o patriarca não se furta a entregar a Deus seu filho amado. Quando Isaac pergunta sobre o sacrifício, pois ele mesmo tinha carregado a lenha sobre os ombros, via a faca na mão do pai, mas não o cordeiro para a imolação, Abraão responde: “Deus providenciará” (Cf. Gn 22,8). Numa leitura tipológica<sup>52</sup>, Abraão é figura de Deus e Isaac de Cristo, que carrega o lenho do sacrifício sobre a montanha e lá o anjo não segura a mão do Pai, pois o filho é realmente imolado. O fato de ir *piadoso e calmo* evoca outra virtude do messias bíblico, que se encontra no *Cântico do servo sofredor* do livro de *Isaías*<sup>53</sup>, ele vai para o sacrifício como ovelha, porque obediente e não como alguém rebelde, demonstrando que onde o homem pecou e caiu, em Adão, na obediência a Deus, Jesus vem reconciliar a humanidade com esse mesmo Deus, dando o exemplo de humildade de que mesmo sendo o filho de Deus, não torna a sua condição diferenciada em algo especial<sup>54</sup>. Ainda na primeira estrofe vem uma imagem para identificar Jesus, sol de eterna luz, *lumem gentium* luz das gentes, justamente porque na época de Constantino a festa natalícia de Jesus passou a substituir a do nascimento do deus sol invencível (*Natalis Invisit Solis*. Segue o poema dizendo:

- 2        *Ali toda descansa a humanidade;  
É o seu salvador, o seu Moisés!  
Aquela cruz é o sol da liberdade  
Ante o qual são iguais povos e reis!*
- 3        *Povos, olhai! — As fochas mortuárias  
São-lhe os louros, as palmas, e os troféus!  
Povos, olhai! — As púrpuras cesáreas  
Valem acaso em face do Homem-Deus?*

<sup>52</sup> Tipologia é uma chave de leitura que tem antiga tradição, desde a escola Paulina, passando pela Joanina e chegando a Agostinho e Tomás de Aquino. Na literatura, a análise através da tipologia é feita com competência por Erich Auerbach, especialmente no livro *Figura*. Tem essa forma de interpretação dos textos o caráter de ver o que está prefigurado através das imagens e metáforas. Isaac aparece como prefiguração do filho dado em sacrifício, Moises como prefiguração de Jesus, por ser o libertador da escravidão, a travessia do Mar Vermelho como prefiguração do batismo que liberta da escravidão do pecado, etc.

<sup>53</sup> *Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro, e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador.* (Is 53,7)

<sup>54</sup> Como dirá a Epístola aos Filipenses: “*Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz*” (Fl 2,6-8)

- 4 *Vede! mana-lhe o sangue das feridas  
Como o preço da nossa redenção.  
Ide banhar os braços parricidas  
Nas águas desse fúnebre Jordão!*
- 5 *Ei-lo, vai sobre o alto do Calvário  
Morrer piedoso e calmo em uma cruz!  
Povos! naquele fúnebre sudário  
Envolto vai um sol de eterna luz!*

Na segunda estrofe vemos Jesus sendo comparado a Moisés, novamente numa leitura tipológica e prefigurativa, pois na cruz ocorre uma nova páscoa, ou um novo sentido para a *pessach* judaica, já que essa libertação era física e para o povo que vivia escravo no Egito enquanto que a trazida por Cristo é espiritual e para todos os povos, por isso iguala *povos e reis*. Na terceira estrofe vemos imagens paulinas, *louros, palmas e troféus*, para indicar a vitória daquele que nesse momento parece estar derrotado, mas que na verdade surpreende a todos vencendo a morte através da cruz. Na quarta estrofe voltam a imagem feita por Isaías<sup>55</sup>, considerado pela piedade popular o quinto evangelista, por ter descrito tão bem a situação e os sentimentos do calvário, e a ideia tipológica de que o sangue de Jesus, que sai junto com água, são sinais de um novo batismo em tudo mais eficaz, por ser de salvação, que o primeiro, o do Jordão, administrado por João, que era apenas de conversão. A segunda parte continua acompanhando o calvário:

- II*
- 1 *Era o dia tremendo do holocausto...  
Deviam triunfar os fariseus...  
A cidade acordou toda no fausto,  
E à face das nações matava um Deus!*
- 2 *Palpitante, em frenético delírio  
A turba lá passou: vai imolar!  
Vai sagrar uma palma de martírio,  
E é a frente do Gólgota o altar!*

Se a primeira parte do poema elenca elementos espirituais e prefigurativos, a segunda se fixa na descrição do momento da morte no calvário. Diz que esse evento se dá no dia do holocausto, seguindo uma tradição joanina<sup>56</sup> de que Jesus morreu no dia da páscoa dos judeus,

<sup>55</sup> “Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades, e carregou os nossos sofrimentos: e nós o reputávamos como um castigado, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas.” (Is 53, 4-5)

<sup>56</sup> Presente em Jo 19,14: “Era a Preparação para a Páscoa, cerca da hora sexta.”

na mesma hora em que se sacrificava o cordeiro no templo. A segunda estrofe traz como que uma espécie de olhar jornalístico sobre a cena, olhando para a turba que passa. É o registro da *Via crucis* que culmina no Gólgota<sup>57</sup>. Segue o poema:

- 3 *Em derredor a humanidade atenta  
Aguarda o sacrifício do Homem-Deus!  
Era o íris no meio da tormenta  
O martírio do filho dos Hebreus!*
- 4 *Eis o monte, o altar do sacrifício,  
Onde vai operar-se a redenção.  
Sobe a turba entoando um epinício  
E caminha com ela o novo Adão!*
- 5 *E vai como ia outrora às sinagogas  
As leis pregar do Sião e do Tabor!  
É que no seu sudário as alvas togas  
Vão cortar os tribunos do Senhor!*

Toda a humanidade parece olhar para o calvário naquele momento, pois a ação que ali acontece tem influência sobre toda ela. É esse um momento de tensão, pois o *Homem-Deus* está prestes a dar a vida pelo bem da humanidade. Jesus caminha, com todos o olhando, ao som de um canto triunfal, subindo ao monte, onde se encontrará o altar do sacrifício, a própria cruz levada por ele, é Novo Adão, imagem paulina para definir como pode o sacrifício de um só homem salva a humanidade inteira.<sup>58</sup> O poema diz que Jesus caminha como antes caminhava pelas sinagogas e montes pregando o amor e ensinando a lei, ou seja, o seu gesto indo para o calvário não é diferente, em essência, daquele outro, se antes pregou o amor agora o vive da maneira mais radical, entregando-se por aqueles que ama<sup>59</sup>. Continua o poema:

- 6 *Planta-se a cruz. O Cristo está pendente;  
Cingem-lhe a fronte espinhos bem mortais;  
E cospe-lhe na face a turba ardente,  
E ressoam aplausos triunfais!*
- 7 *Ressoam como em Roma a população  
Aplaudindo o esforçado gladiador!  
É que são no delírio a mesma raça,  
A mesma geração tão sem pudor!*

<sup>57</sup> “Levaram então consigo Jesus. Ele próprio carregava a sua cruz para fora da cidade, em direção ao lugar chamado Calvário, em hebraico Gólgota. Ali o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.” (Jo 19, 17-18)

<sup>58</sup> “No entanto, desde Adão até Moisés reinou a morte, mesmo sobre aqueles que não pecaram à imitação da transgressão de Adão (o qual é figura do que havia de vir). Mas, com o dom gratuito, não se dá o mesmo que com a falta. Pois se a falta de um só causou a morte de todos os outros, com muito mais razão o dom de Deus e o benefício da graça obtida por um só homem, Jesus Cristo, foram concedidos copiosamente a todos.” (Rm 5, 14-15)

<sup>59</sup> “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” Jo 15, 13

A sexta estrofe abre-se com uma imagem muito recorrente na tradição, especialmente a popular católica, a de que a cruz foi plantada, qual árvore<sup>60</sup>. Após, vem uma série de imagens que evocam as humilhações sofridas por Jesus no calvário (coroa de espinhos, cusparadas, ironia), para chegar, apoteoticamente num gesto catártico daqueles que assistem ao espetáculo e que na próxima estrofe estará associado ao sentimento da *população aplaudindo o esforçado gladiador*. Continua Machado:

- 8      *Ressoam como um cântico maldito  
Pelas trevas do século a vibrar!  
Mas as douradas leis de um novo rito  
Vão ali no Calvário começar!*
- 9      *Sim, é a hora. A humanidade espera  
Entre as trevas da morte e a eterna luz;  
Não é a redenção uma quimera,  
Ei-la simbolizada nessa cruz!*
- 10     *É a hora. Esgotou-se a amarga taça;  
Tudo está consumado; ele morreu,  
E aos cânticos da ardente população  
Em luto a natureza se envolveu!*

A nona estrofe reforça o caráter místico da hora, somando a ele o momento da oração no horto, no qual Jesus pede que o Pai afaste o cálice que representa o pecado da humanidade, em oposição ao outro cálice no qual, na ceia, ele entrega seu sangue. Logo após vem a famosa frase se Cristo na Cruz sobre a consumação da sua missão<sup>61</sup>. Fechando a estrofe vem o comentário da tradição sinótica<sup>62</sup> de que no momento da morte de Cristo houve grande treva sobre a terra e o véu do templo teria se rasgado. Termina o poema assim:

- 11     *Povos! realizou-se a liberdade,  
E toda consumou-se a redenção!  
Curvai-vos ante o sol da Cristandade*

<sup>60</sup> Existe um canto, normalmente entoado na sexta-feira da paixão que diz: “*Deus santo, Deus forte, Deus imortal, tende piedade de nós./Cruz fiel, árvore nóbre, que flor e fruto nos dais. Árvore alguma se cobre das mesmas pompas reais. Lenho que o sangue recobre, ao Homem Deus sustentais./Deus santo, Deus forte, Deus imortal, tende piedade de nós. / Louvor e glória ao Deus Trino, fonte de luz, sumo bem. Ao Pai e ao Filho divino louvor eterno convém. Ergamos todos um hino ao que de ambos provém. Amém*”. É canto antiquíssimo, mas não posso precisar se tão antigo ao ponto de Machado de Assis o ter conhecido, porém o fato dele ter chamado Jesus duas vezes de Homem-Deus, pode ter alguma relação com esse canto.

<sup>61</sup> “*Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: Tudo está consumado. Inclinou a cabeça e rendeu o espírito.*” (Jo 19, 30) ou na vulgata latina: “*Cum ergo accepisset acetum, Iesus dixit: "Consummatum est!"*. Et inclinato capite tradidit spiritum.”

<sup>62</sup> Como no evangelho de Lucas: “*Era quase à hora sexta e em toda a terra houve trevas até a hora nona. Escureceu-se o sol e o véu do templo rasgou-se pelo meio. Jesus deu então um grande brado e disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, dizendo isso, expirou.* (Lc 23,44-46), e nos seus paralelos Mt 27,45-50 e Mc 15,33-37

*E as plantas osculai do novo Adão!*

- 12 *Ide, ao som das sagradas melodias,  
Orar junto do Cristo como irmãos,  
Que os espinhos da fronte do Messias  
São as rosas da fronte dos cristãos!*

Nesse momento, por conta da morte redentora de Cristo, *realizou-se a liberdade*, diz a décima primeira estrofe, voltando três imagens que já haviam sido exploradas: a redenção, a luz do sol e o novo Adão. Ao assumir o pecado da humanidade Cristo não tira a liberdade de que possamos pecar, apenas abre a opção da salvação que não existia anteriormente, por causa do pecado original. O poema termina justamente com esse ideia teológica de que participamos, como na visão de Daniel, da liturgia celeste que é presidida por Cristo morto e ressuscitado, pelos méritos do próprio Homem Deus que dignou assumir os males do mundo e pagar por eles no lugar da humanidade, por isso *os espinhos da fronte do Messias* podem ser vistos como *rosas na fronte dos cristãos*.

Esse é um exemplo de análise que serve para mostrar o tamanho da intimidade de Machado de Assis com os temas, as metáforas, as formas teológicas, enfim, com o universo do cristianismo de seu tempo, e de ainda de hoje. Não precisava crer para escrever o que escreveu, mas certamente precisava de muita leitura e alguma instrução, visto que alguns comentários feitos no poema eram sobre temas exclusivamente eclesiais, sem acesso ao público menos informado que se contentava com as devoções, bênçãos e festas populares.

Na mesma linha, mas demonstrando conhecimento em outra área da religião católica – a liturgia – está o poema publicado em *Falenas (1870)*:

*ITE, MISSA EST*

*Fecha o missal do amor e a bênção lança  
À pia multidão  
Dos teus sonhos de moço e de criança,  
Soa a hora fatal, — reza contrito  
As palavras do rito:  
Ite, missa est.*

*Foi longo o sacrificio; o teu joelho  
De curvar-se cansou;  
E acaso sobre as folhas do Evangelho  
A tua alma chorou.  
Ninguém viu essas lágrimas (ai tantas!)  
Cair nas folhas santas.  
Ite, missa est.*

*De olhos fitos no céu rezaste o credo,  
O credo do teu deus;  
Oração que devia, ou tarde ou cedo,  
Travar nos lábios teus;  
Palavra que se esvai qual fumo escasso  
E some-se no espaço.  
Ite, missa est.*

*Votaste ao céu, nas tuas mãos alçadas,  
A hóstia do perdão,  
A vítima divina e profanada  
Que chamas coração.  
Quase inteiras perdeste a alma e a vida  
Na hóstia consumida.  
Ite, missa est.*

*Pobre servo do altar de um deus esquivo,  
É tarde, beija a cruz;  
Na lâmpada em que ardia o fogo ativo,  
Vê, já se extingue a luz.  
Cubra-te agora o rosto macilento  
O véu do esquecimento.  
Ite, missa est.  
(V. 3, pp. 434-435)*

O primeiro dado que chama a atenção é que esse poema está presente num livro de 1870 não se tendo notícia de publicação anterior, isto é, já não é mais o jovem Machado escrevendo e sim alguém que, se ainda não chegou na sua dita fase de maturidade, já publica há mais de quinze anos. Aqui a liturgia está perfeitamente representada, seja pela presença das palavras finais da missa, ainda rezada em latim, que significa ir adiante e levar aquilo que fora vivido na celebração (a experiência do amor de Cristo que se deu em sacrifício por amor a cada um) seja pela utilização do missal, livro que contém as orações e rubricas da celebração, seja pelo livro dos evangelhos ou ainda pela hóstia consagrada. Todos os elementos típicos da celebração eucarística estão lá, demonstrando o conhecimento não somente de que atos, orações e alfaias são compostas as missas, como também a ordem desses elementos. Machado de Assis fala sobre o amor, metaforizando-o na celebração eucarística, e em cada uma das suas partes e é o basta para demonstrar o conhecimento do autor do tema tratado.

Ao mesmo padre Sarmiento, para quem oferecera *A morte no calvário*, Machado de Assis ofereceria o poema *Mont'Alverne* em 1858, e que sairia na 1ª edição das *Crisálidas*. Ambos eram admiradores do franciscano cego e talvez tenha sido por influência de seu preceptor que Machado tenha passado a admirar o outro sacerdote. Sobre a morte de Monte Alverne escreveu Machado de Assis:

## MONTE ALVERNE

*Ao padre-mestre A. J. da Silveira Sarmiento*

*Morreu! — Assim baqueia a estátua erguida  
No alto do pedestal;  
Assim o cedro das florestas virgens  
Cai pelo embate do corcel dos ventos  
Na hora do temporal...*

*Morreu! — Fechou-se o pórtico sublime  
De um paço secular;  
Da mocidade a romaria augusta  
Amanhã ante as pálidas ruínas  
Há de vir meditar!*

*Tinha na frente de profeta ungido  
A inspiração do céu.  
Pela escada do púlpito moderno  
Subiu outrora festival mancebo  
E Bossuet desceu!*

*Ah! que perdeste num só homem, claustro!  
Era uma augusta voz;  
Quando essa boca divinal se abria,  
Mais viva a crença dissipava n'alma  
Uma dúvida atroz!*

*Era tempo? — a argila se alquebrava  
Num áspero crisol;  
Corrido o véu pelos cansados olhos  
Nem via o sol que lhe contava os dias,  
Ele — fecundo sol!*

*A doença o prendia ao leito infausto  
Da derradeira dor;  
A terra reclamava o que era terra,  
E o gelo dos invernos coroava  
A frente do orador.*

*Mas lá dentro o espírito fervente  
Era como um fanal;  
Não, não dormia nesse régio crânio  
A alma gentil do Cícero dos púlpitos,  
— Cuidadosa Vestal!*

*Era tempo! — O romeiro do deserto  
Para um dia também;  
E ante a cidade que almejou por anos  
Desdobra um riso nos doridos lábios,  
Descansa e passa além!*

*Caíste! — Mas foi só a argila, o vaso,  
Que o tempo derrubou;*

*Não todo à essa foi teu vulto olímpico;  
Como deixa o cometa uma áurea cauda,  
A lembrança ficou!*

*O que hoje resta era a terrena púrpura  
Daquele gênio-rei;  
A alma voou ao seio do infinito,  
Voltou à pátria das divinas glórias  
O apóstolo da lei.*

*Pátria, curva o joelho ante esses restos  
Do orador imortal!  
Por esses lábios não falava um homem.  
Era uma geração, um século inteiro,  
Grande, monumental!*

*Morreu! — Assim baqueia a estátua erguida  
No alto do pedestal;  
Assim o cedro das florestas virgens  
Cai pelo embate do corcel dos ventos  
Na hora do temporal!  
(V. 3, pp. 639-641)*

A imagem do velho franciscano que tanto marcou a vida de Machado de Assis e que seria por ele cantado, literalmente, em prosa e verso está toda colocada aqui. Novamente é a morte que faz o autor se aproximar da religião. E numa nota ao poema explicaria Machado que:

A dedicatória desta poesia ao padre-mestre Silveira Sarmiento é um justo tributo pago ao talento, e à amizade que sempre me votou este digno sacerdote. Pareceu-me que não podia fazer nada mais próprio do que falar-lhe de Monte Alverne, que ele admirava, como eu. Não há nesta poesia só um tributo de amizade e de admiração: há igualmente a lembrança de um ano de minha vida. O padre-mestre, alguns anos mais velho do que eu, fazia-se nesse tempo um modesto preceptor e um agradável companheiro. Circunstâncias da vida nos separaram até hoje. (V. 3, pp. 648)

Não podemos deixar de lado o seu famoso poema herói-cômico *O Almada*, escrito em 1879, mas publicado integralmente pela primeira vez apenas em 1910, no qual trata de uma história real ocorrida em 1659 com o prelado Dr. Manuel de Sousa Almada, que é retratado ironicamente como alguém tendo atitudes desproporcionais ao problema que lhe era apresentado, mas mostrando outros tantos padres como piedosos e conscientes da sua missão.

Já em *Potira*, poema narrativo presente nas *Americanas* (1875), Machado de Assis evocaria o valor do matrimônio cristão como causa do martírio desta índia convertida. Já não

é mais simplesmente uma imagem comum como a do anjo, um exercício teológico ou litúrgico, ou ainda uma homenagem. Aqui a temática religiosa está incorporada como essência da ação de Potira, que não somente se converteu, mas admitiu o tipo de amor pregado pelo cristianismo. Explicaria o autor que a inspiração veio das *Crônicas da Companhia de Jesus*:

Os Tamoios, entre outras presas que fizeram, levaram esta índia, a qual pretendeu o capitão da empresa violar; resistiu valorosamente dizendo em língua brasílica: “Eu sou cristã e casada; não hei de fazer traição a Deus e a meu marido; bem podes matar-me e fazer de mim o que quiseres.” Deu-se por afrontado o bárbaro, e em vingança lhe acabou a vida com grande crueldade. (V. 3, pp. 499)

No longo poema vê-se a descrição da moça em decassílabos brancos, homenagem a Basílio da Gama, na descrição de Lindóia, ou simples coincidência?

*Moça cristã das solidões antigas,  
Em que áurea folha reviveu teu nome?  
Nem o eco das matas seculares,  
Nem a voz das sonoras cachoeiras,  
O transmitiu aos séculos futuros.  
Assim da tarde estiva às auras frouxas  
Tênuo fumo do colmo no ar se perde;  
Nem de outra sorte em moribundos lábios  
A humana voz expira. O horror e o sangue  
Da miseranda cena em que, de envolta  
Coos longos, magoadíssimos suspiros,  
Cristã Lucrecia, abriu tua alma o voo  
Para subir às regiões celestes,  
Mal deixada memória aos homens lembra.  
Isso apenas; não mais; teu nome obscuro,  
Nem tua campa o brasileiro os sabe.  
(V. 3, p. 499)*

Para depois contar a malfadada história da prisão da índia, do desejo antigo de seu algoz de fazê-la esposa, mas também da resistência da moça que aprendera o valor do amor cristão e que deseja vivê-lo até as últimas consequências. Tem o poema como cena máxima o momento em que Potira desafia a todos dizendo:

*“Impossível! Que vale um vago sonho?  
Sou esposa e cristã. Ímpio, respeita  
O amor que Deus protege e santifica;*

*Mata-me; a minha vida te pertence;  
 Ou, se te pesa derramar o sangue  
 Daquela a quem amaste, e por quem foste  
 Lançar entre os cristãos a dor e o susto,  
 Faze-me escrava; servirei contente  
 Enquanto a vida alumiar meus olhos.  
 Toma, entrego-te o sangue e a liberdade;  
 Ordena ou fere. Tua esposa, nunca!”*  
 (V. 3, p. 504)

Poderíamos lembrar ainda poemas que versam sobre temas religiosos como *A caridade* (de 1861, presente nas *Crisálidas*), *O casamento do diabo* (de 1863, na *Semana Ilustrada*), *Consummatum est!* (na Semana Santa de 1856, na *Marmota Fluminense*), *A cristã-nova* (de 1875, presente nas *Americanas*) e dentro da qual Machado faria uma versão do salmo 136 em tercetos, *Daí à obra de Marta um pouco de Maria* (Na inauguração das aulas para o sexo feminino do Liceu de Artes e Ofícios em 1881), *O dilúvio* (de 1863, presente nas *Crisálidas*), *Esperança* (de 1858, no *Correio Mercantil*), *Fé* (de 1863, presente nas *Crisálidas*), *José de Anchieta* (1901, presente nas *Ocidentais*), *Meu anjo* (1855, na *Marmota Fluminense*), *O profeta* (de 1855, na *Marmota Fluminense*), *Santa Helena* (1859, n.º *O Paraíba*), *Os semeadores* (de 1875, presente nas *Americanas*), *Soneto de Natal* (de 1896, em *A Bruxa*) para ficar em poemas que podemos evocar desde o título a temática religiosa e que não serão analisados aqui. Todas as indicações de data e local de publicação estão de acordo com a *Bibliografia de Machado de Assis* de J. Galante de Sousa.

Maria Eli de Queiroz, no seu livro *Machado de Assis e a religião*, publicado em 2008, faz recensão dos cinco livros de poesia de Machado de Assis sobre algumas palavras-chave da tradição católica chegando ao seguinte resultado:

- a palavra alma, campeã das citações, alcança um total de oitenta vezes;
- a palavra céu, onze vezes;
- a palavra fé, quatro vezes;
- a palavra anjo, dezessete vezes;
- a palavra Senhor, dez vezes;
- a palavra Deus, dezessete vezes;
- a palavra altar, uma vez;
- a palavra cruz, uma vez;
- a palavra oração seis vezes;
- a palavra Paraíso, uma vez;
- a palavra igreja, uma vez;
- a palavra Criador, uma vez;
- a palavra Cristo, três vezes. (QUEIROZ, 2008, pp. 51-52)

Claro que não se pode ficar numa análise meramente contábil de quais palavras aparecem na obra. É preciso contextualizar cada uma dessas palavras e tentar perceber a intenção do autor ao utilizá-las, porém olhando-se uma a uma, percebe-se que Machado de Assis tem verdadeira devoção por algumas imagens e essas imagens, mais frequentes na sua poesia até 1870, não deixaram de estar presentes nas obras de maturidade quando publica a sua obra de poesias em 1901, e além, como foi demonstrado anteriormente.

## 1.2 Prosa de ficção

Quando entramos na ficção em prosa, também aí existem inúmeras referências ao elemento religioso, seja na forma de citações bíblicas ou de metáforas, mas me fixarei aqui em destacar personagens que evocam o mundo da Igreja, demonstrando a relevância que Machado de Assis dava a estas personagens. Se é verdade que *Ressurreição* (1872) (apesar do título ser uma referência explícita ao cerne do cristianismo, mas estar ali posto por metáfora), *A mão e a luva* (1874), *Iaiá Garcia* (1878) não apresentam personagens ligados ao mundo eclesiástico e fazem poucas referências ao tema aqui tratado, nos demais romances temos muitas personagens do universo clerical e também referenciais religiosos relevantes e abundantes.

Em *Helena* (1876) encontramos o padre Melchior. As *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) são narradas por alguém do além e também está presente o tio de Brás, cônego de prebenda inteira. *Casa Velha* (1885), por sua vez, é narrado por um cônego da capela imperial. No *Quincas Borba* (1891) está presente o padre Chagas, o padre Mendes e mesmo Carlos Maria, estava destinado por seu pai para ser padre, segundo fala da personagem. E sobre o filósofo homônimo do livro, inclusive, se dirá que “*não dizia pulhices a respeito de padres, nem desconhecia doutrinas católicas; mas não falava nem da igreja nem dos seus servos.*” (V. 1, p. 775). Mas certamente o que mais chama a atenção, em se tratando de referenciais religiosos é a carta de Quincas Borba para Rubião, presente no capítulo X da dita obra, revelando-lhe ser Santo Agostinho<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> A título de curiosidade vai aí o fragmento no qual o insano filósofo faz a sua comparação com o Santo de Cartago: “*Quem sou eu, Rubião? Sou Santo Agostinho. Sei que há de sorrir, porque você é um ignaro, Rubião; a nossa intimidade permitia-me dizer palavra mais crua, mas faço-lhe esta concessão, que é a última. Ignaro! Ouça, ignaro. Sou Santo Agostinho; descobri isto anteontem: ouça e cale-se. Tudo coincide nas nossas vidas. O santo e eu passamos uma parte do tempo nos deleites e na heresia, porque eu considero heresia tudo o que não é a minha doutrina de Humanitas; ambos furtamos, ele, em pequeno, umas pêras de Cartago, eu, já rapaz, um relógio do meu amigo Brás Cubas. Nossas mães eram religiosas e castas. Enfim, ele pensava, como eu, que tudo que existe é bom, e assim o demonstra no*

Bentinho, no *Dom Casmurro* (1899), é enviado para o seminário, além de estar presente na narração, com alguma relevância, o padre Cabral, mestre do protagonista e que acaba nomeado protonotário apostólico<sup>64</sup>. Várias são as cenas sobre a vida religiosa das personagens no romance, como o carregar a vara do púlpito na procissão do viático<sup>65</sup>, no capítulo XXX do romance, denominado *O santíssimo*, por exemplo, no qual José Dias entra em disputa com Pádua, pai de Capitu, pela honra de carregar uma das varas do púlpito que cobria o Santíssimo Sacramento que estava sendo levado a um doente. A vida no seminário também será referida, com seus estudos e amizades, e mesmo o nome do melhor amigo do narrador, Escobar, pode ser uma referência a Pascal. O narrador acaba referenciando até o padre Luís Gonçalves dos Santos, autor da *“História dos subúrbios”*<sup>66</sup>.

Não esqueçamos que *Esau e Jacó* (1904) é uma referência ao livro do Gênesis; os nomes dos personagens – Pedro, Paulo, Natividade, Santos – todos em referência ao cristianismo. A própria história começa numa cena um tanto sincrética com a visita à Cabocla do castelo e uma missa. Pela obra desfilam alguns sacerdotes como o padre Guedes e o padre Bernardes. Já Aires, no seu *Memorial* (1908), elogia o seu confessor, ainda que tenha abandonado essa prática com o passar do tempo, além de trazer a admiração de Tristão pelo

---

capítulo XVI, livro VII das *Confissões*, com a diferença que, para ele, o mal é um desvio da vontade, ilusão própria de um século atrasado, concessão ao erro, pois que o mal nem mesmo existe, e só a primeira afirmação é verdadeira; todas as coisas são boas, omnia bona, e adeus.” (V. 1, pp. 769-770). E talvez essa última frase possa ser lida em chave tipológica, ou no sentido *figural*, como propõe Auerbach (1997), pois Quincas se apresenta como alguém que vem para realizar na plenitude o sentido da personagem anterior (como por exemplo o caso de Jesus que é figura de Moisés, ou, dito em linguagem tipológica, Moisés é a prefiguração de Cristo, pois o que um fez em sentido restrito, a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito, o outro fez em sentido amplo, a libertação espiritual de toda a humanidade) assim Quincas se apresenta como o próprio Santo de Hipona, só que com uma doutrina *melhorada*, visto Santo Agostinho fala do mal como desvio da vontade do que é bom e Quincas consegue perceber que não existe o mal. O que é importante para esse estudo é a demonstração de que Machado de Assis provavelmente conhecia esse tipo de interpretação e a aplica na obra, ainda que para obter um efeito de ironia. No mínimo, é possível dizer que o romance autoriza uma leitura dessa ordem.

<sup>64</sup> Título de honra que foi re-estabelecido por Gregório XVI em 1838 e concedia ao respectivo sacerdote a possibilidade de, em algumas ocasiões utilizar as vestimentas pontificiais (de bispo).

<sup>65</sup> O viático é a hóstia consagrada levada para pessoas que estão impossibilitadas de ir até a igreja comungar, no século XIX era um evento público, como aliás todos esses tipos de ações o eram.

<sup>66</sup> Parece que Machado de Assis tinha uma certa atração pelo dito padre, talvez por ser figura folclórica do Rio de Janeiro do tempo do Rei D. João e do primeiro império. Na verdade a primeira vez que aparece na ficção de Machado é na obra *Casa Velha*, bem no começo, quando o cônego narrador manifesta as suas intenções de escrever. Diz o narrador: — *Não desejo ao meu maior inimigo o que me aconteceu no mês de abril de 1839. Tinha-me dado na cabeça escrever uma obra política, a história do reinado de D. Pedro I. Até então esperdiçara algum talento em décimas e sonetos, muitos artigos de periódicos, e alguns sermões, que cedia a outros, depois que reconheci que não tinha os dons indispensáveis ao púlpito. No mês de agosto de 1838 li as Memórias que outro padre, Luís Gonçalves dos Santos, o padre Perereca chamado, escreveu do tempo do rei, e foi esse livro que me meteu em brios. Achei-o seguramente medíocre, e quis mostrar que um membro da igreja brasileira podia fazer coisa melhor.* (V. 3, p. 190). Na obra do padre Luís Gonçalves dos Santos não consta a tal *História dos subúrbios* citada por Bento Santiago, mas sim a *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil de 1825*, conforme *Dicionário Literário Brasileiro* de Raimundo de Menezes. O que leva Machado de Assis a criticar o padre Perereca talvez sejam as suas posições que podem ser percebidas nos títulos de alguns de seus livros como *“Antídoto catholico contra o veneno methodista, ou refutação do segundo relatório do intitulado missionário do Rio de Janeiro”* e *“O catholico e o methodista; ou, Refutação das doutrinas hereticas e falsas que os intitulados missionarios do Rio de Janeiro, methodistas de New York, tem vulgarizado nesta corte do Imperio do Brasil por meio de huns impressos chamados tracts, com o fim de fazer proselitos para sua seita.”*; ou ainda o estilo do dito padre que escreveu, sobre o Catete, um texto do qual retiramos como exemplo o seguinte fragmento: “[...] A Estrada do Catete é larga, e por um outro lado poucas casas têm a frente dela, sendo quase toda bordada de cercas das chácaras, que ocupam o terreno, por onde passa a dita estrada, mas sobre os outeiros até a Praia de Botafogo, inclusive se vêem muitas e boas casas de campo [...]”, sempre segundo o *Dicionário Literário Brasileiro*.

padre Bessa. O romance começa com o convite de Mana Rita a Aires para irem no cemitério em visita ao jazigo da família, a ida ao cemitério e após isso a conversa entre dois irmãos, quando Aires diz que ela estaria fazendo a ele a aposta de Deus e Mefistófeles do *Fausto* de Goethe.

Nos contos, encontramos um sem número de personagens desse universo religioso. Em “*Anjo Rafael*” (1869), o próprio arcanjo conversa com Dr. Antero, pelo menos é nisso que o major acredita. Em “*A mulher de preto*” (1870), encontramos o padre Luís e em “*Frei Simão*” o protagonista, que termina por enlouquecer (1870). Em “*A vida eterna*” (1870) padre e sacristão estão presentes no casamento de Dr. Vaz. “*O caminho de Damasco*” (1871) possui como personagem o padre Barroso. Encontramos o padre Maciel no conto “*A parasita azul*” (1873). O padre Sá está presente em “*Encher o tempo*” (1876).

“*O imortal*” (1882) Rui de Leão se faz frade franciscano no convento de Iguaçu. Em “*O alienista*” (1882) surge o padre Lopes, vigário de Itaguaí, voz que Simão respeita e que de certa forma o coloca no sanatório. “*Dona Benedita*” (1882) traz o cônego Roxo. “*O segredo do bonzo*” (1882) inicia com uma referência ao padre Francisco e “*Sereníssima república*” (1882) é uma conferência do cônego Vargas. No conto “*Último capítulo*” (1884) está presente o cônego Brito, já em “*Cantiga de esponsais*” (1884) Mestre Romão rege uma missa cantada de José Maurício na igreja do Carmo e o comentário da preferência do narrador de não se ocupar com padres e sacristães. Em “*Singular ocorrência*” (1884), temos uma senhora que entra na igreja da Cruz. “*Galeria póstuma*” (1884) possui uma missa de sétimo dia e as “*Primas de Sapucaia*” (1884) vão molhar a testa na igreja de São José. Em “*A segunda vida*” (1884), um dos personagens é o monsenhor (padre) Romualdo. Vários padres aparecem em “*Manuscrito de um sacristão*” (1884), dos quais o principal é o protagonista Teófilo. “*Pobre Cardeal*” (1886) é uma referência à morte do cardeal Caleppi. “*A igreja do diabo*” (1884) é uma alegoria da contradição humana feita através do desejo do diabo de ter sua própria igreja com liturgia e mandamentos.

Em “*O enfermeiro*” (1896), Procópio é contratado pelo Cel. Felisberto por recomendação do vigário da cidade e “*O cônego ou a metafísica do estilo*” (1896) é uma história que se passa em grande parte dentro da cabeça do cônego Matias. “*Adão e Eva*” (1896) reconta a história bíblica sob o olhar compassivo do carmelita Frei Bento. “*Entre santos*” (1896) é uma fantástica história que se passa dentro da igreja de São Francisco de Paula, contada por um velho padre que viu a fantástica história acontecer. Na “*Missa do galo*” (1899) Nogueira está esperando a dita missa. Frei Lourenço, personagem de Shakespeare, ressurgiu em “*Lágrimas de Xerxes*” (1899). “*O caso da vara*” (1899) inicia com a fuga de

Damião do seminário, aliás, tema comum em Machado de Assis. A “*Anedota do cabriole*” (1906) começa com a chamada do coadjutor da igreja de São José para levar a unção dos enfermos a dois moribundos.

Certamente há mais referências que poderiam ser listadas, mas as que aqui estão postas impressionam pela quantidade e pela variedade dos temas abordados. Essa recorrência, por si só, já é significativa. A análise individual de algumas dessas obras será feita posteriormente, a função delas aqui é somente demonstrar a variedade de referências religiosas nos escritos do autor e ainda sem considerar as milhares de citações bíblicas, diretas ou indiretas, nomes de personalidades da vida eclesiástica e outros tipos de referenciais que podem ser mapeados e estão presentes nas páginas de Machado de Assis.

### 1.3 Teatro

Mesmo as peças teatrais do autor não se furtaram a utilizar em alguns momentos esses temas, personagens e referenciais. Especialmente, em *Lição de botânica*, publicada no livro *Relíquias de casa velha* (1906), num diálogo entre o Barão e Leonor aquele diz que: “*O padre desposa a igreja; eu desposei a ciência. Saber é o meu estado conjugal; os livros são a minha família. Numa palavra, fiz voto de celibato.*” (V. 2, p. 723), falando sobre a sua devoção para com a ciência, aliás metáfora utilizada mais de uma vez na obra de Machado de Assis. No conjunto de metáforas que ali aparece temos alguém que está fazendo um discurso que se afasta do religioso ainda que utilize o tema como metáfora. O teatro de Machado de Assis é certamente a parte de sua obra menos conhecida e estudada, com a menor fortuna crítica ainda que essa atividade fosse considerada pelo autor como uma das mais importantes do intelectual, motivo pelo qual atuou como censor do Conservatório Dramático. Aqui o interesse é meramente exemplificativo e mesmo que não houvesse uma passagem teatral que tocasse no assunto ou utilizasse o tema em nada alteraria o resultado final.

## 1.4 Crônicas

Continuando a perseguir esse assunto na obra de Machado de Assis, vamos olhar para algumas crônicas, que podem participar da ficção sem perder o caráter documental. Não é a intenção aqui problematizar o gênero “crônica”, apenas analisar mais um tipo de texto que foi frequentado por Machado de Assis. Em um texto publicado em 01/04/1904, no *Jornal do Comercio*, Machado faria interessante comentário sobre, e esse é o título do texto, *A paixão de Jesus*. Começa o texto com o autor afirmando que “*QUEM RELÊ neste dia os evangelistas, por mais que os traga no coração ou de memória, acha uma comoção nova na tragédia do Calvário.*” (V. 3, p. 1338) São duas, as causas para isso. A primeira, que é inclusive dispensável comentar, segundo Machado, é a história em si. Mesmo assim ele evoca a importância dos *Evangelhos* dizendo:

A história daqueles que, pelos tempos adiante, vieram confessando a Jesus, padecendo e morrendo por Ele, e o grande espírito soprado do Evangelho ao mundo antigo, a força da doutrina, a fortaleza da crença, a extensão dos sacrifícios, a obra dos místicos, tudo se acumula naturalmente diante dos olhos, como efeito daquelas páginas primitivas. Não menos surge à vista o furor dos que combateram, pelos séculos fora, as máximas cristãs ouvidas, escritas e guardadas, alguma vez esquecidas, outras desentendidas, mas acabando sempre por animar as gerações fiéis. Tudo isso, porém, que será a história ulterior, é neste dia dominado pela simples narração evangélica. (V. 3, p. 1338)

Machado, quase trinta anos mais tarde, em outro gênero, novamente se admira com a Páscoa e com a força da narrativa da paixão de Cristo. Como no poema *Morte no calvário*, repassa cada uma das partes da história de Jesus Cristo e os seus significados. Comenta parábolas, ensinamentos e personagens daquele momento, o mais importante do cristianismo, analisando cada uma das figuras que compõem a cena, de Pedro a Pilatos. O que Machado parece querer demonstrar é que, mesmo passado tanto tempo, a cena da paixão de Cristo ainda comove pela sua força intrínseca. Impressiona-se Machado com a nota humana da história, com os personagens que tornam essa cena dramática, como Judas e Pedro. Sobre eles diz Machado:

Talvez ambos pudessem ser dispensados, não menos o primeiro que o segundo, por mais que o grupo dos discípulos escondesse o Mestre aos olhos dos inimigos. Se assim fosse, o suplício seria igualmente certo, mas a

tragédia divina não teria aquela nota humana nem tudo é lealdade, nem tudo é resistência na mesma família. (V. 3, p. 1340)

Mas ao mesmo tempo que refere a humanidade comovente da cena, talvez herança do pensamento de Renan, Machado não dispensa o caráter salvífico, e, por isso, também comovente, da paixão de Cristo. Essa duplicidade do comportamento de Jesus, extremamente humano e extremamente divino só vem confirmar o que textos, doutrinas e concílios têm afirmado ao longo dos séculos: Jesus é Homem e Deus, e sente como ambos. Termina o texto com um comentário sobre as mulheres que embalsamam o corpo de Jesus, dizendo:

Tal foi a última nota humana, docemente humana, que completou drama da estreita Jerusalém. Ela, e o mais que se passou entre a noite de um dia e a tarde de outro completaram o prefácio dos tempos. A doutrina produzirá os seus efeitos, a história será deduzida de uma lei, superior ao conselho dos homens. Quando nada houvesse ou nenhuma fosse, a simples crise da Paixão era de sobra para dar uma comoção nova aos que leem neste dia os evangelistas. (V. 3, pp. 1340-1341)

Depois de perceber a quantidade de referenciais católicos na obra de Machado de Assis nos perguntamos seriamente: tudo isso é apenas coincidência temática? Não poderia Machado olhar para outros lados na sociedade que o circundava? Vamos ao caso mais explícito e interessante da utilização da temática religiosa na crônica de Machado de Assis, por volta da páscoa de 1862 fizera publicar uma carta anônima destinada ao Bispo do Rio de Janeiro, Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, Conde de Irajá, sobre a situação da Igreja no Brasil e naquela cidade. Elogia a capacidade e o conhecimento do Bispo e chama o prelado ao dever de corrigir as práticas religiosas da cidade que, segundo muitos, são “*grotescas e ridículas, afetavam de algum modo a sublimidade de nossa religião.*” (V. 3, p. 1047), já que elas “*derivando de usanças pagãs, não podiam continuar a ser sancionadas por uma religião que veio destruir os cultos da gentildade.*” (V. 3, p. 1047), porém continuam a ser feitas. Falava Machado de Assis de, entre outras coisas a festa do *Enterro do Senhor*, também conhecida com procissão do *Senhor Morto*, que por si só não era o problema, mas o modo como era feita a festa, como de resto todas as festas no Brasil imperial, desvirtuando o sentido espiritual e se aproximando de uma festa pagã. Continua o remetente da carta dizendo que pior são as consequências para os fiéis menos cultos, pois “*a esses entibia-se a fé, e o cepticismo invade o coração.*” (V. 3, p. 1047). Diz que a sociedade brasileira “*está afetada do flagelo da indiferença*” (V. 3, p. 1048) e que as práticas religiosas ao invés de auxiliar,

educar e aprofundar na espiritualidade, muito pelo contrário “*são festas de folga, enfeitadas e confeitadas, falando muito aos olhos e nada ao coração.*” (V. 3, p. 1048), pois têm como:

[...] hábito de tornar os ofícios divinos em provas de ostentação, as confrarias e irmandades, destinadas à celebração dos respectivos órgãos, levam o fervor até uma luta vergonhosa e indigna, de influências pecuniárias; cabe a vitória, à que melhor e mais pagamente reveste a sua celebração. (V. 3, p. 1048)

Continua Machado, tocando em pontos importantes do problema religioso, e ao mesmo tempo pedindo a absolvição do Bispo, por falar tão francamente sobre o assunto. Diz ele que para os problemas religiosos do país contribui o clero nacional, pois ele “*está longe de ser aquilo que pede a religião do cristianismo. Reservadas as exceções, o nosso sacerdote nada tem do caráter piedoso e nobre que convém aos ministros do crucificado.*” (V. 3, p. 1048). Neste momento, Machado de Assis faz uma análise do clero nacional e da sua importância para a sociedade:

E, a meu ver, não há religião que melhor possa contar bons e dignos levitas. Aqueles discípulos do filho de Deus, por promessa dele tornados pescadores de homens, deviam dar lugar a imitações severas e dignas; mas não é assim, Ex.mo. Sr., não há aqui sacerdócio, há ofício rendoso, como tal considerado pelos que o exercem, e os que o exercem são o vício e a ignorância, feitas as pouquíssimas e honrosas exceções. Não serei exagerado se disser que o altar tornou-se balcão e o evangelho tabuleta. Em que pese a esses duplamente pecadores, é preciso que V. Ex.<sup>a</sup>. ouça estas verdades. [...] Fundam-se elas em fatos que, pela vulgaridade, não merecem menção. Merca-se no templo, Ex.mo Sr., como se mercava outrora quando Cristo expeliu os profanadores dos sagrados lares; mas a certeza de que um novo Cristo não virá expeli-los, e a própria tibieza da fé nesses corações, anima-os e põe-lhes na alma a tranquilidade e o pouco caso pelo futuro. (V. 3, p. 1048).

E conclui a análise dizendo que isso pode ser causa de dissolução social além de tudo e que “*Dobram, entre nós, as razões pelas quais o clero de todos os países católicos têm sido acusado.*” (V. 3, p. 1048). Se referia, Machado, ao hábito de não se valorizar o celibato, mas não somente isso, também o de beneficiar os féis mais generosos financeiramente, desprezando o ensinamento evangélico da *oferta da viúva*<sup>67</sup>. Dá a receita de qual seria o papel do clero frente à situação que se vive no país:

---

<sup>67</sup> Cf. Lc 21,1-3

No meio da indiferença e do cepticismo social, qual era o papel que cabia ao clero? Um: converter-se ao Evangelho e ganhar nas consciências o terreno perdido. Não acontecendo assim, as invectivas praticadas pela imoralidade clerical, longe de afrouxarem e diminuir, crescem de número e de energia. (V. 3, p. 1049).

Machado vê um ponto positivo na baixa qualidade do clero nacional, diz ele que:

Felizmente que a ignorância da maior parte dos nossos clérigos evita a organização de um partido clerical, que, com o pretexto de socorrer a Igreja nas suas tribulações temporais, venha lançar a perturbação nas consciências, nada adiantando à situação do supremo chefe católico. Não sei se digo uma heresia, mas por esta vantagem acho que é de apreciar essa ignorância. (V. 3, p. 1049)

Evidentemente é irônico o crítico, pois percebe que se o clero não fosse tão ignorante, provavelmente fosse ainda pior, pois se organizaria para realizar uma série de práticas avessas àquilo para o qual fora ordenado. Segue Machado comentando que vários perigos surgem desse problema, como o afastamento da verdadeira compreensão da religião e, portanto, o afastamento dos fiéis, mas talvez o maior perigo seja a comparação das práticas católicas com *“as dos ritos dissidentes, e, para não mentir ao coração, dá preferência a estas por vê-las simples, severas, graves, próprias do culto de Deus.”* (V. 3, p. 1049). Dois anos mais tarde, Machado de Assis estaria defendendo a liberdade religiosa na *Questão Kelly*. Toma, em seguida o cuidado de ressaltar que se refere:

somente às excrescências da nossa Igreja Católica, à prostituição do culto entre nós. Estou longe de condenar as práticas sérias. O que revolta é ver a materialização grotesca das cousas divinas, quando elas devem ter manifestação mais elevada, e, aplicando a bela expressão de S. Paulo, estão escritas não com tinta, mas com o espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração. (V. 3, p. 1049)

A última parte do artigo em forma de carta aberta é, efetivamente, um aconselhamento e uma súplica ao Bispo para que aja imediatamente, ainda que qualquer ação não terá efeito imediato, será ação a longo prazo, mas que precisa ser iniciada, apesar dos inúmeros inimigos que o prelado terá se ousar mexer no que está posto e ao que todos estão mediocrementemente acostumados. Machado coloca a religião como um importante elemento na base da formação social e por isso é preciso:

Pôr um termo às velhas usanças dos tempos coloniais, e encaminhar o culto para melhores, para verdadeiras fórmulas; fazer praticar o ensino religioso como sentimento e como ideia e, moralizar o clero com as medidas convenientes, são Ex.mo Sr., necessidades urgentíssimas.

É grande o descrédito da religião, porque é grande o descrédito do clero. E V. Ex<sup>a</sup> deve saber que os maus intérpretes são nocivos aos dogmas mais santos.

Desacreditada a religião, abala-se essa grande base da moral, e onde irá parar esta sociedade? (V. 3, p. 1049)

O que se torna relevante é que mesmo no texto de jornal, assinado ou anônimo, já que Machado iria assumir a autoria dessa carta apenas posteriormente, o tema interessa ao autor. Está tento uma postura claramente Ultramontana ao realizar a crítica e, se ainda não havia sido publicada a *Quanta Cura*, nem o *Syllabus*, as ideias que gerariam esses documentos e toda uma reforma de costumes e da relação da Igreja com o Estado, bem como a relação Igreja com seu clero, no sentido de cobranças e formação, já estavam postas no contexto. Se por ventura falava o crítico ou o crente não importa, visto que a análise aqui é de matéria de conhecimento, portanto, o que precisa ser notado é que falava um conhecedor não só de como era a situação religiosa do Rio de Janeiro, mas também de como deveria ser para que a religião no país fosse respeitada e impusesse a ordem necessária, servindo aos seus propósitos moralizadores.

Talvez, e aqui essa afirmação entra somente a título de especulação, Machado de Assis se sentisse incomodado com o nível de idiosincrasia existente na capital do Império, que era ao mesmo tempo a mais desenvolvida cidade do país e ainda presa a usos absolutamente arcaicos de religiosidade primitiva. Talvez desejasse apenas que o Rio de Janeiro e o Brasil estivessem atualizados, mesmo que religiosamente, com Paris e Roma. Pertinente a esse estudo é o fato de ele estar gastando o seu espaço na mídia e seu tempo para se dedicar a uma crítica de ordem estritamente religiosa, demonstrando conhecimento nas áreas de liturgia, moral, formação sacerdotal, conhecimento histórico da Igreja, percepção da diferença entre o clero nacional e internacional, etc. E mais: não está propondo o radical fim da estrutura religiosa como solução para dar à sociedade uma saída mais moderna, como fariam alguns dos seus contemporâneos, talvez, mais uma vez, porque fosse um homem que se sentia seguro dentro das estruturas que conhecia (religiosa, social, etc.).

### **Atando algumas pontas**

Passando, então, por toda a obra de Machado de Assis, percebemos que os referenciais de ordem religiosa se multiplicam a uma potência praticamente incalculável, tão grande quanto o número de estrelas do céu, para manter uma metáfora bíblica. Ele citou a Bíblia, a história, a estrutura, os membros do clero, a realidade da Igreja no Brasil e no mundo e as comparou. Poderíamos reconstruir, pelo menos parcialmente, essa história se atentássemos para o que Machado descreveu na sua obra, ainda que não possa ser afirmado que fosse essa a sua intenção.

Se utilizava esse conjunto referencial, era porque os elementos estavam ali disponíveis, fazendo parte de uma estrutura social da qual o autor se ocupou e se preocupou em transformar em estética. Pode-se inclusive imaginar que a intenção primeira de Machado de Assis na sua obra foi, como crítico literário consciente que era e deu mostras, criar esteticamente com a linguagem, sendo todo o resto apenas consequência dessa intenção. Resto e consequência, não são aqui palavras que diminuem toda a interpretação da obra machadiana em nível social ou qualquer outro, mas ao inverso, percebendo o que ele foi capaz de representar, em todos esses níveis, aumenta-se a relevância da obra. Machado de Assis conhecia a Igreja e sua dinâmica. Isso é demonstrado pela quantidade de referências colocadas em toda a sua obra. Porém, esse argumento pode ser facilmente rebatido com a fala de que essas referências são secundárias, supérfluas e sem uma maior relevância nos seus textos. Precisamos então passar para uma análise qualitativa de como o autor se utilizou desse tipo de conhecimento para a construção de personagens, seja no nível do discurso, seja no da análise social.

## 2. ANÁLISES QUALITATIVAS DOS ELEMENTOS RELIGIOSOS NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

*Quando me afligirem os passos da vida, vou-me a esse velho livro para saber que tudo é vaidade. Quando ficar de boca aberta diante de um fato extraordinário, vou-me ainda a ele para saber que nada é novo debaixo do sol. (Machado de Assis)*

Como estamos perseguindo ao longo desse texto, pode-se perceber que os temas religiosos, mas mais, também as referências bíblicas, as personagens da história eclesiástica, passada e presente, os movimentos da política interna da Igreja Católica os ritos e símbolos da Tradição, tudo isso, e algo mais, foi utilizado por Machado de Assis para compor, junto com tantas outras categorias de referenciais uma obra em forma de tessitura linguística, histórica e social. Mas para que esse trabalho se torne realmente importante e o estudo possa ser prosseguido um ponto é necessário que seja provado: a relevância dos referenciais religiosos na obra de Machado. Uma coisa é falar sobre um assunto e torná-lo parte de uma obra, como, apenas circunstância de época. Outra coisa é perceber nesse conjunto de referências uma intencionalidade que pode inclusive revelar algo novo sobre a obra do autor.

Desde as primeiras poesias até o último romance, da prosa ao verso, da expressão narrativa à lírica, passando pela dramática e mesmo nas suas crônicas, em absolutamente toda a sua obra ao longo de cinquenta e cinco anos, Machado nunca deixou a temática de lado, portanto ela possui em si mesma uma relevância exponencial. Mas será que além da quantidade pode-se observar *qualidade* na utilização do conjunto referencial? Será que podemos descobrir algo incrustado por detrás da aparência de simplicidade? Será que conhecendo o tema, e sabendo o que procurar, não se poderia achar algo mais para somar-se ao conjunto interpretativo da obra? Em suma, podemos passar agora a um outro nível de análise das referências religiosas na obra de Machado de Assis.

Existem, pelo menos, três tipos fundamentais de referências religiosas em Machado de Assis: a citação bíblica (séria ou irônica), a representação de personagens membros da hierarquia da Igreja ou próximos a eles (Bispos, padres, cônegos, sacristãos, etc.) e, por fim, toda uma ordem de referências a ritos, costumes, personalidades da vida da Igreja, nacional e estrangeira, fatos históricos, instrumentos próprios do uso litúrgico, etc. Pode-se perceber que

os dois primeiros tipos de referencial são mais centralizadores, enquanto o terceiro tipo é mais difuso. Geralmente uma narrativa que tem por personagem central um padre falará da vida eclesiástica, e vários são os exemplos disso na obra de Machado, e isso será facilmente reconhecível. Uma obra que tematiza a Bíblia, também a colocará com certo destaque, o que, de igual forma, será constituinte da estrutura da obra. Porém, com o terceiro tipo de referências não se dá assim, visto o autor utilizar-se desse conjunto em todos os tipos de narrativa, mesmo naqueles que não possuem temática religiosa. Podemos figurar, então, dois tipos de narrativas religiosas em Machado de Assis, aquelas que se centralizam em membros da hierarquia e aquelas que se dedicam a resgatar algum conhecimento bíblico.

Também é tido pela crítica que Machado de Assis teve um ponto de virada na sua obra no início dos anos de 1880 e que a partir desse momento muitas temáticas e formas foram modificadas pelo autor que ali teria dado o seu grande salto de qualidade. Ainda que se possam encontrar outros pontos mais sutis onde ocorreram viradas sua obra, é fácil perceber em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Papéis Avulsos* um salto de qualidade relevante e um nível de experimentalismo nunca antes utilizado dessa forma pelo autor. Usaremos essa época como divisor de águas para uma análise preliminar desses dois assuntos que podem ser mais facilmente mapeados na narrativa de Machado de Assis. Teríamos assim clero e Bíblia vistos em três momentos relevantes da obra do autor, na formação – até 1880 –, na virada – em 1881 e 1882 – e na maturidade – a partir de 1884.

Do ponto de vista da formação literária é fato que Machado de Assis foi gradualmente se desenvolvendo enquanto realizava a sua obra, por essa razão podemos perceber que alguns temas e formas utilizados no início de sua carreira de ficcionista serão gradualmente modificados ao longo do tempo. Machado era um escritor mais convencional nos seus primeiros contos e romances, como se estivesse se adaptando a uma forma, para depois poder modificá-la. O jovem Machado de Assis compôs em narrativa, entre 1858 e 1879, 94 contos e 4 romances. Já é uma obra consideravelmente grande, mas que, segundo Manuel Bandeira, se tivesse ficado aí, ou se Machado tivesse morrido aos quarenta anos, não seria relevante e ele não seria mais que um escritor mediano. Pode-se perceber que a sua obra nesse momento está mais voltada para o passar o tempo, por uma parte, e com o “doutrinar” a sociedade por outra, especialmente na obra publicada no *Jornal das Famílias* entre 1863 e 1878, na qual Machado desenvolve temas morais e de formação intelectual, visto seus personagens não somente viverem histórias interessantes e moralizantes, mas também lerem obras que tinham um caráter formativo.

Ao acompanhar as aulas sobre Machado de Assis, vamos acompanhando também a gestação de algumas ideias de alguns professores que acabaram por se tornar livros. Como somos mais ou menos o resultado da assimilação e negação do conjunto de pensamentos a que somos expostos ao longo da vida, essa dinâmica também está neste trabalho alguma forma. Vale ressaltar pelo menos uma dessas ideias que de certa forma ilumina esse trabalho, ainda que entre aqui de forma periférica. Diz respeito ao, hoje, ensaio *A invenção das distâncias* de Luis Augusto Fischer, que foi primeiro discutido, depois teve a sua versão em livro (*Machado de Assis: uma revisão*, 1998) e volta reescrito agora (*Borges e Machado*, 2009). No artigo original havia uma tentativa de classificar os contos de Machado quanto a termos éticos ou estéticos. No artigo reescrito a discussão se aprofunda mais, como era de se esperar de uma reescritura. Mas para o este caso deixemos as “*altas e baixas actividades interpretativas*” de lado e fiquemos com uma ideia geral e simples: por vários ângulos apresentados, de Alfredo Bosi a Eugênio Gomes, de Fischer escrito ou reescrito à luz de Abel Baptista, a obra de Machado de Assis na sua “primeira fase” é nitidamente uma elaboração dentro das formas estéticas disponíveis tratando de assuntos relevantes para a ordem burguesa. Teoricamente, dentro dessa ordem estaria a religião e, efetivamente, muitos são os casos de referenciais religiosos nessas primeiras narrativas, porém, não os melhores nem maiores casos. Isto é, Machado de Assis escreveu dentro de um paradigma social, de encontrar o seu lugar no mundo burguês, e é isso fundamentalmente que as personagens fazem, na sua obra, através do casamento e da herança, e aqui pode-se citar outro artigo do mesmo livro de Fischer, “*Quincas Borba: “Sou livre, devo tudo ao doutor”*”, que analisa exatamente essa faceta da obra machadiana e da sociedade brasileira da sua época. Como consequência de representar esse mundo mais tradicional, poderia se pensar que a forma narrativa utilizada também foi mais tradicional, na qual Machado não experimentou muito, dando a sua obra um caráter mais ético do que estético.

Já o ponto de virada mais importante da obra de Machado de Assis foi a passagem dos anos setenta para os oitenta, não somente pela série de eventos envolvendo a sua saúde<sup>68</sup>, mas, principalmente, porque ali estão os livros chave para interpretar a grande obra do autor. Certamente que sobre esses livros pairam a maior parte da fortuna crítica sobre o autor.<sup>69</sup> As obras aqui analisadas para perceber a relevância do conjunto referencial religioso em

---

<sup>68</sup> A manifestação dos sintomas de epilepsia e as primeiras férias da vida de Machado, por consequência.

<sup>69</sup> Juntamente com *Dom Casmurro*, obra máxima do autor e possivelmente tema da continuação desse estudo, já que na narrativa de Bento Santiago o fato de o discurso ser fruto de uma dupla retórica – a jurídica e a eclesial – é relevante. Mas isso é matéria para depois.

Machado de Assis num momento chave serão as *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e o livro de contos *Papéis Avulsos* (1882).

Quando olhamos com atenção para as *Memórias póstumas de Brás Cubas* e passamos o primeiro impulso de vê-la apenas como uma ironia da classe dominante com um discurso volúvel (elementos evidentemente presentes como metáfora das relações sociais existentes na época de Machado de Assis, em especial entre os homens livres e os agregados, e já tão estudados em importantes trabalhos críticos) nos fazemos a pergunta existencial do ponto de vista de Brás: qual o significado da vida? Ou antes, por que Brás conta a sua história com um olhar tão irônico? Poderíamos explorar a questão da transcendência, ou seja, vista do além a existência aqui perde a importância, logo a transcendência é um elemento constituinte da narrativa de além-túmulo de Brás Cubas, e a transcendência é um conceito não aceito pelo mundo cientificista e racionalista no qual estava imerso o autor Machado de Assis<sup>70</sup>. Talvez essa fosse a melhor maneira de ironizar o discurso racionalista, mas pode ser que justamente pelo fato de haver uma ironia na base da narrativa, as pessoas que precisariam se sentir representadas fossem exatamente aquelas que não compreenderiam ou aceitariam a crítica. O próprio Brás diz isso quando do prólogo *Ao leitor* do livro fala das gentes sérias e das frívolas. Que Machado de Assis surpreende com esse livro, é fato. Que ele ousou numa forma narrativa que o público leitor da época não estava acostumado e, talvez, não estivesse preparado para tanto, idem. Que ele resolveu se vincular a outras tradições literária e escapar daquelas que dominavam a sua época é uma constatação a que chegamos pela simples leitura do referido prólogo. Porém, não podemos perder o foco de que escrever do além, como Brás diz que está fazendo, é uma saída no mínimo ousada para estabelecer uma relação com a história e a sociedade. Nega-se a explicar por qual processo realiza essa façanha, mas afirma peremptoriamente que a realiza. Assim voltamos para o conceito inicial, de onde Brás fala? Se algo une todas as religiões é o fato de existir uma crença na transcendência da vida.

Não é coincidência Brás comparar a sua obra à de Moisés e dizer que a sua ganharia em originalidade, pois começaria pondo a sua morte no princípio, enquanto o libertador de Israel a colocou no final da sua, no livro do Deuteronômio, quinto livro da Torá, a Lei dos Judeus e início da Bíblia católica. Comparar Brás com Moisés é uma maneira de transformar o autor das memórias, como escreveu Regina Zilberman (2004, p. 174), em um “herói

<sup>70</sup> Já se chegou a cogitar que Brás não estivesse morto, a despeito de toda a narrativa ser constituída por esse paradigma, e que tudo não passasse de mais uma brincadeira de Brás. Talvez a brincadeira seja mais propriamente de Machado de Assis e não de Brás Cubas e essa seja a melhor explicação, pois a narrativa se constitui de um discurso fantástico e ao mesmo tempo cientificista, já que em vários momentos Brás assume essa postura, estabelecendo mais uma das tão presentes dicotomias na obra do autor. Pode-se postular ainda o livro como uma ironia ao espiritismo que é se utilizava do subterfúgio do cientificismo para estabelecer o seu discurso, mas ao mesmo tempo não dava explicações efetivamente científicas, como faz Brás Cubas no prólogo do livro.

*fundador, protagonista de uma narrativa de origem*”. Na análise que faz, Regina aponta as semelhanças de Brás e de Moisés mostrando que:

A alusão ao bíblico Moisés não se limita, porém à função de desculpar a possível falta de verossimilhança do processo de produção da obra. Há, efetivamente, a coincidência entre o estado do hebreu e o de Brás Cubas, ambos supostamente defuntos, que podem narrar de modo aceitável, sua trajetória na época em que viveram. A comparação com Moisés sugere, porém, outras coincidências, pois aquele indivíduo, acredite-se ou não na sua existência histórica, carrega consigo significações consistentes, decorrentes da biografia que lhe é atribuída. (ZILBERMAN, 2004, p. 173)

Se retomarmos a tradição judaico-cristã sobre a formação do cânon bíblico encontraremos na sua origem a experiência realizada pelo povo de Israel. Portanto a Bíblia, esse conjunto de livros, e especialmente a *Torá*, é obra fundadora de um povo – não por acaso reconhecido como povo do livro – e para tanto, lança mão de dispositivos de ordem literária para contar a sua história. A tradição judaica diz que foi Moisés, de próprio punho, quem teria escrito a *Torá*, com o agravante de o livro narrar a morte de Moisés<sup>71</sup>, o que é facilmente explicado, por essa mesma tradição, relatando que essa parte foi escrita por Josué, sucessor do libertador do Egito. O fato de Machado de Assis ironizar a escrita da *Torá*, mostra o conhecimento do autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas* sobre os níveis de leitura que se pode fazer do texto sagrado.

Para podermos entender a referência do *Pentateuco* em Machado de Assis é preciso compreender que a tessitura da Bíblia se dá pelo longo tempo que levou para ser escrita e compilada e também pelas diferentes origens ideológicas que esses diversos textos tinham, as tradições. São quatro as tradições responsáveis pela escritura da *Torá* e de outras partes daquilo que chamamos de Antigo ou Primeiro Testamento. A mais antiga chama-se Javista, por designar Deus pelo tetragrama sagrado YHWH<sup>72</sup> (Javé, numa versão livre do nome impronunciável de Deus), foi escrita por volta do século X a. C. no Sul da palestina, durante o reinado de Salomão e reflete as preocupações e os ideias da corte em Jerusalém. A segunda mais antiga chama-se tradição Eloísta, pois trata Deus pelo vocativo de Eloin – Senhor – e

<sup>71</sup> Diz o livro do Deuteronômio: “Subiu Moisés das planícies de Moab ao monte Nebo, ao cimo do Fasga, defronte de Jericó. O Senhor mostrou-lhe toda a terra, desde Galaad até Dã, todo o Neftali, a terra de Efraim e de Manassés, todo o território de Judá até o mar ocidental, o Negeb, a planície do Jordão, o vale de Jericó, a cidade das palmeiras, até Segor. O Senhor disse-lhe: Eis a terra que jurei a Abraão, a Isaac e a Jacó dar à sua posteridade. Viste-a com os teus olhos, mas não entrarás nela. E Moisés, o servo do Senhor, morreu ali na terra de Moab, como o Senhor decidira. E ele o enterrou no vale da terra de Moab, defronte de Bet-Fogor, e ninguém jamais soube o lugar do seu sepulcro”. (Dt 34, 1-6)

<sup>72</sup> Sobre o assunto temos a recente publicação do livro *O significado e a mensagem dos nomes de Deus na Bíblia* de Tryggve N. D. Mettinger.

tem origem no norte entre os séculos IX e VIII a.C., na região da Samaria e que foi encontrado na época do pós-exílio. Existem ainda as tradições Deuteronomica, que corresponde a época imediatamente antes do exílio, por volta dos séculos VII e VI a.C. sendo completada na babilônia e, por fim a Sacerdotal, escrita no exílio da Babilônia, 587 a 538 a.C. e após o exílio fundida com as outras dando a redação final da Torá. Cada tradição tinha por certo a defesa e a expressão dos seus ideais religiosos e políticos e, por essa razão, a Lei apresenta uma série de aparentes contradições<sup>73</sup> que são compreendidas dentro do contexto de múltiplos documentos na sua formação.

A opção de Machado de Assis de fazer Brás comparar o seu texto com o *Pentateuco* nada tem de aleatório ou circunstancial, serve para desacomodar o leitor, pois ele dá essa informação com uma tranquilidade desconcertante, dizendo no primeiro capítulo:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco. (V. 1, p. 626)

Para depois partir para um comentário de ordem trivial que cria uma sensação de estranhamento no leitor, pois ao associar, paralelamente, as duas informações, que são dadas com a mesma tranquilidade, o leitor se questiona sobre o nível de ironia primeira, ou o de realismo da segunda, como podemos ver:

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. (V. 1, p. 626)

---

<sup>73</sup> Poderíamos elencar várias das ditas contradições bíblicas como os dois relatos da criação (Gn 1,1-2,4a e Gn 2,4b-25) que apresentam situações bem diferentes como o tempo que leva para Deus criar o mundo (sete dias na versão sacerdotal e sem marcação de tempo na Javista), a situação inicial (águas em oposição ao deserto), a criação da mulher (junto com o homem contra a partir do lado do homem), etc. Para entender o significado de cada um desses elementos é essencial compreender que os documentos (Sacerdotal e Javista, neste caso) foram escritos visando efeitos diferentes, o primeiro, pós-exílio busca adesão ao Deus único que sequer precisa de um templo para ser honrado já que ele criou tudo o que existe, inclusive aqueles elementos que eram considerados deuses pelos outros povos da época (com a lua, o sol e as estrelas) o segundo, remontando ao início da monarquia davídica realizou a tarefa de recolher a tradição oral e transformá-la em texto sagrado, aqui Deus se manifesta ainda de forma antropomorfizada (faz o homem moldando-o com suas mãos, sopra no seu nariz, etc.).

Se é verdade que nosso narrador é volúvel, mudando o discurso e deixando o seu leitor perplexo com um desrespeito inusitado para a época, também é fato que Machado de Assis sabia muito bem onde queria chegar com cada uma dessas supostas brincadeiras colocadas no texto. Perplexidade se consegue de várias formas, muitas delas estéreis do ponto de vista crítico, aqui não. Visto a próxima informação colocada pelo narrador ser, de forma realista, a data e hora da sua morte. Essa passagem é que potencializará a ironia, já que o narrador faz uma afirmação absurda e não passa a explicá-la, como seria o esperado quando ocorrem afirmações absurdas. O que vem ao caso é que o fato de as *Memórias póstumas* serem comparadas com a Bíblia e Brás a Moisés, torna o elemento religioso constituinte do discurso narrativo, e não algo acessório, mas, pelo contrário, fundamental para a compreensão do significado da obra como retrato de uma sociedade. E essa não é a única referência religiosa do texto. Existem inúmeras outras, desde o tio cônego de Brás até a liturgia humanista proposta por Quincas Borba. Machado então, contava com a compreensão do público da época para compreender o seu texto, mas mais do que isso, contava com o seu próprio relacionar-se com a tradição religiosa para compor a obra na sua plenitude. Compreender a obra passa por compreender quem são esses personagens e quais os seus papéis na trama narrativa. Portanto caberia nesse momento um estudo da figura bíblica de Moisés, seu lugar na tradição judaica, seu papel prefigurativo de Cristo, sua função de condução do povo de Israel pelo deserto até a terra prometida.

Brás pode ser lido como uma corruptela de Brasil e, dessa forma, parece ser desejo do autor que a sociedade reconheça-se nele como num herói, ainda que às avessas, fundador. Essa compreensão passa, e passava por entender qual o papel de Moisés para o povo hebreu e isso era mais viável em uma sociedade que possivelmente tinha na época uma familiaridade com o tema e os elementos e por essa razão poderia, talvez, mais facilmente, compreender essa ironia.

Já *Papéis Avulsos* é um livro de contos estruturalmente muito radical publicado por Machado de Assis. Ocupa, na narrativa curta, a importância que *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ocupa na longa. A temática religiosa aqui é mais abundante na medida em que mais personagens e mais referências se relacionam com esse universo. O livro inicia com uma advertência ao leitor que nem sempre foi mantida nas edições posteriores e que merece um estudo pelas aproximações feitas, que diz:

Este título de Papéis avulsos parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os

não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa.

Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil. O livro está nas mãos do leitor. Direi somente, que se há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que o não são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendo-me com São João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): "E aqui há sentido, que tem sabedoria." Menos a sabedoria, cubro-me com aquela palavra. Quanto a Diderot, ninguém ignora que ele, não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse também. E eis a razão do enciclopedista: é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso.

Deste modo, venha donde vier o reproche, espero que daí mesmo virá a absolvição. (V. 2, p. 236)

Geralmente Machado de Assis dava aos seus livros de contos nomes abertos, amplos e sem uma significação imediata e identificável. Paradoxalmente, logo após começava com uma advertência explicando o nome do livro e dizendo que não iria explicar muito. É o caso aqui, visto que a primeira frase possui justamente esse papel. Ao comparar os contos com uma família que é obrigada a sentar a mesma mesa pelo pai, Machado mostra que eles podem ser diferentes, mas que algo os une num laço profundo e fraterno. Depois Machado esquiva-se de revelar o gênero daquelas narrativas que coloca no livro, talvez para ele não fossem contos ou, pelo menos, não aqueles contos que seus leitores habituais estavam acostumados a ler e talvez isso mereça uma explicação. É justamente essa explicação que se torna a parte mais importante desse prefácio, pois Machado se defende aprioristicamente de qualquer acusação associando dois autores que chamam a atenção justamente pela associação inesperada. Da mesma forma que uniu Moisés e Brás, Machado coloca lado a lado São João evangelista, e uma frase o *Apocalipse*, e Denis Diderot, autor anticlerical de *La Religieuse* (1760) e, em parceria com d'Alembert, da *Encyclopédie* (tendo seus últimos volumes publicados em 1772). Machado gostava de trabalhar com essas tensões associativas como temos visto. Nessa advertência, cria uma espécie de anticrítica profilática ao referir o evangelista e o filósofo, possivelmente porque tenha consciência de que está criando uma narrativa que foge dos paradigmas usuais da época e da sua própria obra até então. Estaria preocupado com o seu leitor usual? Assim busca estabelecer um vínculo com a tradição. A crítica seria justamente ter-se distanciado dos temas sérios e das formas tradicionais, facilmente identificáveis pelo leitor médio, para realizar uma obra que seria apenas investigação formal e ironia no conteúdo, visto que as histórias giram em torno de uma república de aranhas, com fraude

eleitoral, novos capítulos para o Gênesis, uma visita de uma do autêntico ateniense Alcibíades, etc. Machado responde com João, pois o evangelista e autor do livro das revelações diz que em tudo pode ser encontrada a sabedoria, e com Diderot, porque o enciclopedista diz que é lícito deixar o tempo transcorrer com um bom conto, uma história de ficção. Na verdade o que mais espanta o leitor seja aproximar dois espíritos tão díspares no tempo quanto no estilo e no ideário. O próprio autor do evangelho, ainda que tenhamos de relativizar essa informação, pois a composição de um evangelho é mais complexa do que simplesmente um homem sentar e escrever um conjunto de experiências, mas vá lá, o próprio autor do evangelho e um dos mais importantes iluministas do século XVIII, declaradamente racionalista, materialista e ateu.

O que fica é que Machado de Assis dá, porque não utilizar o jargão mais comum, o grande salto de qualidade da sua obra nesse momento e paradoxalmente, segundo alguns pensamentos, não abandona o conjunto referencial religioso. Não que aqui ele mantivesse o mesmo uso e significação para essas referências, o que é um estudo interessante e posterior, apenas que não somente Machado não abandonou seus personagens, citações bíblicas e todas as outras possibilidades religiosas já citadas, como ampliou o seu uso.

Vamos ver alguns exemplos de como ele utiliza o conjunto referencial em alguns contos, sobre os dois principais temas propostos – clero e Bíblia – sempre nos três momentos sobre os quais nos debruçamos aqui.

## 2.1 Clero

Uma possibilidade de leitura de Machado de Assis é a de ser um autor atento à sociedade ao seu redor e desta forma capaz de representá-la com certa qualidade. Podemos encontrar os vários tipos sociais do país em narrativas que não desprezam o individual e o psicológico, características tipicamente modernas na obra de Machado. O clero era, dentro do país, uma classe social a parte, ainda que oriunda sempre das outras classes. A escolha de um candidato se dava, muitas vezes, mais por desejo dos pais ou convenção social do que propriamente por encantamento pessoal. Isso não impedia de haver aqueles que desejavam ir para o seminário ou mesmo aqueles que indo contra a vontade acabavam se tornando excelentes sacerdotes. É o caso do padre Cabral de *Dom Casmurro*, ao conversar com José

Dias sobre a vocação a propósito da de Pio IX e da de Bentinho. Na conversa aparecem alguns elementos interessantes. Vejamos.

José Dias sorriu sem vexame. Padre Cabral confirmou os louvores do agregado, sem os seus superlativos; ao que este acrescentou que o Cardeal Mastai evidentemente fora talhado para a tiara desde o princípio dos tempos. E, piscando-me o olho, concluiu:

— A vocação é tudo. O estado eclesiástico é perfeitíssimo, contanto que o sacerdote venha já destinado do berço. Não havendo vocação, falo de vocação sincera e real, um jovem pode muito bem estudar as letras humanas, que também são úteis e honradas.

Padre Cabral retorquia:

— A vocação é muito, mas o poder de Deus é soberano. Um homem pode não ter gosto à igreja e até persegui-la, e um dia a voz de Deus lhe fala, e ele sai apóstolo; veja São Paulo.

— Não contesto, mas o que eu digo é outra coisa. O que eu digo é que se pode muito bem servir a Deus sem ser padre, cá fora; pode-se ou não se pode?

— Pode-se.

— Pois então! exclamou José Dias triunfalmente, olhando em volta de si. Sem vocação é que não há bom padre, e em qualquer profissão liberal se serve a Deus, como todos devemos.

— Perfeitamente, mas vocação não é só do berço que se traz.

— Homem, é a melhor.

— Um moço sem gosto nenhum à vida eclesiástica pode acabar por ser muito bom padre; tudo é que Deus o determine. Não me quero dar por modelo, mas aqui estou eu que nasci com a vocação da Medicina; meu padrinho, que era coadjutor de Santa Rita, teimou com meu pai para que me metesse no seminário; meu pai cedeu. Pois, senhor, tomei tal gosto aos estudos e à companhia dos padres, que acabei ordenando-me. Mas, suponha que não acontecia assim, e que eu não mudava de vocação, o que é que acontecia? Tinha estudado no seminário algumas matérias que é bom saber, e são sempre melhor ensinadas naquelas casas. (V. 1, pp. 973-974)

O primeiro elemento que surge é o da vocação do cardeal Mastai (Pio IX) que fora talhado para ser papa e, de certa forma, destinado ao debate que faria sobre o papel da Igreja no mundo e a sua relação com o Estado. José Dias, no intuito de ajudar Bentinho a não ir para o seminário tenta um argumento que se refere à vocação, matéria bastante controversa, pois se pode negar a vocação e ser feliz? Ou ainda, pode-se seguir a vocação e não ferir a liberdade? O argumento de padre Cabral é forte e interessante, pois ao usar o exemplo da vocação de São Saulo ele demonstra que o extraordinário pode ser feito por Deus, já que Paulo era certamente o único homem que a comunidade cristã primitiva não pensaria em chamar à conversão. José Dias volta à carga com outro argumento, sem vocação não há bom padre, certamente pensando no estado do clero nacional, fruto de um desejo mais patriarcal do que vocacional, palavras de Dias ou de Machado?, e por isso propenso a toda uma gama de atitudes

reprováveis dos sacerdotes. Porém, para essa discussão entre os dois, o argumento final do padre Cabral é definitivo, já que ele afirma que vocação não se traz do berço, que se pode descobrir com o tempo e no convívio dos padres. Mas do alto da sua sabedoria de protonotário apostólico, padre Cabral abre uma possibilidade interessante e mais interessante ainda é o comentário que faz sobre a qualidade do ensino nos seminários, pois mesmo que alguém venha a estar no seminário e descobrir que realmente não tinha vocação, nada perderia, pois ali aprenderia coisas importantes e que são sempre melhores ensinadas naqueles estabelecimentos.

A vida no seminário esteve no foco da ficção de Machado de Assis e aqui paira uma ou duas dúvidas. Uma dúvida é descobrir qual a causa de ele falar tantas vezes sobre seminaristas ou de fazer seus clérigos comentarem essa etapa da formação sacerdotal? Que pode se transformar em uma segunda dúvida interessante, de onde Machado tirava informações sobre esse tipo de vida e de ensinamento. Amigos padres? Interesse sobre a formação do clero? Preocupação sobre a vida da Igreja no país e seus desdobramentos? São muitas as possibilidades e nenhuma resposta clara, apenas conjecturas. Mas fato concreto é que Machado de Assis representou os membros do clero e manteve certo respeito por essa figura que ele, na carta aberta ao bispo do Rio de Janeiro, dizia ser de suma importância para a manutenção da ordem moral de uma nação. Talvez Machado estivesse fazendo exatamente a mesma coisa que D. Pedro II, ou seja, utilizando a figura do sacerdote como um ser útil socialmente para cumprir um papel moral, talvez percebesse algo mais que isso.

Portanto a pergunta sobre o como o clero é representado na obra de Machado de Assis é uma possibilidade interpretativa interessante para esse trabalho. Fiquemos com os contos pela mobilidade de leitura que dão e por assim poder abarcar obras de épocas diferentes dando um espectro maior ao tema. Podemos agora olhar para um recorte de contos nos quais os personagens centrais, são clérigos, para que possamos ver a forma com que Machado de Assis representa essa classe social. Vamos ir percebendo certas semelhanças no tratamento dessas personagens e também alguns elementos que são típicos da obra em questão, como a ironia, feita pelos próprios sacerdotes. Isso mostra que a condição de ser ou não padre, para Machado de Assis não é definidora de caráter ou personalidade, nem para o bem, nem para o mal. Ao contrário do que diz Maria Eli Queiroz que afirma que: “*O escritor [Machado de Assis] pinta a maioria dos representantes da Igreja Católica, personagens em seus romances e contos, com a ‘tinta da galhofa’*” (2008, p. 106), para depois fazer uma lista de padres apresentados de forma grotesca por Machado de Assis. Não iremos refutar uma por uma as afirmações da crítica, ficaremos apenas com duas. Na narrativa *Casa Velha* o padre Perereca é apenas citado

como exemplo de mau autor pelo narrador, o Cônego da Capela Imperial, logo não é a sua condição de padre que está em jogo, mesmo porque quem o cita é outro clérigo, mas Maria Eli reforça a ideia de que Machado está criticando o clero quando apresenta esse padre como um “*compilador de histórias*” (p. 106), como se isso fosse um grande pecado ou originador de uma grande ironia. Nem uma coisa é verdadeira, nem a outra. Já no caso do Cônego Matias, diz Maria Eli que por motivos frívolos e inúteis ele fica “*embrenhando-se na retórica chula e sem sentido*” (p. 106), nada mais chulo e sem sentido, visto que o conto em questão é uma obra metaliterária na qual o protagonista vive a agonia da criação retórica, possivelmente mais presente na vida do próprio Machado do que muitos outros temas que foram traduzidos em ficção pelo autor fluminense. Um último comentário sobre a precisão do livro de Maria Eli pode ser o que ela diz a respeito do conto *Frei Simão*: “*o padre Teófilo (?) é o protótipo do sujeito que se embrenha na vida religiosa para curar uma paixão mundana impossível*” (p. 106). Como podemos ver, a autora se equivocou sobre o nome do frade, ao confundi-lo com o personagem de *Manuscrito de um sacristão*, mas não foi somente esse o equívoco, pois também não conseguiu captar a profundidade do dilema vivido por Simão como embrião temático daquela que seria a maior obra de Machado de Assis, pelo menos sob o ponto de vista da relação homem-mulher, *Dom Casmurro*.

Mesmo Raimundo Faoro, no seu extenso estudo sobre Machado de Assis, *A pirâmide e o trapézio*, falando sobre o clero, cometerá um equívoco de leitura, pois ele diz:

O padre, depois de uma trajetória gloriosa, não se desnatura, nem se envilece na pena do escritor. [...] Todos os padres de Machado de Assis, sejam missionários ou intrigantes, sinceros defensores da fé ou homens seduzidos pela carreira eclesiástica, não possuem a essência do sacerdócio. (FAORO, 1988, pp. 459 e 438)

Faoro reduziu demais a visão sobre um tipo de personagem na obra machadiana, como se se pudesse dizer que Machado de Assis por exemplo, representou sempre a mulher como insubmissa ao marido, ou o homem como ganancioso, sem exceção, quando na realidade a variedade de tipos humanos em Machado é um dos elementos que chama atenção na sua obra. De mais a mais, o que seria essa tal *essência do sacerdócio*, Faoro não chega a explicar, trazendo para o seu livro uma visão simplificada e aproximada, pois sim, é verdade que vários autores da época de Machado faziam essa crítica ao clero e mesmo os nossos padres podiam, muitas vezes ser acusados de carreiristas e outras coisas assim, mas isso não significa que *todos* os padres da obra machadiana sejam iguais.

Olhando para três contos, um de cada época (formação, virada, maturidade), poderemos perceber como Machado representou esse tipo de personagem e mais que isso, traçar uma evolução tema na obra.

### 2.1.1 *Frei Simão*

O conto *Frei Simão* foi publicado pela primeira vez no *Jornal das famílias*, em junho de 1864, e posteriormente no livro *Contos Fluminenses*, de 1870. Sempre é bom recordar que a natureza deste periódico, no qual Machado colaborava, era de formação moral, e inclusive catequética para seus leitores.

*Frei Simão* é um conto que tem por enredo central a desilusão amorosa e o casamento por conveniência. Simão é o jovem filho de um comerciante que se apaixona por Helena sua prima órfã. Seus pais querendo afastá-los mandam Simão para outra cidade na esperança que o amor dos dois arrefeça. O tempo passa, mas o amor não. Sem saída o pai de Simão mente que Helena tinha morrido. A reação de Simão não é outra senão a de buscar refúgio entre os monges beneditinos, transformando-se em Frei Simão. A decisão é acolhida pelos pais, fato estranho, pois se eles queriam casá-lo com alguém da elite não deveriam aceitar o não-casamento de Simão. Mais tempo passa e Simão é enviado em missão para sua província natal, no interior, mas ele resolve passar na capital para visitar os pais, lá diz que irá para uma vila que leva os pais a se olharem. Ao chegar à dita vila encontra Helena casada, e esta ao vê-lo desmaia enquanto o próprio Simão fica meio doido. Ela, que fora obrigada a casar pelos tios, morre dois meses depois e Simão é recolhido ao convento no qual morrerá “*odiando a humanidade*” (V. 2, p. 137).

O tema da fuga do mundo é comum na literatura tanto quanto era na vida do século XIX. Machado diz que

Ficou Simão vivo em corpo e morto moralmente, tão morto que por sua própria ideia foi dali procurar uma sepultura. Era melhor dar aqui alguns dos papéis escritos por Simão relativamente ao que sofreu depois da carta; mas há muitas falhas, e eu não quero corrigir a exposição ingênua e sincera do frade.

A sepultura que Simão escolheu foi um convento. Respondeu ao pai que agradecia a filha do conselheiro, mas que daquele dia em diante pertencia ao serviço de Deus.

O pai ficou maravilhado. Nunca suspeitou que o filho pudesse vir a ter semelhante resolução. Escreveu às pressas para ver se o desviava da ideia; mas não pôde conseguir. (V. 2, p. 140)

Se por um lado a personalidade de Simão é abalada pela maldade paterna e o resultado é a busca do sacerdócio sem vocação, por outro lado o convento é a saída à morte certa que levaria Simão para a sepultura. Assim, à morte, Simão escolhe a consagração e aparentemente se torna um bom clérigo, pois recebe como encargo uma missão de ir pregar na sua terra natal. Simão termina morrendo, como ele mesmo diz, odiando a humanidade, o que não seria uma atitude cristã, muito menos de alguém que passou por um processo de evolução espiritual. Mas se lembrarmos da história, foi a ganância do pai que levou Simão à loucura e o fato de ser padre, se não impediu a degradação moral da personagem, dá uma sobrevida a ele.

O fato concreto é que ser ou não ser padre não é o mais relevante do texto, e não é porque ele precisava ser sacerdote que a crise se instaura, ao contrário, é esse homem que a Igreja acolhe e tenta ajudar e mais que isso, tenta entender e perdoar. Diz o conto, por causa da morte e das palavras de Frei Simão:

Mas os frades não viram nessas palavras senão um segredo do passado, sem dúvida importante, mas não tal que pudesse lançar o terror no espírito do abade. Este explicou-lhes a ideia que tivera quando ouviu as palavras de frei Simão, no tom em que foram ditas, e acompanhadas do olhar com que o fulminou: acreditara que frei Simão estivesse doudo; mais ainda, que tivesse entrado já doudo para a ordem. Os hábitos da solidão e taciturnidade a que se votara o frade pareciam sintomas de uma alienação mental de caráter brando e pacífico; mas durante oito anos parecia impossível aos frades que frei Simão não tivesse um dia revelado de modo positivo a sua loucura; objetaram isso ao abade; mas este persistia na sua crença.” (V. 2, p. 137)

Existe nos confrades uma piedade intrínseca ao olhar para um homem na condição de Simão, em completo desajuste. Para esse trabalho o que importa é o fato de que Machado de Assis não vilipendia, sequer ironiza, a condição sacerdotal de Simão. Seus dilemas não são os do padre, mas sim os do homem atormentado pela mentira e pelo amor. E à frase pronunciada, sobre o ódio à humanidade, cada um dos confrades busca encontrar uma explicação que justifique e ao mesmo tempo perdoe esse sacerdote.

### 2.1.2 Padre Lopes

A narrativa *O alienista* é, possivelmente, o conto mais analisado do autor. Foi publicado n'A *Estação* entre outubro de 1881 e março de 1882 e posteriormente no livro *Papéis avulsos* em outubro 1882. O livro, e sua importância, já foram comentados mais acima, mas vale a pena lembrar que o conto tem por personagem central um cientista que beira a tirania da razão, porém o padre Lopes é um dos personagens centrais da obra, como espécie de conselheiro, amigo e antípoda do alienista.

O alienista traz a famosa história de Simão Bacamarte e a construção de uma casa para acolher os doentes mentais da cidade de Itaguaí – a Casa Verde. No princípio os loucos recolhidos ao sanatório eram aqueles que todos achavam que realmente eram doentes, porém Simão vai aprofundando seus estudos e começa uma verdadeira torrente de loucos e um grande terror se abate sobre a cidade. Ninguém ousa enfrentar o dr. Bacamarte, pois ele é o detentor do conhecimento e, ao mesmo tempo, do poder de mandar prender ou soltar. A narrativa se estende sobre a descrição de doenças e situações nas quais elas se desenvolvem até chegar um momento em que, liderados pelo barbeiro Porfírio, um grupo de revolta, derruba a câmara de deputados e instaura um novo poder. Quando os revoltosos, chamados *canjicas*, vão à Casa Verde, Bacamarte pede apenas para que não seja obrigado a ver a destruição da sua obra, ao que Porfírio responde

Engana-se V. S.<sup>a</sup>, disse o barbeiro depois de alguma pausa, engana-se em atribuir ao governo intenções vandálicas. Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos está em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica e não cogita em resolver com posturas as questões científicas (V. 2, p. 258)

O médico surpreende-se e vê que ainda detém o poder, pois a ciência está acima das *posturas*, o que leva a uma nova enxurrada de prisões e a uma tentativa de golpe dentro do golpe, feito por outro barbeiro, concorrente do primeiro. Quando se chega a oitenta por cento de pessoas presas na Casa Verde, Bacamarte realiza um ato que causa espanto geral na população: manda soltar todos os internos do hospício. A ciência era clara e não admitia erros, se quatro quintos da população era desequilibrada, logo o normal era o desequilíbrio, o anormal era o equilíbrio. Solta os antes loucos, porque eles sim eram a maioria e, portanto, o paradigma da normalidade e começa a prender os que antes eram tidos como sãos, porque

esses, sendo equilibrados, eram loucos. Nessa nova leva de prisões se encontra o padre Lopes. Para o seu tratamento, que significava encontrar algum tipo de desequilíbrio aparentemente soterrado na personalidade do paciente, Bacamarte utiliza de interessante subterfúgio pedindo que ele faça uma análise crítica da Bíblia, na versão dos Setenta (a tradução para o grego dos originais hebraicos feita pelos setenta sábios de Alexandria e utilizada como base para a tradução da *Vulgata* de Jerônimo), sem saber o hebraico, a língua de origem, ou o grego, língua final da versão, e o padre Lopes realiza o ato, demonstrando orgulho, ou talvez, ironicamente, entrando no jogo de Simão.

Após prisões e tratamentos a Casa Verde fica vazia e Simão pode anunciar com orgulho que não existia loucura no mundo pois todos eram perfeitamente desequilibrados, logo, todos eram normais. Afirmação que será refutada por alguns, mas em especial pelo padre Lopes que afirmará que Simão Bacamarte possuía em si todas as características do perfeito equilíbrio e, quando o médico se nega a acreditar, diz o padre: “*Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: — a modéstia.*” (V. 2, p. 269) Bacamarte se tranca na Casa Verde para estudar o seu próprio caso e de lá sai, morto, dezessete meses depois.

A história se constitui de uma experiência narrativa interessante também pelo fato de o narrador estabelecer-se como uma voz que não se compromete com o narrado, mas sim, vai buscar a matéria da narração em textos do passado. Começa a narração com:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. (V. 2, p. 237)

Esse *dizem* está colocado justamente para criar uma aura de imprecisão no texto, ao mesmo tempo que é a forma do autor experimentar com um tipo textual já conhecido e diverso do conto tradicional, fato que será aplicado a todas as narrativas do livro<sup>74</sup> Mas não é a estrutura narrativa do texto que, neste ponto do trabalho nos interessa.<sup>75</sup>

O elemento a se destacar não é lá muito original. Mesmo assim vale a pena olhar para a figura do Padre Lopes na ótica que temos desenvolvido nesse trabalho. Em rápidas linhas, é

<sup>74</sup> O livro *Papéis avulsos* possui, nesse sentido da ironia do autor de retomar tipos de textos diversos e preexistentes e transformá-los e narrativas ficcionais, textos como: crônica (*O alienista*), diálogo socrático (*Teoria do medalhão*), discurso bíblico (*Na Arca*), retrato (*D. Benedita*), relato dos viajantes do século XVI (*O segredo do bonzo*), conferência (*Sereníssima república*), carta (Uma visita de Alcibíades), etc.

<sup>75</sup> Nem sequer o nome do médico, Simão Bacamarte, que pode ser uma evocação do primeiro papa e o conto ser uma versão paródica da carta de Pedro, segundo Ana Maria Koch.

o Padre Lopes, que, quase unicamente e de forma eficaz, funciona como contraponto ao processo e ao método do alienista. É dele que Bacamarte sente medo e por isso mente que a frase do Corão colocada no frontispício da casa verde é de Benedito VIII<sup>76</sup>, é ele que o alienista somente prende quando refaz os critérios do método e é por causa das suas palavras que o médico se interna a si mesmo. Claro que é necessário lançar um olhar sobre o procedimento central de Machado de Assis no conto e entender que tudo o que nele se coloca está sob a égide da ironia, porém não é menos verdade que a alegre figura do Padre Lopes está circundada por uma aura de sabedoria, uma autoridade moral para os habitantes de Itaguaí, que a ele recorrem várias vezes.

Existe ainda no conto uma contraposição de poderes, temporal e espiritual, e Bacamarte se apresenta como aquele que se preocupa com esse último, deixando a administração das coisas *do mundo* para outros. Diz o texto

Era o melhor que podia fazer, para somente cuidar do seu ofício. — A Casa Verde, disse ele ao vigário, é agora uma espécie de mundo, em que há o governo temporal e o governo espiritual. E o padre Lopes ria deste pio trocado, — e acrescentava, — com o único fim de dizer também uma chalaça: — Deixe estar, deixe estar, que hei de mandá-lo denunciar ao papa. (V. 2, p. 241)

Assim, associa-se a preocupação com a mente com a preocupação com a alma e, de certa forma, Bacamarte e padre Lopes são paralelos. E não é somente aí que a figura do padre é relevante, mas também para marcar o bom senso dentro da obra, já que é ele que realiza o papel de intermediário, para conversar com dona Evarista sobre as prisões efetuadas pelo seu marido. Significativa é também a passagem, durante a revolta dos canjicas, na qual padre Lopes é chamado pelo barbeiro Porfírio, líder do movimento:

O dia acabou alegremente. Enquanto o arauto da matraca ia recitando de esquina em esquina a proclamação, o povo espalhava-se nas ruas e jurava morrer em defesa do ilustre Porfírio. Poucos gritos contra a Casa Verde, prova de confiança na ação do governo. O barbeiro fez expedir um ato declarando feriado aquele dia, e entabulou negociações com o vigário para a celebração de um *Te-Deum*, tão conveniente era aos olhos dele a conjunção do poder temporal com o espiritual; mas o padre Lopes recusou abertamente o seu concurso.

— Em todo o caso, V. Rev<sup>ma</sup> não se alistará entre os inimigos do governo? disse-lhe o barbeiro, dando à fisionomia um aspecto tenebroso. Ao que o padre Lopes respondeu, sem responder:

<sup>76</sup> Ou Bento VIII, papa entre 1012 e 1024, teve no seu pontificado o mérito de combater a simonia.

— Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos? (V. 2, p. 257)

Sobre a prisão do Padre Lopes recordemos que Bacamarte o prende quando passa a prender aqueles que não eram desequilibrados e, portanto, essa prisão é mais um atestado de sanidade do que loucura. Mas o fato concreto é que Padre Lopes comete um ato que faz com que o alienista o solte, diz o texto:

Sabendo o alienista que ele ignorava perfeitamente o hebraico e o grego, incumbiu-o de fazer uma análise crítica da versão dos Setenta; o padre aceitou a incumbência, e em boa hora o fez; ao cabo de dois meses possuía um livro e a liberdade. (V. 2, p. 267)

A crítica da tradução da Bíblia feita pelo padre pode estar demonstrando uma crítica de Machado de Assis à postura do clero nacional carente de formação, mas com necessidade de estar sempre mostrando-se alinhado intelectualmente com a mais alta cultura. Não quer dizer que Machado não achasse que o clero deveria ser ponta de processo dentro da intelectualidade nacional, apenas que não sendo, precisava manter uma aparência que lhe custava a hipocrisia.

No conto, Padre Lopes está vinculado ao poder religioso, evidentemente, que é respeitado por alguma razão pelo alienista, medo talvez de a religião ser a única força que não se dobra ao pensamento científico, porém mais que isso é ele quem vaticina o destino do médico na famosa e já referida passagem do último capítulo:

A assembleia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador:

— Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: — a modéstia.

Era decisivo, Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos nem sugestões nem lágrimas o detiveram um só instante. (V 2, p. 269)

Machado de Assis dá a um sacerdote o papel de analisar a realidade e apresentá-la de uma maneira concreta e aceitável dentro da história. É o Padre Lopes que escreve certo por linhas tortas e talvez isso faça parte do plano machadiano de ironia no conto, pois ele se preocupa mais com as anedotas e as citações, aceita ser preso e comete um ato de soberba,

entretanto é a ele, também que Machado de Assis faz porta-voz da razão que anuncia a insanidade de Bacamarte ou da loucura que anuncia o pleno equilíbrio do alienista, o que resulta na mesma coisa: a liberdade de Itaguaí.

### 2.1.3 Padre Teófilo

*Manuscrito de um sacristão*, saído pela primeira vez na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, em 17-02-1884 e depois no livro *Histórias sem data*, 1884 (segundo Souza, 1955, p. 549). A escolha feita aqui não é fruto da coincidência, mas sim da certeza de que neste livro Machado já é um escritor maduro e consciente do que deseja fazer com a sua literatura. A essa altura da vida, tendo seus 45 anos, já tinha vivido a experiência de saúde que, segundo muitos biógrafos, o levaria a escrever as *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e logo em seguida *Papéis avulsos* (1882). *Histórias sem data* é a primeira coletânea após essas duas obras e parece já ter certo estabelecimento de técnica e assunto, sendo obra de maturidade. Diz o autor na advertência da 1ª edição:

De todos os contos que aqui se acham há dous que efetivamente não levam data expressa; os outros a têm, de maneira que este título *Histórias sem data* parecerá a alguns ininteligível, ou vago. Supondo, porém, que o meu fim é definir estas páginas como tratando, em substância, de coisas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia, penso que o título está explicado. E é o pior que lhe pode acontecer, pois o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação. (V. 2, p. 346)

Machado mostra toda a sua ironia ao definir a razão título e terminando por dizer que *o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação*. Isso ele já tinha dito nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* quando o narrador diz, no prefácio, que o melhor prefácio é aquele que não diz nada ou diz de forma obscura. Assim começa essa série de *Histórias sem Data* que tem entre seus títulos os famosos “*A igreja do diabo*”, “*Cantiga de esponsais*”, “*Noite de almirante*” e “*Ex Cathedra*”, entre outros. É livro composto de 18 contos todos escritos, ou ao menos publicados pela primeira vez, entre 17/02/1883 e 06/06/1884, segundo a *Bibliografia de Machado de Assis* de J. Galante Souza. Ainda segundo esta obra, todos os contos aqui reunidos tiveram uma primeira publicação em jornais e revistas da época e puderam ser revistos para a edição em livro. Essa foi uma época produtiva para Machado de

Assis, visto que nos anos de 1880 ele chegou a escrever 81 contos, 72 entre 1882 e 1886<sup>77</sup>. Colocamos na secção de anexos este conto que iremos trabalhar, devidamente anotado quanto a termos de origem religiosa, para que se possa realizar uma espécie de conferência da quantidade e da qualidade dessas referências.

O conto *Manuscrito de um sacristão* apresenta um enredo interessante e surpreende. A história é narrada por alguém que se apresenta como sacristão. Na verdade é mais um filósofo, gastrônomo e psicólogo-sacristão do que qualquer outra coisa, porém mantendo o tom galhofeiro ao contar a sua história. Ele vai apresentar a história de dois primos, Teófilo e Eulália. Esse narrador lembra em alguns momentos as experiências mais radicais de Machado no *Brás Cubas*, pois dialoga com o leitor e inclusive, num momento, o ironiza dizendo que se ele tivesse lido rápido – sem atenção – certamente se equivocaria com o desfecho da história, porém se tivesse lido com atenção, já saberia o final dela. Comentário que vem a propósito desse trabalho, visto ser justamente a hipótese dessa pesquisa: Machado de Assis deixou marcas no texto, em nível religioso, que ajuda a decifrar o código textual. O sacristão narrador ainda dá outras informações sobre si: fora seminarista, junto com o protagonista da história, saíra por uma doença e uma paixão e aos trinta anos servia de sacristão para ganhar algum dinheiro aproveitando o que havia aprendido de liturgia no seminário. Possui a sobrepeliz amarrotada, que pode significar desleixo ou apenas pobreza, porém faz clandestino uso das galhetas, isto é, bebe o vinho da missa, evidentemente fora da missa.

A história, como poderá se desconfiar, se trata do amor entre o padre Teófilo e sua prima Eulália. Ele, formado, menos por vocação do que por obrigação, visto ter-se uma tradição na sua família que sempre um homem por geração se tornava padre, tinha inclusive um tio cônego. Na época do seminário, momento em que conhece o narrador, demonstrou que não era excelente em retórica como tampouco em aspirações hierárquicas (o que serve para dizer que era péssimo nessas coisas). Era devoto, estudioso, fiel, mas era humilde demais, sem ambições. Tinha como modelo Paulo, apóstolo dos gentios, Hildebrando (futuro Gregório VII, o papa da *Dictatus papae*), citado pelo nome de monge clunicense e Loyola (fundador da Companhia de Jesus). Tornou-se padre, viveu na roça um tempo e agora estava no Rio de Janeiro “mendigando” alguma missa para comer, ou seja, rezava missa onde permitiam e assim ganhava algum dinheiro das espórtulas. Viu seus colegas ascenderem e a si mesmo ficar numa penúria franciscana. Tinha então lá suas razões para estar descontente com o

---

<sup>77</sup> Segundo levantamento realizado por Patrícia Lessa Flores da Cunha no seu livro *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*.

sacerdócio. Quando, vendo o nome da tia nos sufrágios da missa, corre à nave da igreja e encontra a prima ainda lá sentada.

Ela, Eulália – coincidência ou não, nome da santa, virgem e mártir, comemorada dia 12/02, apenas cinco dias antes da publicação do conto na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, em 17-02-1884 – mulher de trinta e oito anos, solteira, porém ainda bonita. Tinha algum dinheiro, embora não fosse rica. Nunca tinha achado alguém por quem se apaixonar de verdade, com as qualidades necessárias para casar, apesar das insistências da mãe que a ameaçava de solidão e a chamava de esquisita quando recusava um noivo. É que Eulália estava à espera do marido ideal. Aqui o narrador faz outra das duas pausas interativas ao melhor estilo Brás Cubas, dialogando com a leitora que lhe afirma que todas esperam o marido ideal e depois se contentam com o real. Eulália, responde o narrador, era diferente. Ela não aceitava a cópia litográfica, queria o painel autêntico. O tempo passou, as amigas casaram, a mãe morreu e aí estava Eulália solitária mandando rezar missa pela alma da mãe.

Os dois primos se encontram e conversam, fazia anos que não se viam. Conversam com intimidade, com a displicência de quem não se importa com hora nem com local, o que escandaliza o padre e o leva a realizar uma queixa ao bispo. Teófilo é chamado à presença do prelado, leva uma reprimenda, é defendido pelo sacristão-narrador, o que faz com que os dois se tornem amigos. O padre passa a frequentar a casa da prima diariamente, aos domingos também o sacristão é convidado para o almoço. Boa comida e, principalmente, boa conversa e, melhor ainda, cena para ser observada. Ambos têm tudo para fazer o outro feliz. Teófilo é o marido perfeito. Eulália valoriza tudo aquilo que o primo é. Se apaixonam, mas não antes de serem o comentário da vez da cidade. O narrador percebe a paixão dos dois e chega pensar em falar com Teófilo, porém não queria perder nem a refeição nem a matéria de análise e nada fala. Ambos, Teófilo e Eulália, percebem o sentimento recíproco e recuam. Não com ódio de si nem do outro, apenas recuam. Ele volta para a roça e ela permanece solteira e jantando com o sacristão no domingo.

O texto que se apresenta como um *manuscrito*, técnica já utilizada por seu autor em outros textos, confere a ele a possibilidade de ser lido com uma chave diferente do que a simples ficção. Será que é uma obra de ficção realmente ou um texto encontrado e publicado por aquele que se diz autor? O manuscrito também confere verossimilhança à história narrada e o seu princípio, com a sequência de reticências, mostra que existia algo a mais no texto, que não foi publicado. Vários textos importantes da tradição católica, e mesmo a Bíblia, possuem seus manuscritos.

Analisando a postura do narrador no conto em questão pode-se perceber que ele encaminha o leitor para uma suposta e possível relação entre os dois primos (Teófilo e Eulália), e o leitor até simpatiza com esta ideia, já que ambos sofriam com as possibilidades que suas vidas ofereciam. Seria um conto *tradicional*, do dizer de Edgar Allan Poe, pois se encaminharia para um clímax, no qual ele e ela ficariam juntos e felizes, apesar das contrariedades sociais, morais e religiosas, e o leitor, de certa forma acaba até se conformando com a situação, pois um poderia fazer a felicidade do outro e todos merecem ser felizes. Porém esta história é desmentida e o narrador termina por levar o leitor para outro lado, num processo que alguns já chamaram de *anticlímax*, justamente porque a história promete um desfecho e encaminha outro.

Este é um dos contos mais interessantes de Machado de Assis pelo fato de que somos levados como leitores por um caminho totalmente inesperado, ou, se soubermos ler os detalhes da obra, bastante previsível, mas de uma forma ou outra somos conduzidos felizes por perceber, ou não, o destino das personagens. Teófilo é um homem bom, dedicado, sem pretensões políticas e sem grandes dotes de retórica, que justamente por isso, somado a sua humildade, é um padre largado a sua própria sorte de padre “do interior”. Desanimado, com sua batina gasta do tempo, acaba encontrando a prima Eulália, que toda a sua vida esperou pelo marido certo, mas que nunca o encontrou por fazer as exigências demasiado altas. Os dois passam a se encontrar com frequência e, naturalmente, surge um afeto entre os dois.

Está-se frente à história de duas vocações desencontradas, ou antes, aparentemente mal resolvidas. Teófilo, o amigo de Deus, vai para o seminário cheio de ideais, ainda que lhe falte uma das “pernas” que é a retórica, e tem três modelos de vida: Paulo, Hildebrando e Inácio. O primeiro e o último eram amplamente conhecidos de todos os frequentadores de igrejas e irmandades como o apóstolo das gentes e o fundador dos Jesuítas, porém o segundo citado com este nome complica a leitura. O que quereria dizer o narrador, ex-colega de Teófilo no seminário com essa referência? Ao realizar uma pesquisa descobre-se que este é o nome de monge do futuro Papa Gregório VII, um dos mais importantes nomes da hierarquia da Igreja Católica que, com seu poder e convicção, colocou a Igreja acima do poder temporal do Imperador no século XI. A primeira pergunta que fica é: por que não citá-lo com seu nome de papa? A segunda poderia ser: Compreende-se o texto sem essa referência? Claro que se pode fazer uma leitura mais superficial e entender-se a história dos dois, mas para entrar na *alma* de Teófilo é fundamental perceber que ele tinha o vigor de Paulo, a obediência de Inácio e o amor à hierarquia de Gregório VII, além de ser *amigo de Deus* como seu nome revela.

Já Eulália, apesar de falar bem, como seu nome indica, refugia-se num martírio branco até encontrar o seu noivo perfeito, porém este noivo não a pode receber por esposa. Como a santa, celebrada, coincidentemente, cinco dias antes da primeira publicação do conto, Eulália nega qualquer pretendente que não cumpra os requisitos por ela imaginados. Ambos os primos se aproximam, mas ao se perceberem perto do *pecado*, em especial do de Teófilo que é *sacerdote para sempre segundo a ordem do rei Melquisedec*, se afastam e, segundo o narrador: “*não tiveram horror um do outro nem de si mesmos, porque essa sensação estava excluída de ambos, mas recuaram, agitados de medo e de desejo*” (V. 2, p. 428). Os dois eram *místicos* e por isso mesmo amavam-se e encontravam um no outro as expectativas que geravam: ele de alguém que o admirasse mesmo sem a retórica; ela de alguém que fosse tudo aquilo que sempre imaginara para amar.

O narrador, entretanto, se *diverte* com as possibilidades que encontra no par romântico e, a exemplo de Garcia, do futuro conto *A causa secreta*<sup>78</sup>, os observa com olhar de psicólogo, sem nada comentar para não perder a janta e a *finíssima matéria de estudo*, dizendo que isso era o seu *sacrifício*, grande ironia deste filósofo-sacristão, visto que sacrifício é tornar algo sagrado. Termina o narrador frequentando a casa de Eulália, e mantendo a janta aos domingos, e Teófilo indo para a *roça* e nunca mais sendo visto. A moral, apesar do sacristão-filósofo, vence neste conto no qual o conhecimento dos elementos da religiosidade enriquecem o entendimento e ilustram a compreensão do leitor.

Neste conto fica evidente que o não conhecimento da estrutura e das relações eclesiais, bem como da história e da tradição católicas compromete o entendimento pleno do leitor. O tema de fundo é, em última análise, o do questionamento vocacional das personagens. Elas perguntam-se sobre o que é lícito fazer perante a situação em que vivem e se respondem, como seus próprios nomes indicariam, com a *coragem e o martírio* a que estão vinculados. Não se pode crer que tudo foi mera *coincidência* e que Machado de Assis, homem de seu tempo e atento aos diversos *tipos* que habitavam no seu entorno, escrevia esta história, com estas personagens que correspondem em ideal e moral aos seus respectivos homônimos ou modelos de vida.

O tema do conto corrobora para que seja necessário o conhecimento de certos referenciais. Quando o leitor começa a lê-lo, já no primeiro parágrafo, sabe que encontrará uma história contendo os elementos fundamentais para um enredo atraente: o padre em crise, a mocinha solitária, o amigo que tudo vê e sabe. O que resta saber é se o leitor, desavisado do

<sup>78</sup> Que saíra pela primeira vez na *Gazeta de notícias* do Rio de Janeiro em 01-08-1885, segundo J. Galante Souza.

significado de alguns importantes referenciais, fica satisfeito com o desfecho, já profetizado desde o princípio da história.

## 2.2 Bíblia

A Bíblia é o texto mais traduzido do mundo e por alguma razão. Não somente porque é a base do judaísmo e do cristianismo, mas também porque nela estão contidos os mitos fundadores da sociedade ocidental. É praticamente impossível criar uma história que esteja ligada às nossas origens como povo e não se deparar com algo parecido que já fora escrito nos livros da Bíblia. Tecnicamente a Bíblia não é um livro, mas um grande conjunto deles, mais como uma biblioteca e por essa razão deve ser lida com certo cuidado, já que cada texto tem a sua maneira correta de ser entendido. Não bastasse o fato de ela ter sido escrita ao longo de centenas de anos, no norte e no sul da palestina, o que determina diferenças na sua composição, as tradições já comentadas, foi ainda composta em línguas que não são faladas pela maioria das pessoas que hoje a leem. Portanto, a tradução da Bíblia também é um fator a ser considerado numa análise dos textos que foram por ela influenciados. Para completar o painel, como o cristianismo teve uma cisão importante no século XVI e isso gerou uma diferenciação na forma de ler o texto sagrado, também se deve levar em consideração qual tradução foi escolhida para servir de base de leitura e, portanto, de influência.

Robert Alter e Frank Kermode na introdução do definitivo *Guia literário da Bíblia* dizem que:

Para a maioria dos leitores educados modernos, a Bíblia provavelmente parece, a um tempo, familiar e estranha, como as características de um ancestral. Eles podem saber, ainda que apenas de uma maneira geral, de sua importância central na história da cultura que herdaram; mas podem também estar conscientes de que, em suas formas modernas, a cultura recusou à Bíblia os níveis de importância que ela alcançava no passado. (GUIA literário da Bíblia, 1998, p. 11)

Cada vez menos se conhece esse texto que foi fundamental para a cultura ocidental e existem obras importantíssimas que não são compreensíveis sem o referencial bíblico. Vivemos num mundo que tem se afastado de tudo aquilo que cria dificuldades e levar a ler os

clássicos tem se tornado uma tarefa inglória<sup>79</sup>, é a geração da facilidade, da informação em tempo real, porém da baixa capacidade de se processar a informação recebida. O intelectual tradicional, com horas de leitura e pesquisa, é visto com um ser arcaico e em extinção<sup>80</sup>. Com a Bíblia ocorre o mesmo problema potencializado pelo fato de ela ser o texto sagrado de uma instituição (e, tomando a sua versão judaica, de um povo) que diz que nela nada há de errado, quando suas partes se contradizem entre si. Muitos críticos acabam demonstrando uma visão em que a falta de conhecimento sobre as tradições bíblicas, para o antigo testamento, e as intenções dos evangelistas, por exemplo, para o novo testamento, acaba atrapalhando a compreensão do texto e daquilo que ele poderia querer significar. E para a compreensão da literatura ocidental, e em especial a nacional, temos de considerar com segurança o conhecimento da Bíblia cristã. No caso de Machado de Assis, inclusive, como já foi ressaltado, com a tradução católica do padre Antônio Pereira de Figueiredo, que constava da sua biblioteca e de onde sacava as citações que colocava em seus textos.

O caráter sagrado da Bíblia pode até ser colocado de lado hoje, mas segundo Konings: *“A Bíblia é a expressão de uma experiência religiosa bem determinada no tempo e no espaço: a experiência do antigo povo de Israel e das comunidades cristãs primordiais.”* (1992, p. 15), e assim foi vista por quase todo o tempo de sua existência. No século XIX ainda se tinha esse caráter sacro da Escritura e não se podia banalizar o que lá estava escrito, ainda mais que quase sempre era necessário a mediação de alguém treinado para ler e interpretar tornando o texto ainda mais distante. Some-se a isso a condição precária do clero nacional e se terá um painel mais ou menos fiel da complexidade da relação das pessoas comuns com a Bíblia no Brasil de Machado de Assis.

Utilizar a Bíblia significava entrar em comunhão com um grupo mais ou menos coeso que tinha, apesar de todas as variações entre si, um ponto forte em comum. Ainda que derive da tradição protestante a leitura pessoal, e conseqüentemente a livre interpretação da Bíblia, em momento algum da história católica houve real proibição sobre o assunto, o problema se dava mais por conta da falta de acesso a um texto traduzido e autorizado, e ler o original era tarefa árdua. Portanto, a postura de Machado de Assis ao dialogar com o texto bíblico, e não somente com algumas ideias passadas oralmente, é a daquele intelectual que foi ao fundo do texto, que o perscrutou, que o analisou criticamente e nele encontrou elementos que poderia

<sup>79</sup> Como professor secundarista, posso atestar essa dificuldade e me surpreendo com cada vez mais a existência de versões recontadas dos clássicos da literatura universal. Você pode ler *Dom Quixote* e *Os miseráveis* em 50 páginas e quando se pergunta se o aluno leu o livro ele responde que sim, de certa forma viciando a leitura do texto integral, já que o cerne da história ele teve de maneira facilitada.

<sup>80</sup> Claro que penso que devemos utilizar os meios modernos que ampliam o espectro de conhecimento e nos dão cada vez mais instrumentos para o desenvolvimento intelectual. O que não pode acontecer, sob pena de se esvaziar o trabalho científico e acadêmico é a desconsideração do objeto de pesquisa em prol da informação sobre ele.

integrar a sua matriz de composição. Não é a intenção escrever um tratado sobre exegese e hermenêutica aqui, sequer realizar um curso bíblico. Porém, e como sempre, é necessário estabelecer um ponto de convergência acadêmica, um território no qual se fale a mesma linguagem, visto o tema poder ser abordado por várias óticas.

Vamos considerar a Bíblia como um texto que foi escrito por várias pessoas diferentes em épocas diferentes e com intenções diferentes. Que a sua unidade, desconsiderando o fator sobrenatural, relativo a doutrina da revelação divina<sup>81</sup>, foi estabelecida por diversas causas, porém, por mais diferentes que sejam os textos bíblicos entre si eles possuem inconfundivelmente um ponto em comum que é o de estarem todos encadernados no mesmo livro. Se lermos a Bíblia do começo do *Gênesis* ao fim do *Apocalipse*, teremos, ao menos passado por toda uma história que não se fecha em si mesma, mas que está repleta de temas centrais, ou até mesmo um único tema central – a promessa da salvação que Deus faz ao homem –, de subtemas, de variações, etc.. Do ponto de vista formal, é um texto que possui mitos, lendas, provérbios, moralidades, narrativas mais ou menos épicas. A Bíblia traz dentro de si desde a poesia até a legislação e mais tantos tipos textuais que nesse momento não vale a pena citar sob o risco de perdermos o foco deste trabalho. A grande questão é que sendo um livro religioso ela é manifestação do homem, e isso é tido como dogma de fé católica, dito no parágrafo 11 da *Dei Verbum*:

Todavia, para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo Ele neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria. (DV 11<sup>82</sup>)

Isso significa dizer que Deus não interveio na liberdade do homem que naquele momento parou para escrever o texto, nem depois, naquele que organizou e editou o livro, e aqui paira um dos grandes mistérios da revelação, comentado somente a título de curiosidade, pois Deus deixou que os homens utilizassem as suas faculdades para transmitir-lhes a sua revelação. Fato concreto é que se o texto foi escrito por homens, agindo como verdadeiros autores, os critérios para se ler esse texto não estão muito longe dos utilizados para se ler textos não religiosos. Claro que é necessário levar em conta a função do texto, pois isso muda a forma de expressar cada uma das coisas. Lembremos o que diz Auerbach (no livro *Mimesis*,

<sup>81</sup> E para tal pode-se consultar a *constituição dogmática Dei Verbum*.

<sup>82</sup> A citação de documentos da Igreja possui, como já se colocou, uma notação própria, aqui significa, em qualquer meio que se possa encontrar, que se trata de um fragmento do parágrafo 11 da *Dei Verbum*, que está disponível no site: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbun\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbun_po.html) >

1998) sobre a diferença entre o elíptico *Gênesis*, na história de Abraão e o sacrifício de Isaac, e a descritiva e detalhista *Odisseia*, na cena da cicatriz na perna do herói Ulisses, a diferença está justamente na intenção do texto, o seu objetivo.

De qualquer forma, o texto bíblico pode ser tratado como texto literário e assim como fonte intertextual para outros textos. E Machado de Assis muito se utilizou da sua Bíblia para colocar ideias dentro do lugar, fosse porque talvez assim angariaria a confiança do seu público do *Jornal das famílias*, fosse porque talvez tivesse diante de si um texto que daria margem a uma excelente ironia. Essas duas posturas podem ser encontradas ao longo da obra de Machado e, como já se pode desconfiar, ao longo do tempo o autor foi passando da incorporação séria do texto bíblico para uma postura mais livre de utilização. O que importa a esse trabalho é que sempre esteve presente o texto bíblico na obra do bruxo de Cosme Velho, ao ponto que poderíamos parodiar Drummond e dizer de Machado o que o poeta mineiro disse de Adélia Prado: Machado “é bíblico, lírico e existencial”.

### 2.2.1 O pai

Uma característica que chama atenção na obra de juventude de Machado de Assis é que ela tende ao moralizador, talvez pelo espaço que ocupasse em periódicos que tinham como função social dar justamente modelos dessa ordem para o público leitor da época. Quase como que no teatro ateniense, ver a ação de pessoas tornaria a audiência mais apta a realizar escolhas e valorizar sentimentos mais nobres. É o caso dos contos publicados em periódicos, especialmente no, já comentado, *Jornal das Famílias*. E chama atenção também que nas narrativas que Machado de Assis escolheu para comporem os seus dois primeiros livros de contos – *Contos fluminenses*, 1870 e *Histórias da meia-noite*, 1873 – praticamente nada temos de referências bíblicas que se destaquem. Por essa razão escolhi o conto O pai, como modelo de utilização desse tipo de referência na fase de aprendizado do autor.

O conto foi publicado no *Jornal das Famílias* em fevereiro de 1866 e, estranhamente não consta nem da edição da Jackson nem da recente edição da Nova Aguilar. É a história de dois pais que vivem vizinhos um do outro. Um hortelão e guardião de uma bela filha, outro poeta e solitário. O narrador, onisciente e tradicional, conta a história dos dois em paralelo até o ponto de convergência desses dois velhos homens. A amizade se fortalece o que faz o

hortelão confiar no poeta ao ponto de lhe revelar a sua triste história. O poeta chama-se Davi, o hortelão Vicente. A filha deste chamava-se Emília e, quatro anos antes desse momento em que se passa a cena e a conversa ela, era uma bela jovem de dezesseis anos requestada por vários jovens. Um deles era Valentim, rapaz belo e insinuante por quem Emília se apaixonou. O pai descobre a paixão e abençoa o matrimônio. Porém o jovem misterioso, visto ocultar suas origens e dizer que morava com um parente, precisa de um emprego e diz que conseguiu falar com um ministro que o enviara em comissão para o interior, mas que retornaria logo com a nomeação e a possibilidade de casamento. Vicente, também funcionário público, mais uma vez abençoa a acertada e prudente decisão.

Na noite que antecede a partida para o interior o rapaz coloca uma escada à janela da moça e passa a noite com ela fazendo-lhe juras de amor eterno. Ela se entrega, pois não suspeita que não seria sua esposa. O rapaz parte e na data apazada não retorna, para tristeza e desespero de Emília. Envia-se cartas, mas nada. Vicente vai falar ao ministro que afirma sequer conhecer o rapaz e nega tê-lo enviado em seu nome a qualquer lugar que fosse. Um dia chega uma carta de Valentim dizendo que seria a única que enviaria. O teor da carta era que ele, Valentim, vivia segundo um princípio: não sacrificar a sua liberdade, e o casamento com Emília representaria isso, por essa razão inventou uma saída e não mais voltaria a ver Emília.

A filha conta, então, para o pai a sua situação desonrosa, o pai reluta, mas perdoa a filha e passa a se preocupar com o futuro dela, visto que ninguém iria casar com ela e que ele proximamente morreria. Aposenta-se Vicente, e pai e filha mudam-se, se afastam do mundo e passam a trabalhar para juntar recursos para que a moça possa viver após a morte do pai, e essa é a situação que se encontram no momento que conhecem o triste e isolado poeta Davi, ele hortelão e ela costureira, para aumentar a renda familiar. O poeta escutara atentamente a história do vizinho e se admirara com a capacidade de perdão do pai.

Davi, dali oito dias, parte deixando uma carta para o amigo vizinho na qual explica a urgência de um negócio pendente, mas que em dois meses estaria de volta. Nesse meio tempo Vicente cai profundamente doente, e é através de criado de Davi, Elói, que o médico é chamado. Também é o criado que cuida de Davi nas noites de febre. Quase a beira da morte, Vicente se lamenta por duas coisas, deixar a filha ainda desamparada e não ver o amigo querido. Começa lentamente a dar sinais de melhora o velho hortelão agora proibido pelo médico de trabalhar quando chega uma nova carta de Davi, dizendo que retornaria em breve para não mais partir, e confessa que o seu desgosto pela vida era por causa de um filho que o abandonara e até não reconhecia mais sua autoridade e que era esse filho que ele estava buscando.

Quando finalmente volta o poeta encontra Vicente totalmente reestabelecido e diz que ele também encontrou o que buscava. Diz que o filho chegaria no outro dia. No dia seguinte, na casa de Vicente e Emília, Davi diz que precisa do perdão de Emília, ela pergunta o que ele havia feito, porém a resposta é que o perdão não era para ele, mas para seu filho: Valentim. Que o havia encontrado modificado pelo sofrimento e que agora ele chegava para reparar todos os danos do passado. Perdões dados e recebidos, vivem os quatro felizes, pois Valentim tinha-se tornado um marido e um filho exemplar.

A história segue o padrão das narrativas machadianas dessa fase e desse periódico. História de amor com final redentor e moralizante. Cheio de frases de efeito como “*nunca se mente a um pai*” ou “*Obrou como um homem de honra e de prudência. Não era outro o seu procedimento. Este abraço é de irmão, e de admirador*”, ou ainda “*Via-se que ele sofrera e aprendera com os anos.*” Bonita, bem construída, edificante e trivial é o conto apresentado, mas alguns elementos bíblicos chamam a atenção de um leitor que está com lente calibrada para observar esses elementos.

Do ponto de vista bíblico a descrição que o narrador faz do poeta é muito interessante:

O poeta não era menos solitário que os dois, e para isso era poeta velho; isto é, tinha o direito de conversar com o mundo de Deus como poeta, e tinha o dever de conversar o menos possível com o mundo dos homens, como velho. Na idade a que chegara pôde conservar o viço da impressão e o desgosto das coisas mundanas; fora um dos enteados da glória, não encontrando para os auspícios de sua musa mais do que um eco vão e negativo. Isolou-se, em vez de falar no mundo com a língua que Deus lhe dera, voltou-se para Deus, para dizer, como Davi: “*Andei errante como ovelha que se desgarrou: busca o teu servo, porque me não esqueci dos teus mandamentos*”.

Tinha dois livros: a Bíblia e Tasso; dois amigos: um criado e um cão. O criado chamava-se Elói; Diógenes chamava-se o cão, que era a terceira pessoa daquela trindade solitária. (MACHADO DE ASSIS, 2003, pp. 294-295<sup>83</sup>)

Primeiro chama-se Davi, que também era poeta, segundo a tradição e cantava e tocava na corte de Saul. Como o rei de Israel, o poeta também carrega uma tristeza e volta-se para Deus com as palavras do rei salmista. Cita, então, as palavras finais do Salmo 118 (119), no versículo 176, evidentemente na tradução do padre Pereira de Figueiredo, presente na biblioteca de Machado de Assis. O salmo é um elogio aos que seguem os mandamentos do Senhor e o versículo encerra a ideia de que Deus pode resgatar qualquer ovelha desgarrada,

<sup>83</sup> Essa é a única citação que será feita fora da Edição da Nova Aguilar, porque esse conto não se encontra lá publicado, como tampouco na edição das Obras Completas pela Editora Jackson.

desde que ela não esqueça seus mandamentos. Fica a dúvida: se o resgate é o do pai, o que ele fez para se sentir dessa maneira?

Mais uma vez Machado aproxima o texto bíblico a outro texto, aqui o poeta renascentista Torquato Tasso. Qual a intenção do autor? Fazer as pessoas se interessarem pela literatura clássica? Deixar uma mensagem subliminar? Comparar as duas obras e mostrar uma relação de causa e efeito entre a Bíblia e a *Gerusalemme Liberata*? E as propriedades do poeta também chamam a atenção, pois tem dois livros, dois amigos, o criado Elói e o cão Diógenes, primeiro a fazer contato com o vizinho. Elói é apresentado como um tipo de amigo protetor de Davi, mas mais que isso, parece estar sempre disposto a ajudar a qualquer um. Quando, na narrativa da paixão, Jesus está na cruz e pede ajuda ao Pai, diz: “Eloí, Eloí!” (Cf. Mc 15,34), forma de referir-se a Deus na tradição, que justamente por isso, chamada *Eloista*. É como se Davi estivesse sempre próximo daquele que é capaz de lhe recordar a presença de Deus na sua vida. Já o cão tem o nome de um dos filósofos gregos, talvez maior representante do cinismo, filosofia que, resumidamente explicada, pregava o desapego aos bens materiais. Esses três formam uma *trindade* silenciosa.

Mas, nem só de citações vive esse trabalho. Existe uma referência bíblica maior na história e que está apenas sugerida, com se o conto fosse uma livre adaptação para o mundo burguês machadiano do público do *Jornal das Famílias*. A parábola do filho pródigo, nome um tanto equivocado, visto que a prodigalidade da história recai sobre o pai e não sobre nenhum dos filhos. Na parábola um filho desonra o pai pedindo a sua parte na herança, vai embora, aproveita a vida, sofre e, finalmente, se dá conta do que perdeu. Quando volta o pai o perdoo e lhe devolve o seu lugar junto de si. Aqui no conto temos vários pontos de contado: o pai que sente-se triste pela ausência do filho, mas que reconhece que o filho errou em partir, o pecado do filho, causando mal a Emília, o aprendizado com o sofrimento, o regresso para casa, mas principalmente a figura do pai. O pai, e não à toa é o título da narrativa, o pai é visto como um ser sábio, justo, preocupado, abundante de amor. Os dois pais da história, numa versão um tanto às avessas de *Paulo e Virgínia*, vão demonstrar o sentimento que os filhos precisam aprender a valorizar que é o de serem o sinal de retidão da sociedade, não despojados de misericórdia. Foi o amor misericordioso de Vicente que preserva Emília, foi o amor justo de Davi que é capaz de resgatar o filho para descobri-lo melhor que antes, educado pelo sofrimento e capaz de pedir perdão.

### 2.2.2 Na arca

O conto *Na arca* foi publicado pela primeira vez na revista *O cruzeiro* em 14-5-1878 sob o pseudônimo de Eleazar, nome interessante para publicar uma história que evoca os tempos antes dos patriarcas<sup>84</sup> (Abraão, Isaac e Jacó). É interessante perceber que ao colocar esse pseudônimo, Machado evocava, entre outros, o filho de Aarão, e, por conseguinte, sobrinho de Moisés, que após a morte do pai assume o papel de sumo sacerdote de Israel. Entre outros ofícios do sumo sacerdote estava o de preservar as histórias e a tradição do povo, por isso ninguém melhor para conhecer a existência de três capítulos inéditos do Gênesis do que Eleazar. Houve algumas pequenas alterações entre essa versão e a que saiu no livro *Papéis avulsos* quatro anos mais tarde, em especial uma breve introdução que havia na primeira versão, suprimida no livro.

O conto gira em torno do episódio bíblico do dilúvio e tem por subtítulo: *Três capítulos inéditos do Gênesis*. Os tais capítulos não são numerados, mas organizados em A, B e C, dando uma total liberdade de “encaixe” no texto bíblico, e aparecendo nitidamente como um texto alternativo. Aliás, esse recurso de estabelecer um texto alternativo era muito utilizado por Machado. A história é simples, antes de desembarcarem, com a promessa de que a família de Noé povoaria todo o mundo, dois irmãos, Sem e Jefet, começam a repartir as terras que ainda estão cobertas pela água.

Tem-se, para entender o conto, que considerar o texto bíblico e analisar o que vem antes e depois dessa suposta cena, que não foi omitida pelo hagiógrafo<sup>85</sup>, visto serem inéditos esses capítulos. Deus puniu a humanidade, pois ela cresceu e se afastou do Senhor, cometendo iniquidade. A água é escolhida para ser o meio pelo qual Deus realizará a punição, porém Noé encontra graça aos olhos do Senhor (Cf. Gn 6,8) e é chamado por Ele para, com sua família, fazer uma Arca e salvar-se a si e a sua família, bem como a todos os animais da terra, que evidentemente não tinham culpa pelo pecado do homem. Noé constrói a Arca, coloca um casal de todos os animais, e sete casais de todos os animais puros (aqueles oferecidos em sacrifício) e vai para ela com seus filhos e as esposas de seus filhos. Ficam na Arca pelos quarenta dias do dilúvio, mais os cento e cinquenta em que as águas estão altas, até a Arca

<sup>84</sup> Eleazar é um nome um tanto comum no texto bíblico, significa, em hebraico, ‘Deus me tem ajudado’. No Antigo Testamento têm esse nome: o filho de Aarão, que substitui o pai como sumo sacerdote de Israel e ajuda Moisés no recenseamento do povo (Cf. Dt10,6; Nm3,32;4,16;26,63;), um dos filhos de Abinadab, que foi santificado para guardar a Arca da aliança (Cf. 1Sm7,1) e ainda o filho de Dodô, um dos valentes do rei Davi (Cf. 1Cr 11,12). Machado de Assis, provavelmente, estava se referindo ao primeiro quando utiliza o pseudônimo, pois ele é também responsável pela transmissão dos ensinamentos e histórias de seu povo, como o narrado no conto.

<sup>85</sup> Nome técnico para designar o autor inspirado de determinada parte da Bíblia.

parar no cume do monte Ararat (Cf. Gn 8,4) e após mais alguns dias (surge aí a história da pomba com o ramo de oliveira) eles podem desembarcar e começar a repovoar a terra (Cf. Gn 8,15). A primeira coisa que faz o justo Noé é erguer um altar ao Senhor, mesma atitude que irá ter o patriarca Abraão depois, e oferecer sacrifícios ao Senhor. Deus então faz uma nova aliança com Noé, que não será a última<sup>86</sup>, prometendo-lhe que nunca mais destruiria a humanidade, como havia feito, independentemente do que essa fizesse. É colocada uma justiça nesse mundo (Cf. Gn 9,6), a *lei do Talião*, e dado um sinal (Cf. Gn 9,13.16) para que saibam que Deus realizava a aliança com o homem: o arco-íris. A seguir o texto bíblico apresenta os filhos de Noé como sendo Cam, pai de Canaã, senhor da terra prometida, Sem e Jefet (Cf. Gn 9,18). Noé, como era agricultor, cultivava vinhas e se embriaga com o produto de seu trabalho, ficando nu no meio de sua tenda. Cam, ao invés de cobri-lo, chama seus irmãos e estes tomam a túnica e entram de costas para cobrir o pai se ver sua nudez (Cf. Gn 9,23). Por isso, Noé abençoa Sem e Jefet, e as suas terras, e amaldiçoa a terra de Cam, Canaã (Cf. Gn 9,26.27).

O texto de Machado de Assis se passa antes do desembarque, enquanto os personagens estão *na Arca*, durante o dilúvio, mesmo assim para entender a ‘moral da história’ é preciso levar em consideração o que, no texto bíblico, vem após o desembarque, como foi relatada acima. Noé, percebendo que as primeiras promessas de Deus se haviam cumprido (dilúvio, destruição da humanidade, fim das chuvas, etc.) não tem porque duvidar do resto das promessas (tornar a descer à terra e viver em concórdia). É sobre esse comentário de Noé que a história se desenvolve com a discussão de Sem e Jefet quanto à divisão das terras, de absolutamente todas as terras que existem, apenas entre os quatro (Noé, Cam, Sem e Jefet) que agora, pela abundância de espaço, não mais teriam de habitar a mesma tenda. Propõem os dois irmãos que cada um fique com quinhentos côvados de terra na direção do poente, Cam e Noé ficariam com as terras na direção do nascente. Entre as terras de Sem e Jefet haveria um rio e aí está o dilema dos dois irmãos: quem ficará com o rio, visto ser impossível dividi-lo igualmente. A discussão passa por várias etapas (cravar um pau no meio do rio, o rio ficar apenas com um dos irmãos, etc.) até que Sem propõe que não só o rio fique com ele, mas para que se estabeleça a concórdia, se erga um muro dez côvados para dentro das terras de Sem. O ódio entre os dois se percebe nos olhos e Jefet ameaça de cometer o pecado de Caim contra seu irmão. Lembremos que Deus havia destruído a humanidade e preservado somente Noé e sua família porque eram justos. O narrador termina esse primeiro capítulo inédito (o

---

<sup>86</sup> Podemos lembrar da Aliança feita com Abraão (Cf. Gn 15,17-18), da Aliança no Sinai (Cf. Ex 24,7) e da Última ceia, a nova e eterna Aliança (Cf. Mt 26,26-29).

‘A’) com o versículo: “22. — *A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.*” (V. 2, p. 284), indicando que os irmãos brigavam por algo que não passava de uma promessa e, mais, quando tinham o mundo inteiro por dividir.

Cam propõe que os dois se acalmem, diz que irá chamar as esposas dos dois, porém eles respondem não ser necessário, pois o caso não era de persuasão, mas de direito. O narrador evoca a paz existente na Arca entre o lobo e o cordeiro, porém essa paz não existe entre os dois irmãos. Cam, novamente, tenta um meio de apaziguar os ânimos, dizendo que abriria mão de suas terras e ficaria com o rio e mais dez côvados de cada lado das margens, sendo uma divisão justa e ninguém ficando prejudicado. A resposta dos dois irmãos beligerantes é uníssona, xingando o terceiro e puxando suas orelhas. Cam então resolve chamar o pai e as esposas dos dois para resolver a contenda. Sozinhos, Sem e Jefet passam a um outro estágio de disputa, a mútua agressão física. Rolam no chão e trocam murros, enquanto Cam pede ao pai que intervenha na discussão. Enquanto pai e filho se deslocam para onde estão Sem e Jefet brigando, o narrador, novamente no último versículo do capítulo (o ‘B’), reforça: “25. — *A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.*” (V. 2, p. 285).

Quando Noé chega no local onde brigavam os dois irmãos os encontra engalfinhados e com as caras roxas e ensanguentadas. Utilizando a sua autoridade de velho e justo homem ordena que eles parem, dizendo que eles eram merecedores da punição que os outros tinham sofrido pelo dilúvio, e pergunta o que aconteceu. Novamente os argumentos dos dois são da ordem da injustiça, de que um havia invadido as terras do outro por ganância e começam novamente a brigar. Frente a essa reação, diz o texto que: “22. — *Noé, porém, alçando a voz, bradou: — “Maldito seja o que me não obedecer. Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes sete, mas setecentas vezes setenta.”* (V. 2, p. 286), evocando claramente o número simbólico bíblico presente em tantas passagem famosas<sup>87</sup>. Termina o conto com os seguintes oito versículos, com grifos meus:

23. — "Ora, pois, vos digo que, antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas."

24. — Depois ficou meditabundo.

25. — E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:

26. — "Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?"

<sup>87</sup> O número sete e a expressão ‘vezes sete’ aparecem simbolicamente como tempo de perfeição e quantidade infinita, respectivamente, como na punição de Caim (Cf. Gn 4,15), na vingança de Lamec (Cf. Gn 4,24), na tomada de Jericó (Cf. Js 6, 1-16) e ainda, certamente de onde Machado de Assis retirou a ironia do texto, a ordem de perdão dada por Jesus a Pedro: “Então Pedro se aproximou dele e disse: Senhor, quantas vezes devo perdoar a meu irmão, quando ele pecar contra mim? Até sete vezes? Respondeu Jesus: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.” (Mt 18,20-21)

27. — E nenhum dos filhos de Noé pôde entender esta palavra de seu pai.  
 28. — A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo. (V. 2, p. 287)

A ironia de Machado de Assis talvez dispense toda e qualquer referência religiosa, pois o conto trata de um assunto, tão antigo quanto a criação do homem, que é o conflito por causa da ganância humana e a citação de Turquia e Rússia dá o tom do que o autor está falando. Porém, ainda que, ignorando toda e qualquer semelhança com o texto bíblico, se possa entender a moral da história, as nuances e os detalhes, que preenchem a narrativa, e que foram ali colocadas para criar um efeito estético e serem reconhecidas e interpretadas. Em primeiro lugar está a dicção bíblica, que é reproduzida por Machado de Assis com perfeição, no sentido de criar um texto muitas vezes elíptico, mas acima de tudo conciso e não digressivo. Praticamente a única digressão do texto é o comentário de Noé sobre a Rússia e a Turquia. Esse estilo seco de narrar está vinculado ao fato de que o texto sagrado não teria a necessidade de convencer o seu leitor, tampouco prendê-lo, visto sua função ser religiosa. É o que dirá Eric Auerbach, falando sobre as diferenças entre a história de Abraão e a de Ulisses:

A história de Abraão e Isaac não está melhor testificada do que a de Ulisses, Penélope e Euricléia; ambas são lenda. Só que o narrador bíblico, o Eloísta, tinha de acreditar na verdade objetiva da história da oferenda de Abraão – a persistência das ordens sagradas da vida descansava na verdade desta história e de outras histórias semelhantes. [...] Ele tinha de escrever exatamente aquilo que lhe fosse exigido pela sua fé na verdade da tradição, ou, do ponto de vista iluminista, pelo seu interesse na sua verossimilhança – em qualquer caso, a sua fantasia, inventiva ou descritiva estava estreitamente delimitada. [...] O que ele produzia, portanto, não visava, imediatamente, a ‘realidade’ – quando a atingia, isto era ainda um meio, nunca um fim –, mas a verdade. Ai de quem não acreditasse nela! [...] Os relatos das Sagradas Escrituras não procuram o nosso favor, como os de Homero, não nos lisonjeiam, para nos agradar e nos encantar – o que querem é dominar-nos, e se nos negamos a isto, então somos rebeldes. [...] Se, desta forma, o texto do relato bíblico, a partir do seu próprio conteúdo, é carente de interpretação, a sua pretensão de domínio leva-o ainda mais longe por este caminho. Pois ele não quer fazer-nos esquecer a nossa própria realidade durante algumas horas, como Homero, mas quer submetê-la a si; devemos inserir a nossa própria vida no seu mundo, sentirmo-nos membros da sua estrutura histórico-universal. (AUERBACH, 1998, p. 11-12)

Machado de Assis, ao criar a narrativa, está, como em todo o livro *Papéis avulsos*, realizando experiências estéticas com formas narrativas que são, ao mesmo tempo, anteriores a ele, Machado (como carta, crônica, conferência, diálogo socrático, narrativa de viagem, texto bíblico) e ao mesmo tempo tentando encontrar a literaridade desses textos. Por isso

acaba por unir os dois estilos que Auerbach comenta no capítulo *A cicatriz de Ulisses*. Por um lado o texto é seco, com um narrador que se oculta atrás do diálogo, com uma abertura que não dá espaço para o questionamento, justamente por ser a vontade do Senhor que está sendo revelada (“1. — *Então Noé disse a seus filhos Jafé, Sem e Cam: — “Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor [...]”* (V. 2, p. 283)). Por outro lado o texto possui a típica ironia machadiana de inverter o discurso consagrado, e para isso ser compreendido o leitor precisa ter o mínimo de informação e saber reconhecer qual seria o discurso original, e criar efeitos de impacto sobre o público. Qual seria o efeito se realmente Noé fizesse um comentário sobre a Guerra Turco-Russa? Na realidade o efeito desejado pelo autor no seu público era o de fazê-lo perceber que nada mais atual e ao mesmo tempo mais antigo do que a disputa por terras, especialmente entre duas nações donas de vastos impérios. A história contada por essa versão original do Gênesis é uma alegoria da ganância humana à luz de uma guerra que estava em todos os jornais na época<sup>88</sup>. Talvez fosse desejo do autor de relacionar a tradição com a história presente, visto que, segundo uma antiga tradição, como todos os povos derivaram dos filhos de Noé, Sem seria o pai dos asiáticos e Jafet o dos europeus, enquanto Cam daria origem a Canaã seu filho e senhor da Cananeia. Assim Russos e Turcos estariam representados nos irmãos beligerantes, invertendo o texto bíblico que coloca a maldição de Noé sobre o filho Cam, por ele ter exposto o patriarca, quando este estava bêbado, enquanto os outros dois filhos são abençoados, por terem entrado na tenda de contas para cobrir respeitosamente o velho pai.

Aliás, inversão é o que não falta no texto, já que Machado de Assis inverte o ensinamento de Cristo (perdoar sem contar quantas vezes) para, unido ao estilo agressivo de muitas partes de *Antigo Testamento*, ser maldito mais vezes ainda. Trabalha com o conceito de textos complementares (o *Novo Testamento* complementa o *Antigo* e este é a preparação para aquele), mas no seu paradigma criativo tudo se dá ao contrário, como se fosse um espelho refletindo a imagem ao avesso, o *Novo Testamento* serve para preparar o *Antigo*, dá o dogma para ele, só que no conto o autor “desentende” o ensinamento cristão.

Outra “brincadeira” que faz Machado de Assis diz respeito a leitura da tradição dentro do conto. O seu *humor* britânico é responsável por momentos de sutil graça, devido a um narrador irreverente na medida exata. É o caso da seguinte passagem:

---

<sup>88</sup> A guerra entre Rússia e Turquia se deu, fundamentalmente porque o império russo desejava uma saída para o mar Mediterrâneo e assim eliminar as altas taxas cobradas pelo império otomano. Ela começou em abril de 1877 e se estendeu até janeiro de 1878 – o conto viria a público em maio desse ano – com a intervenção do império Britânico.

11. - E disse Cam: - "Ora, pois, tenho uma ideia maravilhosa, que há de acomodar tudo;
12. - "A qual me é inspirada pelo amor, que tenho a meus irmãos. Sacrificarei pois a terra que me couber ao lado de meu pai, e ficarei com o rio e as duas margens, dando-me vós uns vinte côvados cada um."
13. - E Sem e Jafé riram com desprezo e sarcasmo, dizendo: "Vai plantar tâmaras! Guarda a tua ideia para os dias da velhice." E puxaram as orelhas e o nariz de Cam; e Jafé, metendo dois dedos na boca, imitou o silvo da serpente, em ar de surriada. (V. 2, pp. 284-285)

O xingamento – *Vai plantar tâmaras!* – dos dois irmãos que se unem exclusivamente nesse momento, já que brigavam copiosamente até então, é uma clara alusão ao famoso “vai plantar batatas” que na época de Machado já era comum. Esse tipo de comentário não é digno de um narrador que se quer bíblico e enunciador da verdade, porém pode ser fruto de um narrador épico (ainda que com ressalvas) visto que espera com esse comentário divertir o leitor. São essas tâmaras colocadas neste lugar que nos faz pensar sobre a intenção do narrador quando nos conta a sua história.

É relevante retomar o comentário já feito aqui anteriormente. Um leitor pode se aproximar desse texto machadiano e dele sair com alguma interpretação, e talvez até uma boa interpretação se for bem informado sobre a história dos Balcãs do século XIX. Perceberá a ironia do autor ao colocar na boca do patriarca pré-diluviano uma referência ao mundo moderno, e isso pode ser suficiente para revelar o sucesso do texto, para passar a sua mensagem. Porém, o texto machadiano, feito em camadas de complexidade, está disponível para uma leitura mais profunda. E nesse caso a leitura depende do conhecimento bíblico, pois assim os detalhes, postos ali, serão suficientes para que a análise seja mais do que simplesmente a compreensão de que Noé está falando do tempo presente.

### 2.2.3 *Adão e Eva*

O conto *Adão e Eva* foi publicado pela primeira vez na *Gazeta de notícias* em 01/03/1885, trazendo como classificação a categoria de *apólogo* e sendo assinado por Machado de Assis, sem a utilização de qualquer pseudônimo. Essa narrativa iria depois integrar o volume denominado *Várias histórias*, publicado em 1896.

A história, narrada em terceira pessoa, se passa em um engenho baiano de uma rica senhora, D. Leonor, no século XVIII. No almoço estão presentes, entre vários convidados, frei

Bento, um carmelita piedoso, e Sr. Veloso, o juiz de fora. No momento da sobremesa, visto a anfitriã anunciar um doce em particular, surge a dúvida se a curiosidade é uma característica masculina ou feminina e, como consequência, se a perda do paraíso era uma responsabilidade de Adão ou de Eva, o que dará nome do conto. Frei Bento se recusa a emitir parecer, dizendo que preferia tocar viola, o que era, efetivamente verdadeiro, já que o bom carmelita era tão bom músico, quanto teólogo. Acontece que Sr. Veloso diz saber a verdadeira história de Adão e Eva, diferente da narrada no primeiro livro do *Pentateuco*, que, segundo o juiz, era um livro apócrifo. Frente a essa heresia, D. Leonor pede ao carmelita para fazer o juiz parar, porém ele responde que o juiz era pessoa lida e que conhecia outros livros, além da Bíblia. O frei confiava no seu conhecimento sobre o juiz, tido por piedoso, porém criativo e *amigo da pulha*, jovial no que era possível, grave quando era necessário. Nesse momento o juiz passa a contar a “verdadeira” história de Adão e Eva.

Começa dizendo, para escândalo de todos, que fora o diabo e não Deus quem criou o mundo. Evidentemente, Deus permitiu e corrigiu a criação demoníaca. Para tudo o que um criava, o outro remendava. O diabo criou as trevas; Deus, a luz. O diabo criou as tempestades; Deus, a brisa. O diabo criou os vegetais espinhosos e venenosos; Deus, as árvores frutíferas. Assim foi contando até o sexto dia, momento no qual o juiz pediu, desnecessariamente, que a audiência redobrasse a atenção. Contou que o diabo criou o homem e a mulher, ambos belos, mas sem alma, pois essa somente Deus poderia dar e assim aconteceu, pois Deus com dois sopros infundiu-lhes alma e sentimentos puros. Por misericórdia, Deus fez brotar um jardim de delícias e o deu a Adão e Eva com a única recomendação de que não comessem do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Os dois se olharam espantados, pois não se reconheciam. Antes de Deus dar-lhes a alma e os sentimentos puros eles pensavam em se espancar, agora, porém, contemplavam tranquilamente a natureza e vivam como anjos.

O diabo com raiva da situação, e sem poder entrar no paraíso, chamou a serpente para tentar Adão e Eva. A serpente, que a princípio não queria chegar perto dos dois, quando descobriu que era para fazer mal a eles se prontificou a morder o calcanhar de Eva. Mas o mal que o diabo queria da serpente era outro, ordenou-lhe que fosse até o jardim e oferecesse o fruto da árvore proibida para Adão e Eva, dizendo que bastava comer esse fruto para se conhecer o segredo da vida. Em paga a esse mal, o diabo daria à serpente a melhor parte da criação, a humana e muito calcanhar para morder. E lá se foi a serpe.

A serpente se enrolou no tronco da árvore do bem e do mal e esperou por Eva, não queria ela falar com Adão. Chamou a mulher e disse-lhe estar comendo o fruto e que por isso conhecia tudo, da origem ao enigma da vida. Eva a xingou, mas a serpente insistiu que ela não

recusasse o esplendor dos tempos, pois se comesse seria Legião, Cleópatra, Dido, Semíramis, Cornélia, Débora, Safo e Maria de Nazaré. Eva mantinha-se impassível. Enquanto a serpente falava, chegou Adão, que tudo ouviu, também, e confirmou a resposta de Eva de que nada valia a perda do paraíso. Após isso, deram-se as mãos e deixaram a serpente.

Deus, que tudo observava, mandou Gabriel buscar Adão e Eva para a sua presença no céu, onde já eram esperados por dezenas de anjos que cantavam. O anjo disse a eles que a terra ficaria às obras do diabo e da serpente, de todos os que rastejam e bajulam, que nenhum ser piedoso viveria lá. E assim Adão e Eva entraram no paraíso e passaram a cantar junto ao coro dos anjos.

Terminada a narração, o juiz pede mais doce a D. Leonor, que como todos, estava embasbacada, mas ao gesto do contador de história diz:

— Bem dizia eu que o Sr. Veloso estava logrando a gente. Não foi isso que lhe pedimos, nem nada disso aconteceu, não é, frei Bento?

— Lá o saberá o Sr. juiz, respondeu o carmelita sorrindo.

E o juiz-de-fora, levando à boca uma colher de doce:

— Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce, que está, na verdade, uma cousa primorosa. É ainda aquela sua antiga doceira de Itapagipe? (V. 2, p. 491)

O conto possui vários fatores de interesse. O narrador onisciente, passando a voz narrativa para uma das personagens, cria um efeito interessante – conhecido pela crítica como *mise-en-abîme*<sup>89</sup> – ao contar uma história dentro da outra. Esse expediente já fora utilizado por Machado de Assis inúmeras outras vezes (p. ex. *O Pai*, *O espelho*, *O imortal*) e tem o mérito de fazer com que o leitor compare as duas histórias que terminam por se encaixar numa relação metonímica. Assim, nesse conto, o fato da discussão inicial ser sobre a curiosidade é levada a uma história que responde a pergunta primordial de maneira alegórica e mais ampla, pois a curiosidade é obra da serpente e do diabo e não dos santos de Deus, visto Adão e Eva terem resistido à tentação. Logo, a história que conheceríamos através da Bíblia, seria uma versão equivocada, e, até mesmo, invertida, daquela que haveria ocorrido no paraíso.

<sup>89</sup> Segundo Annabela Rita, *mise-en-abîme* (ou: *mise-en-abyrne*) “consiste num processo de reflexividade literária, de duplicação especular. Tal auto-representação pode ser total ou parcial, mas também pode ser clara ou simbólica, indirecta. Na sua modalidade mais simples, mantém-se a nível do enunciado: uma narrativa vê-se sinteticamente representada num determinado ponto do seu curso. Numa modalidade mais complexa, o nível de enunciação seria projectado no interior dessa representação: a instância enunciativa configura-se, então, no texto em pleno acto enunciatório. Mais complexa ainda é a modalidade que abrange ambos os níveis, o do enunciado e o da enunciação, fenómeno que evoca no texto, quer as suas estruturas, quer a instância narrativa em processo. A *mise en abyme* favorece, assim, um fenómeno de encaixe na sintaxe narrativa, ou seja, de inscrição de uma micro-narrativa noutra englobante, a qual, normalmente, arrasta consigo o confronto entre níveis narrativos.” Disponível em < [http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/mise\\_en\\_abime.htm](http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/mise_en_abime.htm) > Acesso em 08 nov 2009.

Desconcertante versão, por nos colocar como aqueles que, sem nenhuma esperança, somos obra do diabo que ainda possui influência sobre nós. Machado estaria voltando ao tema que tinha tratado nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, no capítulo denominado *Velho diálogo de Adão e Eva* sobre os sentimentos de Brás e Virgília quando se tornam amantes? Não. A noção aqui é distinta, o papel dos protagonistas do jardim do Éden é diferente, visto que a saída do conto é justamente oposta a ideia do diálogo das *Memórias* que é marcada pela repetição *ad aeternum* daquela situação de dois amantes apaixonados. O Adão e Eva do conto são apaixonados sim, mas muito mais contemplativos do que o Adão e Eva da Bíblia e do romance, visto terem cedido a tentação e terem ensinado a humanidade o valor do pecado.

Mais uma vez, e a exemplo do que fizera no conto *Na Arca*, Machado de Assis desconstrói a narrativa bíblica. É relevante perceber que, tanto num caso como no outro, estamos falando de um texto etiológico, isto é, que visa dar explicações sobre as origens das coisas, e não um relato fiel de uma parte da história. O caráter de narrativa mítica dos primeiros capítulos do Gênesis, de certa forma, permitem essas incursões para que, ou seja modernizado o ensinamento, ou seja questionado o sentido original. Fato é que o leitor, mais uma vez, se depara com uma história que, para ser melhor entendida, exige algum conhecimento da Bíblia.

O senhor Veloso, o juiz de fora, ao contar a história toma cuidado para colocá-la como a real, sendo a outra, a que conhecida por todos, apenas um apócrifo. Mas apócrifo do quê? Se tomarmos o conceito de apócrifo, que é a narrativa de tema sagrado que está fora do cânone, podemos ter um nó na cabeça. Talvez o que o autor tenha querido dizer seja que tudo aquilo que nós conhecemos como ensinamento moral e religioso não passa de uma impossibilidade do ponto de vista humano, já que os únicos que resistiram à tentação e não sofreram o pecado original foram aqueles que não estão entre nós, pois foram elevados ao céu. Todos os outros humanos, frutos da criação diabólica, ainda que leiam a Bíblia e busquem encontrar uma justificativa no pecado de Adão e Eva para os seus próprios pecados, estão fadados ao domínio dos sentimentos da serpente. Sem o pecado não haveria sequer a necessidade de Jesus, e, portanto, do sim de Maria, uma das promessas da serpente à Eva, se essa comesse o fruto. Podemos evocar aqui o *Exultat*, entoado pelo sacerdote no início da Vigília pascal, chamada de mãe de todas as missas, quando diz: “*Ó pecado de Adão indispensável, /pois o Cristo o dissolve em seu amor; /Ó culpa tão feliz que há merecido/ a graça de um tão grande*

*Redentor!*” (MISSAL DOMINICAL, 1995, p 325), para demonstrar que a fé cristã depende, também, do conceito de pecado original<sup>90</sup>.

Não menos importantes são as etapas da criação, todas feitas em interessante desarmonia conciliatória com o texto bíblico. Desarmonia, porque tira de Deus a função criativa que lhe é historicamente colocada, dentro da tradição monoteísta, de ser o único criador que tudo faz através da sua Palavra (que para tradição cristã é o próprio Cristo); conciliatória, porque, apesar de Deus conceder ao diabo a possibilidade criativa – diga-se de passagem, ideia muito comum nas tradições politeístas e dualistas – vai pouco a pouco consertando a obra diabólica e, desta forma, criando o que tem de melhor na terra. O efeito dessa criação conjunta – que aparecerá novamente em *D. Casmurro* e a metáfora da ópera, na qual Deus compôs a música, o diabo o libreto – é, num primeiro momento atenuador, pois somos, ainda, obras de Deus. Porém, com o final da história, esse efeito cai por terra e percebemos que as boas coisas que Deus criou não ficaram para nós: não temos acesso ao jardim, não somos filhos daquele Adão e daquela Eva, pois eles subiram aos céus antes de qualquer descendência, fomos entregues às obras do diabo e da serpente.

Além do tema bíblico, existe outro que não pode ser relegado ao segundo plano. É relevante a forma que é retratado o sacerdote do conto, frei Bento. Não sabemos nada da sua origem (se é ou não brasileiro, por exemplo; se estudou no Brasil ou em outro lugar), apenas que é carmelita, violeiro e teólogo. Sendo carmelita, deve ser missionário e, portanto, estrangeiro aclimatado ao país, porém isso é especulação. Percebemos que, ou não deseja se envolver na polêmica que remonta às origens da curiosidade e do pecado dos primeiros pais, ou está vendo isso tudo com muito humor e piedade, quase como se esse assunto já estivesse resolvido e nada mais tivesse a ser dito, isto é, como se a história do Sr. Veloso não tivesse nenhum tipo de respaldo histórico e não passasse realmente de uma anedota curial. É interessante o diálogo das personagens nessa parte do conto:

- Frei Bento, disse-lhe D. Leonor, faça calar o Sr. Veloso.
- Não o faço calar, acudiu o frade, porque sei que de sua boca há de sair tudo com boa significação.
- Mas a Escritura... ia dizendo o mestre-de-campo João Barbosa.
- Deixemos em paz a Escritura, interrompeu o carmelita. Naturalmente, o Sr. Veloso conhece outros livros...

<sup>90</sup> Não é o interesse desse trabalho polemizar o tema da vinda de Cristo e as suas razões sob a ótica da teologia, apenas coloco aqui a existência de duas correntes distintas na tradição católica sobre o assunto. Uma diz que Jesus viria ainda que os primeiros pais não tivessem pecado, pois a salvação não consiste apenas em redimir o pecado, mas dar ao homem algo que ele nunca teve, a natureza divina. Outra corrente prega que era necessário o pecado para a vinda de Cristo, e essa é a mais conhecida.

— Conheço o autêntico, insistiu o juiz de fora, recebendo o prato de doce que D. Leonor lhe oferecia, e estou pronto a dizer o que sei, se não mandam o contrário. (V. 2, p. 488)

E aqui a postura do Frei Bento, nome muito significativo<sup>91</sup>, é bastante estranha, mas ao mesmo tempo repleta de uma bondosa e despreocupada maturidade. Ao não intervir em nome da moral e dos bons costumes e deixar o Sr. Veloso contar a sua versão da história de Adão e Eva, o carmelita dá provas de que não está nem de perto ligado àquela imagem de inquisidor que a história acostumou-se a passar. Tampouco é ele um retardado mental ou glutão. É um homem de bem que está disposto ouvir uma boa anedota, pois evoca que o senhor juiz conhece outros livros além da escritura. Estaria com isso dizendo que aquilo não passa de uma pilhéria? Pode ser, mas ao mesmo tempo o efeito conseguido pela história faz com cada uma das pessoas, ouvintes do senhor Veloso, analisem as suas próprias atitudes.

Enigmático é, além da história, o sorriso de Frei Bento. Ele não está sendo criticado pelo narrador e muito menos menosprezado pelas personagens. Convive com elas e tem bom trânsito, pois todas recorrem sempre a ele, porém esse homem de alguma fé se diverte com a possibilidade de haver existido um outro Adão e uma outra Eva e Machado de Assis se diverte em construir uma personagem que é capaz de dar margem a tantas dúvidas. Logo passa por entender o significado do seu papel para compreender o conto. Talvez a posição do sacerdote no Brasil seja significativo, já que ele vivia num fio de navalha entre as orientações de Roma e as do Império brasileiro. Talvez frei Bento queira simplesmente não entrar em conflito com o senhor juiz de fora, pois este representa o poder do Estado, logo, o poder do Imperador. A posição ambígua de frei Bento, então poderia representar a posição ambígua de todo o clero nacional e, nesta perspectiva, a sua representação está mais próxima da realidade do que da alegoria. Os dois elementos aqui se intercalam, pois para compreender o significado das palavras de frei Bento, sobre o juiz conhecer outros livros, isto é, sobre a possibilidade de existirem outras obras que mostrem essa história que está conhecida pela sua versão bíblica, é preciso ir ao *Pentateuco* e as suas tradições, e perceber que a história de Adão e Eva, que lá não é nomeada até a expulsão do paraíso, é de origem Javista vinculada a uma elite religiosa da época de Davi. O senhor Veloso contar uma história diferente do – mais que diferente, exatamente oposta ao – original pode revelar o real significado de quem, naquele momento e naquele contexto – engenho baiano, século XVIII – detém o poder.

---

<sup>91</sup> Pois além do significado em si, Santo, Abençoado, que se origina no Baruch hebraico, vários foram os Bentos da história da Igreja, desde São Bento, fundador dos beneditinos e padroeiro da Europa até quatorze papas com esse nome até a época de Machado de Assis.

O conto, então, tem por moral da história, se é que é necessário encontrar uma moral, o fato de sermos descendentes de outros pais, que não o Adão e Eva que subiram ao céu levados pelo anjo. Logo, que a raça humana além de ser oriunda da criação diabólica está submetida a uma impossibilidade de alcançar a redenção, visto essa ser fruto da ação de Cristo no mundo, por causa do pecado original. Ou então, numa outra visão das coisas, aquela experiência que Deus fez, ao deixar o diabo ir construindo o mundo foi apenas, e não mais do que apenas, experiência. Deus criaria um outro mundo, diferente daquele, mais perfeito, mais puro e é nesse mundo de Deus que vivemos. Mas aí entramos num axioma, visto que no mundo criado pelo diabo e corrigido por Deus, Adão e Eva não pecaram, foram elevados aos céus e não são os nossos primeiros pais – dúvida fica de quem os são – e no mundo criado por Deus, o diabo e a serpente conseguem fazer a mulher cair em tentação. O que Deus queria era, então, o pecado, para poder enviar Jesus Cristo, ou ele realmente esperava acertar mais uma vez. Ou ainda talvez possamos perceber a história de modo mais trivial, no qual Frei Bento e senhor Veloso são pessoas de origens diferentes com posições sociais distintas e, por essa razão pensam de modo diferentes, lêem obras de linhagens distintas, mas convivem respeitavelmente. A história contada pelo juiz se coloca como uma versão *anedótica* da criação, porém o frei carmelita sabe que ela não apresenta ameaça, por se tratar apenas de um conto. Não esqueçamos o que Machado de Assis diz: “é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba, sem que a gente dê por isso” (V. 2, p. 236), que aparece na *advertência* a *Papéis Avulsos*, uma idéia retomada de Diderot. Talvez, no contexto de *Adão e Eva*, em uma polêmica sem solução sobre a origem da curiosidade (masculina? feminina?), o Sr. Veloso estivesse apenas dizendo que, enquanto faço o conto, a discussão termina e o doce se acaba sem que ninguém se dê conta...

As dúvidas que o texto pode gerar se multiplicam na potência de dez, mas quanto mais profunda é a leitura que fazemos, mais percebemos que a história não é simples ou superficial, que o conhecimento bíblico aqui se torna essencial para realizar uma leitura transversal do texto machadiano.

### 3. Um conto nada a ver

Tem-se demonstrado ao longo das páginas desse estudo que Machado de Assis não somente utilizava-se das referências de origem religiosas como também tinha um conhecimento privilegiado desse tema e seus desdobramentos. Mesmo quando escrevia contra algum aspecto que envolvia a religiosidade ele não era superficial ou mesmo anticlerical, para ficar numa expressão da época. Mas pode-se pensar que ele se valia desse conjunto de referências em obras que tinham por temática a religião, direta ou indiretamente. Não é verdade. Mesmo quando a narrativa (ou poema, ou crônica) orbitava em outro assunto, Machado era profícuo em incorporar nela alguma metáfora, alguma citação, enfim, algum elemento que diz respeito ao universo aqui tratado.

Poderíamos voltar ao exemplo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, obra que não tem caráter religioso, e em que nenhum dos personagens centrais é desse mundo (clero e seus arredores) e mesmo assim percebemos que a obra está repleta de referências ao universo religioso da sua época. Torna-se relevante então, estudar um caso no qual os significados religiosos utilizados por Machado de Assis numa narrativa de temática não religiosa colaborassem para a construção da compreensão profunda da história. Para isso podemos recorrer ao conto *O lapso*, publicado pela primeira vez na *Gazeta de notícias* em 17/04/1883 e revisto para a edição no livro *Histórias sem data*.

O conto se passa no Rio de Janeiro do século XVIII, pois, diz o narrador, o protagonista da história, dr. Jeremias, morrera numa casa pobre, naquela cidade em 1799. Dr. Jeremias Halma era importante médico holandês, morando da capital da colônia e com importantes feitos para a humanidade como uma nova teoria para a formação dos diamantes ou um novo metro para a poesia malaia. Era fluente em várias línguas e conhecia os métodos terapêuticos da época sem ser arrogante. Era um homem digno de ser respeitado além de admirado.

A história se passa justamente quando, durante uma procissão, dr. Jeremias vê alguns credores, um cabeleireiro e um alfaiate, de um certo Tomé Gonçalves, arquitetando um plano para realizar a cobrança de dívidas muito antigas, quando este carregava uma das varas do pálido. Dr. Jeremias pede para que eles convoquem uma reunião para que ele possa apresentar uma reunião para que se pudesse apresentar diagnóstico e tratamento. Após muitas discórdias entre os vários credores presentes na reunião, que por si só já era um prato cheio para as suas análises, o médico apresenta o diagnóstico – Tomé sofria o doente de *lapso* de memória nas

coisas relacionadas com o pagamento de dívidas – doença que o médico conhecia e já tinha tratado anteriormente, um barbeiro que perdera a noção de espaço e uma mulher que perdera a noção do marido, casos tão graves quanto o de Tomé. Por fim, todos concordam que Tomé fosse tratado pelo médico, visto não terem nada a perder com o tratamento. Para isso, porém o médico precisaria acesso à casa do doente e o médico não era íntimo dele. Problema que foi resolvido através da compaixão de Jeremias pelo sofrimento de todos os credores e o levou a não medir esforços em relação ao tratamento.

Começa o médico a visitar Tomé e a implementar um tratamento baseado na administração de psicofármacos e percebe que o paciente não tinha noção alguma estabelecida de qualquer ideia que lembrasse conceitos como credor, dívida e saldo. Para poder receitar o medicamento Jeremias diz ao doente que achava que ele se encontrava abatido e receita o remédio contra *lapso* que trazia, além de fazer uma terapia de acompanhamento levando Tomé para vários lugares e mostrando para ele o processo de compra e venda, com todas as suas partes, incluindo-se aí o pagamento. Isso se deu durante muito tempo. Depois o tratamento seguia e o médico fazia um credor ir à casa de Tomé cobrar a dívida, várias vezes se fosse necessário, e gradualmente Tomé foi quitando todas as suas pendências.

Quer dizer, todas as pendências não, faltava uma, e justamente a mais recente, a dívida com o médico, pelo tratamento efetuado. Nenhum dos antigos credores de Tomé Gonçalves pensava que dr. Jeremias não tivesse cobrado a sua própria dívida antes de qualquer outra e não se preocuparam em perguntar-lhe sobre o assunto. O próprio médico, por sua vez, não quis utilizar o mesmo expediente para conseguir o seu dinheiro, por não considerar ético. Ficou simplesmente a esperar e nessa espera não teve a sorte que achava que poderia ter, chegando a pensar que podia recorrer aos antigos credores, mas não o fez. Quando Tomé morreu tinha apenas um único credor no mundo, o médico que o tratara de *lapso*. Quando o médico morreu estava canonizado pelo povo da cidade como grande homem, mas *pobre-diabo*.

No conto temos um narrador muito interessante que se nomeia em primeira pessoa, entretanto não se apresenta nunca. Não se sabe realmente quem conta a história, ainda que a época esteja definida, final do século XVIII. Porém o método narrativo se compõe de uma negativa que anuncia o *não comentário* sobre o Dr. Jeremias, quando na verdade tudo o que vai se fazer após é *falar* sobre esta personagem. O narrador cria lacunas que o leitor terá de preencher para entender a história. Com isso Machado faz como que uma metonímia do

problema vivido pela personagem Tomé, visto ela ter de receber ajuda para lembrar e entender o que se passa a sua volta, no que diz respeito as suas dívidas.

Também as personagens são um tanto exóticas, em especial o Dr. Jeremias, espécie de Simão Bacamarte *avant la lettre*, pois, ainda que o texto seja publicado posteriormente, o enredo se passa numa época anterior. O enredo é bastante simples, Tomé tem uma doença que o faz esquecer as dívidas que contrai, os credores planejam uma ação coletiva, mas o Dr. Jeremias, médico holandês, explica-lhes que se trata de um lapso de memória e, a pedido dos credores, passa a tratar de Tomé, fazendo com que ele pague todas as dívidas, a exceção da que contraiu com o próprio médico e que não paga até a sua morte. Tem-se dois personagens, frente à frente, que são o oposto um do outro e um texto que pretende explicar o motivo que une os dois: “*nem é outra a matéria do escrito, senão esse curioso fenômeno, cuja causa, se a conhecemos, foi porque a descobriu o Dr. Jeremias.*” (V. 2, p. 353)

Por que Machado escolheu estes nomes para suas personagens, e as colocou neste contexto são dúvidas interessantes. Jeremias foi o segundo grande profeta de Israel, após Isaías, e viveu numa época bastante conturbada. Tentou, e de certa forma conseguiu, moralizar o reino de Judá e propôs um judaísmo mais espiritual. Estava preocupado em ser um profeta do espírito, além de ser constante intercessor entre o povo e Deus, que o chamou para profetizar quando ainda era muito jovem (Cf. Jr 1,6), o que não é estranho a Machado que se utiliza de uma epígrafe justamente de um dos momentos de intercessão. Já Tomé é o apóstolo que precisou *ver para crer* na ressurreição, alguém, no caso Jesus, precisou mostrar para ele a realidade. Jesus é o maior de todos os profetas para o catolicismo e vem em lugar dos antigos profetas, em especial dos quatro maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e Elias), ou seja, é lícito pensar em Jeremias conduzindo e intercedendo pelo povo (credores) junto a um Tomé que precisa ver a sua dívida para pagá-la.

A ironia que se estabelece no final do conto é que o médico foi o único que ficou sem o devido pagamento, justamente porque ele não tinha com quem contar para interceder junto a Tomé para poder receber. Dois dados do profeta aparecem aqui: o de que o profeta é sempre mal tratado pelos seus contemporâneos, como Jeremias o foi, e o de que, por timidez, mesmo mal que acometia o jovem Jeremias, o Dr. Jeremias não conseguiu cobrar a dívida.

Machado brinca com um tema de grande relevância social e clínica, que ganharia destaque posteriormente na obra de Freud, que é a psicanálise, no seu sentido mais amplo, e etimológico de análise da alma. Não é à toa que o médico do conto, além de ter o nome do profeta mais *espiritual* de Israel tem por sobrenome Halma, que pode significar pular sobre alguém, se tomarmos a expressão grega. Alma e espírito podem ser, em grande parte

sinônimos, e aqui Machado acaba por revelar o objeto de estudos daquele obscuro médico holandês. Mas um médico holandês com a voz da “*racionalidade ‘científica’ que por alguma razão Machado associa com os holandeses*”. (GLEDSON, 2006, p. 79)

O que fica claro, mais uma vez, é que o leitor comum, despido do conhecimento do qual Machado de Assis utilizou para construir o conto, passa ao largo de todos os meandros pensados pelo autor. É como se lesse uma obra da qual não compreende todas as letras. Fica encantado com o pouco que percebe e abstém-se de procurar entender o todo na sua profundidade, ou, o que é pior, traçar um comentário depreciativo como o de Gledson, quando diz:

Mas a história (ao menos para mim) fracassa na medida em que não chega à altura das ambições que Machado evidentemente tinha em relação a ela ao dar ao seu herói, de maneira um tanto óbvia, o nome de dr. Halma. (GLEDSON, 2006, p. 57)

Talvez o bem informado professor tivesse um olhar mais complacente com o conto e as *ambições* de Machado de Assis, se considerasse que o centro interpretativo do conto não estava na alma, mal escondida no sobrenome do médico, mas, mais simplesmente, no próprio nome do Dr. Jeremias. Assim, uma informação sobre o referencial religioso utilizado por Machado de Assis, poderia elucidar a leitura e torná-la mais esclarecida e mais próxima daquela que o próprio autor talvez tenha pensado para a sua história.

O tema central do conto, mais que o comportamento religioso de Tomé, o que poderia ser visto como inerente ao seu tempo e seu *status*, é a relação entre um médico e um paciente que ironicamente termina com o médico sendo seu último e único credor. Machado voltava ao tema que tratara no *Alienista*, voltava ao Brasil colônia, voltava a um narrador, senão volúvel ao menos, escorregadio e tudo isso sob a capa de analisar a alma humana. Poderia o leitor passar por esta história sem maiores problemas, mas, ainda que o tema central não seja voltado para a religião, é fato que ao saber dos detalhes que compõem o conto o leitor pode fruir e compreender melhor a narrativa.

## CONHECER É SEMPRE IMPORTANTE: COMENTÁRIO À GUIA DE CONCLUSÃO

*Tudo tem conclusão neste mundo (Machado de Assis)*

*Obra do tempo foi que tudo acaba, que as cidades transforma como os homens. (Machado de Assis)*

Nunca é fácil propor uma leitura fora dos cânones já estabelecidos para um autor que, apesar de questionar o modelo de narrativa do seu tempo, é considerado o cânone máximo. A cada ciclo de estudos de Machado de Assis, geralmente com picos em 1939, 1958, 1989, 2008, datas relevantes de vida e morte do autor fluminense, surgem umas tantas teorias (como por exemplo, Machado Historiador, Machado Burocrata, Homem do subterrâneo, Mestre na periferia do Capitalismo, Afro-descendente, etc.) o que apenas vem reforçar a ideia de que ele foi e é o grande escritor do país e pode ser lido sob diversas luzes diferentes. Entretanto, também não se precisa ler Machado de Assis como sempre foi lido, ele, ou melhor, a sua obra, dá lugar e espaço para cada vez mais aberturas interpretativas na grande teia de seus textos, ou no palimpsesto que foi a sua composição.

Outro ponto complicador para esse trabalho foi o tema colado a Machado de Assis: a religião. Sim, havia aí um interesse pessoal, menos de crença e mais de aproveitamento intelectual, visto tanta vezes ter-se dito nas aulas e palestras do Programa de Pós-graduação que precisávamos transformar espaço (e, evidentemente o tempo) do Mestrado em algo enxuto e que servisse de laboratório de produção intelectual, que fôssemos produzindo nossas monografias de tal forma que elas pudessem ser utilizadas na dissertação.

Esse trabalho traz um discurso vocacionado. Vocacionado a falar para uma época marcada por uma série de estudos das mais diversas ordens e origens (pelos estudos multiculturais, pela diversidade interpretativa e tantas outras possibilidades de se relacionar com o texto), que já não se pode olhar para uma única forma interpretativa como se ela fosse absoluta. Muito se tem desprezado o estudo das formas religiosas e, principalmente, do discurso religioso, porém, esse discurso é constitutivo da obra de muitos autores relevantes e compreender o paradigma religioso e suas nuances faz parte do processo de compreender a obra, aqui literária, em si.

Religião e Machado de Assis não são incompatíveis. Essa era a primeira assertiva que esse trabalho precisava inculcar no meio acadêmico. E aqui volta pela enésima vez neste texto que longe das suas pretensões está o pedestal para São Machado. Mais ainda, não se pretende provar as crenças do homem Machado de Assis, o que hoje apenas poderíamos fazer através de uma sessão espírita, evidentemente não autorizada pelo bruxo do Cosme Velho (com todo o respeito a todos os credos), que sempre foi muito arredo a este tipo de manifestação religiosa.

Alguns mostraram coisas diversas sobre esse homem, alguns inclusive acreditaram provar muitas coisas sobre sua vida pessoal a partir daquilo que escreveu. Esse caminho é tortuoso e pode levar a equívocos que a nossa era, de informação em tempo real, não permite mais. Se é verdade que a obra escrita por alguém revela suas opiniões e até mesmo podemos entender uma determinada posição intelectual e/ou ideológica do autor, não é menos verdade que muito dessa revelação se dá de forma intuitiva e não intencional. Ao observar a realidade que o circunda, um autor pode representá-la por reflexão ou por refração (se podemos recorrer aos termos da óptica para metaforizar o assunto). Por isso o perigo constante de ler na obra ficcional a realidade pessoal. Certamente não era esse o intuito desse trabalho.

Para chegar ao cabo da dissertação era necessário repassar os fatos da história relacionados com a Igreja Católica Apostólica Romana por várias razões. Em primeiro lugar, porque foi no seio de uma sociedade predominantemente católica que o autor aqui trabalhado nasceu e se formou intelectualmente, bem como foi essa sociedade que foi representada direta ou indiretamente na sua obra. Entender como se deu a formação de uma instituição temporal e ao mesmo tempo espiritual e perceber as suas relações com o poder estatal era fundamental para compreender outro nível de formação histórica. Assim, foi percorrida uma trajetória que ao mesmo tempo tentava aprofundar, sintetizar e desmistificar o significado de algumas realidades eclesiásticas em nível geral para que se pudesse aprofundar essas mesmas relações no país em que Machado de Assis morou e escreveu. Sabendo que a Igreja Católica no Brasil teve, na sua formação e relação com o Estado nacional, todo um conjunto de características que a colocavam como um caso especial, e não propriamente ortodoxa, em relação à doutrina, formação de seminaristas e, mesmo, no conceito do papel do clérigo e do leigo no seio da instituição, era também necessário estabelecer que tipo de Igreja havia no país e como essa Igreja influenciava a sociedade em geral e a intelectualidade de onde provinha Machado. Foi, portanto necessário refletir um pouco sobre como eram as relações entre Igreja de Roma e

costumes locais, a relação entre a Tradição<sup>92</sup> e as tradições particulares, entre a hierarquia e o Estado. Isso mostrou que existia uma situação um tanto dialética, se aplicarmos o termo mais livremente nesse contexto, entre o clero nacional e as orientações universais da Igreja. Podemos dizer que, apesar de todas as diferenças que existiam entre as Igrejas locais e a Igreja Católica, isto é, universal, havia uma base comum que as vinculava, que tinha por centro a sagrada escritura e a maior parte da doutrina. E todos os que eram integrantes da hierarquia, especialmente esses, eram chamados a dar testemunho de vida e ser capaz de dar as razões da sua esperança (Cf. 1Pe 3,15<sup>93</sup>) com suavidade e respeito, ou pelo menos assim é que deveria ser.

Machado estaria atento a essas tensões e as representou em vários momentos na sua obra ou simplesmente ele manifestou o que percebia da sociedade local? Como foi mostrado em algumas das análises, e para esse estudo, fica uma certeza, a formação intelectual de Machado de Assis sobre a tradição e os costumes da Igreja no Brasil, que era tão rica de tipos como de resto toda sociedade o era, é profunda e suficientemente esclarecida para fazer dela uso de forma superficial, em alguns casos, alegórica em outros, mas também de forma profunda e que poucas pessoas na sua época provavelmente entenderam, e hoje, menos ainda entendem. Resgatar esses referenciais e analisar-lhes a importância e a relevância é a motivação para continuar esses estudos, assim como perceber o papel que Machado de Assis dá para o sacerdote como mediador de elementos entre a Igreja e a sociedade, o que de fato o torna um ser que trabalha para o sacro.

Neste ponto a reflexão precisa ser mais aprofundada, pois até agora estávamos atrás de perceber a quantidade e a qualidade da presença da temática religiosa, bem como do conjunto referencial que pode ter sido usado e que habitava o campo semântico do mundo eclesial, na obra do autor. É necessário agora estabelecer um método de aprofundar a análise qualitativa estendendo-a para mais obras, talvez levando para os romances, ou para uma quantidade maior de contos, e perceber se essa chave de leitura se sustenta como método interpretativo.

É importante perceber que Machado de Assis escreveu inúmeros contos absolutamente magistrais que nada têm de referenciais religiosos. Poderíamos nos fixar no exemplo do conto *Pai contra mãe*, conto de maturidade, publicado originalmente no livro

<sup>92</sup> Lembrando a doutrina da revelação que possui uma parte de seu depósito na Tradição (com letra maiúscula, diferente das tradições particulares, costumes próprios de cada povo e região que vão integrando o conjunto ritual da Igreja) que representa o conjunto de informações relativas à fé e à salvação que não foram escritas nos tempos apostólicos, mas que recebem a mesma veneração dentro da Igreja e de sua doutrina.

<sup>93</sup> Diz a primeira epístola de Pedro: “*Portanto, não temais as suas ameaças e não vos turbeis. Antes santificai em vossos corações Cristo, o Senhor. Estai sempre prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança, mas fazei-o com suavidade e respeito.*” (1Pe 3,15)

*Relíquias de casa velha* em 1906, que traz sim o dilema humano, porém muito mais pela ótica da ética do que na religião, que em nenhum momento é mencionada a não ser no local da roda, que era na Santa Casa de Misericórdia, administrada pela irmandade respectiva. Nesse conto estamos frente a um pai que para manter o filho consigo por mais algum tempo precisa caçar uma escrava, que por sua vez fugiu justamente por estar grávida de oito meses e ser maltratada na casa de seu senhor. O pai encontra a mãe e estabelece-se o embate, com ele vencendo, levando-a ao seu dono, batendo nela e fazendo com que ela aborte. Termina o conto com a antológica afirmação de Cândido Neves, esse era, ironicamente, o nome do violento caçador de escravos: “*Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração!*” (V 2, p. 638), que dá a noção de ser uma referência ao *Cândido* de Voltaire e o seu conceito de se estar sempre no *melhor dos mundos*, por ser a única possibilidade possível. O personagem de Machado, aqui, está realmente convencido de ter feito a coisa certa, dando ao conto uma temática mais universal do que a história de um caçador de escravos da segunda metade do século XIX, pois adentra no tema do egoísmo necessário à sobrevivência, que poderia ser combatido pelo altruísmo, que aqui não é alcançado pelo personagem central. Uso esse exemplo para demonstrar que é perfeitamente possível, e quiçá necessário, ter mais de um método para analisar a obra machadiana, e que aqui nesse conto a busca de termos religiosos, ainda que pudesse ser feita, pois efetivamente alguns conceitos e, mais, alguns lugares desse ambiente estão presentes na obra, não surtiria um acréscimo relevante para a compreensão da mensagem central, podendo cair no folclórico e no forçado, pois a obra de Machado de Assis não comporta afirmações hiperbólicas e fechadas como *sempre*, *nunca*, etc.

Ao fim e ao cabo, podemos demonstrar que o conhecimento, seja ele em que área for, é uma ferramenta preciosa ao tratar-se de um autor rico e polissêmico como Machado de Assis. Todas as referências são importantes e contribuem para o melhor entendimento da obra, por isso mesmo não se pode desprezar nenhuma delas. É praticamente impossível perceber exatamente o efeito que Machado queria dar ao construir uma ou outra personagem ou situação, porém conhecendo a forma como ele pintava a sociedade e entendendo como esta sociedade se compunha, pode-se chegar bem perto daquilo que pensou o Bruxo de Cosme Velho, ou, pelo menos, compreender melhor a mensagem proposta.

O mundo de Machado de Assis era repleto de situações que diziam respeito ao sacro e ao mistério e, se não cria em tudo, ele convivia muito bem com toda a ciranda eclesiológica que estava ao seu redor. Se voltarmos a uma famosa cena do conto *A cartomante*, poderemos ter uma noção daquilo que Machado não fez. No conto em questão Rita, esposa de Vilela, e amante de Camilo, melhor amigo do marido, ao dizer que fora a uma cartomante é ironizada

pelo amante. Camilo passa a refletir sobre suas próprias crenças e o narrador diz sobre essa reflexão

Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de credices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando. (V. 2, p. 447)

Podemos pensar que Machado de Assis, assim como Camilo, fora educado em uma sociedade sincrética na qual a religião e as superstições andassem de mãos dadas. Talvez ele também tenha tido o impulso de negar umas e outra, porém sua obra mostra que não foi assim que fez. Machado não ignorou a religião, como faz Camilo. Muitas vezes podemos ver o autor negando situações, ironizando crenças e credices, mostrando o parasitismo existente na sociedade, mas negar é uma maneira de afirmar a existência, segundo o narrador do conto. Machado não teve medo de enfrentar o tema e o incorporou na sua obra, ao contrário de Camilo que *contentou-se em levantar os ombros* e fazer parte do grupo dos indiferentes à temática religiosa. Ainda que em dado momento ele, precisando crer em algo, se apegava à ideia de ouvir a cartomante e de lá sair para encontrar a morte, mas sai acreditando em cartomantes e no fato de que não morreria, mais uma ironia machadiana, pois ambas as crenças se mostram equivocadas.

É possível supor que Machado não fosse um crente, mas ninguém pode afirmar categoricamente que fosse de fato descrente, em especial após a morte de D. Carolina em 1904, momento em que dá mostras de crer em alguma dimensão transcendental. Fato concreto, porém, é que sendo ou não crente, Machado não se furtou a encarar o tema, a representá-lo em seus personagens ou, simplesmente, utilizar-se dele como metáfora para dizer algo àqueles da sua época que certamente, por convívio mais íntimo com aquela experiência religiosa, entendiam o que ele dizia.

Machado enche seus contos, romances, crônicas, peças teatrais, cartas e poemas de menções a costumes religiosos do século XIX, mas, mais do que isso, é perceptível, quando escreve algo sobre o tema, que está muito melhor informado do que a maioria de seus contemporâneos. Sim, a impressão que dá a leitura de certos textos de Machado é que ele estava muito dentro desse universo e completamente inteirado de todos os ritos, símbolos,

passagens bíblicas, histórias da tradição, celebrações de santos pertencentes à Igreja Católica. Mais que a média das pessoas, Machado sabia se utilizar desses referenciais, talvez não por prática, mas por observação ou estudo, entretanto e de qualquer modo, não falava a esmo de uma realidade que não conhecia.

É bem verdade que esse argumento vai de encontro ao que diz D. Hugo Bressane de Araújo sobre o conhecimento de Machado de Assis sobre a religião. Num capítulo denominado *Cochilos de Homero*, do já comentado *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis*, o bispo elenca momentos em que Machado haveria errado ao referir-se, coincidentemente sempre, sobre o Credo<sup>94</sup> e confundi-lo com o Confiteor<sup>95</sup> (o ato de contrição da missa). Vamos a esses momentos. Diz o narrador do *Esau e Jacó* sobre a escolha dos nomes dos gêmeos:

Um dia, estando Perpétua à missa, rezou o Credo, advertiu nas palavras: "... os santos apóstolos São Pedro e São Paulo", e mal pôde acabar a oração. Tinha descoberto os nomes; eram simples e gêmeos. Os pais concordaram com ela e a pendência acabou. (V. 1, p. 1086)

E ainda um pouco adiante ao comentar a escolha dizia:

<sup>94</sup> O símbolo de fé niceno-constantinopolitano como se encontra no *Denzinger* (DH 150) diz: *CREDO in unum Deum, Patrem/ omnipotentem, factorem coeli et terrae, /visibilem omnium et invisibilem. /Et in unum Dominum /Iesum Christum, Filium Dei /unigenitum. /Et ex Patre natum ante omnia saecula. /Deum de Deo, /lumen de lumine, /Deum verum de Deo vero. /Genitum, /non factum, consubstantialem Patri: /per quem omnia facta sunt. /Qui propter nos homines, et propter /nostram salutem descendit de coelis. /Hic genuflectitur Et incarnatus est de/Spiritu Sancto ex Maria Virgine: / et homo factus est./ Crucifixus etiam pro nobis:/ sub Pontio Pilato passus, et sepultus est./ Et resurrexit tertia die./ secundum Scripturas./ Et ascendit in coelum:/ sedet ad dexteram Patris./ Et iterum venturus est cum/ gloria iudicare vivos et mortuos:/ cujus regni non erit finis./ Et in Spiritum Sanctum,/ Dominum et vivificantem:/qui ex Patre, Filioque procedit./Qui cum Patre,/ et Filio simul adoratur et conglorificatur:/qui locutus est per Prophetas./Et unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam./ Confiteor unum baptisma in remissionem peccatorum./Et exspecto resurrectionem mortuorum./Et vitam venturi saeculi./Amen.* E significa: CREIO em um só Deus./ Pai onipotente, criador do céu e da terra,/de todas as coisas visíveis e invisíveis./Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,/Filho unigênito de Deus,/nascido do Pai, antes de todos os séculos./Deus de Deus, luz da luz,/ Deus verdadeiro de Deus verdadeiro./Gerado, não criado, consubstancial/ao Pai./ Por ele todas as coisas foram feitas./Ele, por amor de nós, e para nossa salvação,/desceu dos céus; e/ se encarnou por obra do Espírito Santo,/em Maria Virgem, e se fez homem. Também por amor de nós foi/crucificado, sob Pôncio Pilatos;/ padeceu e foi sepultado./Ressuscitou ao terceiro dia,/ conforme as Escrituras,/e subiu aos Céus,/onde está sentado à direita/ do Pai./E de novo há de vir, em sua glória,/para julgar os vivos e os mortos;/ E o seu reino não terá fim./Creio no Espírito Santo./Senhor que dá a vida,/e procede do Pai e do Filho;/e com o Pai e o Filho/ é igualmente adorado e glorificado:/ ele o que falou pelos profetas./Creio na Igreja,/una, santa, católica e apostólica./Professo um só Batismo,/para a remissão dos pecados./E espero a ressurreição/ dos mortos e a vida do mundo que há de vir./ Amém. Em momento algum, realmente, são citados os nomes dos apóstolos Pedro e Paulo.

<sup>95</sup> O ato de contrição diz, em latim: *Confiteor Deo omnipotenti,/ beate Mariae semper Virgini,/ beato Michæli Archangelo/ beato Ioanni Baptistæ,/ sanctis Apostolis Petro et Paulo,/ omnibus Sanctis, et vobis, fratres (et tibi pater),/ quia peccavi/ nimis cogitatione, verbo et opere:/ mea culpa,/ mea culpa,/ mea maxima culpa./ Ideo precor beatam Mariam/ semper Virginem, beatum Michælem Archangelum,/ beatum Ioannem Baptistam,/ sanctos Apostolos Petrum et Paulum,/ omnes Sanctos, et vos, fratres (et te, pater),/ orare pro me ad Dominum Deum nostrum.*(Eu me confesso a Deus todo poderoso./ à bem-aventurada sempre virgem Maria./ ao bem-aventurado são Miguel Arcanjo./ ao bem-aventurado são João Batista./ aos bem-aventurados **Apóstolos Pedro e Paulo**./ a todos os santos, e a vós irmãos, e a vós Pai./ que pequei/ muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras:/ por minha culpa./ minha culpa./ minha máxima culpa./Portanto, rogo à bem-aventurada sempre virgem Maria./ ao bem-aventurado são Miguel Arcanjo./ ao bem-aventurado são João Batista./ aos bem-aventurados **Apóstolos Pedro e Paulo**./ a todos os santos, e a vós irmãos, e a vós Pai./ que rogueis por mim a Deus nosso senhor.) conforme o *MISSAL COTIDIANO* bilíngue de 1954. Aqui sim aparecem nominados os apóstolos que são considerados como pilares da Igreja. Pedro, que representa a hierarquia e Paulo que representa a liberdade dada pelo Espírito Santo.

Creio que os próprios espíritos de São Pedro e São Paulo houvessem escolhido aquela senhora para inspirar os nomes que estão no Credo; advirta que ela reza muitas vezes o Credo, mas foi naquela ocasião que se lembrou deles (V. 1, p. 1096)

No já comentado conto *Manuscrito de um sacristão* aparece o comentário de um dos professores de Teófilo:

Não vá o senhor cair no excesso e no exclusivo, disse-lhe um dia com brandura; não pareça que, exaltando somente a Paulo, intenta diminuir Pedro. A Igreja, que os comemora ao lado um do outro, meteu-os ambos no Credo; mas veneremos Paulo e obedeçamos a Pedro. (V. 2, p. 424)

Por fim, numa crônica d'*A Semana* diz: “*A Igreja, obra da doutrina de Jesus Cristo e do apostolado de S. Paulo, não querendo desligar uma cousa da outra, meteu S. Pedro e S. Paulo no mesmo Credo*” (V. 4, p. 915). D. Hugo segue apontando os cochilos de Machado de Assis por mais algumas páginas, e em outros assuntos, porém termina com um comentário conciliador dizendo que:

Ele [Machado] escreveu páginas e capítulos excelentes, alguns admiráveis. Nem tudo é límpido, mas a porção límpida excede superabundantemente a porção turva “como a vigília de Homero paga os seus cochilos” (*Papéis Avulsos, 14-217*). Pagou-os e com usura epigrafando com a expressão litúrgica: *Ite, missa est*. Outras vezes dispõe tão donairosamente as galas do santuário, faz uma combinação tão feérica das luminárias que o recinto sagrado fulge à semelhança do firmamento recamado de estrelas. (ARAÚJO, 1978, p. 20)

Se Machado errou em alguns pontos, como elenca D. Hugo, seria, talvez, o caso de tentar analisar se o erro fora para gerar algum efeito estético (como uma ironia, mostrando que a personagem estava na missa mas não se deu conta do momento em que estava confundido o ato penitencial com a profissão de fé) ou se simplesmente o bruxo de Cosme Velho se passou e não se deu conta. Porém isso não nos permite afirmar, como fez o Bispo de Marília, no título de outro capítulo de seu livro, que Machado possuísse *Pouquíssimos conhecimentos religioso* (p. 34) descrevendo esses conhecimentos assim:

Machado de Assis desdenhou sempre o estudo acurado da religião.

É o que se deduz da leitura atenta e refletida de suas obras. Lera amiúde a Bíblia com os fins já indicados. Dá mostras de nunca haver manuseado um compêndio de teologia, uma história eclesiástica ou um catecismo de perseverança.

Desconhece Santo Tomás, os filósofos e pensadores católicos, tão do convívio de Carlos de Laet, Afonso Celso, Joaquim Nabuco e Felício dos Santos, seus contemporâneos. (ARAÚJO, 1978, p. 35)

Aqui é preciso discordar de D. Hugo, pois ao longo desse trabalho foi mostrado o quando Machado de Assis se envolveu com temáticas da esfera religiosa e como ele se utilizou desses referenciais para compor a sua obra. Nos anexos está um texto anotado que demonstra que, ao contrário do que diz o bispo, Machado conhecia muito bem pelo menos parte da história eclesiástica, ainda que a utilizasse de forma livre, e muitas vezes irônica. Resta saber o que faltou a D. Hugo Bressane para chegar a essas mesmas conclusões e podemos imaginar que a época em que ele leu a obra de Machado de Assis, a publicação do livro se dá, recordemos, em 1939, por conta do centenário de nascimento do escritor, ainda estava muito longe dos melhores estudos sobre Machado e, mais, longe também de vários métodos de estudo que foram se desenvolvendo posteriormente. Talvez tenha faltado ao bispo crítico literário, na mesma medida em que sobrava admiração pela obra de Machado, o conhecimento de outras formas de interpretar a literatura, mostrando que a união de vários métodos de leitura pode ser produtiva.

Se for verdade que para entender a obra é preciso perceber aqueles elementos que estão a sua volta, por que deixar de lado um importante vetor da construção da civilização ocidental? O cristianismo ajudou, para o bem e para o mal, a construir a matriz daquilo que hoje chamamos de ocidente. Ao longo dos séculos foi criando paradigmas sociais que justificassem a sua própria visão de mundo baseada na fé e isto não é completamente ruim, pois foi a partir deste processo que muitas evoluções ocorreram nas áreas das ciências, das humanidades e da moral, desprezar essa experiência é, no mínimo, desconsiderar parte do patrimônio cultural do ocidente.

O preconceito contra a metafísica, a espiritualidade e, especificamente, o catolicismo, levou as pessoas a rejeitarem, simplesmente, qualquer imagem que diga respeito da existência de um ser sobrenatural e transcendente e tudo que disso emana. Quando, frente ao tema, essas pessoas acabam por achar subterfúgios para explicar uma coisa que poderia ser tão simplesmente uma notação de algo que o autor colocou ali para ser lido ou têm a postura de Camilo. Poderíamos voltar ao caso do Pentateuco citado por *Brás Cubas*, quantas explicações foram feitas ao longo do tempo que tangenciam o cerne da questão de subversão feita por

Machado de Assis ao texto, apenas para não se entrar a discussão do significado religioso. Verdade que outros tantos comentários críticos levaram essa dimensão em consideração. Mas o que interessa nesse momento é o conjunto de justificativas que foram feitas para apresentar Machado de Assis como alguém apenas cético, no sentido de descrente, e racionalista, e, talvez a principal delas tenha sido a de confundir o personagem com o homem.

Ao fazerem isso, muitas pessoas abrem mão de uma compreensão mais correta da obra de um autor que, por razões diversas, soube estabelecer os limites entre a realidade e a ficção e não se tornou um personagem de si mesmo. Se ninguém pode afirmar o credo de Machado de Assis a partir de sua obra, apesar de a ficção poder dar indícios de posições e ideologias pessoais, afinal todo signo é ideológico, como afirma Bakhtin (2002), tampouco alguém pode, a partir das posições de Brás ou Quincas, peremptoriamente concluir que ele fosse incrédulo ou um completo desencantado com a vida. Como dirá o próprio Brás “*a obra em si é tudo*”. Podemos discordar, então, daqueles que tentam transformar a obra de alguém em bandeira de uma doutrina qualquer quando o próprio autor não se manifestou claramente sobre o assunto. Isso é uma leitura subjetivista que corre o risco de reduzir a obra e o autor.

É o que faz Maria Eli Queiroz no seu livro *Machado de Assis e a religião* (2008), que foi publicado após grande parte dessa reflexão estar encaminhada, mas que no fundo não causou maiores problemas apesar de o título e o tema terem apavorado um pouco no começo. No livro, a autora mistura níveis distintos de informações (biografias, cartas e crônicas, na não-ficção e toda a obra machadiana de caráter ficcional) para chegar a conclusões fortes sobre o homem Joaquim Maria Machado de Assis. Após fazer um recenseamento digno de César sobre o tema da religião e onde ele aparece na obra machadiana, ainda que muitas vezes tenha forçado um tanto a relevância de algumas passagens, ela afirma que:

Machado de Assis acreditou na existência de uma entidade superior, sobrenatural, e reverenciou as coisas sagradas; além do mais, ele foi batizado na Igreja Católica Apostólica Romana e jamais aderiu a outra crença; não deixou de frequentar essa Igreja – embora o fizesse esporadicamente, eu sei –, mas a maioria dos católicos assim procede – sem que a filiação a ela se dissolva. Então, religião ele tinha, iniciada e professada nos primeiros tempos de sua vida. (QUEIROZ, 2008, p. 171)

Se o que Maria Eli diz a respeito dos católicos não praticantes é verdade, de que mesmo não frequentando cotidianamente os ritos da Igreja, como por exemplo a missa, são considerados católicos, também podemos afirmar que é uma informação por ausência. Isto é, apenas por nunca ter-se desligado formalmente de um vínculo não significa que a pessoa

ainda se considere participante desse credo, até porque, pelo costume do batismo infantil, muitas pessoas realizam o gesto como ato social e não religioso, por que não seria assim também com Machado de Assis? O caminho seguido por Maria Eli é tortuoso e não muito seguro, pois após a informação de que Machado nunca se desvinculou oficialmente da Igreja, encontra ela, na obra do autor um caráter missionário. Para provar que Machado de Assis era cristão ela resume esse ser cristão a “*dar testemunho de Cristo*”(p. 173), o que por si só não é errado, mais bastante incompleto<sup>96</sup> e diz que a obra constituída por ele foi, mais do que as suas atitudes, o maior testemunho que alguém poderia dar. Afirma ela que “*O leitor há de convir que Machado frequentemente apontava o norteamento cristão de conduta em sua obra: caridade, amor ao próximo, pureza de coração, etc.*” (p. 173) e vai além dizendo que ele ironizou “*os princípios que ferem a Deus, a nós mesmos e ao nosso próximo: Gula, Avareza, Inveja, Ira, Soberba, Luxúria, Preguiça – sete pecados capitais instituídos pelo papa Gregório Magno.*” (p. 173). Não bastasse a inocência do argumento, que beira a infantilidade, pois se Machado de Assis ironiza os pecados também ironiza uma série de outras coisas (incluindo-se aí a tradição bíblica, a atitude do clero em muitas circunstâncias, etc) o que por si só anularia o argumento de que a obra testemunha Cristo, ela se utiliza de uma expressão infeliz para falar da nomenclatura que Gregório Magno deu aos pecados – capitais, porque são os pecados “cabeças” de todos os outros – como se ele os tivesse instituído, ou seja, criado, estabelecido, segundo o dicionário.

Poderíamos equacionar o argumento de Maria Eli de Queiroz da seguinte maneira: o jovem Machado foi batizado no credo católico e frequentou os seus ritos, nessa época ele evoca símbolos religiosos e difunde valores que são concernentes ao cristianismo (desconsiderando o fato de que esses valores são universais e não poderiam ser enclausurados em uma única doutrina religiosa sem realizar muitas mediações filosóficas), logo ele era católico por prática e testemunho; o maduro Machado não frequenta a Igreja (a não ser esporadicamente), mas não a renegou formalmente, nessa época ele exalta, ainda, qualidades que podem ser identificáveis com o cristianismo, logo ele continuava sendo católico por testemunho. Ora, esse argumento é falacioso, pois com ele se poderia provar que Machado de Assis era, absolutamente, qualquer coisa, pois está centrado naquilo que ele deixou de dizer e não naquilo que ele disse, sem falar que não está considerando o fato de que a obra machadiana é marcada pela ironia que precisa ser lida à luz do contexto.

---

<sup>96</sup> Visto vários credos darem testemunho de Cristo como os muçulmanos e os espíritas, mas qual testemunho e qual Cristo é a dúvida que fica.

Esse não é o caminho para analisar a religião na obra de Machado de Assis. D. Hugo esbarra na limitação da época e dos estudos sobre Machado para chegar a conclusão de que era um ignorante bem-intencionado. Maria Eli esbarra na intenção de provar, através da obra do autor, um fato da vida privada. Nem uma coisa, nem outra levam adiante o estudo da religião de forma relevante na obra machadiana, ou melhor, entre eles, a obra de D. Hugo possui mais discernimento crítico. Para analisar essa temática na obra do maior escritor brasileiro são necessárias duas posturas críticas: não tentar provar, a partir da ficção, credos da vida pessoal do autor, pois esses não estão limitados pela dimensão ficcional que a obra possui, e tentar encontrar a relevância do tema para a compreensão da obra, passando, evidentemente pelo contexto social, pela influência dos textos sagrados e pela maneira que as pessoas da época se relacionavam com o tema.

A religião está presente na obra de Machado de Assis pelo fato de (a) fazer parte da sociedade na qual o autor estava imerso, (b) estar na base do patrimônio cultural do ocidente, influenciando-o das mais diversas formas, sendo a Bíblia a mais importante das referências textuais de teor religioso, (c) servir de conjunto metafórico moral e ético para um sem número de situações que, surgidas após os tempos bíblicos ou apostólicos e não tendo nada a ver diretamente com o texto sagrado, pode representar e ensinar valores universais e atemporais.

Mais que respeito à alteridade é necessário, neste caso, um apurado estudo sobre como esses referenciais, de ordem religioso-espiritual, estão latentes na obra de Machado, esperando para serem desvelados e, mostrados ao público, colaborar para uma mais fiel leitura de mundo presente na obra machadiana. Ter a oportunidade de unir estes dois temas num trabalho acadêmico é para mim, a um só tempo, oportunidade e missão de mostrar o quanto existe de um mundo a ser revelado para que nós nos compreendamos melhor. Afinal, esta é a missão última da própria literatura.

## REFERÊNCIAS

### De Machado de Assis

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Correspondência de Machado de Assis**, tomo I. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet; organização, Irene Moutinho, Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008 (Afrânio Peixoto, 84)

\_\_\_\_\_. **Dispersos de Machado de Assis**. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1965

\_\_\_\_\_. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: W. M. Jackson Inc, Editores, 1962. (31 v.)

\_\_\_\_\_. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, (4 v.)

\_\_\_\_\_. **Contos completos**. Organizado por Djalma Moraes Cavalcante. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

### Sobre Machado de Assis

ARAÚJO, D. Hugo Bressane de. **O aspecto religioso da obra de Machado de Assis**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1978.

BOSI, Alfredo. et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982. (Escritores brasileiros: Antologia e estudos; 1)

\_\_\_\_\_. **Machado de Assis**. São Paulo: Publifolha, 2002.

BRANDÃO, Octávio. **O niilista Machado de Assis**. Rio de Janeiro: “Organizações Simões” Editora, 1958.

- BRUM, Fernando Machado. A importância do referencial religioso na obra de Machado de Assis: estudo de dois casos nas Histórias sem data. In MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). **Machado plural**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.
- CASTELLO, José Aderaldo. **Realidade e ilusão em Machado de Assis**. São Paulo: EDUSP, 1969.
- FACIOLI, Valentim. Várias histórias para um homem célebre: biografia intelectual. In: BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982. (Escritores brasileiros: Antologia e estudos; 1)
- FAORO, Raimundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- FISCHER, Luís Augusto. Contos de Machado: da ética à estética. In SECCHIN, Antônio Carlos et alii. (org.) **Machado de Assis – uma revisão**. Rio de Janeiro: Ed. In-fólio, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Crônica dos vinte anos: estudo sobre as crônicas editadas em 1859. Espelho** – Revista machadiana. Porto Alegre, n. 2, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Machado e Borges e outros ensaios sobre Machado de Assis**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis – Impostura e realismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GRAÇA ARANHA, José Pereira da. **Machado de Assis e Joaquim Nabuco: Comentários e notas à correspondência entre esses dois escritores**. 2.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1942.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis**. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- JOBIM, José Luís (org.). **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL;Topbooks, 2001.

MACHADO, Ubiratan. **Dicionário de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

MAGALHÃES JR, Raimundo. **Idéias e imagens de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

\_\_\_\_\_. **Machado de Assis desconhecido**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1955.

\_\_\_\_\_. **Vida e obra de Machado de Assis VI – Aprendizado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

\_\_\_\_\_. **Vida e obra de Machado de Assis V2 – Ascensão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

\_\_\_\_\_. **Vida e obra de Machado de Assis V3 – Maturidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

\_\_\_\_\_. **Vida e obra de Machado de Assis V4 – Apogeu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MAIA NETO, José Raimundo. **O ceticismo na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2007.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis 1839-1870: ensaio de biografia intelectual**. 2ª ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). **Machado plural**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

MEYER, Augusto. **Machado de Assis**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2005

MURICY, Kátia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: um estudo crítico e biográfico**. 6ª ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988

- \_\_\_\_\_. **História da literatura brasileira: prosa de ficção**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis: Curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo**. Rio de Janeiro: ABL/Imprensa Oficial, 2007.
- QUEIROZ, Maria Eli de. **Machado de Assis e a religião: Considerações acerca da alma machadiana**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.
- SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias**. 2005. 219 f. Dissertação (Mestrado) – História Social . Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Sidney Chalhoub. Disponível em <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000343999>>. Acesso em 10 out. 2009.
- SOUSA, J. Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.
- \_\_\_\_\_. **Fontes para o estudo de Machado de Assis**. 2ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.
- SECCHIN, Antônio Carlos et alli. (org.) **Machado de Assis – uma revisão**. Rio de Janeiro: Ed. In-fólio, 1998.
- ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis: Estudo comparativo de literatura brasileira**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- VIANA FILHO, Luís. **A vida de Machado de Assis**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. (Coleção Documentos brasileiros, v 207)
- ZILBERMAN, Regina. Memórias póstumas de Brás Cubas: À procura da História. **Santa Bárbara portuguese studies**, University of Califórnia, Santa Barbara, Volume 8, pp. 171-184, 2004.

## Geral

ALENCAR, José de. **Lucíola**. Introdução e comentários Marcia Ivana de Lima e Silva. Porto Alegre: Leitura XXI, 2009. (Clássicos Comentados)

ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentimento da dialética: na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998 (Estudos, 2)

\_\_\_\_\_. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997. (Temas, 62)

BRASIL decreto nº 119-a, de 7 de janeiro de 1890. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm)> acesso em 04/10/2009

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10ª ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 8. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1997. (2 V.)

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASTRO, Sílvio. **A carta te Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 1996 (Descobertas)

**DICIONÁRIO DO BRASIL IMPERIAL**. Ronaldo Vainfas (org.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2001

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: Breve história da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MENEZES, Raimundo de. **Dicionário Literário Brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

**Sobre religião (História da Igreja, bíblia e teologia)**

**A BÍBLIA DE JERUSALÉM**. 10ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

ALBERICO, Giuseppe (Org). **História dos concílios ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

AQUINO, Felipe. **Escola da fé I: Sagrada Tradição**. 3ª ed. Lorena, SP: Cléofas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Escola da fé II: A Sagrada Escritura**. 3ª ed. Lorena, SP: Cléofas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Escola da fé III: O Sagrado Magistério**. 2ª ed. Lorena, SP: Cléofas, 2001.

AUGÉ, Matias. **Liturgia: História, celebração, teologia, espiritualidade**. 2ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1996.

AVRIL, Anne-Catherine; LA MAISONNEUVE, Dominique de. **As festas judaicas**. 8ª ed. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do mundo da Bíblia; 11)

**BÍBLIA SAGRADA**. Tradução do Padre António Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Edição Barsa, 1968.

BEOZZO, José Oscar (Org.). **História Geral da Igreja na América Latina**, tomo II/2. Petrópolis: Vozes, 1992.

BETTENCOURT, D. Estevão. **Para entender os evangelhos**. São Paulo: Rio de Janeiro: Belo Horizonte: Agir, 1960.

BRIEND, Jacques. **Uma leitura do Pentateuco**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1985. (Cadernos Bíblicos; 3)

**CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.** São Paulo: Vozes; Edições Loyola, 1999.

CHARPENTIER, Etienne. **Para uma primeira leitura da Bíblia.** 8ª ed. São Paulo: Paulus, 2005. (Cadernos Bíblicos; 1)

\_\_\_\_\_. **Cristo ressuscitou.** 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1984. (Cadernos Bíblicos; 17)

CHOURAQUI, André. **Os homens da Bíblia.** São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1990.

CIRILO DE JERUSALÉM, São. **Catequeses mistagógicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

COMBY, Jean. **Para ler a História da Igreja I: Das origens ao século XV.** 3ª ed. Tomo I. São Paulo; Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. **Para ler a História da Igreja II: Do século XVI ao século XX.** 2ª ed. Tomo II. São Paulo; Edições Loyola, 2001.

DANIEL-ROPS. **História da Igreja de Cristo I: A Igreja dos apóstolos e dos mártires.** São Paulo: Quadrante, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja de Cristo II: A Igreja dos tempos bárbaros.** São Paulo: Quadrante, 1991.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja de Cristo III: A Igreja das catedrais e das cruzadas.** São Paulo: Quadrante, 1993.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja de Cristo IV: A Igreja da renascença e da reforma (I).** São Paulo: Quadrante, 1996.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja de Cristo V: A Igreja da renascença e da reforma (II).** São Paulo: Quadrante, 1996.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja de Cristo VI: A Igreja dos tempos clássicos (I).** São Paulo: Quadrante, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja de Cristo VII: A Igreja dos tempos clássicos (II)**. São Paulo: Quadrante, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja de Cristo VIII: A Igreja das revoluções (I)**. São Paulo: Quadrante, 2003.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja de Cristo IX: A Igreja das revoluções (II)**. São Paulo: Quadrante, 2003.

DELORME, J. **Leitura do Evangelho segundo Marcos**. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2005. (Cadernos Bíblicos; 11)

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2007.

**DICIONÁRIO de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992.

**DICIONÁRIO de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008.

**DIDAQUÊ**: Catecismo dos primeiros cristãos. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DUMAIS, Marcel. **O sermão da montanha: Mateus 5-7**. São Paulo: Paulus, 1998. (Cadernos Bíblicos; 73)

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia. **História eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000 (Patrística 15)

FRAGOSO, Hugo. A igreja na formação do Estado liberal (1849-1875). In: BEOZZO, José Oscar (Org.). **História Geral da Igreja na América Latina**, tomo II/2. Petrópolis: Vozes, 1992.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. São Paulo: Boitempo, 2004.

GASS, Ildo Bohn (org). **Uma introdução à Bíblia 1: Porta de entrada.** 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução à Bíblia 2: Formação do povo de Israel.** 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução à Bíblia 3: Formação do império de Davi e Salomão.** 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução à Bíblia 4: Reino Dividido.** 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução à Bíblia 5: Exílio babilônico e dominação persa.** São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução à Bíblia 6: Período grego e vida de Jesus.** 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução à Bíblia 7: As comunidades cristãs da primeira geração.** São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução à Bíblia 8: As comunidades cristãs a partir da segunda geração.** São Paulo: Paulus, 2005.

GEORGE, Augustin. **Leitura do Evangelho segundo Lucas.** 4ª ed. São Paulo: Paulus, 1982. (Cadernos Bíblicos; 13)

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **A amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Eclesiologia como comunhão orgânica.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (Teologia: 24)

HAMMAN, A.-G.. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197).** São Paulo: Paulus, 1997.

HARRINGTON, Wilfrid John. **Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização.** São Paulo: Paulus, 1985. (Biblioteca de estudos bíblicos)

HAUCK, João Fagundes. A igreja na emancipação (1808-1840). In: BEOZZO, José Oscar (Org.). **História Geral da Igreja na América Latina**, tomo II/2. Petrópolis: Vozes, 1992.

KONINGS, Johan. **A Bíblia, sua história e leitura: uma introdução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. (Religião e Saber)

LODI, Enzo. **Os santos do calendário romano**. São Paulo: Paulus, 2001.

MANNUCCI, Valério. **Bíblia palavra de Deus: Curso de introdução à Sagrada Escritura**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2003 (Biblioteca de estudos bíblicos)

MATOS, Henrique Cristiano José. **Caminhando pela história da Igreja: uma orientação para iniciantes**. Belo Horizonte: O Lutador, 1995.

\_\_\_\_\_. **Caminhando pela história da Igreja: uma orientação para iniciantes**. v II. Belo Horizonte: O Lutador, 1995.

\_\_\_\_\_. **Caminhando pela história da Igreja: uma orientação para iniciantes**. v III. Belo Horizonte: O Lutador, 1995.

\_\_\_\_\_. **História mínima da Igreja no Brasil**. Belo Horizonte: O Lutador, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução à história da Igreja: volume I**. 5ª ed. Belo Horizonte: O Lutador, 1997.

\_\_\_\_\_. **Introdução à história da Igreja: volume II**. Belo Horizonte: O Lutador, 1998.

METTINGER, Tryggve N.D.. **O significado e a mensagem dos nomes de Deus na Bíblia**. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, 2008.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

**MISSAL DOMINICAL**: Missal da assembleia cristã, São Paulo: Paulus, 1995.

**MISSAL QUOTIDIANO**. Em latim e português. 15ª ed. Salvador: Tipografia Beneditina Ltda, 1954.

**MISTAGOGIAS de Bento XVI sobre a Igreja.** Organização e introdução Frei Boaventura Kloppenburg. Petrópolis, Rj:Vozes, 2007.

**NUEVO TESTAMENTO** Trilingüe. 5ª ed. Madrid: BAC, 2001

**OS PONTÍFICES.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

**PADRES APOLOGISTAS.** 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1995 (Patrística 2)

**PADRES APOSTÓLICOS.** São Paulo: Paulus, 1995 (Patrística 1)

PIERINI, Franco. **A idade antiga: curso e História da Igreja I.** São Paulo: Paulus. 1998.

\_\_\_\_\_. **A idade média: curso e História da Igreja II.** São Paulo: Paulus. 1997.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1982.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico.** São Paulo: Loyola, 2005.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2003.

SAULNIER, Christiane. **A Palestina no tempo de Jesus.** 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.  
(Cadernos Bíblicos; 27)

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja Católica no Brasil.** São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica.** São Paulo: Paulinas, 2000.

SUFFERT, Georges. **Tu és Pedro.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

**TRADIÇÃO APOSTÓLICA de Hipólito Romano:** liturgia e catequese em Roma no século III. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

TOSAUS ABADÍA, José Pedro. **A Bíblia como literatura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

**VADEMECUM para o estudo da Bíblia**. Associação laical de cultura bíblica. São Paulo: Paulinas, 2000.

## ANEXOS

Escolhi, para realizar o exercício de anotar, quanto aos referenciais religiosos, dois contos de maturidade de Machado de Assis, presentes no mesmo livro. O método é bastante simples: recolher e apontar todos os referenciais religiosos (que dizem respeito à Bíblia, Tradição da Igreja Católica Apostólica Romana e de seus “personagens”, etc.) presentes nos contos escolhidos para justificar as análises realizadas no corpo do trabalho.

Para isso vão transcritos os contos na íntegra e colocados em negrito cada uma das referências que forem julgadas relevantes ao tema da religiosidade. Para cada expressão será feita uma nota de rodapé explicativa com base em livros, dicionários e em outros meios de informação confiáveis. Cada um dos contos tem uma peculiaridade que contribuiu para a escolha. Um possui tema claramente religioso, já que fala do questionamento de uma vocação sacerdotal, incorporando todos os tipos de referências estudados aqui. O outro possui um tema nada religioso, pois é mais uma história sobre a análise da mente humana sob o ponto de vista da ciência possível no país no século XVIII, século de luzes no mundo, mas ainda de obscuridade na *colônia*. São eles: *Manuscrito de um sacristão* e *O Lapsos*, presentes no livro *Várias Histórias*, ambos referidos e analisados no corpo do trabalho.

Esse exercício foi feito para uma disciplina sobre Machado de Assis no Programa de Pós-graduação e posteriormente revisado e publicado como ensaio no livro *Machado Plural* (2009) . Agora, novamente revisado, aproveito a experiência para justificar algumas ideias que foram expostas no trabalho como a de que o fato de conhecer mais profundamente um certo conjunto referencial, no caso aqui de ordem religiosa, colabora para o melhor entendimento da obra machadiana, evidentemente naquela parte da obra que se presta a esse tipo de análise.

*Caso 1: Um conto de temática religiosa*

**MANUSCRITO<sup>97</sup> DE UM SACRISTÃO<sup>98</sup>**

**I**

..... Ao dar com o **padre<sup>99</sup> Teófilo<sup>100</sup>** falando a uma senhora, ambos sentadinhos no banco da **igreja<sup>101</sup>**, e a igreja deserta, **confesso<sup>102</sup>** que fiquei espantado. Note-se que conversavam em voz tão baixa e discreta, que eu, por mais que afiasse o ouvido e me demorasse a **apagar as velas do altar<sup>103</sup>**, não podia apanhar nada, nada, nada. Não tive remédio senão adivinhar alguma coisa. Que eu sou um **sacristão filósofo<sup>104</sup>**. Ninguém me julgue pela **sobrepeliz<sup>105</sup>** rota e amarrotada nem pelo uso clandestino das **galhetas<sup>106</sup>**. Sou um **filósofo sacristão<sup>107</sup>**. Tive **estudos eclesiásticos<sup>108</sup>**, que interrompi por causa de uma doença e que inteiramente deixei por outro motivo, uma paixão violenta, que me trouxe à miséria. Como o **seminário<sup>109</sup>** deixa sempre um certo vinco, fiz-me sacristão aos trinta anos, para ganhar a vida. Venhamos, porém, ao nosso padre e à nossa dama.

**II**

Antes de ir adiante, direi que eram primos. Soube depois que eram primos, nascidos em Vassouras. Os pais dela mudaram-se para a Corte, tendo **Eulália<sup>110</sup>** (é o seu nome) sete anos. Teófilo veio depois. Na família era uso antigo que um dos rapazes fosse padre. Vivia ainda na Bahia um tio dele, **cônego<sup>111</sup>**. Cabendo-lhe nesta geração envergar a batina, veio para o seminário de **São José<sup>112</sup>**, no ano de mil oitocentos e cinqüenta e tantos, e foi aí que o conheci. Compreende-se o sentimento de discrição que me leva a deixar a data no ar.

<sup>97</sup> Não sendo propriamente do domínio da religião, mas de todo o conhecimento antigo que se valia de textos para ser transmitido, mas sendo muito comum à temática religiosa, um manuscrito é um documento raro (nos dias de hoje) que foi escrito por alguém em um tipo primitivo de meio (papiro, couro, etc). Como o meio era raro o que era escrito ali precisava ser de valor, portanto o fato de ser um manuscrito, nesse contexto, confere à narrativa um valor de interesse maior.

<sup>98</sup> Até antes da reforma litúrgica, no Concílio Vaticano II, o Sacristão era uma função remunerada. Era o ajudante oficial da missa, bem como quem preparava as alfaias e aparatos religiosos para o rito, acendia e apagava as velas, etc.

<sup>99</sup> Padre é o segundo grau da ordem (antecedido pelo diaconato e seguido pelo bispado), é aquele que, na Igreja, tem a função de ajudar o bispo nas tarefas de pastorear o rebanho de Deus.

<sup>100</sup> O nome Teófilo é bastante significativo. Seu significado literal é *amigo de Deus*, porém não é somente essa a sua importância. Ele está presente no livro dos Atos dos Apóstolos, já no seu primeiro versículo (At 1,1) como sendo o interlocutor de Lucas, suposto autor do evangelho de *Lucas* e do próprio *Atos*.

<sup>101</sup> A palavra igreja, com inicial minúscula, refere-se ao local onde os fiéis católicos vão fazer o seu culto, é, em suma, o prédio material onde se reúne a outra Igreja, a espiritual, e aí representada com letra maiúscula.

<sup>102</sup> A palavra confesso, neste contexto, ganha uma dimensão de testemunho verídico e realista, o narrador quer dar a entender que está contando a verdade e que poderia fazer isso sob juramento.

<sup>103</sup> O altar, onde se realiza o sacrifício eucarístico, é ornado com pelo menos uma vela que fica acesa todo o tempo da celebração, sendo função do sacristão apagá-las.

<sup>104</sup> A expressão *sacristão filósofo*, tem um tom altamente irônico, pois normalmente os sacristães são pessoas de informação intelectual reduzida.

<sup>105</sup> Sobrepeliz é uma veste branca que se coloca sobre a batina durante as celebrações.

<sup>106</sup> Galhetas são os recipientes em que se levam a água e o vinho para a celebração. O seu uso *clandestino* indica o consumo do vinho canônico fora da missa, feito pelo narrador.

<sup>107</sup> O contraponto à nota 7 se dá pela inversão de palavras (mesmo recurso utilizado por Machado de Assis no célebre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que se dizia um defunto autor e não um autor defunto), mostrando que o narrador não é somente um sacristão que filosofa, mas sim um filósofo que hoje vive de ser sacristão.

<sup>108</sup> Os seminários foram criados, a partir do Concílio de Trento, para dar aos futuros sacerdotes uma uniformidade de conhecimento e prática.

<sup>109</sup> Seminário então é esse lugar onde o jovem realiza os seus estudos de filosofia, teologia e pastoral e, a partir de seus estudos, prática eclesiástica e convívio fraterno, se torna apto para ser ordenado.

<sup>110</sup> Eulália significa, em grego, bem falante. Na tradição católica Santa Eulália, virgem e mártir, viveu e morreu na região da Espanha no século III, durante a perseguição de Diocleciano. Comemora-se o seu dia em 12/02, apenas cinco dias antes da publicação do conto.

<sup>111</sup> Um cônego (do latim *canonicus* pelo grego antigo *κανονικός*, de *κάνών*, "regra") é o sacerdote que vive sob uma regra, que o obriga a realizar as funções litúrgicas mais solenes na igreja catedral ou colegiada.

<sup>112</sup> São José, pai adotivo de Jesus Cristo, segundo a tradição católica, é o modelo de castidade e de trabalho, é no seu dia que se comemora o dia do trabalhador. Por essas duas razões ele é o patrono de muitos seminários no mundo inteiro, inclusive o da Arquidiocese de Porto Alegre.

### III

No seminário, dizia-nos o *lente de retórica*<sup>113</sup>:

— A *teologia*<sup>114</sup> é a cabeça do gênero humano, o *latim*<sup>115</sup> a perna esquerda, e a *retórica*<sup>116</sup> a perna direita.

Justamente da perna direita é que o Teófilo coxeava. Sabia muito as outras coisas: teologia, filosofia, latim, *história sagrada*<sup>117</sup>; mas a retórica é que lhe não entrava no cérebro. Ele, para desculpar-se, dizia que a *palavra divina*<sup>118</sup> não precisava de adornos. Tinha então vinte ou vinte e dois anos de idade, e era *lindo como São João*<sup>119</sup>.

Já nesse tempo era um *místico*<sup>120</sup>; achava em todas as coisas uma significação recôndita. A vida era uma eterna *missa*<sup>121</sup>, em que o mundo servia de altar<sup>122</sup>, a alma de sacerdote<sup>123</sup> e o corpo de *acólito*<sup>124</sup>; nada respondia à realidade exterior. Viviam ansioso de tomar *ordens para sair a pregar grandes coisas*<sup>125</sup>, *espertar as almas*<sup>126</sup>, chamar os corações à Igreja, e renovar o gênero humano. Entre todos os apóstolos, amava principalmente *São Paulo*<sup>127</sup>.

Não sei se o leitor é da minha opinião; eu cuido que se pode avaliar um homem pelas suas simpatias históricas; tu serás mais ou menos da família dos personagens que amares deveras. Aplico assim aquela lei de *Helvetius*<sup>128</sup>: "O grau de espírito que nos deleita dá a medida exata do grau de espírito que possuímos."<sup>129</sup> No nosso caso, ao menos, a regra não falhou. Teófilo amava São Paulo, adorava-o, estudava-o dia e noite, parecia viver daquele *converso*<sup>130</sup> que ia de cidade em cidade, à

<sup>113</sup> Lente de retórica: professor de uma escola superior que ministrava a disciplina de retórica.

<sup>114</sup> Teologia é o nome que se dá aos estudos que têm por objeto central Deus e suas realidades. Santo Anselmo dizia que teologia é *fides quaerens intellectum* – a fé que busca saber. Aqui no texto a afirmação quer dizer que a coisa mais importante, que deve mover o homem, é justamente o pensamento sobre Deus.

<sup>115</sup> O Latim, língua utilizada pelos habitantes da bacia do Lácio, será a língua do império romano, formado por aqueles latinos.

<sup>116</sup> Os estudos de retórica eram muito importantes desde a antiga Grécia, com o famoso livro de Aristóteles, A arte Retórica. A Igreja herdou seus estudos retóricos dos grandes mestres gregos e latinos e teve dentro dos seus quadros também grandes mestres de retórica como Santo Agostinho, Tertuliano, São Bernardo e Pedro Abelardo. No texto a comparação da retórica e do latim com as pernas de uma pessoa significa que um padre depende destes dois conhecimentos e que Teófilo não tinha o de retórica, por isso sua formação era *capenga*, por isso ele coxeava.

<sup>117</sup> História sagrada é o nome dado à toda a História da Salvação que se encontra na Bíblia, desde às origens, simbólicas, do homem, passando pela história de Israel, Jesus Cristo e de seus seguidores. Pode ser sinônimo simplesmente da Bíblia.

<sup>118</sup> A palavra divina pode ganhar muitos significados, sendo o mais importante o que diz que Jesus é o verbo encarnado (Jo 1,1-4), mas também podendo significar a oração, a profecia, etc.

<sup>119</sup> São João era o mais jovem dos apóstolos, e foi um dos quatro primeiros a serem chamados por Jesus Cristo (Mc 1,16-20). Na iconográfica católica ele sempre foi representado como um belo jovem imberbe, o que já causou muitas confusões, já a sua figura pode ser confundida com a de uma mulher.

<sup>120</sup> Místico: palavra de origem grega relativa aos mistérios, às cerimônias religiosas secretas, pelo latim *mysticus, a, um*. Relativo à vida espiritual e contemplativa. Próprio do ambiente religioso, devoto, espiritual.

<sup>121</sup> A missa é o rito mais importante da Igreja católica, no qual Jesus Cristo se imola num sacrifício incruento fazendo-se a um só tempo altar, oficiante e oferenda. Dizer que a vida de Teófilo era uma eterna missa é o mesmo que dizer que ele se regozijava com a sua vocação, que ele achava que estava fazendo a coisa certa, para a qual fora chamado.

<sup>122</sup> O mundo servia de altar, no contexto, significa dizer que Teófilo olhava para todas as coisas do mundo e as colocava a serviço da sua vocação e da sua relação mística com Deus.

<sup>123</sup> A alma servia de sacerdote, significa, neste contexto significa dizer que Teófilo já tinha uma alma voltada para o mistério da eucaristia, já pensava exclusivamente em uma relação mística, ele era uma espécie de contraponto para os colegas seminaristas, em suma, era um bom seminarista.

<sup>124</sup> O corpo servia de acólito, significa dizer que toda a materialidade de Teófilo está voltada para a missão maior que era a de ser místico, o acólito é o ajudante do presidente da celebração, assim era o corpo de Teófilo, ajudante de sua alma.

<sup>125</sup> A missão de um sacerdote é pregar a Palavra de Deus para todas as criaturas (Mt 28,19-20) e Teófilo ansiava por esse momento e não somente em pregar, mas pregar grandes coisas, ou seja, ser um sacerdote exemplar.

<sup>126</sup> *Espertar as almas* significa tornar as almas espertas e conscientes das verdades necessárias à salvação.

<sup>127</sup> *São Paulo*, nascido Saulo de Tarso, cruel perseguidor dos cristãos, estava presente no martírio de Estevão (At 7,55-58), que passou por um radical processo de conversão a caminho de Damasco (At 9) e se torna o mais fervoroso difusor da mensagem cristã. Escreveu várias cartas que são consideradas canônicas. É conhecido como o apóstolo dos gentios, pela missão que recebeu de levar o cristianismo para fora da tradição judaica.

<sup>128</sup> *Claude Adrien Helvétius* (Paris, 26 de fevereiro de 1715 — Paris, 26 de dezembro de 1771) foi um filósofo e literato francês. Para ele todos os comportamentos humanos seriam fundamentados no interesse - impulso para a obtenção do prazer e a eliminação da dor. Ao citar Helvétius o narrador mostra a sua filiação a uma filosofia anticlerical.

<sup>129</sup> Suposta passagem do livro *Do espírito* de Helvétius, que não consta do domínio francês da biblioteca de Machado de Assis, segundo Jean-Michel Massa.

<sup>130</sup> *O converso* é São Paulo e quando este se converte no caminho de Damasco transforma-se num grande divulgador da mensagem cristã, porém tinha como profissão a fabricação de tendas, daí o comentário sobre o ofício mecânico.

custa de um ofício mecânico, **espalhando a boa nova aos homens**<sup>131</sup>. Nem tinha somente esse modelo, tinha mais dois: **Hildebrando**<sup>132</sup> e **Loyola**<sup>133</sup>. Daqui podeis concluir que nasceu com a fibra da peleja e do **apostolado**<sup>134</sup>. Era um faminto de ideal e criação, olhando todas as coisas correntes por cima da cabeça do século. Na opinião de um cônego, que lá ia ao seminário, o amor dos dois modelos últimos temperava o que pudesse haver perigoso em relação ao primeiro.

— Não vá o senhor cair no excesso e no exclusivo, disse-lhe um dia com brandura; não pareça que, exaltando somente a Paulo, intenta diminuir Pedro<sup>135</sup>. A Igreja, que os comemora ao lado um do outro<sup>136</sup>, meteu-os ambos no Credo<sup>137</sup>; mas veneremos Paulo e obedeçamos a Pedro<sup>138</sup>. *Super hanc petram*..<sup>139</sup>.

Os seminaristas gostavam do Teófilo, principalmente três, um Vasconcelos, um Soares e um Veloso, todos excelentes retóricos. Eram também bons rapazes, alegres por natureza, graves por necessidade e ambiciosos. Vasconcelos jurava que seria **bispo**<sup>140</sup>; Soares contentava-se com algum grande cargo; Veloso cobiçava as **meias roxas de cônego e um púlpito**<sup>141</sup>. Teófilo tentou repartir com eles o **pão místico**<sup>142</sup> dos seus sonhos, mas reconheceu depressa que era manjar leve ou pesado demais, e passou a devorá-lo sozinho. Até aqui o padre; vamos agora à dama.

#### IV

Agora a dama. No momento em que os vi falar baixinho na igreja, Eulália contava trinta e oito anos de idade. Juro-lhes que era ainda bonita. Não era pobre; os pais deixaram-lhe alguma coisa. Nem casada; recusou cinco ou seis pretendentes.

<sup>131</sup> *Espalhando a boa nova aos homens*: a expressão boa nova é uma tradução da palavra grega  $\kappa\alpha\tau\alpha\gamma\alpha\delta\epsilon\iota\sigma\mu\alpha$  que significa a mensagem de salvação que Jesus Cristo veio trazer.

<sup>132</sup> Hildebrando — futuro Papa São Gregório VII — era monge na célebre abadia de Cluny, na França, na época em que São Hugo dirigia como abade esse extraordinário mosteiro, onde o espírito feudal encontrou seu pleno equilíbrio católico. É o papa das reformas gregorianas, sinal de obediência à hierarquia da Igreja.

<sup>133</sup> Nascido possivelmente a 24 de Dezembro de 1491, recebeu o nome de *Íñigo López* na localidade de *Loiola* (em castelhano Loyola) Em 15 de Agosto de 1534 ele e os outros seis fundaram a Companhia de Jesus na Igreja de Santa Maria, em Montmartre, "para efetuar trabalho missionário e de apoio hospitalar em Jerusalém, ou para ir aonde o papa quiser, sem questionar". Mais um sinal de obediência à hierarquia

<sup>134</sup> *Apostolado* é o nome dado ao momento em que um discípulo vai realizar o seu trabalho junto às pessoas.

<sup>135</sup> Expressão que demonstra a preocupação do cônego em questão de que Teófilo queira muito realizar e esqueça a obediência que deve aos seus superiores.

<sup>136</sup> O dia 29 de junho é votado aos apóstolos Pedro e Paulo desde, pelo menos, 354.

<sup>137</sup> Aqui Machado comete um erro (?), não pela primeira vez. No capítulo VIII de *Esau e Jacó*, já havia dito que os apóstolos Pedro e Paulo faziam parte do *Credo* quando na verdade eles fazem parte de outra oração da tradição católica não tão importante nem tão conhecida quanto o *Credo* que é o *Confiteor*, o ato de contrição rezado em cada uma das missas católicas e que diz, na sua versão original: *Confiteor Deo omnipotenti, beatæ Mariæ semper Virgini, beato Michaeli Archangelo, beato Ioanni Baptiste, sanctis Apostolis Petro et Paulo, omnibus Sanctis, et vobis, fratres (et tibi pater), quia peccavi nimis cogitatione, verbo et opere: mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa. Ideo precor beatam Mariam/ semper Virginem, beatum Michaelem Archangelum, beatum Ioannem Baptistam, sanctos Apostolos Petrum et Paulum, omnes Sanctos, et vos, fratres (et te, pater) orare pro me ad Dominum Deum nostrum.* (Eu me confesso a Deus todo poderoso./ à bem-aventurada sempre virgem Maria./ ao bem-aventurado são Miguel Arcanjo./ ao bem-aventurado são João Batista./ aos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo./ a todos os santos, e a vós irmãos, e a vós Pai./ que pequei/ muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras:/ por minha culpa,/ minha culpa,/ minha máxima culpa./ Portanto, rogo à bem-aventurada sempre virgem Maria./ ao bem-aventurado são Miguel Arcanjo./ ao bem-aventurado são João Batista./ aos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo./ a todos os santos, e a vós irmãos, e a vós Pai./ que rogueis por mim a Deus nosso senhor.)

<sup>138</sup> Venerar a Paulo é admirar-lhe o trabalho e reconhecer-lhe a honra de santo, isto é, de modelo de vida. Já, obedecer a Pedro é colocar-se sob a escuta atenta da Igreja através da hierarquia e seus documentos. É como se o cônego quisesse dizer a Teófilo que ele devia sim se emocionar com as atitudes de Paulo, mas não querer imitá-las, na verdade ele deveria querer obedecer fielmente o seu superior, pois isso sim era a virtude esperada de um sacerdote.

<sup>139</sup> Este é um fragmento do evangelho de Mateus que diz "*Tu es Petrus et super hanc petram edificabo Ecclesiam meam*" (*Mat. 16, 18*) (Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.)

<sup>140</sup> Um bispo (do grego antigo  $\epsilon\pi\sigma\kappa\omicron\pi\omicron\varsigma$ , "inspetor", "supervisor") é o gral máximo da ordem católica. Mesmo o Papa é um bispo de uma diocese (Roma).

<sup>141</sup> A passagem se refere aos desejos de cada um dos colegas de Teófilo, todos desejosos de uma ascensão social através da Igreja, em contraponto a Teófilo que queria uma vida mais "espiritualizada". As meias roxas fazem parte da roupa de um cônego (conferir nota 14), já púlpito é o local onde são proferidos os cultos de todas as igrejas do gênero cristão.

<sup>142</sup> *Pão místico* é um dos nomes dados à sagrada eucaristia católica, o corpo de Cristo que está presente na hóstia consagrada. Aqui tem o sentido de que Teófilo queria que seus colegas partilhassem com ele os seus desejos espirituais, coisa que não ocorrerá.

Este ponto nunca foi entendido pelas amigas. Nenhuma delas era capaz de repelir um noivo. Creio até que não pediam outra coisa, quando **rezavam antes de entrar na cama**<sup>143</sup>, e **ao domingo, à missa, no momento de levantar a Deus**<sup>144</sup>. Por que é que Eulália recusava-os todos? Vou dizer desde já o que soube depois. Supuseram-lhe, a princípio, um simples desdém, — nariz torcido, dizia uma delas; — mas, no fim da terceira recusa, inclinaram-se a crer que havia namoro encoberto, e esta explicação prevaleceu. A própria mãe de Eulália não aceitou outra. Não lhe importaram as primeiras recusas; mas, repetindo-se, ela começou a assustar-se. Um dia, voltando de um **casamento**<sup>145</sup>, perguntou à filha, no carro em que vinham, se não se lembrava que tinha de ficar só.

— Ficar só?

— Sim, um dia hei de morrer. Por ora tudo são flores; cá estou para governar a casa; e você é só ler, cismar, tocar e brincar; mas eu tenho de morrer, Eulália, e você tem de ficar só...

Eulália apertou-lhe muito a mão, sem poder dizer palavra. Nunca pensara na morte da mãe; perdê-la era perder metade de si mesma. Na expansão de momento, a mãe atreveu-se a perguntar-lhe se amava alguém e não era correspondida; Eulália respondeu que não. Não simpatizara com os candidatos. A boa velha abanou a cabeça; falou dos vinte e sete anos da filha, procurou aterrá-la com os trinta, disse-lhe que, se nem todos os noivos a mereciam igualmente, alguns eram dignos de ser aceitos, e que importava a falta de amor? O amor conjugal podia ser assim mesmo; podia nascer depois, como um fruto da convivência. Conhecera pessoas que se casaram por simples interesse de família e acabaram amando-se muito. Esperar uma grande paixão para casar era arriscar-se a morrer esperando.

— Pois sim, mamãe, deixe estar...

E, reclinando a cabeça, fechou um pouco os olhos para espiar alguém, para ver o namorado encoberto, que não era só encoberto, mas também e principalmente impalpável. Concorde que isto agora é obscuro; não tenho dúvida em dizer que entramos em pleno sonho.

Eulália era uma esquisita, para usarmos a linguagem da mãe, ou romanesca, para empregarmos a definição das antigas. Tinha, em verdade, uma singular organização. Saiu ao pai. O pai nascera com o amor do enigmático, do arriscado e do obscuro; morreu quando aparelhava uma expedição para ir à Bahia descobrir a "cidade abandonada". Eulália recebeu essa herança moral, modificada ou agravada pela natureza feminina. Nela dominava principalmente a **contemplação**<sup>146</sup>. Era na cabeça que ela descobria as cidades abandonadas. Tinha os olhos dispostos de maneira que não podiam apanhar integralmente os contornos da vida. Começou idealizando as coisas, e, se não acabou negando-as, é certo que o sentimento da realidade esgarçou-se-lhe até chegar à transparência fina em que o tecido parece confundir-se com o ar.

Aos dezoito anos, recusou o primeiro casamento. A razão é que esperava outro, um marido extraordinário, que ela viu e conversou, em sonho ou alucinação, a mais radiosa figura do universo, a mais sublime e rara, uma criatura em que não havia falha ou quebra, verdadeira gramática sem irregularidades, pura língua sem solecismos.

Perdão, interrompe-me uma senhora, esse noivo não é obra exclusiva de Eulália, é o marido de todas as virgens de dezessete anos. Perdão, digo-lhe eu, há uma diferença entre Eulália e as outras, é que as outras trocam finalmente o original esperado por uma cópia gravada, antes ou depois da letra, e às vezes por uma simples fotografia ou litografia, ao passo que Eulália continuou a esperar o painel autêntico. Vinham as gravuras, vinham as litografias, algumas muito bem acabadas, obra de artista e grande artista, mas para ela traziam o defeito de ser cópias. Tinha fome e sede de originalidade. A vida comum parecia-lhe uma cópia eterna. As pessoas do seu conhecimento caprichavam em repetir as idéias umas das outras, com iguais palavras, e às vezes sem diferente inflexão, à semelhança do vestuário que usavam, e que era do mesmo gosto e feitio. Se ela visse alvejar na rua um turbante mourisco ou flutuar um penacho, pode ser que perdoasse o resto; mas nada, coisa nenhuma, uma constante uniformidade de idéias e coletes. Não era outro o **pecado**

<sup>143</sup> Nas orações noturnas, antes de se deitar.

<sup>144</sup> Aqui pode ter vários sentidos como: no momento da elevação do corpo de Cristo, na missa; ou no momento que os fiéis se levantam para contemplar o corpo de Cristo, ou ainda e mais possivelmente na elevação da coleta ou das preces à Deus. De qualquer modo, fica claro uma prática um tanto supersticiosa de *pedir* um marido para Deus.

<sup>145</sup> O *casamento* é uma celebração católica por excelência. Para os católicos é um sinal visível do amor de Deus pelo seu povo e por isso indissolúvel.

<sup>146</sup> Termo oriundo do latim: ato de concentrar longamente a vista, a atenção em algo.

*mortal*<sup>147</sup> das coisas. Mas, como tinha a faculdade de viver tudo o que sonhava, continuou a esperar uma vida nova e um marido único.

Enquanto esperava, as outras iam casando. Assim perdeu ela as três principais amigas: Júlia Costinha, Josefa e Mariana. Viu-as todas casadas, viu-as mães, a princípio de um filho, depois de dois, de quatro e de cinco. Visitava-as, assistia ao viver delas, sereno e alegre, medíocre, vulgar, sem sonhos nem quedas, mais ou menos feliz. Assim se passaram os anos; assim chegou aos trinta, aos trinta e três, aos trinta e cinco, e finalmente aos trinta e oito em que a vemos na igreja, conversando com o padre Teófilo.

## V

Naquele dia *mandara dizer uma missa por alma da mãe*<sup>148</sup>, que morrera um ano antes. Não convidou ninguém: foi *ouvi-la*<sup>149</sup> sozinha. *Ouviu-a, rezou*<sup>150</sup>, depois sentou-se no banco. Eu, depois de *ajudar à missa*<sup>151</sup>, voltei para a *sacristia*<sup>152</sup>, e vi ali o padre Teófilo, que viera da roça duas semanas antes e *andava à cata de alguma missa para comer*<sup>153</sup>. Parece que ele ouviu do outro sacristão ou do mesmo *padre oficiante*<sup>154</sup> o nome da pessoa *sufragada*<sup>155</sup>; viu que era o da tia e correu à igreja, onde ainda achou a prima no banco. Sentou-se ao pé dela, esquecido do lugar e das posições, e falaram naturalmente de si mesmos. Não se viam desde longos anos. Teófilo visitara-as logo depois de *ordenado padre*<sup>156</sup>; mas saiu para o interior e nunca mais soube delas, nem elas dele.

Já disse que não pude ouvir nada. Estiveram assim perto de meia hora. O *coadjutor*<sup>157</sup> veio espiar, deu com eles e ficou justamente escandalizado. A notícia do caso chegou, dois dias depois, ao bispo. Teófilo recebeu uma advertência amiga, *subiu à Conceição*<sup>158</sup> e explicou tudo: era uma prima, a quem não via desde muito. O padre coadjutor, quando soube da explicação, exclamou com muito critério que o ser parente não lhe trocava o sexo nem supria o escândalo.

Entretanto, como eu tinha sido companheiro do Teófilo no seminário e gostava dele, defendi-o com muito calor e fiz chegar o meu testemunho ao palácio da Conceição. Ele ficou-me grato por isso, e daí veio a intimidade de nossas relações. Como os dois primos podiam ver-se em casa, Teófilo passou a visitá-la, e ela a recebê-lo com muito prazer. No fim de oito dias, recebeu-me também; ao cabo de duas semanas era eu um dos seus familiares.

Dois patrícios que se encontram em plaga estrangeira e podem finalmente trocar as palavras mamadas na infância não sentem maior alvoroço do que estes dois primos, que eram mais que primos: moralmente eram gêmeos. Ele contou-lhe a vida e, como os acontecimentos acarretassem os sentimentos, ela olhou para dentro da *alma*<sup>159</sup> do primo e achou que era a sua mesma alma e que, em substância, a vida de ambos era a mesma. A diferença é que uma esperou quieta o que o outro andou

<sup>147</sup> Pecado mortal é o que possui três características: Matéria grave, Plena liberdade e Plena consciência.

<sup>148</sup> É costume dos fiéis católicos mandar dizer missa pela alma de seus entes queridos. Isto nada mais é do que deixar claro para a assembléia que aquela celebração temo como fim a ação de graças pela vida de uma pessoa. Como cada missa possui um custo (do material utilizado, do sacristão, das espórtulas, etc) mandar dizer missa significa pagar estes custos.

<sup>149</sup> Ouvir missa é uma expressão típica do período pré-conciliar (Concílio Vaticano II – 1962-1965), quando se tinha a consciência de que a assembléia pouco ou nada participava da celebração.

<sup>150</sup> Como ato de piedade, ainda dentro desse espírito pré-conciliar, o fiel rezava antes ou depois da missa, não durante a celebração, que era uma oração ritual feita pelo sacerdote.

<sup>151</sup> Ajudar à missa é um termo, ainda que estranho gramaticalmente, entendido até os dias de hoje e significa realizar todo o serviço adjacente ao padre, como preparar o espaço litúrgico, ajudar o padre com as vestes, tocar o sino, levar-lhe as galhetas, ajudar-lhe na ablução, arrumar tudo depois de finda a celebração, etc.

<sup>152</sup> Sacristia: sala anexa a uma igreja, ou dependência dela, onde são guardados os paramentos e outros objetos de culto, e onde os padres oficiantes tomam as vestes do culto.

<sup>153</sup> Andava à cata de alguma missa para comer: significa que buscava trabalho, em troca do qual ganharia algum dinheiro o suficiente para se manter minimamente.

<sup>154</sup> Padre oficiante é o responsável pela realização de determinado ofício, no caso aquela missa em memória da mãe de Eulália.

<sup>155</sup> Pessoa pela alma de quem se mandou rezar o ofício (ou em memória de quem se deu esmolas ou se realizou outra obra de caridade).

<sup>156</sup> A ordenação é o momento que o padre, através de um rito presidido pelo bispo, recebe as ordens para a sua missão.

<sup>157</sup> Diz-se de ou sacerdote nomeado para ajudar ou substituir um prior ou prelado no exercício de suas funções.

<sup>158</sup> O Palácio da Conceição, também conhecido como Palácio Episcopal (residência do Bispo, a quem os padres devem obediência), localiza-se no bairro da Saúde, no centro histórico da cidade e estado do Rio de Janeiro.

<sup>159</sup> Alma: do latim. *anima*, 'sopro, ar; alento, o princípio da vida; a alma, por oposição ao corpo'. Para a religião: para os cristãos, parte imortal do homem, dotada de existência individual permanente, e que, após a morte do corpo.

buscando por *montes e vales*<sup>160</sup>; no mais, igual equívoco, igual conflito com a realidade, idêntico diálogo de árabe e japonês.

— Tudo o que me cerca é trivial e chocho, dizia-lhe ele.

Com efeito, gastara o aço da mocidade em divulgar uma concepção que ninguém lhe entendeu. Enquanto os três amigos mais chegados do seminário passavam adiante, trabalhando e servindo, afinados pela nota do século, Veloso cônego e pregador, Soares com uma grande *vigararia*<sup>161</sup>, Vasconcelos a caminho de *bispar*<sup>162</sup>, ele Teófilo era o mesmo apóstolo e místico dos primeiros anos, em *plena aurora cristã e metafísica*<sup>163</sup>. Vivia miseravelmente, costeando a fome, pão magro e *batina surrada*<sup>164</sup>; tinha instantes e horas de tristeza e de abatimento: confessou-os à prima...

— Também o senhor? perguntou ela.

E as suas mãos apertaram-se com energia: entendiam-se. Não tendo achado um astro na loja de um relojoeiro, a culpa era do relojoeiro; tal era a lógica de ambos. Olharam-se com a simpatia de naufragos, — naufragos e não desenganados, — porque não o eram. Crusoe, na ilha deserta, inventa e trabalha; eles não; lançados à ilha, estendiam os olhos para o mar ilimitado, esperando a águia que viria buscá-los com as suas grandes asas abertas. Uma era a eterna noiva sem noivo, outro o *eterno profeta sem Israel*<sup>165</sup>; ambos punidos e obstinados.

Já disse que Eulália era ainda bonita. Resta dizer que o padre Teófilo, com quarenta e dois anos, tinha os cabelos grisalhos e as feições cansadas; as mãos não possuíam nem a maciez nem o aroma da sacristia, eram magras e calosas e cheiravam ao mato. Os olhos é que conservavam o fogo antigo, era por ali que a mocidade interior falava cá para fora, e força é dizer que eles valiam só por si todo o resto.

As visitas amiudaram-se. Afinal íamos passar ali as tardes e as noites e jantar aos domingos. A convivência produziu dois efeitos, e até três. O primeiro foi que os dois primos, freqüentando-se, deram força e vida um ao outro; relevem-me esta expressão familiar: — fizeram um pique-nique de ilusões. O segundo é que Eulália, cansada de esperar um noivo humano, voltou os olhos para o *noivo divino*<sup>166</sup> e, assim como ao primo viera a *ambição de São Paulo*<sup>167</sup>, veio-lhe a ela a de *Santa Teresa*<sup>168</sup>. O terceiro efeito é o que o leitor já adivinhou.

Já adivinhou. O terceiro foi o *caminho de Damasco*<sup>169</sup>, — um caminho às avessas, porque a voz não baixou do céu<sup>170</sup>, mas subiu da terra; e não chamava a pregar Deus, mas a pregar o homem<sup>171</sup>. Sem metáfora, amavam-se. Outra diferença é que a *vocação*<sup>172</sup> aqui não foi súbita como

<sup>160</sup> *Montes e vales* é uma expressão típica presente no salmo 22 que se refere a busca do fiel por seu Deus, sabendo que Este o acompanha e protege.

<sup>161</sup> Diz-se da localidade sob a responsabilidade de um vigário; paróquia.

<sup>162</sup> Desempenhar as funções de bispo, no caso Vasconcelos estava prestes a se tornar bispo.

<sup>163</sup> A expressão significa, neste contexto, que Teófilo ainda tinha os mesmos sonhos da juventude, de quanto ainda era seminarista, mantinha a experiência mística como a mais importante, mas aqui já passamos a desconfiar que o narrador pode estar sendo irônico.

<sup>164</sup> Veste tipo bata, que vai até os tornozelos, com mangas compridas e colarinho sem gola, geralmente preta, usada pelos clérigos e sacerdotes católicos que não pertencem a uma ordem ou congregação que tenha hábito próprio. ) No caso de Teófilo, percebe-se a penúria em que ele vive, pois a sua roupa está desgastada.

<sup>165</sup> *Eterno profeta sem Israel* significa dizer que ele não foi bem sucedido na sua vida de padre e que, por mais vontade que tivesse de exercer a missão profética que sua ordenação lhe conferia, nunca conseguiu fazê-la com o sucesso desejado, talvez por falta da retórica (?).

<sup>166</sup> Expressão utilizada para designar Jesus Cristo. Nos evangelhos o próprio Jesus assim se chama (conferir Mt 9, 14-17; 25, 1-13), porém aqui dá a entender que esse noivo divino não é Jesus e sim o primo-padre.

<sup>167</sup> Ambição de sair pelo mundo a pregar e a converter os povos.

<sup>168</sup> Ambição de Santa Teresa seria a de reformar o Carmelo, ordem da qual participava, o que efetivamente fez no século XVI. O fato, no texto é que Eulália estava mesmo apaixonada por Teófilo.

<sup>169</sup> *Caminho de Damasco* foi onde São Paulo sofreu a sua conversão e passou de perseguidor a propagador da mensagem cristã (conferir nota 30).

<sup>170</sup> A voz não baixou do céu como na passagem de Atos 9, quando a voz de Cristo diz: *Saulo, Saulo porque me persegues* (At 9,4)

<sup>171</sup> *Subiu da terra; e não chamava a pregar Deus, mas a pregar o homem*: inversão de valores, o que está sendo pregado é que se um tentando ser o melhor padre possível não encontrou sucesso e a outra tentando arrumar o melhor noivo possível tampouco foi feliz, seria justo que ambos tentassem satisfazer-se mutuamente.

<sup>172</sup> Do latim *vocatio*, ónis 'ação de chamar; intimação: convite' ato ou efeito de chamar(-se); denominação ou apelo ou inclinação para o sacerdócio, para a vida religiosa.

em relação ao *apóstolo das gentes*<sup>173</sup>; foi vagarosa, muito vagarosa, cochichada, insinuada, bafejada pelas *asas da pomba mística*<sup>174</sup>.

Note-se que a fama precedeu ao amor. Sussurrava-se desde muito que as visitas do padre eram menos de *confessor*<sup>175</sup> que de pecador. Era mentira; eu juro que era mentira. Via-os, acompanhava-os, estudava esses dois temperamentos tão espirituais, tão cheios de si mesmos, que nem sabiam da fama, nem cogitavam no perigo da aparência. Um dia vi-lhes os primeiros sinais do amor. Será o que quiserem, uma paixão quarentona, rosa outoniça e pálida, mas era, existia, crescia, ia tomá-los inteiramente. Pensei em avisar o padre, não por mim, mas por ele mesmo; mas era difícil, e talvez perigoso. Demais, eu era e sou gastrônomo e psicólogo; avisá-lo era botar fora uma fina matéria de estudo e perder os jantares dominicais. A psicologia, ao menos, merecia um sacrifício<sup>176</sup>: calei-me.

Calei-me à toa. O que eu não quis dizer, publicou-o o coração de ambos. Se o leitor me leu de corrida, conclui por si mesmo a anedota, conjugando os dois primos; mas, se me leu devagar, adivinha o que sucedeu. Os dois místicos recuaram; não tiveram horror um do outro nem de si mesmos, porque essa sensação estava excluída de ambos, mas recuaram, agitados de medo e de desejo.

— Volto para a roça, disse-me o padre.

— Mas por quê?

— Volto para a roça.

Voltou para a roça e nunca mais cá veio. Ela, é claro que tinha achado o marido que esperava, mas saiu-lhe tão impossível como a vida que sonhou. Eu, gastrônomo e psicólogo, continuei a ir jantar com Eulália aos domingos. Considero que alguma coisa deve subsistir debaixo do sol, ou o amor ou o jantar, se é certo, como quer Schiller, que o amor e a fome governam este mundo.

<sup>173</sup> São Paulo

<sup>174</sup> Expressão que normalmente significa a *ação do Espírito Santo*. O narrador quer dizer que a relação entre os dois poderia ser querida por Deus?

<sup>175</sup> Diz-se de ou padre que detém o poder de absolver os pecados dos penitentes, que ministra o sacramento da penitência. No caso do texto o confessor é o sacerdote que habitualmente confessa a mesma pessoa. O que abre uma ambigüidade interessante, pois lendo o conto até o final saberemos que nem um nem outro caem na tentação de ficarem juntos, o que os transforma em confessores, num outro sentido: diz-se de ou qualquer cristão que haja professado a sua fé com heroísmo e santidade.

<sup>176</sup> Oferenda ritual a uma divindade que se caracteriza pela imolação real ou simbólica de uma vítima ou pela entrega da coisa ofertada. Etimologicamente é tornar algo sagrado através de um gesto ou ritual.

## Caso 2: Um conto sem temática religiosa

### O LAPSO

***E vieram todos os oficiais... e o resto do povo, desde o pequeno até ao grande.  
E disseram ao profeta Jeremias: Seja aceita a nossa súplica na tua presença.  
Jeremias, XLII, 1, 2.<sup>177</sup>***

*Não me perguntem pela família do Dr. Jeremias<sup>178</sup> Halma<sup>179</sup>, nem o que é que ele veio fazer ao Rio de Janeiro, naquele ano de 1768, governando o conde de Azambuja, que a princípio se disse o mandara buscar; esta versão durou pouco. Veio, ficou e morreu com o século. Posso afirmar que era médico e holandês. Viajara muito, sabia toda a química do tempo, e mais alguma; falava correntemente cinco ou seis línguas vivas e duas mortas. Era tão universal e inventivo, que dotou a poesia malaia com um novo metro, e engendrou uma teoria da formação dos diamantes. Não conto os melhoramentos terapêuticos e outras muitas coisas, que o recomendam à nossa admiração. Tudo isso, sem ser casmurro, nem orgulhoso. Ao contrário, a vida e a pessoa dele eram como a casa que um patrício lhe arranhou na rua do Piolho, casa singelíssima, onde ele morreu pelo natal<sup>180</sup> de 1799. Sim, o Dr. Jeremias era simples, lhano, modesto, tão modesto que... Mas isto seria transtornar a ordem de um conto. Vamos ao princípio.*

*No fim da rua do Ouvidor, que ainda não era a via dolorosa<sup>181</sup> dos maridos pobres, perto da antiga rua dos Latoeiros, morava por esse tempo um tal Tomé<sup>182</sup> Gonçalves, homem abastado, e, segundo algumas induções, vereador da câmara. Vereador ou não, este Tomé Gonçalves não tinha só dinheiro, tinha também dívidas, não poucas, nem todas recentes. O descuido podia explicar os seus atrasos, a velhacaria também; mas quem opinasse por uma ou outra dessas interpretações, mostraria que não sabe ler uma narração grave. Realmente, não valia a pena dar-se ninguém à tarefa de escrever algumas laudas de papel para dizer que houve, nos fins do século passado, um homem que, por velhacaria ou desleixo, deixava de pagar aos credores. A tradição afirma que este nosso concidadão era exato em todas as coisas, pontual nas obrigações mais vulgares, severo e até metucioso. A verdade é que as ordens terceiras<sup>183</sup> e irmandades<sup>184</sup> que tinham a fortuna de o possuir (era irmão-remido<sup>185</sup> de muitas, desde o tempo em que usava pagar), não lhe regateavam provas de afeição e apreço; e, se é certo que foi vereador, como tudo faz crer, pode-se jurar que o foi a contento da cidade.*

<sup>177</sup> Esta epígrafe, utilizada por Machado de Assis, foi retirada da tradução feita pelo Padre António Pereira de Figueiredo da Vulgata Latina e corresponde a passagem do profeta Jeremias no qual o povo pede para que ele interceda junto a Deus.

<sup>178</sup> Jeremias é o nome dado ao livro do profeta cuja vida melhor se conhece, pois a sua obra oferece inúmeros dados, tanto pessoais como sociais e históricos relativos ao seu tempo. Duas características chamam a atenção: a de Jeremias ser reconhecido como sábio pelos seus contemporâneos, mas ainda assim sofrer muito em vida e a de ser o intercessor do povo de Israel junto a Deus.

<sup>179</sup> A palavra Halma, sendo um nome “holandês”, segundo o narrador, pode ter vários significados. Pode ser a transliteração da palavra grega ἅλμα, que significa pulo, salto, ou simplesmente ser uma forma de ocultar, revelando, o objeto de estudo do Dr. Jeremias.

<sup>180</sup> Natal significa nascimento, uma possível ironia, visto ser a forma de marcar a morte do personagem central. O natal, como data cristã foi estabelecido a partir o século IV baseado no dia do sol, cristianizando um costume pagão.

<sup>181</sup> *Via dolorosa*: se refere ao trajeto seguido por Cristo do Pretório até o Calvário, carregando a cruz; Via Crucis, Via Sacra. Também possui um sentido figurado: período na vida de alguém carregado de tribulações ou sofrimentos, conjunto de experiências dolorosas. Aqui aparece como ironia ao que se tornaria a rua do Ouvidor na época do Autor: uma rua de comércio na qual as mulheres gastavam o dinheiro de seus maridos.

<sup>182</sup> Tomé é uma variação do nome hebraico Tomás, que significa gêmeo. No evangelho de João aparece a famosa história de que Tomé não acreditou na ressurreição e precisava *ver para crer* (conferir Jo 20,24-29).

<sup>183</sup> *Ordens terceiras* são os braços leigos das congregações religiosas, sendo a ordem primeira a dos padres ou irmãos (masculina) e a segunda a das irmãs (feminina).

<sup>184</sup> *Irmandades* eram as inúmeras associações de cunho religioso existentes no Brasil que se reuniam em vistas de um *bem comum* como realizar a procissão deste ou daquele santo, a festa da padroeira, etc. O próprio Machado de Assis, em crônica de 1863, saída na revista *Futuro*, critica a procissão de cinzas feita por irmandades que eram “*nocivas ao verdadeiro culto e filhas genuínas dos cultos pagãos*”.

<sup>185</sup> Remido significa que tinha comprado o direito de participar daquela associação, irmandade, etc. e que já havia quitado a dívida.

*Mas então...? Lá vou; nem é outra a matéria do escrito, senão esse curioso fenômeno, cuja causa, se a conhecemos, foi porque a descobriu o Dr. Jeremias. Em uma tarde de procissão<sup>186</sup>, Tomé Gonçalves, trajando com o hábito de uma ordem terceira<sup>187</sup>, ia segurando uma das varas do pálio<sup>188</sup>, e caminhando com a placidez de um homem que não faz mal a ninguém. Nas janelas e ruas estavam muitos dos seus credores; dois, entretanto, na esquina do beco das Cancelas (a procissão descia a rua do Hospício), depois de ajoelhados<sup>189</sup>, rezados<sup>190</sup>, persignados<sup>191</sup> e levantados, perguntaram um ao outro, se não era tempo de recorrer à justiça.*

— *Que é que me pode acontecer?* dizia um deles. *Se brigar comigo, melhor; não me levará mais nada de graça. Não brigando, não lhe posso negar o que me pedir, e na esperança de receber os atrasados, vou fiando... Não, senhor; não pode continuar assim.*

— *Pela minha parte, acudiu o outro, se ainda não fiz nada, é por causa da minha dona, que é medrosa, e entende que não devo brigar com pessoa tão importante... Mas eu como ou bebo da importância dos outros? E as minhas cabeleiras?*

*Este era um cabeleireiro da rua da Vala, defronte da Sé, que vendera ao Tomé Gonçalves dez cabeleiras, em cinco anos, sem lhe haver nunca um real. O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro. A procissão passara inteiramente; eles ficaram na esquina, ajustando o plano de mandar os meirinhos ao Tomé Gonçalves. O cabeleireiro advertiu que outros muitos credores só esperavam um sinal para cair em cima do devedor remisso; e o alfaiate lembrou a conveniência de meter na conjuração o Mata sapateiro, que vivia desesperado. Só a ele devia o Tomé Gonçalves mais de oitenta mil-réis. Nisso estavam, quando por trás deles ouviram uma voz, com sotaque estrangeiro, perguntando por que motivo conspiravam contra um homem doente. Voltaram-se, e, dando com o Dr. Jeremias, desbarretaram-se os dois credores, tomados de profunda veneração; em seguida disseram que tanto não era doente o devedor, que lá ia andando na procissão, muito teso, pegando uma das varas do pálio.*

— *Que tem isso?* interrompeu o médico; *ninguém lhes diz que está doente dos braços, nem das pernas...*

— *Do coração? do estômago?*

— *Nem coração, nem estômago, respondeu o Dr. Jeremias. E continuou, com muita doçura, que se tratava de negócios altamente especulativos, que não podia dizer ali, na rua, nem sabia mesmo se eles chegariam a entendê-lo. Se eu tiver de pentear uma cabeleira ou talhar um calção, — acrescentou para os não afligir, — é provável que não alcance as regras dos seus ofícios tão úteis, tão necessários ao Estado... Eh! eh! eh!*

*Rindo assim, amigavelmente, cortejou-os e foi andando. Os dois credores ficaram embasbacados. O cabeleireiro foi o primeiro que falou, dizendo que a notícia do Dr. Jeremias não era tal que os devesse afrouxar no propósito de cobrar as dívidas. Se até os mortos pagam, ou alguém por eles, reflexionou o cabeleireiro, não é muito exigir aos doentes igual obrigação. O alfaiate, invejoso da pilhéria, fê-la sua cosendo-lhe este babado: — Pague e cure-se.*

*Não foi dessa opinião o Mata sapateiro, que entendeu haver alguma razão secreta nas palavras do Dr. Jeremias, e propôs que primeiro se examinasse bem o que era, e depois se resolvesse o mais idôneo. Convidaram então outros credores a um conciliábulo<sup>192</sup>, no domingo<sup>193</sup> próximo, em casa de uma D. Aninha, para as bandas do Rocío, a pretexto de um batizado<sup>194</sup>. A precaução era discreta, para não fazer supor ao intendente da polícia que se tratava de alguma tenebrosa*

<sup>186</sup> Marcha solene de caráter religioso, geralmente pelas ruas de uma cidade, em que padres e outros clérigos saem paramentados, carregando imagens, crucifixos etc., seguidos pelos fiéis. Manifestação pública de fé.

<sup>187</sup> Indumentária típica de determinada ordem ou irmandade. Aqui não fica clara de qual irmandade era.

<sup>188</sup> Sobrecéu portátil, sustentado por varas, usado em cortejos, para cobrir a pessoa festejada ou, em procissões, o padre que leva a custódia.

<sup>189</sup> Sinal típico de devoção feito quando está presente o santíssimo sacramento, por exemplo.

<sup>190</sup> Oração é outro sinal típico de devoção, normalmente feita em coro e resposta numa procissão.

<sup>191</sup> Persignar-se é traçar o sinal da cruz sobre o próprio corpo em sinal de fé. A continuação, com o “levantados”, indica uma seqüência quase mecânica de ações, pois as personagens se ajoelharam, rezaram, fizeram o sinal da cruz e se levantaram, possivelmente pensando no assunto que logo em seguida comentam: a cobrança da dívida.

<sup>192</sup> Concílio de prelados heréticos, cismáticos ou convocado com objetivo contrário à Igreja; conspiração, trama, conluio; longas e/ou repetidas conversas cochichadas ou particulares.

<sup>193</sup> Do latim *dies dominicus* 'dia do Senhor, o domingo'. Dia consagrado, entre os povos cristãos, à oração e ao descanso.

<sup>194</sup> Ato ou efeito de ministrar o sacramento do batismo.

maquinação contra o Estado. Mal anoiteceu, começaram a entrar os credores, embuçados em capotes, e, como iluminação pública só veio a principiar com o vice-reinado do conde de Resende, levava cada qual uma lanterna na mão, ao uso do tempo, dando assim ao conciliábulo um rasgo pinturesco e teatral. Eram trinta e tantos, perto de quarenta — e não eram todos.

A teoria de Ch. Lamb acerca da divisão do gênero humano em duas grandes raças, é posterior ao conciliábulo do Rocio; mas nenhum outro exemplo a demonstraria melhor. Com efeito, o ar abatido ou aflito daqueles homens, o desespero de alguns, a preocupação de todos, estavam de antemão provando que a teoria do fino ensaísta é verdadeira, e que das duas grandes raças humanas, — a dos homens que emprestam, e a dos que pedem emprestado, — a primeira contrasta pela tristeza do gesto com as maneiras rasgadas e francas da segunda, *the open, trusting, generous manners of the other*. Assim que, naquela mesma hora, o Tomé Gonçalves, tendo voltado da procissão, regalava alguns amigos com os vinhos e galinhas que comprara fiado; ao passo que os credores estudavam às escondidas, com um ar desenganado e amarelo, algum meio de reaver o dinheiro perdido.

Longo foi o debate; nenhuma opinião chegava a concertar os **espíritos**<sup>195</sup>. Uns inclinavam-se à demanda, outros à espera, não poucos aceitavam o alvitre de consultar o Dr. Jeremias. Cinco ou seis partidários deste parecer não o defendiam senão com a intenção secreta e disfarçada de não fazer coisa nenhuma; eram os servos do medo e da esperança. O cabeleireiro opunha-se-lhe, e perguntava que moléstia haveria que impedisse um homem de pagar o que deve. Mas o Mata sapateiro: — "Sr. compadre, nós não entendemos desses negócios; lembre-se que o doutor é estrangeiro, e que nas terras estrangeiras sabem coisas que nunca lembraram ao **diabo**"<sup>196</sup>. Em todo caso, só perdemos algum tempo e nada mais." Venceu este parecer; deputaram o sapateiro, o alfaiate e o cabeleireiro para entenderem-se com o Dr. Jeremias, em nome de todos, e o conciliábulo dissolveu-se na patuscada. Terpsícore bracejou e perneou diante deles as suas graças jocundas, e tanto bastou para que alguns esquecessem a úlcera secreta que os roía. Eheu! fugaces... Nem mesmo a dor é constante.

No dia seguinte o Dr. Jeremias recebeu os três credores, entre sete e oito horas da manhã. "Entrem, entrem..." E com o seu largo carão holandês, e o riso derramado pela boca fora, como um vinho generoso de pipa que se rompeu, o grande médico veio em pessoa abrir-lhes a porta. Estudava nesse momento uma cobra, morta de véspera, no morro de Santo Antônio; mas a humanidade, costumava ele dizer, é anterior à ciência. Convidou os três a sentarem-se nas três únicas cadeiras devolutas; a quarta era a dele; as outras, umas cinco ou seis, estavam atulhadas de objetos de toda a casta.

Foi o Mata sapateiro quem expôs a questão; era dos três o que reunia maior cópia de talentos diplomáticos. Começou dizendo que o engenho do "Sr. doutor" ia salvar da miséria uma porção de famílias, e não seria a primeira nem a última grande obra de um médico que, não desfazendo nos da terra, era o mais sábio de quantos cá havia desde o governo de Gomes Freire. Os credores de Tomé Gonçalves não tinham outra esperança. Sabendo que o "Sr. doutor" atribuía os atrasos daquele cidadão a uma doença, tinham assentado que primeiro se tentasse a cura, antes de qualquer recurso à justiça. A justiça ficaria para o caso de desespero. Era isto o que vinham dizer-lhe, em nome de dezenas de credores; desejavam saber se era verdade que, além de outros achaques humanos, havia o de não pagar as dívidas, se era mal incurável, e, não o sendo, se as lágrimas de tantas famílias...

— Há uma doença especial, interrompeu o Dr. Jeremias, visivelmente comovido, um lapso da memória; o Tomé Gonçalves perdeu inteiramente a noção de pagar. Não é por descuido, nem de propósito que ele deixa de saldar as contas; é porque esta idéia de pagar, de entregar o preço de uma coisa, varreu-se lhe da cabeça. Conheci isto há dois meses, estando em casa dele, quando ali foi o **prior do Carmo**<sup>197</sup>, dizendo que ia "pagar-lhe a fineza de uma visita". Tomé Gonçalves, apenas o prior se despediu, perguntou-me o que era pagar; acrescentou que, alguns dias antes, um boticário lhe dissera a mesma palavra, sem nenhum outro esclarecimento, parecendo-lhe até que já a ouvira a outras pessoas; por ouvi-la da boca do prior, supunha ser latim. Compreendi tudo; tinha estudado a

<sup>195</sup> A parte imaterial do ser humano; alma. Na frase significa que eles não entravam em acordo.

<sup>196</sup> Segundo a religião cristã, o anjo rebelde (Satanás) que foi expulso do céu e precipitado no abismo (inferno); espírito das trevas. Como locução com o verbo lembrar: nem ao mais ladino ou mais esperto ocorreria.

<sup>197</sup> Superior de ordem religiosa. No caso o superior da ordem do Carmo. Vale a pena lembrar que a Ordem Terceira do Carmo funcionava no Rio de Janeiro desde o século XVII, ocupando uma capela próxima ao Convento do Carmo.

*moléstia em várias partes do mundo, e compreendi que ele estava atacado do lapso. Foi por isso que disse outro dia a estes dois senhores que não demandassem um homem doente.*

— *Mas então, aventurou o Mata, pálido, o nosso dinheiro está completamente perdido...*

— *A moléstia não é incurável, disse o médico.*

— *Ah!*

— *Não é; conheço e possuo a droga curativa, e já a empreguei em dois grandes casos: — um barbeiro, que perdera a noção do espaço, e, à noite estendia a mão para arrancar as estrelas do céu, e uma senhora da Catalunha, que perdera a noção do marido. O barbeiro arriscou muitas vezes a vida, querendo sair pelas janelas mais altas das casas, como se estivesse ao rés do chão...*

— *Santo Deus! exclamaram os três credores.*

— *É o que lhes digo, continuou placidamente o médico. Quanto à dama catalã, a princípio confundia o marido com um licenciado Matias, alto e fino, quando o marido era grosso e baixo; depois com um capitão, D. Hermógenes, e, no tempo em que comecei a tratá-la, com um clérigo. Em três meses ficou boa. Chamava-se D. Agostinha.*

*Realmente, era uma droga miraculosa. Os três credores estavam radiantes de esperança; tudo fazia crer que o Tomé Gonçalves padecia do lapso, e, uma vez que a droga existia, e o médico a tinha em casa... Ah! mas aqui pegou o carro. O Dr. Jeremias não era familiar da casa do enfermo, embora entretivesse relações com ele; não podia ir oferecer-lhe os seus préstimos. Tomé Gonçalves não tinha parentes que tomassem a responsabilidade de convidar o médico, nem os credores podiam tomá-la a si. Mudos, perplexos, consultaram-se com os olhos. Os do alfaiate, como os do cabeleireiro, exprimiram este alvitre desesperado: cotizarem-se os credores, e, mediante uma quantia grossa e apetitosa, convidarem o Dr. Jeremias à cura; talvez o interesse... Mas o ilustre Mata viu o perigo de um tal propósito, porque o doente podia não ficar bom, e a perda seria dobrada. Grande era a angústia; tudo parecia perdido. O médico rolava entre os dedos a boceta de rapé, esperando que eles se fossem embora, não impaciente, mas risonho. Foi então que o Mata, como um capitão dos grandes dias, viu o ponto fraco do inimigo; advertiu que as suas primeiras palavras tinham comovido o médico, e tornou às lágrimas das famílias, aos filhos sem pão, porque eles não eram senão uns tristes oficiais de ofício ou mercadores de pouca fazenda, ao passo que o Tomé Gonçalves era rico. Sapatos, calções, capotes, xaropes, cabeleiras, tudo o que lhes custava dinheiro, tempo e saúde... Saúde, sim, senhor; os calos de suas mãos mostravam bem que o ofício era duro; e o alfaiate, seu amigo, que ali estava presente, e que entisicava, às noites, à luz de uma candeia, zás-que-darás, puxando a agulha...*

*Magnânimo Jeremias! Não o deixou acabar; tinha os olhos úmidos de lágrimas. O acanho de suas maneiras era compensado pelas expansões de um coração pio e humano. Pois, sim; ia tentar o curativo, ia pôr a ciência ao serviço de uma causa justa. Demais, a vantagem era também e principalmente do próprio Tomé Gonçalves, cuja fama andava abocanhada, por um motivo em que ele tinha tanta culpa como o doido que pratica uma iniquidade. Naturalmente, a alegria dos deputados traduziu-se em rapapés infindos e grandes louvores aos insígnies merecimentos do médico. Este cortou-lhes modestamente o discurso, convidando-os a almoçar, obséquio que eles não aceitaram, mas agradeceram com palavras cordialíssimas. E, na rua, quando ele já os não podia ouvir, não se fartavam de elogiar-lhe a ciência, a bondade, a generosidade, a delicadeza, os modos tão simples! tão naturais!*

*Desde esse dia começou Tomé Gonçalves a notar a assiduidade do médico, e, não desejando outra coisa, porque lhe queria muito, fez tudo o que lhe lembrou por até-lo de vez aos seus **penates**<sup>198</sup>. O lapso do infeliz era completo; tanto a idéia de pagar, como as idéias correlatas de credor, dívida, saldo, e outras tinham-se-lhe apagado da memória, constituindo-lhe assim um largo furo no espírito. Temo que se me argua de comparações extraordinárias, mas o **abismo de Pascal**<sup>199</sup> é o que mais prontamente vem ao bico da pena. Tomé Gonçalves tinha o abismo de Pascal, não ao lado, mas*

<sup>198</sup> Deuses do lar entre os romanos e etruscos. No contexto significa tornar Jeremias como um familiar, uma pessoa íntima.

<sup>199</sup> Numa das biografias de Pascal se lê: “E porque mergulhou profundamente na razão a um ponto que estava além do alcance comum dos seres humanos, ele por isso reconhecia os limites da razão. Passou por todo o seu perímetro, e daí percebeu que não havia travessia além daquele ponto. Diante dele estava um abismo intransponível; e ainda que chegasse à conclusão que a realidade ulterior o aguardava do outro lado, ele sabia que nem ele, nem ninguém, poderia atravessar o abismo intransponível.” (Disponível em <<http://www.apologetics.org/portugues/pascal.html>> acesso em 18 nov 2009) Talvez por isso Machado utilize essa expressão.

*dentro de si mesmo, e tão profundo que cabiam nele mais de sessenta credores que se debatiam lá em baixo com o ranger de dentes da Escritura. Urgia extrair todos esses infelizes e entulhar o buraco.*

*Jeremias fez crer ao doente que andava abatido, e, para retemperá-lo, começou a aplicar-lhe a droga. Não bastava a droga; era mister um tratamento subsidiário, porque a cura operava-se de dois modos: — o modo geral e abstrato, restauração da idéia de pagar, com todas as noções correlatas — era a parte confiada à droga; e o modo particular e concreto, insinuação ou designação de uma certa dívida e de um certo credor — era a parte do médico. Suponhamos que o credor escolhido era o sapateiro. O médico levava o doente às lojas de sapatos, para assistir à compra e venda da mercadoria, e ver uma e muitas vezes a ação de pagar; falava de fabricação e venda dos sapatos no resto do mundo, cotejava os preços do calçado naquele ano de 1768 com o que tinha trinta ou quarenta anos antes; fazia com que o sapateiro fosse dez, vinte vezes à casa de Tomé Gonçalves levar a conta e pedir o dinheiro, e cem outras estratagemas. Assim com o alfaiate, o cabeleireiro, o segeiro, o boticário, um a um, levando mais tempo os primeiros, pela razão natural de estar a doença mais arraigada, e lucrando os últimos com o trabalho anterior, donde lhes vinha a compensação da demora.*

*Tudo foi pago. Não se descreve a alegria dos credores, não se transcrevem as **bênçãos**<sup>200</sup> com que eles encheram o nome do Dr. Jeremias. Sim, senhor, é um grande homem, bradavam em toda a parte. Parece coisa de feitiçaria, aventuravam as mulheres. Quanto ao Tomé Gonçalves, pasmado de tantas dívidas velhas, não se fartava de elogiar a longanimidade dos credores, censurando-os ao mesmo tempo pela acumulação.*

— Agora, dizia-lhes, não quero contas de mais de oito dias.

— Nós é que lhe marcaremos o tempo, respondiam generosamente os credores.

*Restava, entretanto, um credor. Esse era o mais recente, o próprio Dr. Jeremias, pelos honorários naquele serviço relevante. Mas, ai dele! a modéstia atou-lhe a língua. Tão expansivo era de coração, como acanhado de maneiras; e planeou três, cinco investidas, sem chegar a executar nada. E aliás era fácil: bastava insinuar-lhe a dívida pelo método usado em relação à dos outros; mas seria bonito? perguntava a si mesmo; seria decente? etc., etc. E esperava, ia esperando. Para não parecer que se lhe metia à cara, entrou a rarear as visitas; mas o Tomé Gonçalves ia ao casebre da rua do Piolho, e trazia-o a jantar, a ceiar, a falar de coisas estrangeiras, em que era muito curioso. Nada de pagar. Jeremias chegou a imaginar que os credores... Mas os credores, ainda quando pudesse passar-lhes pela cabeça a idéia de lembrar a dívida, não chegariam a fazê-lo, porque a supunham paga antes de todas. Era o que diziam uns aos outros, entre muitas fórmulas da sabedoria popular: — Mateus, primeiro os teus — A boa justiça começa por casa — Quem é tolo pede a Deus que o mate, etc. Tudo falso; a verdade é que o Tomé Gonçalves, no dia em que falecera, tinha um só credor no mundo: — o Dr. Jeremias.*

*Este, nos fins do século, **chegara à canonização**<sup>201</sup>. — "Adeus, grande homem!" dizia-lhe o Mata, ex-sapateiro, em 1798, de dentro da sege, que o levava **à missa dos carmelitas**<sup>202</sup>. E o outro, curvo de velhice, melancolicamente, olhando para os bicos dos pés: — Grande homem, mas pobre diabo.*

<sup>200</sup> Ato ou efeito de um padre ou bispo santificar coisa ou pessoa.

<sup>201</sup> Morrer com fama de santo, reconhecido por todos como pessoa boa.

<sup>202</sup> À missa dos carmelitas, novamente estamos no contexto de ordens terceiras e irmandades, mas agora é Mata, próspero, que vai a missa na Igreja da Ordem terceira do Carmo.